

MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE CAPOEIRA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



RELATÓRIO FINAL - PRODUTO VI

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN ES
TEMPORIS CONSULTORIA LTDA

DEZEMBRO 2015

EXPEDIENTE

GOVERNO FEDERAL

Presidenta da República
Ministro da Cultura

Dilma Rousseff
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Presidenta
Chefe de Gabinete da Presidência do Iphan em Brasília
Diretor do Depto. do Patrimônio Material e Fiscalização
Diretor do Depto. do Patrimônio Imaterial
Diretor do Depto. de Articulação e Fomento
Departamento de Administração

Jurema de Sousa Machado
Rony Carlos Braga Oliveira
Andrey Rosenthal Schlee
TT Catalão
Luiz Philippe Peres Torelly
Marcos José Silva Rêgo

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO ESPÍRITO SANTO

Superintendente Substituta
Técnica Responsável pelo Projeto

Elisa Machado Taveira
Ivanirce Gomes Wolf

TEMPORIS CONSULTORIA LTDA.



Coordenadora da Pesquisa
Coordenadora e Orientadora
Pesquisadores

Produção Audiovisual

Ana Carolina Vaz
Bianca Pataro Dutra
Bárbara Braga Penido Lima
Hugo Mateus Gonçalves Rocha
Guilherme Franklin Reis

Foto da capa: Capoeiristas em Vitória. Década de 1970. Acervo do Mestre Luiz Paulo Nunes.

Superintendência do Iphan no Espírito Santo
Rua Duque de Caxias, nº 272, Ed. Flora Moysés – Centro
Vitória/ES CEP: 29.010-120
Tels.: (27) 3223-0606 / 6808-6707
Email geral: iphan-es@iphan.mg.gov.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Iphan
SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D, Edifício Iphan 5º andar – Asa Sul
Brasília/DF CEP: 70.390-135
Tels.: (61) 2024-5500 / 2024-5502
Email geral: gabinete@iphan.gov.br

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
1.1. Metodologia	6
1.1.1. <i>Análise bibliográfica e documental;</i>	8
1.1.2. <i>Pesquisa de campo - entrevistas</i>	14
1.1.3. Metodologia – reuniões de mobilização	25
1.2. Descrição das reuniões de mobilização	29
1.2.1. <i>Sul – Cachoeiro do Itapemirim</i>	29
1.2.2. <i>Metropolitana – Vitória</i>	30
1.2.3. <i>Norte – Linhares</i>	36
1.2.4. <i>Norte – São Mateus</i>	38
1.2.5. <i>Norte – Pedro Canário</i>	41
2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA CAPOEIRA.....	45
2.1. <i>A Capoeira e suas interfaces com a religiosidade</i>	57
2.2. <i>Duas formas de praticar a Capoeira</i>	59
3. A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO	65
3.1. <i>Análise bibliográfica</i>	65
3.2. <i>De Teodorinho Trinca-Ferro aos dias atuais</i>	73
3.3. <i>Localidade Norte</i>	79
3.3.1. <i>Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Norte</i>	83
3.4. <i>Localidade Região Metropolitana</i>	93
3.4.1. <i>Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Região Metropolitana</i>	103
3.5. <i>Localidade Sul</i>	122
3.5.1. <i>Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Sul</i>	124
3.6. <i>As influências da capoeira nas regiões do Espírito Santo.</i>	130
4. REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA.....	138
5. A ESTRUTURA DA CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO.....	140
5.1. <i>Forma</i>	140
5.2. <i>Transmissão</i>	148
5.3. <i>Articulação dos grupos com as esferas políticas e não-governamentais</i>	156
5.4. <i>Capoeira como profissão</i>	160
6. DEMANDAS DE SALVAGUARDA.....	165
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
REFERÊNCIAS – PRODUTO VI.....	179
EQUIPE TÉCNICA.....	182
ANEXOS.....	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Levantamento documental sobre a Capoeira no Espírito Santo – impressos	9
Quadro 2. Levantamento documental sobre a Capoeira no Espírito Santo – fotografias antigas	12
Quadro 3. Levantamento documental sobre a Capoeira no Espírito Santo – bibliografia	12
Quadro 4. Contatos realizados com agentes indicados pela FECAES.....	17
Quadro 5. Mestres e grupos identificados por localidade	19
Quadro 6. Grupos identificados por município.....	23
Quadro 7. Reunião de mobilização em Cachoeiro do Itapemirim – 22/05/2015.....	30
Quadro 8. Reunião de mobilização em Vitória – 01/08/2015	34
Quadro 9. Reunião de mobilização em Linhares – 25/05/2015	38
Quadro 10. Reunião de mobilização em São Mateus – 26/05/2015	41
Quadro 11. Reunião de mobilização em Pedro Canário – 27/05/2015	43
Quadro 12. Modalidades da Capoeira praticadas no estado em diferentes épocas	134
Quadro 13. Graus de formação conforme a Confederação Brasileira de Capoeira.....	154
Quadro 14. Cronograma das reuniões de mobilização	166
Quadro 15. Forças impulsoras.....	167
Quadro 16. Forças restritivas	168

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho monográfico consolida as informações do projeto Mapeamento dos Grupos de Capoeira no Espírito Santo, cujas atividades foram realizadas pelos profissionais da empresa Temporis Consultoria, contratada pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Espírito Santo, por meio do Processo nº 01409.000256/2014-09, licitação na modalidade Tomada de Preços nº 04/2014, regime empreitada por preço global, para a execução do projeto de mapeamento e pesquisa histórica e etnográfica dos mestres, grupos e/ou praticantes de Capoeira existentes no estado do Espírito Santo.

Assim, encontram-se reunidas neste produto final conclusões obtidas por meio de pesquisa e análise bibliográfica sobre a Capoeira no Brasil e, especificamente, no Espírito Santo, de entrevistas com mestres referenciais para a forma de expressão, bem como de reuniões de mobilização realizadas nas cidades de Cachoeiro do Itapemirim, Linhares, Vitória, Pedro Canário e São Mateus. O trabalho foi desenvolvido conforme as instruções repassadas no treinamento realizado na Superintendência do Iphan em Vitória e o método de investigação cumpriu o pressuposto de sistematizar informações sobre a forma de expressão, além de incluir o preenchimento das fichas do INRC – Inventário Cultural de Referências Culturais. O objetivo do uso da metodologia do INRC para este trabalho foi identificar as referências culturais associadas à Capoeira em um espaço geográfico específico – Sítio Espírito Santo, Localidades Sul, Norte e Região Metropolitana. A prática cultural, como poderá ser verificada ao longo deste relatório, mantém-se vigente e integra no estado, representando importante bem cultural para as comunidades capixabas.

Além disso, como definição para entrega junto a este relatório, seguem as fichas próprias da metodologia do INRC referentes à Capoeira no Espírito Santo, bem como HD contendo o material audiovisual produzido durante o projeto. São apresentadas anexas as seguintes fichas:

1. Sítio

1.1. ES 01 - 15 F1 A2 – Anexo 2 Registros Audiovisuais

1.2. ES 01 - 15 F1 A1 – Anexo 1 Bibliografia

1.3. ES 01 01 15 F10 01 – Ficha de Identificação de Sítio Espírito Santo

2. Localidade Região Metropolitana

2.1. ES 01 01 15 F11 A4 – Anexo 4 Contatos (ficha foi revisada conforme solicitação da equipe do Iphan-ES, incluindo participantes da reunião de mobilização em Vitória).

3. Localidade Norte

3.1. ES 01 02 15 F11 A4 - Anexo 4 Contatos - São Mateus (ficha revisada conforme solicitação da equipe do Iphan-ES, incluindo participantes da reunião de mobilização).

3.2. ES 01 02 15 F11 A4 - Anexo 4 Contatos – Pedro Canário (ficha revisada conforme solicitação da equipe do Iphan-ES, incluindo participantes da reunião de mobilização).

3.3. ES 01 02 15 F11 A4 - Anexo 4 Contatos - Linhares (ficha revisada conforme solicitação da equipe do Iphan-ES, incluindo participantes da reunião de mobilização).

A ficha de João Neiva não foi revisada diante do fato de que novos capoeiristas não foram identificados, visto que não ocorreu a reunião de mobilização nesse município por falta de comparecimento dos convidados na ocasião agendada para o encontro.

4. Localidade Sul

4.1. ES 01 03 15 F11 A4 - Anexo 4 Contatos – Cachoeiro do Itapemirim (ficha revisada conforme solicitação da equipe do Iphan-ES, incluindo participantes da reunião de mobilização).

Adiante, segue a descrição da metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto, bem como a exposição das reuniões de mobilização realizadas, a partir das quais foram elencadas as demandas de salvaguarda.

1.1. Metodologia

O Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC é um instrumento elaborado e aplicado pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN no processo de identificação e documentação de bens culturais materiais e intangíveis (IPHAN, 2000). A aplicação da metodologia de pesquisa do INRC permite a incorporação de informações “sistematizadas, produzidas em cada experiência de implantação” do inventário pela agência federal de preservação patrimonial (IPHAN, 2000, p. 9). O trabalho de investigação para o mapeamento e pesquisa histórica e etnográfica dos mestres, grupos e/ou praticantes de Capoeira existentes no estado do Espírito Santo pautou, portanto, na metodologia do INRC, adotando o conceito de referência cultural como noção norteadora da pesquisa e da interpretação das informações obtidas no contato com as

comunidades capoeiristas.

Quando se fala em “referências culturais”, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens – que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu “peso” material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. (IPHAN, 2000, p. 11-12).¹

De acordo com os resultados alcançados com o desenvolvimento do mapeamento da Capoeira no Espírito Santo, a pesquisa contemplou a identificação de mestres referenciais em atuação no estado, as formas de transmissão dos saberes vinculados à forma de expressão, a formação dos mestres e sua situação profissional, a produção dos instrumentos, a musicalidade e as transformações rítmicas, aspectos ligados à religiosidade e sua influência na Capoeira, as tipologias dos jogos, além de outras questões observadas em campo, como disposto neste relatório.

Os procedimentos metodológicos adotados tiveram como objetivo recolher e sistematizar informações que subsidiem a produção de conhecimento sobre a Capoeira no Espírito Santo e sobre suas referências culturais, com objetivo de possibilitar a elaboração e execução de políticas públicas voltadas à salvaguarda da forma de expressão. Para tanto, foram utilizadas as fichas de "Bens Culturais Inventariados", "Bibliografia", "Contatos" e "Registros Audiovisuais" conforme modelos do INRC. Além do preenchimento das fichas, o termo de referência previu, ainda, a leitura e análise de bibliografia sobre o tema e a produção de relatórios analíticos, contendo quadro sinóptico que sintetiza as informações sobre os mestres e praticantes da forma de expressão. Os dados dos quadros sinóticos produzidos ao longo do projeto, cujo preenchimento foi orientado pelo IPHAN, pois o termo de referência não trouxe esclarecimentos sobre o mesmo, foram condensados neste relatório - Quadro 5. Mestres e grupos identificados por localidade, onde se encontram informações sobre mestres e unidades executoras da capoeira. A metodologia de pesquisa contemplou:

1. Análise bibliográfica e documental;

2. Pesquisa de campo;

¹ FONSECA. Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

3. Reuniões de mobilização.

Segue apresentação de cada etapa da metodologia, com os resultados sistematizados.

1.1.1. Análise bibliográfica e documental;

A partir da aprovação pela equipe técnica do Iphan-ES do Plano de Trabalho, apresentado em setembro de 2014, teve início a pesquisa bibliográfica e documental, com objetivo de identificar aspectos históricos da capoeira e de seus mestres no país e, especialmente, no Espírito Santo, elaborando-se uma síntese bibliográfica de autores e obras referenciais nos estudos sobre essa forma de expressão. Para tanto, realizou-se consultas em banco de teses e dissertações e aos acervos digitais de bibliotecas nacionais, buscando-se identificar o maior número possível de referências bibliográficas sobre o assunto. Para a pesquisa em sites foram usadas expressões chave, tal como “capoeira”, “capoeira no Espírito Santo”, “mestres de capoeira”, “jogo de capoeira”, entre outros.

Da mesma forma, foram feitas pesquisas no arquivo de imagens da Biblioteca Nacional, na tentativa de localizar iconografias sobre a Capoeira, sendo que foram identificadas, sobretudo, pinturas de Debret, Rugendas e Earle que abordaram a forma de expressão no Brasil no século XIX. Não foram localizadas imagens que tratam, especificamente, da capoeira no Espírito Santo nos períodos colonial e imperial, assim como não existem referências cartográficas sobre o tema. No que se refere aos registros audiovisuais, foram encontrados diversos filmes (curtas e longas metragens) que abordam a capoeira no Brasil, sem que nenhum deles tratasse da forma de expressão no Espírito Santo.

Assim, apresenta-se, adiante, quadro contendo a bibliografia identificada sobre a capoeira e escravidão no Espírito Santo, bem como documentação primária e secundária localizada e analisada. A documentação primária foi fotografada e os registros listados no quadro apresentam códigos referentes aos arquivos audiovisuais. As fotos antigas foram listadas por grupos, de acordo com o acervo. A bibliografia geral sobre a forma da expressão encontra-se na ficha Anexo 1 - Bibliografia. A discussão bibliográfica sobre a capoeira, que teve como base a síntese das obras consultadas pelos pesquisadores, abordando, inicialmente, o surgimento e o desenvolvimento da forma de expressão no país e, posteriormente, considerando aspectos de sua reprodução no Espírito Santo, encontra-se no capítulo 3. A história da capoeira no Espírito Santo.

Quadro 1. Levantamento documental sobre a capoeira no Espírito Santo - impressos

Documentação primária – impressos				
Tipo	Quantidade	Acervo	Registro	Data
Jornais	18	Mestre Luiz Paulo Nunes	148.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1976
			149.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1995
			150.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1984
			165.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1979
			167.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1979
			168.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1978
			169.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1978
			170.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1978
			171.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1978

Documentação primária – impressos				
Tipo	Quantidade	Acervo	Registro	Data
			173.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1977
			174.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1977
			176.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1977
			189.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1981
			197.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	s/d
			201.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	s/d
			202.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	2008
			297.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1976
			307.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1974

Documentação primária – impressos				
Tipo	Quantidade	Acervo	Registro	Data
Cartazes	05		159.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	s/d
			160.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1989
			161.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1979
			175.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1977
			180.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1976
Ficha de Inscrição	01		161.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	1979
TOTAL	24			

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir da documentação recolhida em campo.

Quadro 2. Levantamento documental sobre a capoeira no Espírito Santo – fotografias antigas

Documentação primária – fotografias antigas				
Acervo	Código Inicial	Código Final	Época	Quantidade
Mestre Zé Malvadeza	5.F-Capoeira_Mestre Zé Malvadeza_Fotos Antigas_Pataro, Bianca_Pedro Canário-ES_12-02-2015	41.F-Capoeira_Mestre Zé Malvadeza_Fotos Antigas_Pataro, Bianca_Pedro Canário-ES_12-02-2015	s/d	37
Mestre Cabelim	119.F-Capoeira_Mestre Cabelim_Fotos antigas_Pataro, Bianca_João Neiva-ES_13-02-2015	124.F-Capoeira_Mestre Cabelim_Fotos antigas_Pataro, Bianca_João Neiva-ES_13-02-2015	s/d	06
Mestre Luiz Paulo ²	133.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	309.F-Capoeira_Mestre Luis Paulo_Fotos Antigas_Penido, Bárbara_Vitória-ES_10-02-2015	Décadas de 1970 e 1980 e ano de 2008.	175
TOTAL				218

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir da documentação fotográfica recolhida em campo.

Quadro 3. Levantamento documental sobre a capoeira no Espírito Santo - bibliografia

Documentação secundária – bibliografia			
Tema	Tipo de obra	Autor	Referência
Teodorinho Trinca-Ferro, antigo capoeirista de São Mateus.	Livro	Maciel de Aguiar	AGUIAR, Maciel de. Teodorinho Trinca-Ferro . São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

² As fotografias de documentos encontram-se listados entre as demais fotos.

Documentação secundária – bibliografia			
Tema	Tipo de obra	Autor	Referência
Revolta negra no Espírito Santo, século XIX.	Dissertação	Lavínia Cardoso Coutinho	CARDOSO, Lavínia Coutinho. Revolta negra na freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 – 1850). 2008. 107 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2008.
Capoeira e identidade cultural em São Mateus.	Dissertação	Fábio Luiz Loureiro	LOUREIRO, Fábio Luiz. Capoeira e Identidade Cultural. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos. São Paulo, 2008.
Capoeira e identidade cultural em São Mateus.	Artigo	Fábio Luiz Loureiro e Alzira Lobo de Arruda Campos	LOUREIRO, F. L.; CAMPOS. A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. Pesquisa em Debate. São Paulo. Edição Especial. 2009.
Escravidão no Espírito Santo.	Livro	Cleber Maciel	MACIEL, Cleber. Negros no Espírito Santo. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES, 1994.

Documentação secundária – bibliografia			
Tema	Tipo de obra	Autor	Referência
Capoeira e arte.	Monografia	Carlos Henrique Vieira	VIEIRA, Carlos Henrique. Capoeira: A construção da diversidade. Monografia (Especialização em Antropologia). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1991.
Rivalidade entre grupos de capoeira em Piúma.	Artigo	Mello, A. da S.; COSTA, F.R. da; SANTOS, W. dos; NETO, A. F.	Mello, A. da S.; COSTA, F.R. da; SANTOS, W. dos; NETO, A. F. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piuma/ES. Pensar a Prática. Goiânia, vol. 13, nº 2, p. 1-17, maio/agosto, 2010.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir da bibliografia identificada.

1.1.2. Pesquisa de campo - entrevistas

O projeto básico que norteou o desenvolvimento do projeto Mapeamento dos Grupos de Capoeira no Espírito Santo definiu no item 9.1.3 a participação de assistentes de pesquisa locais na composição da equipe técnica, nos seguintes termos: *“09 (nove) assistentes de pesquisa/colaborador eventual (detentor), de mestres da Capoeira, representantes da Capoeira Angola e da Regional/Contemporânea. Sendo 3 (três) para o norte, 3 (três) para a região serrana/metropolitana e 3 (três) para a região sul. Estes colaboradores serão contratados regionalmente, para o período da pesquisa de campo”*.

A fim de estabelecerem as condições de participação desses agentes, foram realizadas reuniões entre a equipe técnica do Iphan, membros da FECAES e capoeiristas que atenderam às convocatórias, sendo que a empresa contratada, apesar de convidada, não pode estar presente nessas discussões. A partir dos mencionados encontros foram indicados os seguintes agentes que seriam os responsáveis por mediar o contato entre os pesquisadores e o universo da capoeira no Espírito Santo, conforme as regiões / Localidades assim definidas:

Região Metropolitana

- Mestre Fábio Loureiro – Vitória
- Mestre Luís Paulo – Vitória
- Mestre Nagô – Vitória
- Mestre Cabral – Vitória
- Mestre Michel - Vitória

Norte

- Mestre Militão – Linhares
- Mestre Piau – São Mateus
- Mestre Michael – Norte

Sul

- Mestre Volmir – Cachoeiro do Itapemirim
- Mestre Falcão – Cachoeiro do Itapemirim
- Mestre Cabral – Sul

A participação dos agentes da forma de expressão deveria vincular-se ao pagamento de diárias pelo acompanhamento da pesquisa, sobretudo, devido ao fato de que os detentores perderiam o dia de trabalho. Assim, foi solicitado aos representantes da FECAES que, juntamente aos mestres de capoeira indicados como agentes da pesquisa, propusessem um valor de diária. Foi apresentado à empresa Temporis o valor de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), levando-se em conta a disposição dos agentes por 10 horas de atividades por dia, a um custo de R\$ 45,00 a hora, mensurado a partir do valor cobrado por uma hora/aula de capoeira.

A empresa analisou o custo decorrente da contratação dos 09 (nove) assistentes de pesquisa, conforme determinado pelo projeto básico, e concluiu que o valor apresentado não era aplicável, sobretudo por incidir, ainda, custos com alimentação, transporte e, sendo o caso, hospedagem. Além do aspecto orçamentário, foram levadas em conta questões trabalhistas, como, por exemplo, despesa com o seguro que deveria ser pago para o agente (detentor), visto que este circularia com a equipe e, caso ocorresse algum tipo de acidente do trabalho, ele necessitaria de cobertura por parte da contratante. A participação dos agentes restaria caracterizada como prestação de serviços, com a incidência do recolhimento de impostos a partir dos RPAs emitidos pelos agentes contratados, o que

causaria descontos no custo da diária ou acréscimo por parte da contratante para que, retirados os tributos, fosse atingido o valor determinado pelos detentores.

Desta forma, a empresa Temporis informou a complexidade de se proceder ao pagamento das diárias na forma estabelecida pelos agentes, por intermédio da FECAES. Para o agendamento das entrevistas e organização da atividade de campo no mês de fevereiro foram realizados contatos telefônicos com os agentes indicados, quando se propôs o pagamento de um cachê no valor de R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais) por hora de entrevista concedida, tomando-se como base o custo da hora/aula de capoeira. O papel dos agentes, nesse sentido, modificou-se em relação ao que foi proposto no projeto básico. De detentores que guiariam a equipe no contato com outros mestres e praticante indicados eles teriam seus relatos registrados e forneceria informações para a pesquisa, tanto suas próprias entrevistas, quanto documentos escritos e imagéticos (jornais, textos, fotos, entre outros) quando houvesse tais acervos. Para tanto, a empresa Temporis, por meio do pesquisador Hugo Rocha, realizou contato telefônico com os indicados, expondo as condições da pesquisa e buscando viabilizar as atividades de campo. Os resultados das conversas anteriores ao campo encontram-se dispostos no quadro adiante.

Quadro 4. Contatos realizados com agentes indicados pela FECAES

AGENTE	TELEFONE	REGIÃO/CIDADE	OBSERVAÇÕES
Mestre Fábio	27 998016689	Metrop. - Vitória	Entrevista agendada para dia 09.02, segunda feira das 9hs na Escola de Educação Física da UFES em Vitória. Disponibilidade total para a pesquisa. Quarta feira Hugo fica para complementação referencias bibliográficas.
Mestre Luiz Paulo	27 997667380	Metrop. - Vitória	Entrevista agendada para dia 09.02, segunda feira das 9hs na Escola de Educação Física da UFES em Vitória. Tem muito material bibliográfico, mas não está muito disposto a ceder.
Mestre Nagô	27 981278407	Metrop. - Vitória	Excluído do grupo de agentes por não conseguirmos contato.
Mestre Militão	27 999929133	Norte - Linhares	Entrevista agendada dia 11.02 quarta feira as 10hs na Praça 22 de agosto, Linhares. Tem disponibilidade na terça, se precisar ligar para adiantar.
Mestre Michael	27 999183689	Norte - Vitória	Excluído do grupo de agentes por não conseguirmos contato. Porém já havíamos conversado, podem tentar realizar novo contato e agendamento de entrevista, apesar de estar grupo Norte, fica em Vitória.
Mestre Piau	27 999587616	Norte – São Mateus	Entrevista agendada dia 12.02 quinta feira as 9hs no Sítio Histórico Porto de São Mateus, São Mateus. Boa disponibilidade.
Mestre Volmir	27 999722938	Sul -	Telefone não atende
Mestre Falcão	27 999037842	Sul -	Telefone não existe
Mestre Cabral	27 998250727	Sul -	Excluído do grupo de agentes por não concordar com a metodologia da pesquisa. Apesar de estar no grupo Sul, é de Vitória.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir dos contatos telefônicos realizados.

O quadro expõe as anotações decorrentes dos contatos preliminares com os detentores indicados. As Localidades (região/cidade) encontram-se da forma como foram repassadas à equipe. Nota-se que, em vermelho, foram destacados aqueles com os quais não foi possível contato por problemas com o número de telefone, assim como aqueles que se recusaram a participar da pesquisa com a perspectiva do pagamento de cachê de R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais) por hora de entrevista e não da diária no valor de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), como proposto inicialmente. Os demais, em letras pretas, agendaram as entrevistas nos dias e horários citados no quadro.

A partir da inviabilidade da pesquisa nos moldes estabelecidos pelo Projeto Básico, tendo em vista a necessidade de ir a campo, o qual se encontrava atrasado conforme o cronograma, optou-se por dar início à etnografia a partir de entrevistas com os mestres indicados como agentes e que aceitaram os moldes da remuneração (ou mesmo a recusaram). A equipe, então, indagou aos mestres durante a entrevista sobre outros mestres referenciais que julgavam essenciais serem entrevistados, permitindo, assim, que outros mestres fossem identificados. Nisto, os mestres indicados passaram da função de mediadores para a de informantes diretos.

A partir da entrada em campo, com a realização da entrevista com o Mestre Fábio Loureiro, outros mestres foram identificados, como os mestres Sapeba e Ethienne, Carlos, Odilon, Beizola, todos de Vitória, e Capixaba, residente em São Mateus. Mestre Fábio sugeriu, ainda, o contato com Mestre Cabelim, de João Neiva, listado em ficha da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo – SECULT-ES. Da mesma forma, a entrevista com Mestre Militão, em Linhares, possibilitou o contato com o Mestre Zé Malvadeza, de Pedro Canário. Em Cachoeiro do Itapemirim, Mestre Volmir sugeriu que fossem entrevistados os mestres Paulinho e Airton. No Norte do estado os entrevistados (mestres Piau, Militão e Capixaba) apontaram como significativo o relato dos mestres Paulo e Rafael Flores, de Ecoporanga, fundadores do Grupo Senzala, do Rio de Janeiro e bastante disseminado no Espírito Santo. Contudo, não foi possível localizá-los na primeira etapa de campo, ficando a entrevista marcada para o dia 28/05, quando a equipe voltou a campo para as reuniões de mobilização. A relação dos mestres entrevistados na pesquisa encontra-se adiante.

Quadro 5. Mestres e grupos identificados por localidade

LOCALIDADE	#	MESTRE	FORMAÇÃO (MESTRE)	GRUPO EM QUE SE FORMOU	GRUPO EM QUE ATUA/ATUOU	ENTREVISTADO	DATA
Região Metropolitana	1	Fábio Loureiro	Mestre Carlos (ES)	Beribazu	Beribazu	Sim	10/02/2015
	2	Luís Paulo	Diabo Louro (BA)	Senzala	Não possui grupo	Sim	10/02/2015
	3	Carlos Vieira	Mestre Odilon (DF)	Beribazu	Beribazu	Sim	10/02/2015
	4	Ethienne (Vila Velha)	Mestre Capixaba (ES/RJ)	Abadá	Centro Educacional e Cultural da Arte Capoeira	Sim	10/02/2015
	5	Sapeba	Mestre Capixaba (ES/RJ)	Abadá	Não possui grupo	Sim	10/02/2015
	6	Beijola	Mestre Boca (RJ)	Angonal	Capoeira Aliança	Sim	11/02/2015
	7	Fumaça	Mestre Michel (ES)	Associação Palmares	Associação Palmares	Sim	01/08/2015
	8	Bininha (Vela Velha)	Mestre Caio Rezende (ES)	Quilombo dos Queimados	Quilombo dos Queimados	Não	-
	9	Alemão	Não identificado	Não identificado	Método Artes	Não	-
	10	Burguês	Mestre Beijola (RJ/ES)	Método Artes	Método Artes	Não	-
	11	Nagô	Mestre Michel (ES)	Associação Palmares	Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Renascer	Sim	01/08/2015
	12	Firmeza (Cariacica)	Mestre Beijola (RJ/ES)	Não identificado	Capoeira Aliança	Sim	01/08/2015
	13	Mestre Zé Branco	Não identificado	Grupo Gamgazumba	São Salvador	Sim	01/08/2015
	14	Fernando Santos Soares (Fera)	Não identificado	Não identificado	Não identificado	Sim	01/08/2015
	15	Elpi	Mestre Zé Branco	São Salvador	São Salvador	Sim	01/08/2015
	16	Alex Rodrigo Santana (Beieue)	Mestre Zé Branco	São Salvador	São Salvador	Sim	01/08/2015
	17	Walter (Cobrinha)	Mestre Zé Branco	São Salvador	São Salvador	Sim	01/08/2015
	18	Gilson José Nascimento	Mestre Odilon	Beribazu	Ginga do Corpo	Sim	01/08/2015
	19	Bert	Mestre Cabral	Não identificado	Capoeira Aliança	Sim	01/08/2015
	20	Fernando Michel Miranda	Não identificado	Não identificado	Associação Palmares	Sim	01/08/2015

Norte	21	Militão Reza Forte	Mestre Pantera (RJ)	Associação de Capoeira Descendentes de Pantera	Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental	Sim	11/02/2015
	22	Cleudam (Tubarão)	Mestre Militão (ES/RJ)	Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental	Raízes da Bahia	Sim	01/08/2015
	23	Zé Malvadeza	Mestre Militão (ES/RJ)	Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental	Canários da Senzala	Sim	12/02/2015
	24	Piau	Mestre Militão Reza Forte (ES/RJ)	Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental	Associação Capoeira Dendê	Sim	12/02/2015
	25	Sid Zumbi (Sidrônio)	Mestre Militão Reza Forte (ES/RJ)	Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental	Capoeira Rio Mar	Não	-
	26	Capixaba	Mestre Camisa	Grupo Senzala	A.C.A.P.O.E.I.R.A.	Sim	12/02/2015
	27	Cabelim	Mestre Lima (MG)	Cordel Vermelho	Cordel Vermelho	Sim	13/02/2015
	32	Rafael Flores	Não identificado	Senzala (RJ)	Senzala do Patrimônio dos Pretos	Sim	28/05/2015
	33	Paulo Flores	Não identificado	Senzala (RJ)	Senzala do Patrimônio dos Pretos	Sim	28/05/2015
Sul	28	Volmir	Mestre Cabral (ES)	Federação de Capoeira do Estado do Espírito Santo -FECAES	Filhos da Princesa do Sul	Sim	14/02/2015
	29	Falcão	Mestre Timbó (RJ)	Navio Negreiro	Navio Negreiro	Sim	14/02/2015
	30	Paulinho	Mestre Cabral (ES)	Federação de Capoeira do Estado do Espírito Santo -FECAES	Filhos da Princesa do Sul	Sim	14/02/2015
	31	Airton	Mestre Cabral (ES)	Federação de Capoeira do Estado do Espírito Santo -FECAES	Filhos da Princesa do Sul	Sim	14/02/2015

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir dos dados recolhidos em campo.

Lista dos mestres entrevistados por município³

Localidade Região Metropolitana

Vitória

1. Mestre Fábio Luiz Loureiro – 10/02/2015*
2. Mestre Aldecir Nunes de Alvarenga (Beicola) – 11/02/2015*
3. Mestre Carlos Henrique Vieira (Orelha) – 10/02/2015*
4. Mestre Luis Pedro Barbosa Tostes Junior (Professor Sapeba) – 10/02/2015*
5. Mestre Benilson de Oliveira (Fumaça) – 01/08/2015
6. Mestre Cleber Alvarenga Brasil (Nagô) – 01/08/2015
7. Mestre Alexandre Cardoso (Firmeza) – 01/08/2015
8. Mestre Jocinei Alcântara (Zé Branco) – 01/08/2015
9. Mestre Cleudam (Tubarão) – 01/08/2015
10. Mestre Elpi (Elpi) – 01/08/2015
11. Mestre Walter (Cobrinha) – 01/08/2015
12. Mestre Gilson José Nascimento (Gilson) – 01/08/2015
13. Mestre Fernando Michel Miranda (Michel) – 01/08/2015
14. Fernando Santos Soares (Fera) – 01/08/2015
14. Mestre Luiz Paulo Nunes (Luiz Paulo) – 10/02/2015*

Vila Velha

15. Mestre Ethienne Dias Afonso – 10/02/2015*

Cariacica

16. Mestre Bert Karl Brevez (Bert ou Tigre) – 01/08/2015

³ As autorizações para uso das entrevistas foram cedidas verbalmente, durante as gravações em vídeo.

* Mestres entrevistados pela equipe da empresa Temporis Consultoria. Os demais, cujas entrevistas ocorreram durante a reunião de mobilização realizada em Vitória, em 01/08/2015, foram questionados sobre sua formação e tempo de prática da Capoeira por Danielle Cantarella, do Grupo Beribazu, em acordo com a equipe do Iphan-ES. Assim, essas entrevistas foram curtas e não seguiram os marcos dialógicos definidos na metodologia, não podendo a equipe de pesquisadores se responsabilizar pelas informações fornecidas, bem como pelo material audiovisual produzido.

Localidade Sul

Cachoeiro do Itapemirim

1. Mestre Volmir do Nascimento Melo (Volmir) – 14/02/2015
2. Mestre Airton da Silva Paulo (Airton) – 14/02/2015
3. Mestre Paulo Henrique Silva Monteiro (Paulinho) – 14/02/2015
4. Mestre Aldeci Gomes da Silva (Falcão) – 14/02/2015

Localidade Norte

Linhares

1. Mestre Luiz Mauro Pinheiro de Souza (Militão Reza Forte) – 11/02/2015

São Mateus

2. Mestre Lauredir de Oliveira (Piau) – 12/02/2015

João Neiva

3. Mestre Valter Pereira do Rosário (Cabelim) – 13/02/2015

Pedro Canário

4. Mestre José dos Santos (Zé Malvadeza) – 12/02/2015

Ecoporanga

5. Mestre Paulo Flores (Paulo) – 28/05/2015
6. Mestre Rafael Flores (Rafael) – 28/05/2015

Conceição da Barra

7. Mestre Rogério Sarlo de Medeiros Filho (Capixaba) – 12/02/2015

Foi entrevistado o total de **27 mestres** no desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 6. Grupos identificados por município

LOCALIDADE	MUNICÍPIO	GRUPOS	QUANTIDADE
Localidade Região Metropolitana	Região Metropolitana de Vitória	Beribazu* Equipe Mestre Paulista A C.A.P.O.E.I.R.A Projeto Capoeira Escola Camarada Camaradinha Liberdade Reza Forte* Quilombo do Queimado Candinheiro São Salvador Raízes da Bahia Irmão Caramuru Aliança Ginga do Corpo Raiz da Arte Cativeiro Palmares	17
Localidade Sul	Cachoeiro do Itapemirim	Filhos da Princesa do Sul* Navio Negreiro* Libertação	03
Localidade Norte	Linhares	Força Brasil Abolicionismo Pandeiro de Ouro ACR ENFICAM – Capoeira Maré Arte Capoeira Renovada Associação Guerreiros da Força Reza Forte* Força Negra	09
	São Mateus	Associação de Capoeira Dendê* Beribazu* Capura – Raça Pedal Capoeira	04
	João Neiva	Cordão de Ouro	01
	Pedro Canário	Semente da Terra Canários da Senzala* Filhos da Reza	03
	Ecoporanga	Senzala do Patrimônio dos Pretos	01
	Conceição da Barra	A C.A.P.O.E.I.R.A	01
TOTAL			39

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir dos dados recolhidos em campo.

* Grupos inventariados. O critério para o inventário foi a realização de entrevistas com os mestres referenciais da capoeira nas Localidades definidas para este projeto. Os demais grupos foram identificados a partir das reuniões de mobilização e não foram obtidas informações consistentes para o preenchimento de fichas de inventário para essas unidades executoras da forma de expressão.

Sobre as relações estabelecidas com os informantes, a pesquisa assentou-se em terreno conflituoso, imerso em disputas de poder simbólico, sobretudo pelo poder de enunciação, pela autoridade de falar *da* e *sobre* a capoeira, conforme conceituação de Bourdieu (2005)⁴. O poder simbólico, segundo Bourdieu (2005, p. 07) é um tipo de poder dissolvido nas relações e que é menos perceptível, “esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Assim, as falas dos mestres, como registradas na atividade de campo, constituem-se atos de enunciação sobre a capoeira capixaba, ao mesmo tempo em que realçam o poder desses agentes para falarem sobre a forma de expressão. Sempre surgirão outros capoeiristas reivindicando o poder de enunciação sobre a capoeira. A FECAES, como entidade de representação dos capoeiristas, figura como uma agência do poder simbólico, detentora do reconhecimento, pelo menos entre seus filiados, para falar *da* e *sobre* a capoeira. Mas, como exposto, outros mestres e praticantes da forma de expressão também reivindicam para si o poder de enunciação, negando atos e sugestões da FECAES. Tal fato tornou complexa a pesquisa, naquilo que se refere ao uso da metodologia qualitativa que não busca a construção de uma amostra de entrevistados que seja mensurada em números. Ao contrário, pretende o fechamento amostral por saturação, pela suspensão da inclusão de novos participantes quando os dados obtidos apresentam, segundo os pesquisadores, repetições.

O que se observou em campo, e por meio da sistematização das informações recolhidas, é que as entrevistas realizadas dão conta da reconstrução do cenário da capoeira no Espírito Santo, desde sua formação histórica, disseminação e contexto atual nas regiões Metropolitana, Sul e Norte. Além disso, os depoimentos permitiram concluir sobre as linhagens dos mestres e sobre a predominância da tipologia de jogo denominada Capoeira Regional em sua variação Contemporânea, sendo que neste trabalho, adiante, apresenta-se os aspectos estruturais da forma de expressão com observada no estado.

As entrevistas, no geral, foram realizadas com os mestres em locais definidos por eles próprios, considerando-se os ambientes em que se sentiam mais a vontade para o registro audiovisual dos relatos. A exceção foi a cidade de Vitória, em que houve dois contextos de realização de entrevistas: na etapa de campo, no mês de janeiro, e por ocasião da reunião de mobilização, em 1º de agosto. Como definido no plano de trabalho, a realização das entrevistas com os mestres de capoeira

⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

baseou-se no seguinte roteiro, elaborado a partir da definição de cinco marcos dialógicos adequados às fichas de identificação do INRC e ao objeto de pesquisa:

- Marcador 1: Como aprendeu o ofício de mestre de capoeira? Como surgiu a forma de expressão no Espírito Santo? Como se deu sua trajetória no universo da capoeira?
- Marcador 2: Como desenvolve o ofício de mestre de capoeira (condições, formas sociais de produção)? Como as rodas de capoeira são realizadas (condições, acesso, formas sociais de organização)? Qual a estrutura das rodas de capoeira (condições, acesso ao bem, usos e apropriações)?
- Marcador 3: Como comercializa (composição de renda, aceitação do produto, local de comercialização, se organizados em Cooperativa ou Associação, como se dá a divisão dos trabalhos e dos lucros)?
- Marcador 4: Quais os significados do ofício e da forma de expressão (simbologia, representação social, conflitos)?
- Marcador 5: Como gostaria que o ofício e a forma de expressão fossem vistos pelas pessoas e instituições públicas (inovação técnica e estética, preservação dos elementos tradicionais, etc)?

Logo, não foi traçado um roteiro fechado de perguntas, mas a definição de questões que orientaram as conversas.

1.1.3. Metodologia – reuniões de mobilização

A metodologia aplicada para as reuniões de mobilização seguiu a perspectiva de Peter Drucker (1974)⁵ que define planejamento estratégico como um processo contínuo e sistemático para a tomada de decisões no plano presente, com o maior conhecimento possível do futuro, organizando sistematicamente as atividades necessárias à execução das decisões. Essa perspectiva leva em conta as condições internas, forças e fraquezas, confrontadas com as oportunidades e as ameaças do ambiente externo. Para tanto, foi aplicada aos participantes das reuniões de mobilização a seguinte matriz que foi preenchida por grupos ou individualmente, dependendo da quantidade de pessoas presentes nos encontros.

⁵ DRUCKER, Peter. F. **O Gerente Eficaz**. Editora Zahar, São Paulo, 1974.

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

Por meio da análise dessas diferentes variáveis relacionadas aos ambientes externo e interno da capoeira no Espírito Santo, de maneira a fundamentar o planejamento e execução da salvaguarda, foi elaborada a matriz de avaliação estratégica que segue adiante neste relatório. A técnica adotada utilizou-se de uma das principais ferramentas para se proceder ao planejamento estratégico, a análise *SWOT* (*Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*) em tradução FOFA (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), em que se identifica as potencialidades e fragilidades relacionadas à salvaguarda da capoeira no estado. Baseado no cruzamento entre pontos fracos e ameaças foram indicadas as forças restritivas, bem como entre pontos fortes e oportunidades, que apontaram as forças impulsoras, ambas presentes nos ambientes interno e externo e que podem impactar no processo de salvaguarda. Com objetivo de mitigar o que se coloca como risco, bem como aproveitar da melhor forma possível os fatores que estimulam a prática da capoeira e o desenvolvimento do ofício de mestre, foram elencadas premissas defensivas e ofensivas ou de avanço, respectivamente.

Logo, buscou-se com a metodologia adotada identificar variáveis-chave para a promoção da salvaguarda da capoeira no Espírito Santo, tanto no que se refere à roda de capoeira quanto ao ofício de mestre. Contudo, deve-se considerar que o dossiê da forma de expressão e do ofício a ela associado, elaborado pelo Iphan para subsidiar o processo de registro, apresenta “Recomendações de Salvaguarda para a prática e difusão da capoeira no Brasil” (IPHAN, 2007), transcritas a seguir, e que devem ser alvo de reflexão e de adequações específicas à realidade dessa manifestação cultural no estado, juntamente às demandas observadas a partir das reuniões de mobilização.

Reconhecimento do notório saber do mestre de capoeira pelo Ministério da Educação (MEC). [...]

Plano de previdência especial para os velhos mestres de capoeira. [...] ⁶
Estabelecimento de um Programa de Incentivo da Capoeira no Mundo. [...]
Criação de um Centro Nacional de Referências da Capoeira. [...]
Plano de manejo da biriba e outros recursos. [...]
Fórum da Capoeira. [...]
Banco de Histórias de Mestres de Capoeira. [...]
Realização de Inventário da Capoeira em Pernambuco. [...].
(IPHAN, 2007, p.94-96).

O objetivo das reuniões, portanto, foi conhecer a realidade dos grupos e mestres na recriação da capoeira, bem como identificar demandas e potencialidades para sua salvaguarda. Nesse sentido, o papel da equipe técnica da Temporis Consultoria e do Iphan-ES foi o de esclarecer dúvidas dos participantes sobre o projeto, além de explicar sobre a seleção dos mestres que cederam seus depoimentos na primeira fase das atividades de campo (o que vinha sendo questionado por diferentes capoeiristas das três localidades) e informar sobre os possíveis desdobramentos do mapeamento da capoeira no Espírito Santo. Assim, como exposto, as reuniões de mobilização ocorreram nas cidades em que foram realizadas entrevistas com mestres referenciais na difusão e prática da capoeira em cidades do Sul, Norte e Metropolitana, quais sejam: Cachoeiro do Itapemirim, Vitória, Linhares, São Mateus e Pedro Canário.

Foi programada, ainda, uma reunião em João Neiva, mas, por razões não identificadas, não houve participantes e o encontro não aconteceu como previsto. No entanto, durante a estadia da equipe e de técnicos do Iphan-ES em campo, houve a possibilidade de realização de visita e entrevista com o Mestre Rafael Flores, um dos fundadores do Grupo Senzala no Rio de Janeiro, atualmente morador do município de Ecoporanga, Norte do Espírito Santo.

O contato com o Mestre Rafael foi possível a partir de um de seus alunos que se apresentou à técnica do Iphan-ES e historiadora, Ivanirce Gomes Wolf, por ocasião do seminário sobre capoeira

⁶ Não é competência do Iphan tratar de planos previdenciários para mestres de Capoeira ou praticantes de outros ofícios. Contudo, essa ação foi incluída no dossiê por se tratar de “[...] um dos pontos mais abordados durante os Encontros Capoeira como Patrimônio Imaterial do Brasil. Diante de um histórico de mestres importantes, como Bimba e Pastinha, entre outros, que morreram em sérias dificuldades financeiras, sugere-se elaborar, junto à Previdência Social, um plano especial para mestres acima de 60 anos que tenham tido dificuldades de contribuir com a entidade ao longo dos anos. Como justificativa, reconhece-se a contribuição do velho mestre de capoeira para difusão da cultura brasileira. Como se trata de uma ação de emergência, que busca acolher os mestres atuais que vivem em absoluto estado de carência, recomenda-se que esta proposta tenha implantação imediata e perdure até que os mestres vindouros possam dispensar esta ação de salvaguarda”. (IPHAN, 2007, p. 94). O Iphan, no entanto, atua como mediador, articulando parceiras a fim de mobilizar os órgãos competentes, como o Ministério do Trabalho e Ministério da Previdência Social, para prestar esclarecimentos aos detentores, o que já vem sendo feito. Quanto a ação de valorização dos velhos mestres de capoeira, acima citada, o Iphan lançou um edital Concurso Público Prêmio “Viva Meu Mestre” - Edição 2010, que distribuiu prêmios a mestres de Capoeira com idade ou igual ou superior a 55 anos.

na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, no evento V Aulão da Amizade, realizado entre 23 e 24 de maio de 2015 e promovido pelo Grupo Beribazu, sob coordenação do Mestre Fábio Loureiro, em parceria com o Mestre Ethienne, de Vila Velha, e Professor Sapeba, de Vitória. A entrevista com Mestre Rafael aconteceu em sua fazenda e foi acompanhada por Ivanirce Gomes Wolf, do Iphan-ES e atual supervisora deste projeto. Nesse caso, não houve a aplicação da metodologia *SWOT* ou FOFA, visto que não se tratava de um grupo, mas de conhecer um mestre específico que teve grande relevância no desenvolvimento e difusão da capoeira classificada como contemporânea e que guarda em sua forma aspectos tradicionais da Angola, mesclados com elementos da Capoeira Regional e com movimentos acrobáticos.

REUNIÕES DE MOBILIZAÇÃO PARA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DA PRÁTICA DA CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO		
DATA	CIDADE	LOCAL
22/05 18:00 Sexta	Cachoeiro do Itapemirim	Casa de Cultura Mestre Salatiel, Linha Vermelha, Centro (próxima a antiga Estação Ferroviária)
23/05 18:00 Sábado	Vitória	Mucane, Avenida República 121, Centro
24/05 13:00 Domingo	João Neiva	Secretaria de Cultura de João Neiva Rua Negri Orestes s/n, Centro
25/05 18:00 Segunda	Linhares	Centro Cultural Nice Avanza, Praça 22 de Agosto, Centro
26/05 18:00 Terça	São Mateus	Sítio Histórico Porto de São Mateus, Largo do Chafariz - Porto
27/05 18:00 Quarta	Pedro Canário	Biblioteca Pública, Av. Dr. Mário Belo Silvares s/n Centro



1.2. Descrição das reuniões de mobilização

1.2.1. Sul – Cachoeiro do Itapemirim

A reunião de mobilização na cidade de Cachoeiro do Itapemirim ocorreu em 22 de maio, iniciando-se por volta das 18h30min, na Casa de Cultura Mestre Salatiel, local cedido pelo governo local aos grupos de capoeira da cidade e que funciona como Ponto de Cultura em que reuniões e aulas. O encontro contou com a participação de 11 pessoas, estando presentes os mestres Volmir, Paulinho e Airton, do Grupo Filhos da Princesa da Sul, e Mestre Falcão, do Navio Negroiro. Além desses, participaram da reunião o Mestre Jurandir, do grupo Libertação, que não foi entrevistado na primeira fase da pesquisa de campo, a Secretária Municipal de Cultura e funcionários desse setor. Juntamente com a equipe técnica da Temporis Consultoria, esteve conduzindo os trabalhos de mobilização a antropóloga Rebecca Guidi, da Divisão Técnica da Superintendência do Iphan no ES, na época supervisora deste projeto.



F1-A2-323 - Reunião de mobilização em Cachoeiro do Itapemirim, 22/05/2015.



F1-A2-324 - Reunião de mobilização em Cachoeiro do Itapemirim, 22/05/2015.

O desenvolvimento da reunião teve início com a apresentação do projeto, a partir da fala da representante do Iphan-ES, Rebecca Guidi. Em seguida, a equipe técnica da Temporis Consultoria procedeu à aplicação da metodologia *SWOT* ou FOFA, contando com bastante empenho dos participantes em analisar variáveis que podiam constar no preenchimento da matriz. Para tanto, formaram-se duplas e trios para debaterem entre si, o que foi precedido de uma explicação sobre como deveriam efetuar a discussão e o preenchimento dos itens. Após, a matriz foi recolhida e teve início o debate entre os participantes, o que foi mediado por Bianca Pataro, antropóloga da Temporis Consultoria, que anotou em um painel os pontos destacados pelos participantes para que

todos pudessem visualizar as demandas e potencialidades elencadas.

Observou-se em Cachoeiro do Itapemirim a existência de consenso em relação aos pontos elencados e discutidos pelos participantes na reunião de mobilização. O debate não se mostrou conflituoso, com demarcada unidade entre os grupos locais, sem que fossem salientadas na atualidade desavenças entre os capoeiristas da cidade. Esse é, inclusive, um ponto forte que se deve potencializar na localidade, haja vista o processo de salvaguarda da capoeira nesse município. Adiante, segue quadro com a síntese das variáveis dos ambientes externo e interno como informado pelos presentes no encontro. Ao final, ocorreu o sorteio de uma camiseta do projeto.

Quadro 7. Reunião de mobilização em Cachoeiro do Itapemirim – 22/05/2015

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
	• Transmissão dos saberes; • União dos grupos; • Tempo de existência e resistência dos grupos • Jovens alunos; • Sentimento de pertencimento; • Existência do Ponto de Cultura; • Motivação; • União interna; • Dispersão da capoeira no município.	• Dificuldade de mobilidade / transporte dos grupos para eventos; • Dificuldade financeira dos mestres; • Falta de espaço para aulas nos bairros; • Falta de oportunidades de reunião dos praticantes para discussões (eventos culturais).
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
	• Aumento do incentivo a projetos culturais (editais); • Existência da Casa do Capoeira; • Entrada nas escolas locais.	• Rivalidade entre grupos nacionais; • Burocracia nos editais; • Falta de políticas voltadas para a localidade Sul; • Ausência de marco legal para a capoeira; • Preconceito; • Falta de espaços exclusivos para a capoeira nos bairros.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas na reunião de mobilização.

1.2.2. Metropolitana – Vitória

A reunião agendada para a cidade de Vitória, em 23 de maio, teve o MUCANE – Museu Capixaba do Negro como local cedido pela Prefeitura Municipal de Vitória ao Iphan-ES para a realização da mobilização com mestres e praticantes da capoeira. Na data e horário combinados, a equipe técnica da Temporis Consultoria, juntamente com as técnicas do Iphan-ES, Ivanirce Gomes Wolf e Rebecca Guidi, chegaram ao espaço de realização do encontro. Contudo, houve pouca adesão dos

capoeiristas convidados, contando a reunião com seis participantes.

Tal fato pode estar relacionado com o pouco tempo para divulgação ou, ainda, pelo fato da data do encontro ter coincidido com o V Aulão da Amizade, evento realizado em Vitória entre 23 e 24 de maio, sendo que no sábado ocorreram oficinas e seminário, pela manhã e a tarde, na Universidade Federal do Espírito Santo. Na ocasião, a equipe da Temporis Consultoria e as mencionadas técnicas do Iphan-ES estiveram presentes assistindo ao seminário sobre a profissionalização da capoeira, com o Assessor Legislativo do Senado Federal e mestre de capoeira Luiz Renato Vieira, quando aproveitaram para divulgarem a reunião de mobilização marcada para às 18h00min desse mesmo dia.

Para além da pouca participação de capoeiristas na reunião de mobilização destinada aos praticantes da capoeira da Região Metropolitana, deve-se destacar que os técnicos da Temporis Consultoria e do Iphan-ES foram recebidos no MUCANE pelo presidente da FECAES - Federação de capoeira do estado do Espírito Santo, Mestre Cabral,, que afirmou ter ido ao encontro buscando explicações dos representantes da instituição federal de preservação patrimonial sobre o desenvolvimento do projeto de Mapeamento dos Grupos de Capoeira do Espírito Santo. Segundo Mestre Cabral expôs, o projeto estaria sendo executado de forma distinta do que havia sido acordado com a FECAES. Contudo, os técnicos da Temporis e do Iphan-ES explicaram a ele e aos demais presentes sobre as adaptações que foram necessárias à metodologia de pesquisa para que fosse possível viabilizar o projeto.

Uma dessas adaptações diz respeito à cobrança inicial de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais) como diária, conforme definição da FECAES, que deveria ser paga aos mestres selecionados para atuarem como agentes no processo de pesquisa, conduzindo os pesquisadores na identificação dos principais mestres nas localidades Sul, Norte e Metropolitana. Contudo, diante da dificuldade de a empresa arcar com esse custo, diante do orçamento previsto, foi esclarecido ao Mestre Cabral e aos demais, incluindo Mestre Bert, o qual havia feito questionamentos por email sobre o assunto, que a equipe da Temporis, com validação do Iphan-ES, alterou a metodologia proposta pelo Projeto Básico e os agentes detentores passaram a atuar como informantes, recebendo o valor de 45,00 (quarenta e cinco reais) como cachê pelas entrevistas. Nesse formato, os próprios pesquisadores deslocaram-se entre municípios em busca de mestres referenciais para a coleta de informações sobre a Capoeira no Espírito Santo.

Da mesma forma, foi dito que o objetivo do projeto não era, simplesmente, o mapeamento

quantitativo dos grupos. Com o desenvolvimento da pesquisa, conforme relataram aos presentes na reunião as técnicas do Iphan-ES Rebecca Guidi e Ivanirce Gomes Wolf, foi interpretado a importância de uma análise qualitativa preliminar, para que, posteriormente, seja realizado o mapeamento de todos os grupos e praticantes da capoeira no estado. Porém, Mestre Cabral alegou que se sentiu “enganado” pelo Iphan-ES, tanto na proposta do trabalho, quanto na perspectiva do pagamento da diária. Certamente, tal posicionamento refere-se à sua posição política no campo da capoeira no Espírito Santo, bem como à falta de compreensão da metodologia da pesquisa etnográfica, em que modificações e adaptações ocorrem diante das especificidades encontradas em campo.

Para que o encontro não fosse improdutivo, e levando-se em conta o comparecimento de certo número de capoeiristas, foi aplicada a matriz *SWOT* ou *FOFA* de forma individual, registrando-se a renúncia de Mestre Cabral em preencher a tabela e, da mesma forma, em assinar a lista de presença.

Não houve o registro fotográfico do encontro, bem como não ocorreu discussão das variáveis que não foram destacadas no painel, como nos outros encontros realizados em campo nessa fase da pesquisa. Optou-se por recolher as informações na matriz para que os participantes deixassem registradas suas impressões sobre as potencialidades e fragilidades da capoeira na localidade. Considerou-se que, como alertou Mestre Luiz Paulo, presente na reunião, algumas pessoas que compareceram ao encontro poderiam não voltar caso fosse remarcado, atitude que ele próprio afirmou que teria. A equipe técnica do Iphan-ES expôs a necessidade de agendamento de novo encontro para a Localidade Metropolitana, o que até o momento não foi efetivado.

O encontro foi agendado para 01 de agosto, no espaço cedido pelo MUCANE. A divulgação foi realizada pela equipe do Iphan-ES, que encaminhou emails convidando os capoeiristas, além de realizar contatos telefônicos. A divulgação antecipada, associada ao apoio do Mestre Fábio Loureiro, do Grupo Beribazu e professor da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, possibilitou que a reunião contasse com 48 participantes, entre professores, alunos, instrutores, mestres e interessados no universo da capoeira.



F1-A2-357 - Reunião de mobilização em Vitória, 01/08/2015.



F1-A2-361 - Reunião de mobilização em Vitória, 01/08/2015.

A reunião desenvolveu-se a partir da dinâmica utilizada nos demais encontros realizados nas Localidades Norte e Sul. Para abrir a atividade, a técnica do IPHAN-ES Ivanirce Gomes Wolf agradeceu a presença de todos e falou da importância do projeto para a salvaguarda da capoeira no Espírito Santo. Em seguida, Bianca Pataro, da empresa Temporis Consultoria, falou sobre a proposta da reunião e explicou a metodologia que seria utilizada, solicitando colaboração aos participantes para o recolhimento de informações sobre a realidade da capoeira na localidade. Durante as falas iniciais, enquanto os participantes chegavam e se acomodavam, na parte externa do local foi preenchida a lista de presença e gravados vídeos com os mestres, em que registraram seus nomes, filiação em grupos e identificaram os mestres que os formaram.

Interessante notar a diversidade de grupos presentes no encontro (17 unidades executoras da capoeira), o que permitiu que as informações recolhidas representassem um espectro mais amplo da realidade da capoeira na Localidade Região Metropolitana. Para o recolhimento das variáveis-chave no que se refere às forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, os presentes foram divididos em grupos que reuniram entre cinco e seis participantes. Todos receberam as matrizes e foram orientados a discutirem as questões entre si, antes de preencherem os campos específicos. Após cerca de 40 minutos de debates, cada grupo foi orientado a explicar as variáveis preenchidas, com um membro fazendo a leitura dos tópicos que foram sendo transcritos por Bianca Pataro, da Temporis Consultoria, em um painel exposto na frente da sala, para que todos pudessem observar. Ao apresentarem os pontos elencados para cada categoria de análise, cada grupo comentou esses aspectos, estabelecendo-se um breve debate entre todos sobre as variáveis citadas. Esse momento foi produtivo para que fosse possível analisar se existia consenso ou conflitos em relação aos temas discutidos, expondo-se aos demais grupos as interpretações sobre cada uma das categorias. O

quadro síntese a seguir refere-se ao espelho do quadro produzido durante a reunião a partir das informações coletadas.

QUADRO 8. Reunião de mobilização em Vitória – 01/08/2015

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
	• União; • Cumplicidade; • Respeito; • Companheirismo; • Apoio comunitário; • Comprometimento; • Capacitação; • Disposição histórica; • Disposição para fazer roda; • Grandes eventos; • Abertura para diálogo; • Trabalho social; • Transmissão oral.	• Dificuldade de acompanhar a política de salvaguarda; • Falta de participação crítica em conselhos de cultura; • Dificuldade de organizar eventos entre grupos; • Falta de estrutura para acolher grupos; • Autopromoção de alguns; • Disputa entre grupos; • Falta de companheirismo; • Falta de editais; • Falta de respeito à capoeira na roda; • Postura inadequada de alguns professores que constroem uma imagem ruim da capoeira; • Falta de capacitação; • Determinar a capoeira apenas por um aspecto e não pela sua diversidade; • Limitação da formação política; • Preocupação “só com pernada”; • Falta de conhecimento da tradição; • Falta de oportunidade de trabalho; • Falta de um museu da capoeira no Espírito Santo; • Conflitos; • Falta de participação na FECAES; • Falta de reconhecimento dos mestres; • Agressão nas rodas; • Estereótipos negativos.

AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
	• Lei de incentivo a cultura; • Valorização dos grupos; • Território pequeno; • Parceria com o IPHAN; • Registro da capoeira; • Novos projetos de lei.	• Cortes de Emendas Parlamentares para cultura e esporte; • Falta de verbas; • Falta de incentivo para grupos pequenos; • Outras lutas no ensino e na prática da capoeira; • Falta de acesso ao resultado de pesquisas; • Falta de aposentadoria para mestres; • capoeira como esporte; • Oportunismo de não capoeiristas; • Falta de plano estadual para capoeira; • Falta de uma agenda coletiva; • Falta de discussões políticas; • Falta de cursos para elaboração de projetos; • Falta de cursos para capacitação.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas na reunião de mobilização.

A exposição das variáveis relacionadas às forças, fraquezas, oportunidades e ameaças ligadas ao universo da capoeira na Localidade Região Metropolitana podem ser melhor interpretadas se levadas em conta as discussões empreendidas na reunião de mobilização. Durante o encontro, a partir da descrição dos pontos listados para cada categoria de análise, ocorreram debates provocados no momento em que os integrantes dos grupos se revezaram na exposição dos aspectos solicitados. Assim, os demais participantes manifestavam o interesse em falar sobre os temas, concordando ou não, mas intensificando a compreensão da realidade da forma de expressão na Localidade.

Antes de iniciado o debate dos pontos que iam sendo listados no painel, a técnica do IPHAN-ES Rebecca Guidi, que não havia se apresentado no início da reunião, agradeceu a presença de todos e chamou a atenção dos capoeiristas para o fato de serem detentores da forma de expressão e personagens fundamentais no processo de salvaguarda. Disse que a equipe do IPHAN-ES está à disposição para conversas e orientações. Em seguida, outros participantes que chegaram após o momento inicial se apresentaram, possibilitando que todos os presentes se conhecessem. Em seguida, foi iniciado o debate dos tópicos que foram listados no painel.

1.2.3. Norte – Linhares

A reunião em Linhares ocorreu em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Linhares que, atendendo à solicitação da Temporis Consultoria, cedeu o espaço para a reunião, bem como mobilizou capoeiristas locais para o comparecimento ao encontro. O evento aconteceu no dia 25 de maio, às 18h00min, no Centro Cultural Nice Avanza, e contou com a participação de 24 pessoas, entre mestres, professores e praticantes da capoeira. Além dos integrantes da Temporis Consultoria, esteve presente a historiadora e técnica do Iphan-ES Ivanirce Gomes Wolf, que deu início à reunião explicando sobre o projeto e o papel do Iphan na salvaguarda da capoeira e do ofício de mestre.



F1-A2-325 - Reunião de mobilização em Linhares, 25/05/2015.



F1-A2-327 - Reunião de mobilização em Linhares, 25/05/2015.

O Secretário de Cultura, Urbano Dávila, pediu a palavra e explicou aos presentes sobre as propostas da secretaria para o setor cultural, falando sobre a necessidade de união entre os grupos e convidando a todos para participarem da elaboração do Plano Municipal de Cultura, que ocorreria nos próximos dias, informando que um dos mestres presentes era membro do Conselho de Cultura. Em seguida, alguns capoeiristas questionaram o fato de apenas o Mestre Militão ter participado da gravação da entrevista na primeira etapa da pesquisa de campo. Aproveitaram para relatar que o referido mestre apresenta-se centralizador das políticas públicas voltadas à capoeira que aportam no município, reclamando de que não foram informados do evento pelo Mestre Militão, mas convidados por funcionários da Secretaria de Cultura. Assim, notou-se certo conflito entre os demais grupos locais, cujos representantes estavam na reunião, e o grupo do Mestre Militão, Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental. Esse conflito está fundamentado no fato de que, conforme os participantes da reunião, o citado mestre não tem o costume de compartilhar com os demais capoeiristas da cidade os eventos e oportunidades

relacionadas ao universo da capoeira, como editais de incentivo à cultura, concentrando em seu grupo e alunos certas ações.

As questões relacionadas aos conflitos relatados pelos capoeiristas presentes foram esclarecidas pela técnica do Iphan-ES, Ivanirce Gomes Wolf, que explicou como ocorreu o processo de definição dos entrevistados na primeira etapa da pesquisa de campo, informando que a partir dessa reunião os dados dos demais grupos e capoeiristas serão utilizados para contato direto entre o Iphan e esses detentores da capoeira em Linhares. Da mesma forma, o Secretário de Cultura afirmou que faz parte da nova política cultural da cidade a troca de informações entre os detentores de manifestações culturais, intermediada pelos funcionários do setor.



F1-A2-328 - Reunião de mobilização em Linhares, 25/05/2015.



F1-A2-329 - Reunião de mobilização em Linhares, 25/05/2015.

No que se refere às variáveis destacadas pelos grupos, formados por três e quatro participantes, destaca-se o consenso em pontos fortes como a integração da “jovem guarda” da capoeira, considerada a união entre capoeiristas mais jovens da localidade, da mesma forma que se observou como ponto fraco a falta de fóruns de debate que reúnam todos os grupos da cidade para debates, facilitando a transmissão de informações e saberes. Segue quadro síntese com as variáveis elencadas na reunião.

Quadro 9. Reunião de mobilização em Linhares – 25/05/2015

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
	• Ética na capoeiragem; • Apoio da comunidade; • Conhecimento da história da capoeira; • Incentivo dos pais; • Integração da “jovem-guarda” da capoeira; • Dedicação voluntária; • União dos capoeiristas; • Busca por conhecimentos; • Apoio da Secretaria de Cultura; • Apoio do CEAMI (Sooretama).	• Capoeiragem precoce (mestres muitos jovens e com falta de conhecimentos sobre a Capoeira); • Desunião entre mestres antigos; • Falta de formalização dos grupos; • Falta de fóruns de debate, compartilhamento de informações e formação continuada; • Falta de ética entre capoeiristas; • Pouca participação de capoeiristas em conselhos municipais; • Preconceito; • Falta de divulgação de eventos; • Falta de apoio de órgãos públicos.
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
	• Profissionalização da capoeira (entrada nas escolas e nas grades curriculares); • Remuneração pelo trabalho; • Políticas públicas voltadas à capoeira; • Editais de incentivo à cultura; • Reconhecimento da capoeira e do ofício de mestres como patrimônios.	• Falta de união dos grupos; • Falta de regulamentação da capoeira; • Substituição dos mestres de capoeira por professores de Educação Física; • Capoeira como ginástica (esportivização); • Falta de políticas públicas para a capoeira.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas na reunião de mobilização.

1.2.4. Norte – São Mateus

A reunião na cidade de São Mateus ocorreu em um local simbólico no que se refere à questão do debate acerca da preservação do Patrimônio Cultural, essencialmente no tocante à questão da identidade negra do Espírito Santo. O encontro foi marcado para acontecer no Sítio Histórico de São Mateus, às margens do Rio Cricaré, que detém grande importância no plano da história socioeconômica da porção Norte do Espírito Santo, haja vista ter sido o local de desembarque de centenas de negros traficados do continente africano para o Brasil no período colonial.

A equipe da Temporis Consultoria, acompanhado da técnica do Iphan-ES, Ivanirce Gomes Wolf, chegou à região do porto histórico de São Mateus por volta das 18h00min. Após alguns instantes, chegaram três dos capoeiristas que participariam da reunião. Houve um breve período em que os capoeiristas presentes e os representantes do projeto se identificaram e conversaram brevemente sobre os objetivos gerais do encontro, bem como sobre questões referentes a prática da capoeira na cidade de São Mateus.

Após esse primeiro momento, houve a constatação de que o local em que inicialmente ocorreria a

reunião, a sede do grupo capoeira Dendê, onde são ministradas aulas de capoeira, estava de portas fechadas. O referido mestre também não se encontrava no local. Houve, então, a resolução pela mudança do espaço destinado à atividade. A opção foi transferir o evento para um edifício pertencente à Prefeitura Municipal de São Mateus, em que funciona uma ONG a poucos metros do local onde inicialmente ocorreria a reunião.

O espaço foi disponibilizado para a equipe da Temporis Consultoria por volta das 19h00min e mais dois capoeiristas que haviam sido convidados a participar do encontro chegaram, inteirando o total de cinco presentes. Após a entrada e a apresentação oficial dos representantes do projeto, a representante do Iphan-ES, Ivanirce Gomes Wolf, explicou sobre os objetivos gerais do projeto de mapeamento dos mestres e grupos de capoeira no Espírito Santo.

Em seguida, o historiador Hugo Rocha, representante da Temporis Consultoria, deu início à atividade. Houve uma rodada em que os presentes se apresentaram e falaram sobre sua relação com prática e o ensino da capoeira. Após esta apresentação inicial dos participantes, juntou-se ao grupo o Mestre Piau, que chegou alguns minutos atrasado ao encontro, totalizando o número de seis capoeiristas na reunião de mobilização na cidade de São Mateus.



F1-A2-332 - Reunião de mobilização em São Mateus, 26/05/2015.



F1-A2-333 - Reunião de mobilização em São Mateus, 26/05/2015.

Assim como nas demais cidades, o método aplicado foi a matriz *SWOT* ou *FOFA*. A partir desta forma de trabalho, refletindo acerca de questões relacionadas aos ambientes externo e interno referentes à capoeira na localidade, pensando sobre as Forças e Fraquezas e sobre as Ameaças e Oportunidades, os participantes do encontro tiveram a oportunidade de expor as suas opiniões sobre importantes questões referentes à prática da capoeira em São Mateus e região. A aplicação

do referido método de pesquisa se fez interessante por permitir que os participantes encontrassem semelhanças e particularidades em seus pontos de vista. Outra singularidade da reunião realizada em São Mateus foi o fato de que os participantes realizaram o apontamento das questões na matriz de forma individual e não em grupo, como foi comumente aplicada à atividade nas demais cidades. Essa mudança foi considerada pertinente diante do número reduzido de participantes.

Em São Mateus, não foi possível observar a existência de grandes distâncias nos posicionamentos dos participantes da reunião. Este fato talvez se justifique pelo número relativamente menor de participantes, o que certamente limita a possibilidade da existência de pontos de vista heterogêneos. Outro fator que pode ser considerado como importante à conformidade no posicionamento dos participantes da reunião em São Mateus é o fato de os presentes terem sido formados como professores de capoeira pelo Mestre Piau, que se fazia presente na reunião. Foi possível observar que os outros cinco participantes apresentavam questões que se colocavam no mesmo sentido das preocupações apresentadas por Mestre Piau, o capoeirista mais experiente do grupo.

As questões referentes à necessidade de apoio por parte da governança municipal se destacaram como ponto congruente entre os pontos de vista dos capoeiristas presentes. Segundo os participantes do encontro, a atual gestão da Prefeitura Municipal de São Mateus apresenta grande dificuldade de contato e, conseqüentemente, de incentivo a qualquer tipo de mobilização cultural relacionada à capoeira e, de uma forma geral, à cultura negra na cidade.

De uma forma geral, a reunião foi bastante produtiva, apesar de ter apresentado um número relativamente pequeno de participantes se comparado a mesma atividade realizada nas demais cidades capixabas em que a equipe da Temporis Consultoria em parceria com o Iphan-ES esteve presente na última semana do mês de maio de 2015. Abaixo, encontra-se o quadro síntese fruto da realização da atividade e da discussão final.

Quadro 10. Reunião de mobilização em São Mateus – 26/05/2015

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
	• Formação do cidadão; • União dos capoeiristas no Norte do estado e em São Mateus; • Encontro de capoeiristas da região do Norte do Estado; • Amizade que se desenvolve dentro da capoeira; • Respeito entre os grupos do Norte e de São Mateus.	• Falta de apoio dos governos municipais e federal; • Falta de reconhecimento econômico dos capoeiristas; • Falta de participação / representação da capoeira nos conselhos municipais de cultura; • Falta de articulação e de políticas públicas; • Falta de responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura; • Falta de reconhecimento profissional; • Falta de apoio para a difusão da prática da capoeira.
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
	• Reconhecimento social / profissional; • Ampliação do mercado de trabalho; • Apoio da comunidade a prática da capoeira; • Apresentação nas festas municipais; • Viagens internacionais; • Capoeira como instrumento de formação social.	• Ausência de apoio do poder público aos capoeiristas; • Ameaça de perda do espaço por falta de reconhecimento profissional; • Burocracia nas políticas públicas; • Falta de valorização do saber dos mestres; • Falta de humildade de alguns capoeiristas; • Diminuição do número de praticantes em São Mateus; • Piora na formação de capoeira; • Falta de recursos dos centros culturais de São Mateus.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas na reunião de mobilização.

1.2.5. Norte – Pedro Canário

A reunião de mobilização em Pedro Canário foi realizada na Biblioteca Pública Municipal e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura. A equipe da Temporis Consultoria, acompanhada da técnica do Iphan-ES, Ivanirce Gomes Wolf, chegou ao local marcado para à realização da reunião por volta das 18h00min, horário previamente acordado e divulgado para o encontro.

No momento da chegada ao local, encontravam-se no espaço apenas uma funcionária da instituição e uma representante da Secretaria Municipal de Cultura de Pedro Canário designada a acompanhar a realização da reunião. O Secretário Municipal, por meio de sua representante, pediu desculpas pela ausência que se deu em função de um compromisso inadiável na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, que dista 305 km da cidade de Pedro Canário, localizada na porção Norte do estado.

Por volta das 19h00min, começaram a chegar ao local alguns participantes do encontro, entre praticantes e professores de capoeira, além da presença do Mestre Zé Malvadeza, que cedeu sua entrevista na atividade de campo ocorrida em fevereiro de 2015, na oportunidade em que alguns

mestres de capoeira do estado do Espírito Santo foram entrevistados como parte do processo de pesquisa e mapeamento da forma de expressão.

A reunião contou com um total de 16 participantes, entre crianças e adultos. Em função do número expressivo de detentores na reunião de mobilização, houve a divisão dos mesmos em grupos de cinco participantes. A exemplo das demais reuniões, foi aplicada a dinâmica conhecida como *SWOT* ou FOFA, que propõe reflexões acerca das Forças e Fraquezas, Oportunidades e Ameaças relativas a prática da capoeira na cidade de Pedro Canário e região.



F1-A2-334 - Reunião de mobilização em Pedro Canário, 27/05/2015.



F1-A2-335 - Reunião de mobilização em Pedro Canário, 27/05/2015.

Após o período designado à discussão em grupo, foi iniciado o debate entre todos os participantes, no qual foram realizados os apontamentos acerca das questões propostas pelo método de pesquisa. Foi possível observar que em Pedro Canário o cenário relativo à prática da capoeira não apresenta conflitos comuns existentes entre os praticantes do esporte, como identificados em outras cidades em que ocorreram reuniões de mobilização.

Um aspecto destacado por todos os quatro grupos em que foram divididos os participantes foi a falta de incentivo da prefeitura municipal em relação aos projetos sociais que têm a prática da capoeira como uma das atividades direcionadas ao público de baixa renda do município. Outra questão que foi fortemente debatida diz respeito ao fato da capoeira ter se tornado instrumento de socialização e de afastamento do uso de drogas de jovens em situação de risco social, o que, segundo os participantes, tem ocorrido no município.

Houve, como em outras reuniões, uma série de questões debatidas pelos presentes que atestaram o grande descrédito que a FECAES – Federação Capixaba de Capoeira do Espírito Santo possui entre os

praticantes, professores e mestres de capoeira de Pedro Canário e, de uma forma geral, com os detentores da manifestação cultural na região. Outras questões também foram tratadas ao longo da reunião, que se estendeu das 19h00min às 21h40min.

Ao final do encontro, os participantes se mostraram bastante cordiais e agradeceram ao Iphan-ES e à Temporis Consultoria pela iniciativa de realização da pesquisa, essencialmente, pelo desenvolvimento desta atividade, haja visto que os participantes se sentiram ouvidos enquanto detentores da capoeira capixaba. As demais questões tratadas na reunião podem ser conferidas no quadro abaixo, reproduzido a partir do painel em que foram registradas as questões tratadas na reunião.

Quadro 11. Reunião de mobilização em Pedro Canário – 27/05/2015

AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
	• União dos grupos e associações em prol da capoeira; • Favorecimento do convívio familiar e social; • Instrumento de formação do cidadão; • Articulação entre a capoeira e órgãos de assistência social; • Equilíbrio emocional; • Inclusão social e educacional; • Diferentes formas de ensino da capoeira; • Adequação às dificuldades de cada aluno; • Disciplina e hierarquia; • Reconhecimento social (gratidão aos professores); • Desenvolvimento de laços de amizade e fraternidade.	• Falta de apoio das três esferas de poder e da sociedade (falta de apoio do município); • Falta de estrutura à realização das aulas; • Falta de apoio municipal a uma capacitação pedagógica aos mestres e professores de capoeira; • Discriminação sofrida pelos praticantes, principalmente do ponto de vista religioso.
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
	• Profissionalização dos professores de capoeira; • Intercâmbio social e cultural proporcionado pela capoeira; • Capacitação na área da educação; • As leis de incentivo cultural que surgem nas esferas federal e municipal (editais da Secretaria de Cultura do Espírito Santo); • Apoio da iniciativa privada; • Inclusão da capoeira na grade curricular; • Capoeira como instrumento de socialização e inclusão social.	• Falta de divulgação; • Preconceito social; • Padronização que a profissionalização pode operar na capoeira; • Falta de aproximação da federação de capoeira do Espírito Santo; • Preconceito religioso; • Distorção da identidade da capoeira; • Má gestão das políticas culturais destinadas à capoeira; • Falta de valorização história e de fundamentos da capoeira.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas na reunião de mobilização.

Para fins de organização do texto, no tópico 2, Aspectos Históricos da capoeira, discute-se a trajetória da forma de expressão, tomando como referência a bibliografia sobre o tema, bem como as informações contidas nos dossiês da roda de capoeira e do ofício dos mestres de capoeira, registrados como patrimônio pelo Iphan no ano de 2008. O capítulo aborda, ainda, questões relacionadas à interface da Capoeira com a religiosidade e a organização das tipologias Regional e Angola. O tópico 3, A história da Capoeira no Espírito Santo, apresenta uma síntese do surgimento e desenvolvimento da forma de expressão no estado, partindo-se da análise da parca bibliografia existente sobre o tema. No mesmo item, têm-se as entrevistas dos mestres referenciadas para a disseminação da capoeira nas Localidades definidas para a pesquisa que norteou este projeto. Ao fim do capítulo, encontra-se uma reflexão sobre as influências que determinaram a tipologia como a capoeira se mostra atualmente nas regiões do estado. O tópico 4, Representação Cartográfica, indica em mapas os grupos e mestres de capoeira identificados na pesquisa e as localidades que receberam reuniões de mobilização. No tópico 5, A estrutura da capoeira no Espírito Santo, trata-se de aspectos referentes à forma e transmissão da capoeira, conforme observado na pesquisa, assim como aborda a articulação dos grupos com as esferas políticas e não-governamentais e discute questões relacionadas à interpretação da capoeira como profissão. Por fim, no tópico 6, Demandas de Salvaguarda, sistematiza-se as expectativas dos capoeiristas conforme identificado nas reuniões de mobilização, listando as forças restritivas e impulsoras observadas no universo da forma de expressão no Espírito Santo.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA CAPOEIRA

O mapeamento da capoeira no Espírito Santo complementa neste universo as informações dos dossiês da roda de capoeira e do ofício dos mestres de capoeira, registrados pelo Iphan no ano de 2008, a partir do inventário da forma de expressão e do saber dos mestres que tomaram como espaço da pesquisa os estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Contudo, os registros têm abrangência nacional, sendo que o mapeamento ora realizado pelo Iphan-ES busca ampliar a compreensão da capoeira, fornecendo dados específicos sobre sua ocorrência no Espírito Santo.

De acordo com os dossiês que compõem o registro da capoeira, ponderando que os textos para a roda de capoeira e para o ofício dos mestres de capoeira são semelhantes:

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. (IPHAN, 2007, p. 11).⁷

A capoeira compreende-se como parte das práticas definidas como “cultura popular”, desenvolvendo-se na cultura nacional por meio da “busca das raízes nacionais” (ACUNA, 2011).⁸ Envolve uma gama mais ampla de saberes, dentre os quais, além de folcloristas e cientistas sociais, encontram-se poetas, escritores, músicos, compositores. A roda em que a capoeira frequentemente se realiza constitui um espaço e momento privilegiado para expressão de juízos de valor e das condutas sociais de seus participantes. Esta pode ser vista como uma metáfora da vida social, em que são estabelecidas constantemente analogias entre o espaço da roda e o momento do jogo, com o espaço do mundo e das relações com outras pessoas (ACUNA, 2011).

Os estudos sobre a capoeira, conforme o próprio dossiê de registro (IPHAN, 2007), atribuem uma origem africana à forma de expressão, sendo que em diferentes pontos da África, bem como em outros países que receberam populações africanas escravizadas, foram identificadas danças guerreiras que guardam semelhanças com a capoeira. A forma de expressão como criação dos

⁷ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Dossiê. Brasília, 2007.

⁸ ACUNA, Jorge Herrera. **Entre rodas de capoeira e círculos intelectuais**: disputas pelos significados da capoeira no Brasil (1930-1960). 2010. 276 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo: 2011.

africanos e seus descendentes, chegou ao país, em sua forma primitiva, com os negros bantos, originários da África Ocidental, a fim de fornecer o braço escravo para o cultivo e exploração da terra. Destaca-se que seus praticantes acreditavam que o jogo de capoeira era uma atividade herdada dos antepassados Bantos, chamada N'golo (KANITZ, 2011).⁹ A área das culturas de tradição Banto abarca quase todo o sul e centro-sul da África. Grande parte dos contingentes de escravos trazidos para o Brasil veio desta região, sendo instalados em sua maioria na Bahia, Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro. E em muitos momentos reproduziram aqui sua organização (especialmente nos quilombos), sua arte e sua cultura (ALVAREZ, 2007).¹⁰

Considerando que a cultura não é realidade estática, estando sempre em movimento e recebendo influências, a capoeira desenvolveu-se no Brasil a partir de práticas trazidas por povos africanos que aportaram no país no regime da escravidão. A partir do entendimento das práticas cultura como processos dinâmicos, a capoeira pode ser pensada como um objeto cultural construído socialmente, por meio de inter-relações entre as populações africanas radicadas no país e a realidade social que aqui encontraram.

[...] toda a análise de fenômenos culturais é necessariamente análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática. (DURHAM, 2004, p. 231).¹¹

Os dossiês que compõem o registro da capoeira expõem três hipóteses sobre os mitos fundadores da forma de expressão: “1- A capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados. 2- A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil. 3- A capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo.” (IPHAN, 2007, p. 11). Tendo suas raízes em povos africanos, é incoerente pensar a capoeira fora do aspecto dinâmico da cultura, como se a forma de expressão não tivesse incorporado modificações a partir de sua presença no Brasil e no contato com grupos sociais distintos das populações africanas aqui escravizadas.

Além disso, não se pode atribuir aos escravos africanos aquilombados a responsabilidade da criação da forma de expressão, com seu desenvolvimento deslocado de práticas corporais já conhecidas e

⁹ KANITZ JR, Roberto Malcher. **Capoeira Angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.

¹⁰ ALVAREZ, Johnny Menezes. **O aprendizado da Capoeira Angola como cultivo da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ / Instituto de Psicologia, 2007.

¹¹ DURHAM, Eunice R.. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

realizadas em diferentes regiões do continente africano. Por fim, conforme os dossiês de Registro da Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira, não existem informações documentais que amparem a interpretação sobre o surgimento da forma de expressão entre os nativos brasileiros, ainda que o termo capoeira tenha origem na língua tupi, usado para designar o “mato ralo” (IPHAN, 2007, p.12).

A capoeira, compreendida como parte das práticas definidas como “cultura popular”, incorporou-se ao cenário da cultura brasileira à medida que passou a ser percebida como um dos referenciais das “raízes nacionais” (MELICIO, 2009)¹², sendo objeto de estudo e interesse de folcloristas, historiadores, cientistas sociais, escritores, músicos, compositores, entre outros. Atualmente, a capoeira apresenta-se vigente em um amplo território geográfico, cobrindo os cinco continentes, uma vez que as rodas de capoeira estão difundidas em mais de 150 países (IPHAN, 2007, p. 08). Contudo, percebe-se, como exposto, certa dificuldade em estabelecer as origens da capoeira a partir de elementos geográficos, culturais e etimológicos em função da sua diversidade, constituindo uma prática formada da relação entre elementos corporais de diferentes culturas, com especificidade própria, segundo os contextos em que se desenvolveu.

Para Chauí (1992)¹³, a cultura é compreendida como a invenção coletiva e temporal de práticas, valores, símbolos e ideias que marcam a ruptura do humano em face das coisas naturais com a instituição das linguagens, do trabalho, da consciência da morte e do tempo, do desejo como diverso da necessidade, do poder como diverso da força e da violência, do pensamento como diferenciação entre o necessário e o possível, entre o contraditório e o idêntico, entre o justo e o injusto, entre o verdadeiro e o falso, entre o belo e o feio, entre o bom e o mau; é a determinação ética da existência pela liberdade e pela culpa, a determinação política da existência pelo trabalho realizado sobre as diferenças e conflitos sociais. Em outras palavras, cultura diz respeito aos objetivos, valores e imagens do mundo que se manifestam no curso, no direito e nas práticas rotineiras de grupos que se automonitoram, sendo uma linguagem que se constrói a fim de pautar as relações sociais.

A capoeira, nesse sentido, também compreende uma manifestação cultural multidimensional: é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Nesse sentido, estabelece ligações com as práticas de sociedades

¹² MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

¹³ CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **O direito à memória**: patrimônio cultural e cidadania. São Paulo: DPH –Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

tradicionais, nas quais não havia a separação entre as habilidades do grupo e suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna (SILVA; AFONSO FILHO, 2012).¹⁴ A capoeira apresenta, conforme o enfoque dado por seus praticantes, ora uma face cultural, em que seus aspectos musicais e rituais são privilegiados, ora uma face esportiva, em que a luta e a ginástica corporal são excepcionais. Apesar das variações próprias a cada vertente da capoeira, os mestres ou grupos incluem aspectos singulares em sua prática da forma de expressão. Contudo, em todas as suas manifestações, é possível visualizar a permanência ou coexistência da orquestração musical, da dança, dos golpes e do jogo.

No que se refere à origem da capoeira, as narrativas de origem citadas em seu dossiê de registro (IPHAN, 2007) devem ser relativizadas a partir do conceito de mito, que pode ser entendido como um processo de reconhecimento da atuação do homem na sociedade, passando de ingênua fantasia para ser compreendido como uma das maneiras do ser humano se relacionar consigo e com o mundo, conforme Caccioatore (1977)¹⁵. Para Eliade (1972)¹⁶, o mito constitui uma realidade antropológica fundamental, pois ele não só representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo em que vive, como traduz por símbolos ricos de significado o modo como um povo ou civilização entende e interpreta existência. É uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. Como forma de comunicação humana, o mito está relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum.

Em 1928, Annibal Burlamaqui, no livro *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*, destacou a superioridade do quilombola no combate com os capitães do mato, devido a um “jogo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco” utilizado pelos fugitivos. Porém, essa informação é considerada duvidosa pelo autor, pois não existe indicação de sua fonte. Os estudos históricos sobre o Quilombo dos Palmares, desenvolvidos por pesquisadores renomados como Édison Carneiro, Clóvis Moura, Décio Freitas e Joel Rufino dos Santos, embora não se refiram especificamente à capoeira, descrevem detalhadamente as violentas guerras travadas ao longo de quase cem anos na Serra da Barriga (à época localizada em território da capitania de Pernambuco, atual estado de

¹⁴ SILVA, Renata de Lima; AFONSO FILHO, Franciso Aires (Tata Nguz'tala). **Capoeira Angola**: Imaginário, Corpo e Mito. Congress. Intern. Pedagogia Social, julho/2012. In: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/23.pdf>. Acesso em 16/12/2014.

¹⁵ CACCIOATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1977.

¹⁶ ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1972.

Alagoas) entre os fugitivos e as tropas enviadas para a destruição do quilombo.¹⁷

Nesse sentido, o mito de Zumbi e o Quilombo dos Palmares se inscreve no repertório das manifestações culturais afro descendentes, permeando, principalmente, a história da capoeira no Brasil. Os capoeiristas cantam e relatam as histórias, por meio de versos nas rodas pelo Brasil e pelo mundo, sobre a figura lendária de Zumbi, o líder do mais famoso Quilombo de resistência da história brasileira – Palmares. A capoeira e o mito de Zumbi pertencem à tradição oral afro brasileira, como parte da construção de sua memória coletiva. Destarte, a história de Zumbi tornou-se exemplo de resistência política, de experiência democrática e de libertação, que inspirou e continua inspirando negros e oprimidos em oposição e nas lutas contra uma sociedade despótica, que se organiza por meio da desigualdade e das injustiças sociais.

A origem da capoeira como prática dos povos africanos é apontada em função da existência de danças guerreiras similares à capoeira não apenas na África Central, mas em outros países que fizeram parte da diáspora negra, como, por exemplo, a Ladja (Danmyé ou Ag'Ya) da Martinica (OBI, 2008).¹⁸ Levas de africanos, pertencentes a diversas etnias, foram trazidas ao Brasil para servirem de mão de obra escrava durante o período colonial. Mas, para Alvarez (2007)¹⁹, a capoeira teve nas culturas pertencentes à tradição Banto, espalhadas por área que abarca quase todo o sul e centro-sul da África, suas práticas e rituais basilares.

Afora a raiz africana, é preciso reconhecer as mudanças e contribuições que ocorreram em solo brasileiro, uma vez que as culturas são construídas a partir das influências que as cercam, o que gera tanto rupturas quanto continuidades. Ademais, além da ligação com as práticas ancestrais africanas, a capoeira foi significativamente desenvolvida nos centros urbanos em formação, a exemplo das cidades portuárias de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, em que, primeiramente, chegaram grandes contingentes de africanos em condição de escravos, o que fez dessa prática uma manifestação cultural reconhecida como um fenômeno fortemente urbano. Portanto, foi percebida como um forte elemento da cultura dos escravizados e importante instrumento de sociabilidade de diversas etnias e de mobilização desses grupos no espaço urbano. Nesse sentido, contribuiu para a promoção da ligação direta dos indivíduos escravizados com a sociedade, por ser uma atividade

¹⁷ VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: Os Primeiros Momentos de sua História. **Revista Capoeira**. In: <http://www.revistacapoeira.com.br/historia/capoeira-os-primeiros-momentos-de-sua-historia/>

¹⁸ OBI, T. J. Desch. **Fighting for Honor. The History of African Martial Art. Traditions in the Atlantic World**. South Carolina: University of South Carolina Press, 2008. p. 134-135.

¹⁹ ALVAREZ, Johnny Menezes. **O aprendizado da Capoeira Angola como cultivo da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ / Instituto de Psicologia, 2007.

realizada em grupo e pressupõe a construção e o fortalecimento de uma identidade cultural entre os praticantes, que passaram a partilhar os mesmos costumes, experiências de vida, crenças, tendo em comum a situação de escravidão e a marginalização social.

As reflexões sobre a formação histórica da prática da capoeira permitiram observar que, em diversos momentos, as representações sociais da capoeira foram pautadas em sistemas discriminatórios e assépticos, que desvalorizaram a qualidade da diferença, legitimando práticas severas de repressão (MELÍCIO, 2009).²⁰ Nessa perspectiva, os capoeiras, como eram conhecidos os homens que praticavam a capoeira ou capoeiragem, conforme Soares (2001)²¹, agiram de forma “bravia e estratégica” diante das imposições coloniais. Apesar da diversidade de opiniões a respeito do aparecimento da luta, a denominação surgiu pela primeira vez nos escritos históricos da Guerra dos Palmares. Os capoeiras eram os guerreiros dos capões ou seja, os homens que se escondiam nas matas e saíam para enfrentar os capitães-do-mato, para proteger seus quilombolos ou na tentativa de manter sua liberdade – conquistada por meio da fuga de seus senhores. Por esta razão ou qualquer outra anterior ao fato, após a Guerra dos Quilombos e Palmares o capoeira já era um tipo característico do Brasil colonial.

A cena resultante da tensão entre o escravo e o senhor revela um quadro de dois terrores paralelos. Havia forte temor entre as elites de uma possível revolta da população escrava rebelde. Este medo entre as elites, que se sentiram impelidas a criar mecanismos de repressão contra os capoeiras, fez com que as autoridades adotassem medidas políticas de intimidação contra a capoeiragem. Surgiram, desse modo, as legislações e a repressão realizada pela polícia contra os capoeiras, cujo objetivo era impor a lei e a ordem social a todo custo. Nota-se, portanto, a criação de uma imagem do capoeira associada à desordem e a marginalização social. Imagem que foi bastante explorada a partir do século XIX, no Rio de Janeiro, capital do Império.

A prática da capoeira ganhou forte expressividade nos centros urbanos, em destaque nas cidades portuárias, a exemplo do Rio de Janeiro e Recife (MELÍCIO, 2009).²² O mais antigo registro encontrado referente à capoeiragem é um documento de libertação de escravo de nome Adão,

²⁰ MELÍCIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

²¹ SOARES, C.H.L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

²² MELÍCIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

datado de 1789, que foi detido no Rio de Janeiro por praticar capoeiragem (ALDÉ, 2008)²³. Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, a capoeira, uma prática já pouco tolerada, tornara-se proibida.

Chegando ao conhecimento de S. Real a desagradável certeza de reiterados factos praticados pelos negros Capoeiras em prejuízo do sossego e tranquilidade publica, a ponto de chegarem a quebrar com pedras as vidraças de alguma casa desta Cidade; sem que das ultiores ordens para evitar estes e outros acontecimentos tenha resultado o útil fim, que era de esperar; Manda o Príncipe Regente, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, estranhar ao Coronel Commandante do Corpo da Guarda Real da Policia, o pouco cuidado que tem tomado em prevenir taes acontecimentos, autorizando-o novamente para que, logo que qualquer escravo Capoeira fôr achado neste flagrante delicto, seja immediatamente levado ao Posto mais vizinho, e a hisoffra a pena de 100 açoites, sendo logo depois entregue a seu senhor, quando outra culpa não tenha commettido: devendo o referido Coronel Commandante, que ficar responsável pelo deleixo em que cahir o activo cumprimento desta ordem, facilitar 4 dias de licença à proporção do numero dos delinquentes que capturar... [manteve-se a grafia original]. (ALDÉ, 2008, s/p).¹⁷

Em 10 de setembro de 1810, ocorreu a prisão do escravo Felipe, africano de nação Angola, de propriedade de Francisco José Alves, decorrente da prática da capoeiragem (SOARES, 2001)²⁴. No decorrer do século XIX, muitos escravos seriam presos por causa da prática da capoeira no Rio de Janeiro. Durante a primeira metade do Oitocentos, a capoeira era, geralmente, identificada a cativos portadores de facas, estoques ou qualquer instrumento perfurante ou que formavam “malts”, grupos armados que percorriam as ruas da cidade (SOARES, 2001). A nova configuração da escravidão, possibilitada pelos processos de urbanização, ainda que incipientes vivenciados na Capital do Império, deu maior mobilidade aos cativos, fazendo com que as prisões ocorridas revelassem um vasto panorama dos locais subterrâneos da cidade, nos quais os escravos eram considerados os principais agentes das desordens.

Nesse período, a cidade carioca desenvolveu uma anatomia social que combinou fortes traços da sociedade colonial com as inovações da urbanização. O típico escravo do espaço urbano era o doméstico do homem rico ou de posses medianas ou o transportador de cargas para o comércio. Destacava-se, ainda, a presença do escravo de ganho, atuante na venda de serviços e produtos, dos

²³ ALDÉ, Lorenzo. Berimbau Universal. Capoeira é declarada patrimônio cultural do país. Em seus múltiplos sentidos, ela já caminhou junto com o Brasil. **Revista de História**, 16/07/2008. In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/berimbau-universal>. Acesso em 16/12/2014.

²⁴ SOARES, C.H.L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

quais tem de dar parte ao senhor (LESSA, 2000).²⁵ O aumento da circulação dos escravos foi, conseqüentemente, acompanhado pelos conhecimentos em relação aos espaços da cidade, promovendo, com mais frequência, trocas e relações entre os escravos de diferentes origens, ao mesmo tempo em que o trabalho na estiva permitia trocas entre diferentes regiões portuárias.

À época, de intensa atividade portuária e trocas urbanas, o cesto de nome “capoeira” se tornou um utensílio comum entre os escravos. “O cesto capoeira era presença ordinária na faina da escravaria urbana, mas era usado principalmente para carregar galinhas e aves, como retratado por diversos viajantes” (SOARES, 2001, p.52).²⁶ Soares (2001) indicou que este cesto teve forte influência para a designação da capoeiragem, uma vez que os escravos que o utilizavam e o transportavam também eram conhecidos como “os capoeiras”. O trabalho nas ruas e praias ensinava os cativos, portadores de tais cestos, a proteger sua mercadoria e a si mesmos, o que acabou por estilizá-los em uma forma de dança com esse nome.²⁷

A desenvoltura e domínio dos territórios da cidade fizeram com que os capoeiras se tornassem peças-chaves para todo o tipo de mobilização à margem da regulação estatal. É nesse cenário que as maltas de capoeira ganharam evidência, surgidas a partir de meados do século XIX na capital do Império (MELICIO, 2009).²⁸ É importante ressaltar as maltas foram compreendidas como a unidade fundamental da atuação dos praticantes do jogo da capoeira ou da capoeiragem, constituídas por cativos, libertos ou forros, assim como brancos e mestiços, integrada por um sistema específico de linguagens e gestos corporais e formada por três, vinte ou até mesmo cem indivíduos.

Porém, em função da nova configuração social e o aumento do conhecimento das áreas urbanas em que circulavam os escravos, a polícia foi a instituição social que se responsabilizou pelo controle sobre a movimentação dos escravos, com objetivo de restringir sua circulação e prática da capoeira, considerando certa perda de domínio dos senhores de escravos. A polícia carioca nasceu sob o fluxo de transformações na capital no início dos Oitocentos. A sua organização militar, produzida e mantida pela elite, visava o exercício da vigilância e coerção sobre os sujeitos e grupos não

²⁵ LESSA, C. A anatomia social da cidade Imperial. In: LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

²⁶ SOARES, C.H.L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

²⁷ O origem etimológica do termo “capoeira”, que veio a designar à prática da capoeiragem e concomitantemente o sujeito que a pratica, não é unânime entre os pesquisadores. Outras versões são defendidas, como a referente à vegetação rasteira. Sobre o tema ver Soares (2001) e Rego (1968).

²⁸ MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

elitizados (BICALHO, 2005).²⁹

Embora a primeira codificação criminal brasileira, o Código Criminal do Império do Brasil, de 1830, não especifique os capoeiras, eles eram presos e enquadrados na categoria de “vadios e mendigos”, da qual trata o artigo 295 do Capítulo IV (REGO, 1968, p. 291)³⁰. Desse modo, o praticante da capoeira era identificado como integrante de grupos de bandidos, sem ocupação definida, percebidos como verdadeiros marginais. Os grupos podiam ser identificados por meio das cores de roupa, cortes de cabelo, tipos e formas de colocar o chapéu (SOARES, 1998)³¹, entre outros símbolos que representavam a sua identidade ou origem étnica, que ostentavam por representar o seu pertencimento à determinada malta. Dividiam-se por freguesia e eram responsáveis tanto por disputas entre seus grupos, como por resistências às ações da polícia frente aos ambulantes e às moradias ilegais, havendo capoeiras famosos por defenderem seus cortiços (LESSA, 2000).³² As duas maltas mais afamadas do Rio de Janeiro, as maltas Nagoa e Guaiamum, travavam violentas disputas pelas ruas da cidade em defesa dos interesses e espaços, de um lado os negros e de outro os brancos e mestiços pobres.

A partir da segunda metade do século XIX, começaram as entradas de imigrantes no Brasil. Assim, além das disputas por brechas de atividades econômicas, a gradativa presença de imigrantes acarretou na assimilação de novos elementos à prática da capoeiragem. Nesse sentido, ocorreram diversas trocas operadas entre os capoeiras e fadistas nessa conjuntura, em que o uso da navalha foi introduzido na capoeira, o que se tornou seu símbolo no Rio de Janeiro do século XIX (SOARES, 1998). Desse modo, o uso do lenço, popularizado entre os capoeiras, tinha a utilidade de proteger contra os golpes de navalha (COLUMÁ; CHAVES, 2013).³³

Os primeiros registros oficiais da ação dos capoeiras, portanto, referem-se às ocorrências policiais envolvendo brigas e arruaças pela cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, os serviços dos

²⁹ BICALHO, Maria Fernanda Baptista. Elites coloniais: a nobreza da terra e o governo das conquistas. História e historiografia. In: MONTEIRO, Nuno G.F.; CARDIM, Pedro, CUNHA, Mafalda Soares (orgs.). **Optima Pars**: elites ibero-americanas do Antigo Regime. Lisboa: ICS, 2005.

³⁰ REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: Ensaio etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968.

³¹ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeira baiana na Corte Imperial. (1863 –1890). **IAfro-Ásia**. Centro de Estudos Afro-Orientais –FFCH/UFBA 21 –22., 1998-1999, p. 147-176.

³² LESSA, C. A anatomia social da cidade Imperial. In: LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

³³ COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. Capoeira, Sagrado, Imaginário Social. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 10. n. 1, maio, 2013.

capoeiras também foram aproveitados pela polícia. SOARES (1998)³⁴, por exemplo, descreveu o importante papel desempenhado pelos capoeiras na repressão ao motim promovido por soldados irlandeses e alemães, em 1828, e dos cativos que chegavam da Costa da Mina (região do Golfo de Benim, na África) na comunidade escrava carioca. A destreza dos capoeiras também serviu as forças armadas, durante a guerra do Paraguai. Os integrantes do batalhão dos Zuavos, em grande parte capoeiras provenientes do Rio, foram mencionados como heróis nacionais (MELICIO, 2009).³⁵

Sob o império, a Guarda Negra, composta principalmente por capoeiras, esteve diretamente voltada para o confronto e dispersão de movimentos republicanos, o que acentuou o desagrado dos que iriam assumir o poder. MELO (2001)³⁶ afirmou que a capoeiragem nos processos eleitorais da capital, vinculada tanto aos monarquistas, quanto aos republicanos, utilizava técnicas como esvaziamento e sumiço das urnas, introdução de urnas já repletas no pleito, “ressurreição de almas mortas”³⁷, constituindo uma milícia eleitoreira que elegia os representantes do povo na capital. Até a polícia usufruiu das ações dos capoeiras, ora como integrantes, ora como aliados e, inclusive, como alcaguetes dos companheiros. A capoeira, portanto, era uma arma utilizada hora para enfrentar a polícia, hora para contribuir com o seu trabalho. Servia de proteção para as disputas contra outros escravos e, também, constituía importante espaço para a sociabilidade escrava.

Além do caráter violento de disputa e acerto de desavenças com os grupos rivais e a polícia, a capoeira possuía como característica o apoio mútuo, tal como as confrarias de negros. Sua manifestação estaria ligada às opções de divertimento e solidariedade cravadas nas redes subterrâneas da cidade. A capoeira possuía o valor da troca e do companheirismo entre os marginalizados. É nesse sentido que se encontra a progressiva participação de libertos, mestiços e brancos na capoeiragem.

Importa ressaltar que, afora as maltas, os quilombos e as brigas com navalha, os capoeiras podiam ser encontrados nos “jogos de casquinha” efetuados nas praças e praias, que contavam com a presença de tabuleiro, copos e dados. O jogo provavelmente também se constituía em uma das

³⁴ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeira baiana na Corte Imperial. (1863 –1890). **IAfro-Ásia**. Centro de Estudos Afro-Orientais –FFCH/UFBA 21 –22., 1998-1999, p. 147-176.

³⁵ MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

³⁶ MELO, A. P. J. Ensaio para uma genealogia da suspeição nacional: capoeiras, malandros e bandidos. In: JACÓ-VILELA, A. M., CEREZZO, A.C. & RODRIGUES, H.B.C. (Orgs.) **Clio-Psyché Hoje**. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2001.

³⁷ Com o intuito de votar mais de uma vez e aumentar os números de um candidato, os capoeiras utilizavam de nomes de pessoas já falecidas.

formas de lazer e de resolução de conflitos, sendo alvos da ira dos zeladores da ordem (MELICIO, 2009).³⁸ Outro elemento importante diz respeito às “casas de angu”, ou zungús, que serviam como espaço de venda de produtos por parte, principalmente, dos negros, e também como local de abrigo de escravos fugitivos e de reuniões para tratar de assuntos de interesse da comunidade negra. Nesse sentido, observa-se que a atuação dos capoeiras, ancoradas numa rede de significações direcionadas a atos de transgressão e perturbação da ordem, começam a assumir o papel dos sistemas de conhecimentos consensuais circulantes.

Em 13 de maio de 1888, a escravidão foi abolida e, em 15 de novembro de 1889, a República foi proclamada. Com o advento do novo regime, líderes das maltas cariocas foram intensamente perseguidos, presos e enviados para a Ilha de Fernando de Noronha, juntamente com os demais participantes de seu bando. Conforme o Código Penal de 1890, a capoeiragem passou a ser uma atividade proibida por lei, sendo punida severamente pela força policial. A prática da capoeira ou capoeiragem acarretava pena de reclusão de dois a seis meses, constituindo circunstância agravante pertencer a alguma malta ou bando; aos chefes a pena seria imposta em dobro. Os reincidentes poderiam ter pena de até três anos e, se fosse estrangeiro, o capoeira seria deportado após cumprir pena. Segundo o Código Penal de 1890, Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890:

Item XIII -- Dos vadios e Capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dôbro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de Capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

³⁸ MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

O nascimento da República ocorreu sob o signo da ordem e do progresso social, sendo que o progresso só poderia ser alcançado por meio do estabelecimento da ordem na sociedade. Logo, o capoeira, compreendido pelas elites como representante da violência e da vadiagem, tornou-se o alvo privilegiado da polícia (MELICIO, 2009).³⁹ Ao referir-se à relação que as autoridades policiais mantinham com os capoeiras na instalação da República, Enders (2002)⁴⁰ diz que a implicação dos capoeiras na repressão política explica o “ódio inexprimível” que as autoridades republicanas lhes direcionavam em suas demandas. “Em 1890, João Batista Sampaio Ferraz, recebe do governo provisório a missão de acabar com esse perigo. A capoeira e seus bandos são sistematicamente aniquilados e seus membros enviados para longínquas colônias penitenciárias” (ENDERS, 2002, p. 205).

Destaca-se que, no bojo das discussões higienistas⁴¹, a alteridade radical dos capoeiras funcionava como um mecanismo de proteção. Criminalizar o capoeira naquele momento expressava uma sintonia com representações hegemônicas antigas, construídas desde meados do século XIX, sobre qualquer figura suspeita que circule na cidade, que se tornava cada vez mais ameaçadora à medida que as leis contra a escravidão iam se multiplicando e os antigos escravos ganhavam as ruas. O desconforto diante da concentração de corpos e atividades suspeitos e degradantes foi neutralizado pelas concepções científicas. A figura do negro, do pobre, morador de cortiço é construída como a imagem do atraso da sociedade brasileira (MELICIO, 2009).

Como alternativa de fuga da autoridade armada do Estado, o capoeira do Rio de Janeiro, provavelmente, disfarçou-se e ficou ligado a uma figura mitológica carioca da primeira metade do séc. XX: “Os atributos de vadio, valente, capoeirista, e outros podem ser reunidos, nos primeiros anos da história da República no Rio de Janeiro, em um único personagem: O malandro” (ROCHA, 2004, p. 56)⁴². Então, provavelmente, a figura do malandro substituiu paulatinamente a figura dos

³⁹ MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

⁴⁰ ENDERS, A. A **história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

⁴¹ O movimento higienista, nas primeiras décadas republicanas, orientou uma política demográfica-sanitária-racial estabelecida pelo novo governo. Nesse sentido, foram instituídos programas higiênico-sanitários nos portos e nas áreas periféricas, de controle da higiene infantil e da saúde do trabalhador. Os hábitos e a presença de contingentes populacionais livres também se tornaram objetos da política higienista, que derivou na proibição de diversas práticas, a exemplo do jogo, a “vadiação”, a prática da capoeira, etc. MANSANERA, Adriano R.; SILVA, Lúcia Cecília. **A Influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil**. Revista Psicologia em Estudo, DPI/CCH/UEM, vol. 5, nº1, p. 115-137, 2000. In: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n1/v5n1a08.pdf>, acessado em 15/01/2016.

⁴² ROCHA, João Cezar de Castro. Dialética da Marginalidade. **Folha de São Paulo** – Mais. São Paulo: 29 de fevereiro de 2004. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>. Acesso em 16/12/2014.

capoeiristas e das maltas como eram conhecidas, que já não contavam com apoio do poder hegemônico. Neste momento, os capoeiristas estavam entregues a própria sorte, com a polícia em seus encalços (CAPOEIRA, 1999).⁴³ O que supostamente manteve a identidade e forneceu força para a silenciosa resistência cultural desses sujeitos foram as suas práticas corporais e religiosas, tais como a Capoeira, o batuque, o Candomblé, o samba, entre outras manifestações culturais.

2.1. A Capoeira e suas interfaces com a religiosidade

A capoeira deve sua sobrevivência também ao sincretismo religioso brasileiro que teve seu universo composto por valores indígenas, africanos e portugueses; constituindo-se como parte da cultura e das práticas relacionadas aos ritos do candomblé e umbanda. Conforme Columá e Chaves (2013)⁴⁴, alguns nomes dos seus golpes foram emprestados do catolicismo, como “benção” e “cruz”, outros extraídos da umbanda, “xangô” e “encruzilhada”. Alguns toques executados pelo berimbau possuem o nome de santos católicos: São Bento Grande, São Bento Pequeno e Santa Maria, e existem ainda cantigas que louvam os orixás, santos e outros iluminados, imprimindo aspectos da religiosidade ao jogo. Para muitos, a capoeira tem sentido religioso fazendo a ponte entre o *orun*⁴⁵ e o *aiê*⁴⁶ através do ritual da roda.

Para alguns capoeiristas, o tempo da roda⁴⁷ é um tempo sagrado e não o tempo cronológico, da produção, ditado pela sociedade ocidental. A roda de capoeira começa tradicionalmente após a reza ou a ladainha, cantigas que remontam em sua melodia algum enredo, que pode ser histórico, religioso, de amor, de disputa ou louvação. Columá e Chaves (2013) indicam a roda de capoeira como um importante rito, pois, conforme Eliade (1972)⁴⁸, o rito atualiza o mito, dando sentido às práticas sociais. A preparação religiosa que antecede algumas rodas, a composição hierárquica dos capoeiristas, a disposição dos instrumentos, a bênção ao pé do berimbau antes do jogo, assim como a ordem das cantigas entoadas na roda, são exemplos que possibilitam essa existência atemporal

⁴³ CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: Galo Já Cantou. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

⁴⁴ COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas (UFRJ). Capoeira, Sagrado, Imaginário Social. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 10. n. 1, maio, 2013.

⁴⁵ Espaço mítico onde os Deuses da cultura nagô habitam, em muito se assemelha ao céu paradisíaco de outros povos.

⁴⁶ Mundo dos mortais, como a terra para os ocidentais.

⁴⁷ Reis (2000) caracteriza a roda de capoeira em um círculo de 2,5 metros de raio, circundado por outro, à distância de dez centímetros do primeiro. A roda descrita pela autora nos remete às realizadas em recintos fechados ou academias, pois nas que se formam em locais informais ou na rua, como manda a tradição dos antigos mestres, dificilmente há espaço para marcação tão precisa e parametrizada. Na visão de Silva (2003, p. 90), porém, a roda de Capoeira seria um mundo simbólico, feito em “pequenos metros, por dois jogadores ao som de uma orquestra de tocadores de percussão, sob a animação de vários(as) capoeiristas em forma de círculo, uma espécie de disputa dançada, e no qual o espaço se parece ter intenção de conquista e superação”. (COLUMÁ; CHAVES, 2013).

⁴⁸ ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1972.

dos personagens míticos da capoeira, que, além de louvados nas cantigas, mantêm algumas de suas práticas vividas nas rodas atuais (COLUMÁ; CHAVES, 2013).⁴⁹

Especialmente entre o final do século XIX e início do século XX, quando os jogos de capoeira ocorriam dentro dos terreiros, não era raro nas rodas imperar o tempo de axé, que, para a cultura nagô, significa a força invisível, a força mágico-sagrada, de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas (REGO, 1968)⁵⁰. O tempo de jogo, dentro da roda, ou o tempo da roda pode ser prolongado ou diminuído de acordo com a presença ou ausência desse axé. Qualidade de poucos capoeiras, a sensibilidade de perceber essa energia é um dos principais fundamentos da capoeira, conforme alguns mestres (COLUMÁ; CHAVES, 2013).

A interface religiosa na capoeira pode ser vista nos nomes de santos ou orixás de Umbanda e Candomblé que os grupos de capoeira carregam. As cantigas ou ladainhas reforçam a ideia religiosa dentro do jogo, ao transmitirem alguns de seus preceitos por meio das letras. Nesse sentido, o repertório musical da capoeira também pode ser atribuído a noção de sacerdócio, com ritos sagrados de passagem, tempo de provação, preparação corporal e espiritual e acima de tudo religiosa (COLUMÁ; CHAVES, 2013). Os mestres atribuem sentidos a sua prática por meio da louvação aos santos, aos orixás e a própria capoeira. Nesse sentido, inscrevem em sua prática o papel de guardiões e de um dos pilares que sustentam essa arte. Para o capoeirista, sua vida parece confundir-se com a própria capoeira.

Nestor Capoeira (1999, p. 127)⁵¹ indicou que a capoeira possui uma “força mágica” capaz de ligar praticantes do presente e do passado, por meio da atemporalidade da roda, através de uma corrente energética que parece abrir-se durante o rito da roda: “poderíamos, até, imaginar a capoeira como uma entidade que protege e abre caminho para aqueles que se colocam a sua sombra – melhor dizendo: a sua luz!”. Assim, a Capoeira transmite uma força mística aos praticantes, muitas vezes creditada ao mundo religioso da Umbanda ou Candomblé.

Destacando-se a associação da capoeira com as religiões de matriz africana, parte de seus praticantes a imaginam como uma entidade feminina, semelhante à pomba-gira. A entidade pomba-gira pertence ao panteão mitológico afro-brasileiro, sendo categorizada como o princípio feminino do “povo de rua ou exu” (COLUMÁ; CHAVES, 2013). Sobremaneira, é comum localizar as

⁴⁹ COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. Capoeira, Sagrado, Imaginário Social. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 10. n. 1, maio, 2013.

⁵⁰ REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: Ensaio etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968.

⁵¹ CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

relações da capoeira e de capoeiristas com a figura mítica de Exu.⁵² Ressalta-se que no universo religioso afro brasileiro a figura mítica do malandro surge encarnada em um tipo de Exu – o Zé Pelintra. Sua representação é de um homem mulato sempre muito bem trajado, com seu terno de linho branco, sapatos bicolores, cravo vermelho na lapela, chapéu Panamá e lenço de seda encarnado no pescoço para proteger dos ataques de navalha, tornando-se patrono da capoeiragem (COLUMÁ; CHAVES, 2013).⁵³

Zé Pelintra, representante dessa “malandragem brasileira”, especialmente a vivenciada no início do século XX, caracterizava-se pelo porte da navalha e de seu patuá, indispensáveis para burlar a ordem estabelecida pelos dominantes. Durante o ritual religioso da Umbanda, a figura de Zé Pelintra se manifesta no terreiro com movimentos e gestos que nos remetem à prática da capoeira, reforçando o imaginário de uma entidade sagrada que a pratica e protege (COLUMÁ; CHAVES, 2013).

2.2. Duas formas de praticar a Capoeira

A capoeira para sobreviver, tal como outras formas de resistência que foram proibidas e reprimidas, teve de adaptar-se e submeter-se a importantes transformações, culminando, em 1937, no nascimento das duas vertentes do jogo: a Capoeira Angola e a Capoeira Regional. Assim, em Salvador, surgiram novos sistemas e centros difusores de representação e alteridade da capoeira, que a projetaram como o legítimo esporte brasileiro e símbolo da harmonia entre culturas.

A mudança dos significados sociais na virada de século pode ser compreendida como uma gradativa “civilização” da capoeiragem e do capoeira, isto é, uma sucessiva renúncia às suas origens étnicas negras e progressiva transformação em uma prática mestiça e de ginástica nacional. Desse modo, a estratégia de incorporação do negro à sociedade é simbólica e higienizada. Integrada ao domínio do folclore, a capoeiragem deixa de ser associada a atuações criminosas e começa a ser descrita como um grande cerimonial, de modo semelhante com o acontecido ao Candomblé. Nos trabalhos emergentes desse período, a capoeira sofre um processo de pacificação, no qual seus aspectos

⁵² Orixá mensageiro de todos os orixás, de espírito moleque e zombeteiro dotado de inteligência e astúcia superiores. Conhecido pelo seu caráter ambíguo e atitudes incoerentes com o poder absurdo de punir ou premiar sem o menor senso de justiça. Cf. OGBEBARA, Awofá. **Igbadú: a cabeça da existência – mitos nagôs revelados**. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

⁵³ COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. Capoeira, Sagrado, Imaginário Social. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 10. n. 1, maio, 2013.

lúdicos são valorizados (MELÍCIO, 2009, p. 92-93).⁵⁴

Destaca-se que essa ruptura com a imagem da capoeira associada à marginalização social, como um marco histórico, representa um movimento de divisão e recriação de novos estilos na cena da capoeira até os dias de hoje, o qual provocou mudanças substanciais em toda sua compreensão (CAPOEIRA, 1999).⁵⁵ Portanto, a partir do início do século XX, Mestre Bimba, e sua Capoeira Regional, e Mestre Pastinha, e a Capoeira Angola, começaram a lutar contra essas marcas de perseguição e criminalização da capoeira. A distinção entre essas duas modalidades, inaugurada no final da década de 1930, marcou uma profunda bifurcação do entendimento e da prática da capoeira, tanto entre os intelectuais, quanto entre os capoeiristas, persistindo até a atualidade. Porém, ambas as escolas foram motivadas pelo intuito de descriminalizar a capoeira, seja por meio da ideia de representante da ginástica nacional, seja como representante da cultura popular.

Na década de 1920, surgiu a figura do Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, nascido em 1900, que criou a Capoeira Regional baiana. Foi o primeiro a conseguir licença oficial para o ensino de capoeira, em 1937. À época, Bimba trabalhava na estiva e já acumulava fama de lutador de qualidades excepcionais, derrotando diversos adversários com sua forma de lutar, posteriormente conhecida como Capoeira Regional. É importante salientar que a capoeira era uma prática desenvolvida na rua, nas praças, nos portos, antes de passar a ocupar os espaços fechados de treinos, a exemplo das atuais academias de luta. Esse foi um período que consolidou a imagem do mestre como lutador, no âmbito da febre desportiva que vinha ganhando terreno na Bahia, seguindo as tendências já fortes em São Paulo e Rio de Janeiro.

Para Mestre Bimba, a capoeira deveria se transformar para se inserir de modo mais efetivo na sociedade. Essas transformações deveriam abandonar toda e qualquer vinculação da capoeira com a vida malandra, enfatizando os seus aspectos desportivos e marciais. Logo, a Capoeira Regional nasceu em busca do rompimento com a imagem do capoeira como sujeito marginalizado, para dar lugar à imagem do capoeira como um desportista saudável e disciplinado. Com objetivo de levar a tradição para além dos bairros populares, Mestre Bimba teve a ideia de construir uma academia, reconhecida oficialmente pelo estado, onde se realizaria a prática e o treino da capoeira. Dessa maneira, a luta regional começou a atrair cada vez mais o interesse de um público diversificado, de

⁵⁴ MELÍCIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

⁵⁵ CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: Galo Já Cantou. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

diferentes camadas sociais, destacando-se os estudantes.

Outra marca empreendida por Mestre Bimba na sua prática de capoeira foi a necessidade de afirmar o seu caráter marcial. Assim, a Capoeira Regional passou a enfocar a eficiência do combate marcial, misturando movimentos da capoeira antiga com o batuque e, principalmente, incorporando movimentos de ataque e de defesa de outras artes marciais, como o Jiu-Jítsu. Essas mudanças visaram elevar a Capoeira Regional à categoria de uma singular e eficiente arte marcial de origem brasileira (MELICIO, 2009).⁵⁶ O movimento da Capoeira Regional empreendeu uma padronização e institucionalização das práticas da capoeira. Foram criados estatutos, manuais de técnicas de aprendizagem com descrição objetiva dos golpes, toques e cantos, utilização de uniformes e indumentárias especiais, entre outras coisas.

Foi a Capoeira Regional que teve maior crescimento, ampliado e diversificado na sociedade, em decorrência da sua assimilação plena às práticas físicas e esportivas. Tratada como um genuíno esporte nacional, a Capoeira Regional se infiltrou rapidamente nas escolas, no currículo das universidades de educação física, nas academias militares, assim como nas academias de malhação. Assim, muitas vezes a Capoeira Regional, trabalhada contemporaneamente, tem reduzido seu aspecto cultural à apreensão folclórica e descontextualizada, que representaria tradições antigas por meio de simbologias até certo ponto românticas (KANITZ, 2011).⁵⁷

A capoeira passou a ser percebida como um esporte popular, com vigoroso substrato cultural, que suscitaria nos aprendizes interesses maiores que aprender golpes e movimentos. Ampliou-se, assim, o conceito da capoeira enquanto um instrumento completo de educação integral dos jovens estudantes. Essa aproximação do universo da capoeira com as escolas e suas construções sistemáticas de ensino e aprendizagem alteraram a divulgação da capoeira, muitas vezes afastando-a dos ambientes de tradição popular. Por outro lado, o surgimento da Capoeira Angola, pouco disseminada pelo país, não aconteceu por acaso. Em detrimento ao significativo avanço da luta regional na cena cultural da Bahia, no início do século, os antigos mestres de capoeira temiam pelo desaparecimento do “Brinquedo de Angola” (KANITZ, 2011). Pois, muitos capoeiristas não acolheram as mudanças propostas por Mestre Bimba, ao acreditarem que os golpes inspirados em

⁵⁶ MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come**: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

⁵⁷ KANITZ JR, Roberto Malcher. **Capoeira Angola na favela**: juventudes, sentidos e redes sociais. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.

lutas estrangeiras desnaturalizavam e afastavam a capoeira de sua origem africana.

Desse modo, em 1941, por meio de Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha, junto a outros capoeiristas do período, que assumiu a liderança do CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola), nasceria a Capoeira Angola, pois seus praticantes acreditavam que ela era uma atividade herdada dos antepassados Bantos, chamada N'golo. Mestre Pastinha, nascido em 1889, em Salvador, começou seu aprendizado de capoeira com aproximadamente 10 anos. Tal como os antigos mestres, incluindo também Mestre Bimba, aprendeu “de oitiva”, isto é, ao frequentar as rodas da cidade de Salvador. Tal como Mestre Bimba, Mestre Pastinha não concordava com a forma que a capoeira baiana se apresentava no início do século XX, marginalizada, associada aos grupos de desordeiros e aos violentos combates entre si e com a polícia. Para ele, tais práticas não traziam nenhum benefício às formas de resistência da capoeira e sua ascensão social.

Porém, o CECA não foi o primeiro espaço a se dedicar a Capoeira Angola, pois antes dele já existia o centro de Mestre Noronha e Mestre Livino. Outro centro importante de Capoeira Angola formado nessa época foi o terreiro de Mestre Waldemar. Situava-se na Rua Pero Vaz, no bairro da Liberdade, em Salvador. Um barracão construído de madeira com cobertura de palha, cercado por ripas de madeira que separavam os jogadores do restante do público. Nesse lugar foram realizados treinos, rodas de capoeira, de Candomblé e outros tipos de encontros festivos. Assim como Mestre Waldemar, podem ser citados também os mestres Caiçara, Canjiquinha, Cobrinha Verde, entre outros, que pertenceram ao bastião da Capoeira Angola. Outra característica importante na formação da Capoeira Angola é sua proximidade com a intelectualidade da época que a tomou, em comparação à Regional, como representante da capoeira ligada às raízes da cultura africana (ALVAREZ, 2007).⁵⁸

Apesar de considerar a capoeira como esporte, Mestre Pastinha delimitou importantes diferenças com o jogo praticado pela Capoeira Regional, demonstrando a necessidade de marcar as diferenças entre os dois estilos. Seu principal diferencial foi a tentativa de, mesmo empreendendo inúmeras transformações nos fazeres da capoeira, preservar elementos da cultura africana, de sua ancestralidade (ALVAREZ, 2007). Logo, diferente de Mestre Bimba, que procurou divulgar a capoeira como sendo genuinamente brasileira, Mestre Pastinha pretendeu a manter ligada às origens afro brasileiras na vertente Angola. Assim, a Capoeira Angola de Pastinha deu um maior destaque aos

⁵⁸ ALVAREZ, Johnny Menezes. **O aprendizado da Capoeira Angola como cultivo da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ / Instituto de Psicologia, 2007.

elementos ritualísticos, artísticos, políticos e culturais das tradições afro descendentes.

Ao contrário da Capoeira Angola, para Mestre Pastinha, o aluno não deve se dedicar única e exclusivamente a treinamentos atléticos e marciais próprios à prática da capoeira. Esses movimentos, toques e cantos devem ser vivenciados a partir de todas as suas cargas ritualísticas. Ele encontrou nos rituais religiosos do candomblé e dos caboclos, assim como em um ritual de dança e luta praticados na região de Angola, na África, chamado de N'golo, as origens da Capoeira Angola (ALVAREZ, 2007).⁵⁹ Designou o uso de um uniforme para identificar seus alunos: calça preta e camisa amarela, em homenagem às cores de seu clube de coração, Ypiranga Futebol Clube, que também foram proibidos de jogar descalços e sem camisa e, por último, proibiu alguns movimentos.

Mestre Pastinha procurou enfatizar o lado lúdico e artístico da capoeira, destacando os treinos de cantos e toques de instrumentos. Dessa maneira, definiu que os cantos seriam acompanhados de instrumentos, a bateria ou orquestra: três berimbaus (gunga, médio e viola), dois pandeiros, um atabaque, agogô e reco-reco (ALVAREZ, 2007). Destacou a importância dos toques e cantos na condução dos ritmos da roda. Ao mesmo tempo, buscou desvincular a capoeira como arte associada à marginalidade, aos valentões, sendo que deveria ser exercida como meio de se alcançar a integridade física e espiritual. A malícia, mandinga e a ginga passaram a ser interpretadas como conceitos centrais no aprendizado do angoleiro, que deveriam ser usadas nos golpes, nas defesas e contragolpes. Era preciso iludir o adversário, evitando, portanto, movimentos mecânicos e previsíveis. Logo, seus treinos não eram voltados para a repetição automática e mecânica dos exercícios, mas uma expressão de estilos próprios.

Ao tratar a capoeira como um rito, Mestre Pastinha procurou impedir sua completa absorção às práticas físico-desportiva-marciais. Para ele, a capoeira é, sem dúvida, uma atividade física, um esporte e uma luta, mas é, acima de tudo, uma reza, um lamento, uma brincadeira, uma resistência, uma vadiação, uma dança, um canto, uma comunhão (ALVAREZ, 2007). Houve grande enfoque para a recuperação dos antigos modos de aprender capoeira, pois “as regras do jogo da capoeira devem se inscrever no corpo do capoeirista, sem necessidade de uma apreensão intelectual delas” (ALVAREZ, 2007, p. 54). Assim, cabe ao angoleiro, centrado na sua referência corporal, construir seu aprendizado, que ocorrerá sempre de modo singular. ALVAREZ (2007) indica que os aprendizes são forçados a abrir-se às experiências de improviso, comum à vadiação. Esse processo busca recuperar

⁵⁹ ALVAREZ, Johnny Menezes. **O aprendizado da Capoeira Angola como cultivo da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ / Instituto de Psicologia, 2007.

na capoeira os aspectos lúdicos, da brincadeira, da mandinga, da manha e da criatividade. Por outro lado, ao mestre não caberia a arrogância de adequar os aprendizes a um esquema sistemático e automático de movimentos sincronizados, mas oferecer exemplos e oportunidades para que o aprendiz encontre o seu jogo.

Portanto, a Capoeira Angola inaugurou uma vertente próxima de aspectos culturais enquanto a luta Regional se aproximou das estratégias percebidas nas artes marciais, que integram a educação física, incorporando, inclusive, alguns golpes destas. Mestre Bimba e Mestre Pastinha, ao romperem com a ideia da capoeira praticada pelo sujeito marginalizado, disseminaram o jogo e a cultura que perpassam essa forma de expressão. As duas vertentes não permaneceram fiéis aos ensinamentos de seus criadores, uma vez que cada mestre de Capoeira desenvolve um estilo próprio de jogar e lutar e um estilo próprio de transmitir esse conhecimento.

3. A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO

3.1. Análise bibliográfica

Como constatado no exercício de pesquisa e levantamento de fontes bibliográficas, a capoeira ainda não apresenta uma ampla abordagem como eixo temático para pesquisas no Espírito Santo. No entanto, faz-se necessário pontuar que os trabalhos de Loureiro e Campos (2009)⁶⁰, Melo, Costa, Santos e Neto (2010)⁶¹ e Aguiar (2007d)⁶² realizam uma contextualização histórica sobre a forma de expressão no Espírito Santo e foram explorados como importantes instrumentos para o direcionamento do trabalho de pesquisa e de compreensão da prática da capoeira no território capixaba.

Melo, Costa, Santos e Neto (2010) propõem-se a analisar os motivos que geram a rivalidade entre os grupos de capoeira da cidade de Piúma. As fontes escolhidas foram entrevistas realizadas com um total de 16 professores de capoeira dos grupos sediados na cidade, buscando analisar os discursos desses agentes a fim de identificar as relações de poder. É justificada a opção pelo estudo específico nessa cidade pela facilidade no contato com os professores e grupos de capoeira, em função do conhecimento por parte de alguns dos autores dessas pessoas e entidades.

O texto introdutório do artigo realiza uma narração breve acerca da prática da capoeira no Brasil, chamando atenção à mudança no status da prática, que se transmutou da ilegalidade no final do século XIX, quando era proibida pelo código criminal brasileiro, até o seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro, no século XXI. Os autores tratam da produção historiográfica que aborda questões ligadas às noções de rivalidade e de violência relativas à prática da capoeira.

A análise das entrevistas direciona ao entendimento de que a rivalidade intergrupar está associada à prática da capoeira, de forma direta e indissociável. A capoeira, para os autores, tem na rivalidade um elemento chave, motivador da melhoria da técnica. Logo, os agentes praticantes da capoeira, conforme o grupo estudado, assumem e tratam a rivalidade como um fator positivo na reprodução da forma de expressão. Nas entrevistas, são notados exemplos claros de como as relações conflitivas são justificadas pelos capoeiristas como algo inato e inseparável dessa prática cultural. A

⁶⁰ LOUREIRO, F. L.; CAMPOS, A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. **Pesquisa em Debate**. São Paulo. Edição Especial. 2009.

⁶¹ MELLO, A. da S.; COSTA, F. R. da.; SANTOS, W dos.; NETO, A. F. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.

⁶² AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

justificação da rivalidade e da violência é percebida como um fator essencial que concede legitimação aos grupos de capoeira. Este é o objetivo maior que se relaciona a esta manutenção da rivalidade: o reconhecimento social mais amplo e claro, pelos grupos rivais. Reconhecimento este que se dá além do respeito, pelo medo do embate.

Melo, Costa, Santos e Neto (2010)⁶³, pensando para além da questão da legitimidade, tratam de outro fator importante à compreensão da rivalidade entre os grupos, qual seja a justificativa de cada grupo para a sua relação conflituosa para com o outro. O artigo sugere que os praticantes mais velhos pretendem, assim, o respeito por meio da hierarquia. Os praticantes mais antigos exigem serem respeitados pelo tempo que praticam a capoeira. Os mais novos, por sua vez, crêem que a prática da capoeira não deve ser pautada no tempo que uma pessoa pratica, mas sim na qualidade técnica que do capoeirista ao se apresentar.

Por fim, o texto trata das possibilidades de entendimento entre os grupos. Por meio das entrevistas realizadas, compreendem que os agentes praticantes acreditam ser possível uma unificação e o fim das disputas. Concluem que a rivalidade entre os grupos de capoeira contribui para uma imagem pejorativa da forma de expressão. Os autores consideram que a capoeira ainda carrega um estigma da violência, como em seus primórdios.

Loureiro e Campos (2009)⁶⁴ abordam questões ligadas à prática da capoeira no município de São Mateus, na porção Norte do Espírito Santo. Para a realização da pesquisa os autores recorreram a uma série de discussões, nas quais objetivaram fundamentar as suas proposições acerca do tema. Desta forma, os autores discutem, inicialmente, as tradições culturais negras presentes na cultura capixaba, sobretudo na região Norte do estado, onde, segundo Loureiro e Campos (2009), ocorreu um grande trânsito de população africana advinda do tráfico colonial de escravos. A prática da capoeira, conforme os autores, por um longo tempo foi negada e escondida, devido às proibições legais e ao preconceito social, com seu deslocamento de manifestação cultural herdada dos africanos escravizados para uma aproximação ao esporte.

Os autores, após a reflexão inicial, debatem aspectos ligados à identidade cultural, pautando-se em autores como Stuart Hall, Castells e Roberto da Matta. Com esta discussão, tem-se o objetivo de refletir acerca do viés identitário existente na prática da capoeira, especialmente por ter origem

⁶³ MELLO, A. da S.; COSTA, F. R. da.; SANTOS, W dos.; NETO, A. F. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.

⁶⁴ LOUREIRO, F. L.; CAMPOS, A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. **Pesquisa em Debate**. São Paulo. Edição Especial. 2009.

africana e caracterizada como forma de expressão genuinamente brasileira, que nasceu a partir dos contextos socioculturais e históricos que envolveram a migração involuntária de uma grande massa de negros ao Brasil, ao longo do processo colonizador português. Para tanto, Loureiro e Campos (2009)⁶⁵ abordam a relação entre identidade, sociedade e cultura em São Mateus, desenvolvendo um resumo histórico da formação do Espírito Santo, com o objetivo de basear a discussão sobre a permanência dos elementos da cultura negra no estado e, mais especificamente, na região de São Mateus.

Seguem discutindo acerca do distanciamento da noção de pertencimento associado à capoeira, bem como sobre a ausência do poder público no intento de preservação da cultura negra e, especialmente, em relação à capoeira. Ainda assim, os autores assinalam para a relação existente entre a capoeira e o poder público, destacando as formas de tratamento da prática pelos Ministérios da Cultura e dos Esportes. Os autores chamam a atenção para a diminuição de uma abordagem cultural em detrimento do aumento da abordagem esportiva da capoeira e os reflexos que esta mudança de perspectiva acarreta na valorização da forma de expressão no Brasil. É tratada, ainda, a importância de alguns agentes no processo de disseminação e legitimação da capoeira como prática cultural. Nesse sentido, são citados os mestres Bimba e Pastinha, reconhecidos como importantes promotores da capoeira no Brasil. Neste sentido, a ascensão e o alcance de legitimidade da capoeira nas décadas de 80 e 90 do século XX, épocas pontuadas como de disseminação e valorização dessa prática cultural no país. Os autores concluem a primeira parte do artigo chamando a atenção para o aumento do interesse acadêmico em relação à capoeira nas duas últimas décadas do século XX, o que, para Loureiro e Campos (2009), influenciou no processo de aceitação da capoeira como prática cultural e esportiva nas grandes cidades, e, conseqüentemente, o aumento do número de praticantes.

Loureiro e Campos (2009) prosseguem discutindo de forma mais específica a capoeira no município de São Mateus. Nesse sentido, exercem um trabalho de enquadramento da capoeira como prática de resistência ao cenário da escravidão no Espírito Santo. É lembrando, no entanto, que pouco se sabe sobre o surgimento dessa prática cultural no estado. É salientado que a capoeira teve um impulso em sua reprodução no interior do estado a partir da década de 1960, tendo como ponto irradiador a capital Vitória e, a partir daí, voltando ao interior por praticantes que retornavam aos

⁶⁵ LOUREIRO, F. L.; CAMPOS, A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. **Pesquisa em Debate**. São Paulo. Edição Especial. 2009.

seus locais de origem, dando início a um novo ciclo de desenvolvimento da forma de expressão. Loureiro e Campos (2009) chamam a atenção para uma relação íntima entre a capoeira praticada em Vitória daquela existente na cidade do Rio de Janeiro. São citados alguns nomes importantes responsáveis pela disseminação da capoeira no estado, entre as décadas de 1960 e 1990, bem como fazem referência à Teodorinho Trinca Ferro, tratado como o mais importante mestre de capoeira da cidade de São Mateus e mais antigo capoeirista de que se tem notícia no Espírito Santo.

Por fim, Loureiro e Campos (2009) consideram a falta de políticas de incentivo por parte do poder público, a fim de garantir a continuidade da prática da capoeira no Espírito Santo. Desta forma, os autores chamam a atenção para ações que poderiam fortalecer o reconhecimento da capoeira na cidade de São Mateus, visando, assim, destacá-la como elemento cultural na composição da identidade municipal.

Foram identificadas quatro obras de Aguiar (2007)⁶⁶ que tratam dos seguintes personagens do município de São Mateus: Beatinho de São Benedito, Negro Rugério, Constância de Angola e Teodorinho Trinca-Ferro. Os livros baseados em memórias integram a série “História dos Quilombolas”, fruto de pesquisas empreendidas por Maciel de Aguiar, natural da cidade de Conceição da Barra, litoral Norte do Espírito Santo. O autor realizou um trabalho de registro memorialístico da cultura afro-brasileira no Sapê do Norte, a partir de pesquisa documental e, principalmente, por meio de entrevistas com homens e mulheres naturais do Vale do Cricaré. Assim, seu objetivo é narrar as trajetórias dos personagens, ao mesmo tempo em que lança luz sobre uma série de questões que versam sobre a condição social, cultural e econômica de africanos escravizados na região de São Mateus. É fundamental pontuar que Maciel de Aguiar pretende com suas obras contribuir para a construção da narrativa histórica da resistência negra do Vale do Cricaré, buscando um estudo de caráter historiográfico, baseado em obras canônicas da historiografia brasileira, mas, no entanto, tendo como produto final um texto que perpassa a literatura memorialística, uma vez que as histórias narradas pelo autor apresentam-se, em muitos momentos, como registros da memória construída por descendentes de afro-brasileiros da região do Vale do Cricaré.

⁶⁶ AGUIAR, Maciel de. **Constância Angola**. São Mateus: Memorial, 2007b; AGUIAR, Maciel de. **Beatinho de São Benedito**. São Mateus: Memorial, 2007a; AGUIAR, Maciel de. **Negro Rugério**. São Mateus: Memorial, 2007c; AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

No livro sobre o personagem do Beatinho de São Benedito⁶⁷ o autor conta que o protagonista da história, nascido após proclamação da Lei do Ventre Livre no ano de 1871, foi doado por sua mãe a um homem negro alforriado que o criou até idade adulta. A opção da doação do menino deu-se pelo risco do eminente infanticídio cometido contra as crianças negras filhas de mulheres escravizadas da região de São Mateus, como narra o autor, prática comum na época tomada pelos senhores de escravos inconformados com a perda econômica representada pela lei de 1871.

O personagem, sobrevivente deste trágico contexto, engajou-se quando adulto, primeiramente, com a difusão da fé em São Benedito e com o recolhimento de esmola para a realização da festa em louvor ao santo. Posteriormente, a partir do ano de 1888, ocupou-se da propagação da boa nova da libertação dos escravizados. Sua condição de destaque frente à comunidade negra da região gerou a preocupação de alguns setores da sociedade escravocrata e do governo local, que passaram a perseguir e tratar Beatinho como um agitador da ordem pública, mesmo que a sua atuação política e religiosa não remetesse a atos ilegais perante a legislação brasileira do período. O homem foi perseguido por chefes de polícia de São Mateus e por fazendeiros locais inconformados com o fim da escravidão.

Ao tratar da centralidade do personagem dentro da trama sociocultural da região, Maciel de Aguiar (2007a) aborda a ocorrência de algumas manifestações culturais de origem afro-brasileira na localidade, como o Jongo, ao mesmo tempo em que ressalta a proibição de outras práticas culturais nas reuniões e festividades negras celebradas em São Mateus à época. O autor ressalta a proibição da prática da capoeira nestas festas, interpretada pelo poder público de São Mateus, assim como em outras localidades do Brasil, no final do século XIX e início do XX, como prática cultural degradante e ameaçadora da ordem pública. Esta questão tratada por Aguiar (2007a) em sua narrativa denota a ocorrência da capoeira na região do Vale do Rio Cricaré, compreendido entre os atuais limites geográficos dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus.

Na obra sobre Negro Rugério (AGUIAR, 2007c)⁶⁸, o autor desenvolve uma narrativa sobre a atuação política e econômica do referido personagem. Para este exercício, Aguiar (2007c) inicia o texto tratando sobre a importância dos quilombos como movimentos de resistência negra na formação socioeconômica e cultural brasileira. A opção em discutir tal temática está associada à atuação de Negro Rugério como um importante líder da resistência dos negros escravizados no Vale do Rio

⁶⁷ AGUIAR, Maciel de. **Beatinho de São Benedito**. São Mateus: Memorial, 2007a.

⁶⁸ AGUIAR, Maciel de. **Negro Rugério**. São Mateus: Memorial, 2007c.

Cricaré, a partir do comando do Quilombo do Morro, formado por escravos fugidos, no segundo quartel do século XIX. A habilidade produtiva e econômica do personagem, ligada a sua desenvoltura como farinheiro e também como agente negociador da produção com os compradores da produção de farinha, bem como sua habilidade política em negociar a manutenção de um quilombo em pleno período escravocrata, no interior de uma grande propriedade agrária, credenciaram Negro Rugério como uma das mais proeminentes lideranças da resistência negra à escravidão no Vale do Rio Cricaré.

A partir desses eixos temáticos, Aguiar (2007c)⁶⁹ apresenta o contexto no qual está inserido o nascimento do Quilombo do Morro nas terras de uma senhora de escravos denominada Dona Rita Cunha, liderança política de São Mateus na condição de líder do Partido Liberal. O autor chama a atenção à atuação política de Cunha em um período em que os direitos eleitorais eram negados às mulheres, com Dona Rita Cunha superando essa questão por meio de sua proeminente posse econômica. É nessa conjuntura que a fabricação de farinha de mandioca da comunidade negra se estabelece como atividade comercial proeminente na região, sendo que esta atividade possibilitou ao líder do grupo, Negro Rugério, realizar negociações com a supracitada senhora de escravos no sentido de obter proteção política e, assim, garantir a liberdade dos escravos foragidos que se reuniram no Quilombo do Morro.

Negro Rugério se envolveu, então, em uma negociação na qual a produção de farinha era vendida a Dona Rita Cunha, que a comercializava com os mercados consumidores regionais. O ganho obtido na transação econômica entre o quilombo e a senhora de escravos seria destinada ao pagamento da alforria dos moradores do Quilombo do Morro. Na continuidade deste processo, Aguiar (2007c) aborda a mudança de atuação de Negro Rugério que, atraído pela possibilidade de maiores ganhos e poder, iniciou um processo de super exploração dos quilombolas produtores de farinha e por ele gerenciados.

O Quilombo do Morro, que inicialmente remetia a uma comunidade com princípios igualitários, apresentou os moldes da exploração senhorial branca. Após a morte de Dona Rita Cunha, o quilombo passou por um período de estagnação econômica, o que obrigou a Negro Rugério a reconsiderar a sua forma de atuação como líder e tentar preservar a comunidade, agora sem um acordo econômico que garantisse a sua manutenção e sem a proteção política representada outrora pelo acordo com Dona Rita Cunha. No entanto, desprovido de capital e de apoio político, a

⁶⁹ AGUIAR, Maciel de. **Negro Rugério**. São Mateus: Memorial, 2007c.

estrutura se enfraqueceu a sucumbiu ao intento governamental de desarticulação dessa comunidade negra, em 26 de julho de 1881, conforme Aguiar (2007c).

Para além das questões econômicas e políticas que envolveram a atuação de Negro Rugério como agente líder da resistência negra na região do Vale do Rio Cricaré, o livro de Maciel de Aguiar (2007c) concede indícios sobre as formas de atuação da comunidade negra no Espírito Santo, oxigenando o debate sobre as manifestações socioculturais desenvolvidas no estado ao longo do tempo, como é o caso da prática da capoeira, manifestação genuína da formação afro-brasileira. Especificamente nesta obra, a atuação cultural negra não é tratada como tema principal, no entanto, contribuem objetivamente para o empreendimento de pesquisas que tenham como foco o desenvolvimento de práticas culturais, como é o objetivo deste trabalho.

Em outra obra, Aguiar (2007b)⁷⁰ propõe-se a narrar a história de Constância Angola, apresentando ao leitor o processo que envolve a trágica história de uma escrava negra que teve o seu filho recém nascido assassinado a mando de sua senhora, no contexto marcado pela Lei do Ventre Livre. O autor aborda, ainda, as formas de atuação econômica senhorial na região do Vale do Rio do Cricaré, estabelecida por meio da venda de filhos das escravas das quais tinham a posse. Esta prática teria se estabelecido, segundo o autor, em função da proibição do tráfico negreiro a partir da metade do século XIX, o que dificultava a continuidade do uso de mão de obra cativa nas unidades de produção rural da região. Após o período compreendido entre meados de 1850 até 1871, quando ocorreu a sedimentação da Lei do Ventre Livre, os filhos de escravos que, anteriormente, poderiam ser comercializados pelos senhores, passaram a figurar como um fardo econômico e, conseqüentemente, a serem vitimados pela truculência dos feitores.

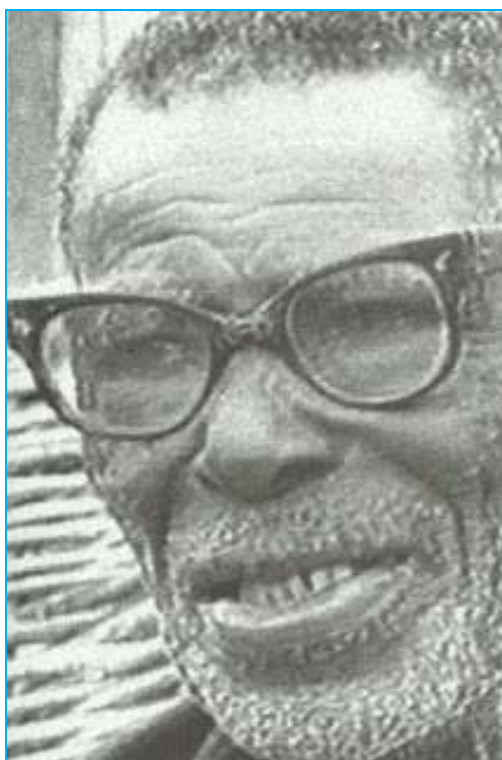
Assim, tendo o seu filho recém-nascido morto de forma brutal a mando de sua senhora, Constância de Angola envolveu-se de forma efetiva com a resistência dos cativos. Após fugir da propriedade onde era explorada como escrava, passou a atuar como agente da resistência escrava na região do Vale do Cricaré, sendo perseguida, presa e, posteriormente, responsável pela morte de um dos mais temidos capitães do mato que atuavam na caça e repressão aos movimentos escravos de resistência, denominado Zé Diabo.

Apesar das questões ligadas à transitoriedade da obra que a situam entre a história da resistência negra no Vale do Cricaré e a literatura romanceada sobre este tema, o livro tem importância por

⁷⁰ AGUIAR, Maciel de. **Constância Angola**. São Mateus: Memorial, 2007b.

tratar de várias questões ligadas ao contexto sociocultural a partir da qual a cultura afro-brasileira desenvolveu-se no litoral Norte do Espírito Santo. Nesse sentido, nota-se, por exemplo, a associação da personagem em questão a prática da Capoeira Angola como instrumento de defesa pessoal contra as ameaças representadas pela estrutura escravocrata a qual Constância Angola se empenhou em resistir.

Interessa a este estudo, sobretudo, a obra de Aguiar (2007d)⁷¹ que aborda a vida de Teodorinho Trinca-Ferro, visto tratar-se do capoeirista capixaba mais antigo de que se obteve informações. Assim, a sessão adiante aprofunda a história da capoeira no Espírito Santo tomando como referência, justamente, a trajetória de Teodorinho Trinca-Ferro e sua vinculação ao universo da escravidão e da capoeiragem. O capítulo a seguir baseia-se, ainda, em dados complementares recolhidos em campo por ocasião das entrevistas realizadas com mestres de capoeira durante as atividades de campo realizadas em fevereiro de 2015. Nesse sentido, buscou-se uma análise histórica da capoeira tendo como personagem inicial Teodorinho Trinca-Ferro, passando pelos capoeiristas que difundiram a forma de expressão a partir de meados do século XX, em Vitória, chegando aos dias atuais.



Retrato de Teodorinho Trinca-Ferro. Final da década de 1970.

Fonte: Aguiar, 2007d.

⁷¹ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

3.2. De Teodorinho Trinca-Ferro aos dias atuais.

A história da capoeira no estado do Espírito Santo apresenta como característica fundamental uma divisão em dois momentos principais, separados por algumas décadas em que ocorreram o ensino e a prática dessa manifestação cultural e esportiva, ainda que de formas distintas no que diz respeito à aceitação social e à forma como os próprios capoeiristas entendiam a sua atividade. Esses dois momentos, de forma geral, podem ser divididos entre o período datado a partir das décadas finais do século XIX, época em que a escravidão negra do Brasil era tardiamente abolida, em 1888, e os negros lutavam pela legitimação de sua cidadania em uma sociedade marcada por um passado oligárquico, escravista e discriminatório. E um segundo momento, a partir da segunda metade do século XX, quando a prática da capoeira foi retomada já de forma institucionalizada, por meio de grupos e sob a influência dos centros irradiadores da cultura da capoeira como a Bahia, a cidade de Brasília e, essencialmente, a cidade do Rio de Janeiro⁷² Nesse período, observou-se uma menor resistência social e política que marcou a prática cultural nos séculos anteriores.

Inicialmente, volta-se a atenção ao primeiro estágio ao qual a capoeira esteve presente na história capixaba, na ocasião em que era praticada por negros escravizados e seus descendentes, na porção Norte do estado, mais precisamente no Vale do Rio Cricaré, na região da antiga cidade de São Mateus. Esta antiga prática da capoeira tem como característica fundamental a resistência ao legado opressor do regime escravista vigente no Brasil entre o período colonial até o fim da época imperial, que deixou máculas na história brasileira e contribuiu negativamente para a aceitação social e política dos afro descendentes no Brasil. Desta forma, deve-se, em um primeiro instante, salientar a relevante herança sociocultural africana, herança do regime escravista, que deixou marcas indeléveis na cultura brasileira e, conseqüentemente, nas formas de expressão cultural e de sociabilidade presentes na sociedade e na cultura capixaba.

No entanto, apesar de marcante e fundamental ao desenvolvimento da cultura multiétnica⁷³

⁷² Entrevista com o Luís Mauro Pinheiro de Souza (Mestre Militão), em 12/02/2014, na cidade de Linhares-ES. Em sua entrevista, o Mestre Militão Reza Forte afirma que a Capoeira praticada no Espírito Santo na atualidade tem como uma de suas bases fundamentais a forte influência da Capoeira praticada na cidade do Rio de Janeiro. Esta afirmação é confirmada pela trajetória pessoal de muitos dos tradicionais capoeiristas como, por exemplo, os Mestres Beizola e o próprio Militão, naturais da cidade do Rio de Janeiro, emigrados para o estado do Espírito Santo entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 e também em relação a mestre tradicionais naturais do Espírito Santo, como o Mestre Capixaba e Mestre Luiz Paulo, que tiveram como a base de sua formação o contato com o tradicional Grupo Senzala da cidade do Rio de Janeiro.

⁷³ É importante salientar a riqueza cultural encontrada no Espírito Santo, legada pelos sucessivos momentos de migração populacional proveniente de outros continentes, a exemplo da própria migração negra fomentada pela escravidão e também por outros ciclos migratórios como de italianos, essencialmente no contexto da produção

presente no estado do Espírito Santo, este legado sociocultural que envolve uma gama de distintos saberes associados às práticas corporais, como a própria capoeira, além de manifestações artísticas de matriz africana ou afro-brasileiras como danças (a exemplo do Jongo), saberes culinários e práticas religiosas, sofreram, como em todo o território brasileiro, variados tipos de sanções por parte dos poderes constituídos, desde o governo colonial, nos quatro primeiros séculos da colonização, até o período republicano brasileiro⁷⁴, no século XX. É partindo desse pressuposto histórico, necessário ao início de uma reflexão mais ampla acerca da história da capoeira no Espírito Santo, que se pode dar início a uma compreensão mais bem estruturada do processo de intermitência pelo qual a prática da capoeira esteve sujeita no estado.

Como apontado por Loureiro (2008, p.74)⁷⁵, a história da capoeira no estado do Espírito Santo ainda apresenta uma série de lacunas: “A capoeira no Espírito Santo se encontra em grande parte como uma descoberta em curso. Pouco se tem sobre a capoeira no Espírito Santo, em particular no sul do Estado”. A ausência de registros documentais sobre a trajetória dessa forma de expressão no estado representa o principal fator que dificulta o desenvolvimento de trabalhos sobre o tema.

As mais importantes referências encontradas acerca do legado da cultura negra no Espírito Santo, especialmente acerca da capoeira, consistem em relatos orais e memorialísticos, como a coletânea de Maciel de Aguiar, que teve como objetivo desenvolver o registro histórico de importantes personagens da cultura afro descendente no estado, sobretudo no Vale do Cricaré. Dentre as obras do referido autor, chama especial atenção o livro sobre Teodorinho Trinca-Ferro⁷⁶, que trata da trajetória de vida desse personagem, bem como de sua relação com a capoeira.

A narrativa memorialística produzida por Maciel de Aguiar (2007d), a partir de pesquisa pautada em relatos orais do próprio Teodorinho Trinca-Ferro, possibilita um estudo sobre a forma como a capoeira era praticada pelos africanos escravizados e seus descendentes que povoaram o Vale do Rio Cricaré, nos séculos da colonização portuguesa. Chama a atenção o fato de que Teodorinho narra sobre uma capoeira rural, praticada nas matas e roçados, ao passo que no decorrer do século

cafeeira no interior do estado, no início do século XX. A cidade de Venda Nova do Imigrante, como exemplo, é um registro do legado da migração européia italiana para o Espírito Santo.

⁷⁴ A prática da Capoeira nas grandes cidades brasileiras, assim como a realização de Rodas de Samba, por exemplo, são dois dos inúmeros exemplos de prática socioculturais de matriz africana que passaram por grandes e inúmeras privações ao longo de suas histórias primitivas. A Capoeira, especificamente, teve sua prática pública proibida ao longo das décadas finais do século XIX, até a sua aprovação institucional e a consequente retirada do Código Penal Brasileiro pelo governo do Presidente Getúlio Vargas, em meados da década de 1930.

⁷⁵ LOUREIRO, Fábio Luís. **Capoeira e Identidade Cultural**. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos. Universidade São Marcos. São Paulo: 2008.

⁷⁶ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

XX a forma de expressão adquire caráter mais urbano.

A prática da capoeira é tratada no livro como resistência à violência física e as sanções sociais e políticas que oprimiram por anos a liberdade e as formas de expressão dos escravizados e também de seus descendentes livres, sobretudo a partir de 1888 com a abolição da escravidão. Tal questão torna-se flagrante em falas de Teodorinho Trinca-Ferro, presentes no livro de Maciel de Aguiar (2007d), entre elas a passagem em que o autor narra acerca da experiência compartilhada pelo antigo mestre acerca da eficácia da capoeira como forma de defesa em relação à proibição das formas de expressão dos negros capixabas em São Mateus:

Após a abolição, informava o mestre Teodorinho Trinca-Ferro, os negros que conheciam a Capoeira Angola não se sujeitavam a “apanhar de polícia pelo meio da rua”, revidavam as agressões com golpes mortais, e muitos casos de morte violenta foram presenciados pelo mestre, tendo sido, ele próprio, personagem de um caso ocorrido numa noite de Festa de São Benedito. (AGUIAR, 2007d, p. 23).

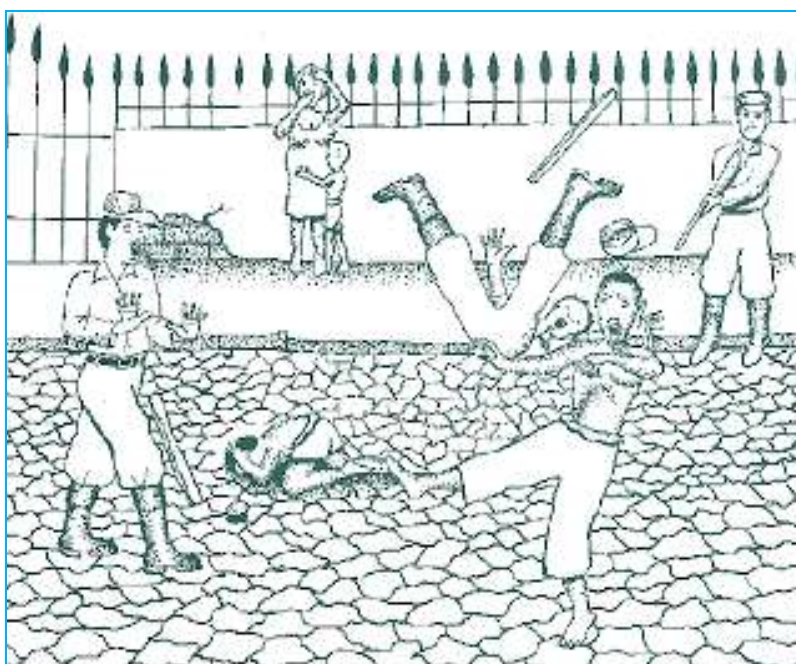


Ilustração representando capoeiristas de São Mateus lutando contra policiais da cidade.

Fonte: Aguiar, 2007d.

Como apresentado pelo autor, o encontro com o Mestre Teodorinho Trinca-Ferro ocorreu em meados de abril do ano de 1978, quando o mestre contava com mais de cem anos de idade e vivia solitariamente em uma pequena propriedade na zona rural do município de São Mateus. Neste encontro, Aguiar (2007d) teve a oportunidade de ter contato com a memória de um dos personagens fundamentais à compreensão e a escrita da história da capoeira capixaba. Em um texto narrativo, o

autor apresenta trechos da entrevista realizada com o Teodorinho Trinca-Ferro, contribuindo, assim, para a compreensão do cenário mais antigo da capoeira no Espírito Santo, marcado, nas últimas décadas do século XIX, pela repressão policial aos negros de uma forma geral, não escapando os praticantes da capoeira que eram essencialmente negros no período.

A narrativa presente no livro de Aguiar (2007d)⁷⁷ dispõe sobre um cenário conflituoso estabelecido entre o poder público e a comunidade afro descendente da cidade de São Mateus, dando indícios sobre as formas de coerção institucionalizadas, representadas pela polícia local, não somente em relação à prática da capoeira, mas também em relação a outras formas de expressão praticada pelos africanos escravizados como, por exemplo, a festa de São Benedito, citada por Teodorinho Trinca-Ferro. No livro, são mencionados os nomes dos principais capoeiristas contemporâneos ao Mestre Teodorinho, tanto daqueles que passaram os ensinamentos da capoeira a ele, bem como de seus aprendizes. No trecho a seguir, destaca-se a menção de Mestre Teodorinho Trinca-Ferro aos principais personagens responsáveis pela transmissão da prática da capoeira a ele no decorrer da sua juventude:

Dos antigos jogadores de Capoeira Angola, que aprenderam a lutar para se defender dos inimigos, recordava-se de alguns, cujas reminiscências transformavam-se em causos que só a memória privilegiada podia resgatar: “Os mestres mesmo eram os velhos africanos, que nunca chegaram a vim pro Brasil, mas, aqui, os que me ensinaram os “golpe” da Capoeira Angola foram os escravos **Zé Pequeno, Boca Preta, Mão de Onça, Calango, Dez Pedacos, Hilário Braúna, Jacaré, João Quebra Coco, Negro Saci, Manoel Mata Onça, Corre Diabo e Clementino Coice de Mula**”, lembrava o mestre. (AGUIAR, 2007d, p. 18). (grifo nosso).

Os personagens acima apresentados são tratados por Teodorinho Trinca-Ferro como entidades de suma importância no que diz respeito ao esforço de resistência à escravização e a repressão das formas de expressões culturais negras na cidade de São Mateus e adjacências, no período derradeiro do regime escravista, que corresponde às décadas finais do século XIX. Aguiar (2007d) salienta a condição de não escravizado de Teodorinho Trinca-Ferro, assegurada por sua data de nascimento, não mencionada, mas que teria ocorrido após a sanção da lei do Ventre Livre, instaurada no Brasil em 27 de maio de 1871.

A narrativa também aponta os nomes daqueles que, segundo o relato de Teodorinho Trinca-Ferro, foram seus aprendizes e responsáveis por defender os negros na resistência às opressões sofridas,

⁷⁷ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

tanto por parte do estado, por meio da polícia local, como também pela sociedade pautada pela perspectiva oligárquica e discriminatória em relação aos afro descendentes, já no período pós-abolição.

Dos meninos que aprenderam com ele a Capoeira Angola, lembrava-se de alguns nomes: **Afonso Brandino (o Vira-Tora), Cisplatino Curió, Pelo Avesso, Otávio Buscapé, Balbino Andreza (o Vagalume), Coração de Seda, João Ferro Velho, Serafim dos Santos, Mateuzinho da Hora, Benedito Gonçalo (o Cana Brava), João Geraldino, Binote Valeriano, Clementino Alexandre (o Tromba D'Água), Arildo Serafim, Zé Apolinário, Ambrósio da Conceição, Benedito Alexandre e Lorenço dos Anjos (o Estica Couro).** (AGUIAR, 2007d, p. 21). (grifo nosso).

De uma forma geral, a obra de Aguiar (2007d)⁷⁸ consiste em texto fundamental ao estudo da história da capoeira no Espírito Santo. Para além do fato de a obra estar focada especificamente na história de vida de um capoeirista tradicional da cidade de São Mateus, o livro concentra a sua importância fundamental no fato de se tratar de um registro quase que solitário acerca da capoeira praticada no estado em fins do século XIX, por apresentar riqueza de detalhes extraídos da memória de um dos mais importantes representantes da cultura negra capixaba. A narrativa da trajetória de vida de Teodorinho Trinca-Ferro, tema central do livro Aguiar (2007d), possibilita o entendimento da importância da capoeira como forma de defesa à pressão sociopolítica e, conseqüentemente, de legitimação de uma forma de expressão cultural de matriz africana historicamente renegada na cultura brasileira ao longo de seu processo de formação. Nesse sentido, torna-se evidente a atenção dada por Aguiar (2007d) ao fato de Teodorinho Trinca-Ferro se referir à capoeira como luta, fundamental à defesa dos interesses da comunidade negra de São Mateus, diferentemente da interpretação contemporânea da capoeira, presente nas concepções atuais acerca da prática no Espírito Santo, que a identificam como uma esporte e expressão cultural, pautada em outros conceitos apartados da ideia de conflito e violência.

Outra questão fundamental no livro de Aguiar (2007d) sobre Teodorinho Trinca-Ferro trata-se do nome pelo qual o mestre identifica a prática da capoeira que exerceu ao longo de sua vida. O personagem, em sua entrevista concedida ao autor, nomeia em vários momentos a capoeira que praticava como “Angola”. Atualmente, entende-se por Capoeira Angola uma forma específica de prática, eternizada pelo ensinamento de Mestre Pastinha, que viveu no início século XX e ensinou na cidade de Salvador. O nome Capoeira Angola, hoje em dia, caracteriza uma forma de prática que

⁷⁸ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

preza por movimentos lentos e ritmados, quase dançados, a partir dos quais não se tem o objetivo de atingir o outro jogador em ação, sem o caráter conflitivo que conforma a Capoeira Angola praticada por Mestre Teodorinho Trinca-Ferro. Aguiar (2007d) destaca ao longo do texto que Teodorinho Trinca-Ferro caracteriza como Capoeira Angola uma forma de prática na qual o objetivo era a defesa e o ataque, usada essencialmente como forma de resistência física à coerção social e política sofrida pelos negros no Vale do Rio Cricaré. Essa questão é de especial interesse por apresentar divergência em relação ao que se entende atualmente por Capoeira Angola e tudo que ela representa no cenário contemporâneo da prática esportiva.

A ausência de referências acerca da continuidade da prática da capoeira pelos alunos de Mestre Teodorinho Trinca-Ferro impossibilitam o desenvolvimento de uma abordagem histórica que trate da continuidade da prática ao longo das décadas seguintes do século XX. Em seu texto, Aguiar (2007d) destaca algumas passagens narradas por Mestre Teodorinho Trinca-Ferro que dão indícios sobre o destino de seus alunos que, possivelmente, deram seguimento à prática da capoeira em São Mateus, contrariando a pressão do poder local, que continuou nos anos seguintes, como no trecho destacado a seguir:

Desses meninos que jogavam Capoeira Angola, “com sentido na verdadeira capoeira”, relembra casos de muitas lutas no Porto de São Mateus, “quando iam pra lá arranjar emprego de carregador e acabava se metendo em encrenca com a polícia”. Naquele tempo, o Porto de São Mateus era dominado pelos grandes comerciantes de farinha de mandioca, café e madeira. Mas nunca nenhum deles “fugiu de briga, mesmo que fosse para enfrentar arma de fogo, não era pra correr do estanho, tinha que desviar da bala; se o tiro fosse de mosquetão, tinha que desviar do chumbo, mas não podia correr, não podia ter medo, tinha que quebrar o inimigo na perna, na cabeçada ou no cutelo”, garantia o mestre.” (AGUIAR, 2007d, p. 21).⁷⁹

Com o avançar do tempo, a capoeira praticada no estado do Espírito Santo passou, então, por um período no qual não é possível saber ao certo em quais condições fora praticada, dado a ausência de referências históricas, sejam elas de caráter bibliográfico ou documental, sobre a continuidade da prática entre as décadas iniciais do século XX até o final da década de 1960. A procura por indícios da prática da capoeira levou ao contato com os mestres que hoje se encontram na faixa dos cinquenta anos de idade, tendo alguns deles cerca de quarenta anos dedicados à capoeira. Nas entrevistas, foram concedidos relatos dos mestres que se configuram como referências atuais da

⁷⁹ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

capoeira capixaba, que falaram sobre o cenário da prática nas últimas décadas no Espírito Santo. As entrevistas apontam para um panorama que, a partir essencialmente da década de 1970, a capoeira praticada no estado esteve em um processo de franca ascensão, marcada pelo aumento relativo do número de praticantes, ainda que caracterizada por momentos de conflito entre os capoeiristas, separados por grupos.

É interessante observar que esta característica conflitiva da capoeira praticada nas décadas de 70 e 80 do século XX no Espírito Santo, se assemelha à forma de prática dos períodos finais do século XIX e início do século XX, marcada pela violência, como relatado pela experiência do antigo Mestre Teodorinho Trinca-Ferro. A diferença, no entanto, consiste nas formas de violência aplicadas em cada tempo. No período mais remoto, os conflitos se davam entre os capoeiristas e o estado/sociedade. Já no século XX, observa-se que o cenário violento se estabelece entre os próprios capoeiristas e seus grupos, que se rivalizavam em busca essencialmente de notoriedade junto à comunidade praticante da forma de expressão (MELLO; COSTA; SANTOS; NETO, 2010).⁸⁰

3.3. Localidade Norte

No Norte do estado, o Mestre Militão Reza forte possui grande importância como agente difusor da prática da capoeira a partir da cidade de Linhares, para onde se mudou no ano de 1981, vindo do Rio de Janeiro. A entrevista realizada com Militão apresentou importantes dados a respeito da capoeira que fora praticada nessa região do estado em meados das décadas de 1970 e 1980, uma vez que apontou a existência de um grupo folclórico no qual o ensino da capoeira e de danças folclóricas de matriz afro-brasileiras eram praticadas na cidade de Linhares. O ensino da capoeira em Linhares à época tinha como principal representante Manoel Coelho Brandão, conhecido como Mestre Maneca. Segundo aponta Mestre Militão, Maneca era natural da cidade de Itabuna na Bahia. Em Salvador, o antigo mestre fora aluno do lendário Mestre Bimba, patrono da capoeira Regional, no tradicional Centro de Cultura Física Regional, que formou muitos dos principais mestres de capoeira ao longo do século XX em Salvador. Militão destacou, ainda, que Mestre Maneca representou muito para o desenvolvimento da capoeira capixaba por ter sido pioneiro na prática e ensino da capoeira na cidade de Linhares, apontada por ele como uma cidade “Racista”⁸¹ e pouco aberta às expressões culturais de matriz afro-brasileira.

⁸⁰ MELLO, A. da S.; COSTA, F. R. da.; SANTOS, W dos.; NETO, A. F. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.

⁸¹ SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

Outro fator de destaque presente na entrevista realizada com Mestre Militão está baseado na sua rica experiência pessoal em sua formação como capoeirista. Segundo relatou, sua relação inicial com a capoeira foi iniciada em sua cidade natal, Rio de Janeiro, no ano de 1966, quando contava com a idade de cinco anos, e deu-se a partir dos ensinamentos de seu avô, que fora escravo no período imperial brasileiro. Seu avô, segundo ele, lhe ensinava os movimentos da capoeira escondido em um quarto, visto que não queria que outros soubessem o que estava repassando ao menino, devido ao fato da forma de expressão ser bastante recriminada nessa época. Após o aprendizado com seu avô, Militão disse que continuou sua formação como capoeirista ao longo da década de 1970, ainda no Rio de Janeiro, quando fora aluno de Mestre Pantera, tradicional mestre de capoeira na capital fluminense.

Após sua mudança para a cidade de Linhares, no ano de 1981, Militão associou-se ao grupo coordenado por Mestre Maneca. Na localidade deu continuidade a capoeira a partir do ensino da prática tanto na cidade de Linhares, quanto em São Mateus. Em Linhares, o mestre aponta para sua atuação como professor de capoeira no antigo Clube Juparanã, que teve seu nome alterado para Linhares Karatê Clube, tendo fundado o Grupo Descendentes de Pantera em alusão ao nome de seu antigo mestre. Atualmente, apesar da continuidade do Grupo Descendentes de Pantera por alguns de seus ex-alunos, Mestre Militão fundou o Grupo Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental, criado a partir de seu trabalho nas cidades de Linhares e São Mateus.

Mestre Militão Reza Forte apresentou na entrevista sua concepção acerca das diferenças entre as formas de prática de capoeira presentes na atualidade entre as cidades do Norte, da região de Vitória e do sul do estado. Na compreensão dele, as formas de aproximação dos capoeiristas de cada região a outros pólos de prática da capoeira no Brasil, mas precisamente o Rio de Janeiro, a partir dos Grupos Senzala e Abadá por meio dos mestres Luiz Paulo e Capixaba, respectivamente, criaram diferenças pontuais nas formas de se jogar capoeira entre os praticantes do Norte e da região de Vitória, como é possível observar no trecho destacado.

A capoeira de Vitória, ela pegou uma linhagem assim da Senzala e do Abadá. Uma capoeira massificada, uma linha... A capoeira do Norte, a minha capoeira, ela não tem essa linha, ela tem versatilidade. Não tem aquele negócio de treinar um sistema. Pra que? Para que você não fique, né... Quando você vai fazer um movimento ou outro já sabe o que você vai fazer. Então se você observar esses grupos que acompanharam essa linhagem da Senzala, do Abadá, do Beribazu, você sabe tudo que eles vão fazer. Agora, a nossa capoeira, você não sabe.⁸²

⁸² SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

Na década de 1990, outros grupos foram sendo criados, atendendo a demanda de alunos à procura de mais centros de aprendizado da prática esportiva no estado. Mestre Capixaba, antes de sua mudança para o Norte do Espírito Santo, apontou para a fundação por ele próprio do Grupo A. C.A.P.O.E.I.R.A. (Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e Incentivo a Raiz Afro-Brasileira).

Outra grande influência sofrida pela prática da capoeira na região norte do Estado está ligada a mudança dos Irmãos Paulo Flores e Rafael Flores da cidade do Rio de Janeiro para o povoado de Santa Luzia do Norte, que pertence ao município de Ecoporanga, no Espírito Santo. Os dois irmãos, que em meados da década de 1960 foram responsáveis pela fundação do Grupo Senzala na cidade do Rio de Janeiro, optaram por passar a viver no interior do Estado do Espírito Santo em função da aquisição de uma propriedade rural pela Família Flores, na qual ainda hoje vivem os capoeiristas.



F1-A2-336 - Paulo Flores, à esquerda, e Rafael Flores, à direita, 25/05/2015.

O afastamento de Rafael e Paulo Flores do Grupo Senzala proporcionou o desenvolvimento por parte dos irmãos de um projeto de capoeira no pequeno povoado capixaba na década de 1970 e que hoje representa um importante polo difusor da prática esportiva e cultural nesta região interiorana instada entre a divisa dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo.

Trata-se do Centro Cultural Patrimônio dos Pretos, um espaço destinado à capoeira e de outras formas de expressão cultural e artística como a dança e a música. Apesar de afastado em habitualmente da capoeira, a atuação dos irmãos Flores deve ser destacada como uma importante referência a prática do esporte na região norte do Estado em função da importância de Rafael Flores e Paulo Flores como agentes do processo de difusão da forma de expressão por meio da fundação do Grupo Senzala na cidade do Rio de Janeiro.

Como indicado na entrevista realizada com os dois irmãos, que ocorreu no próprio Centro Cultural Patrimônio dos Pretos, no mês de maio de 2015, a relação deles com a capoeira nasceu do interesse despertado ainda no período em que viviam na cidade natal, Salvador, onde tiveram oportunidade inclusive de ser alunos de Mestre Bimba, reconhecido como patrono na capoeira Regional. Jovens de classe média alta, Rafael e Paulo Flores se mudaram para a cidade do Rio de Janeiro em função da necessidade da família, levando consigo a cultura baiana para região sudeste e a implantando na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras, onde moravam, por meio da fundação do Grupo Senzala, no ano de 1966.



Rafael Flores, à direita, em aula com Mestre Bimba, patrono da Capoeira Regional em Salvador na década de 1970.

Fonte: Acervo pessoal de Rafael Flores.

3.3.1. Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Norte

Mestre Militão Reza Forte

**Grupo Associação Reza Forte de Capoeira
Difusão Cultural e Socioambiental**



F1-A2-1 - Mestre Militão

Luís Mauro Pinheiro de Souza, o Mestre Militão, nasceu em 22/08/1960, no Rio de Janeiro. Tijucano, foi criado no Morro da Chacrinha, entre o Morro do Salgueiro e do Turano, considerado o morro mais tranquilo da cidade. O primeiro contato com a capoeira deu-se no recinto familiar, por meio de seu avô, Maximiliano, conhecido como negro Massu ou vovô Massu. Ex-escravo, Massu teria fugido da fazenda para a Floresta da Tijuca, atual Morro da Chacrinha. Após a abolição da escravatura continuou a residir no local e ali constituiu família. Em 1966, por volta dos 110 anos, mais de cinquenta netos, escolheu Luís Mauro como o único neto a receber o ensino da capoeira. Aos seis anos de idade, Luís Mauro, escolhido por sua característica rebeldia, passou a treinar capoeira em segredo com seu avô trancados em um quarto, sendo que apenas a avó sabia o quê os dois faziam durante a oração do terço, realizada diariamente às 18:00h.

O treinamento era realizado em silêncio, de modo que Luís só conheceu o berimbau após o falecimento do avô. Com o avô aprendeu os movimentos, mas desconhecia o jogo de roda e o significado da capoeira. O avô paterno impunha o aprendizado em segredo, devido a grande perseguição que a capoeira sofria no período. Filho de escravos africanos, nascido na fazenda no Rio de Janeiro, falava muitos dialetos africanos e um pouco de francês, porém pouco português. O negro Massu não revelou com quem ou onde aprendeu a capoeira, mas sempre dizia que este conhecimento “era feito para a vida toda”. A família por parte materna era do Espírito Santo, de Muqui, conhecida pelo sobrenome Rosa.

Mestre Militão dividia os treinos com o trabalho de pescador que realizava quando criança. Com a morte do avô, Luís Mauro continuou o treinamento restrito aos movimentos que havia aprendido. Em 1973, conheceu o Mestre Pantera, que se casou com uma moça do Morro da Chacrinha, sendo seu primeiro aluno no local. Mestre Pantera foi formado pelo Mestre Poeira, morador da Vila Vintém na comunidade de Padre Miguel, sendo que foi aluno do Mestre Roque, que descende do lendário Mestre Besouro, de Santo Amaro na Bahia. Desse modo, ao referir-se sobre sua linhagem, Mestre Militão Reza Forte afirmou que possui duas raízes: a primitiva, fornecida por seu avô; e a raiz do Mestre Pantera, que remonta ao Mestre Besouro, em terras baianas.

Devido à perseguição, em meados do século XX, as rodas de capoeira aconteciam em pontos estratégicos da cidade: na Quinta da Boa Vista e na Central do Brasil. No início, Luís apenas assistia aos jogos. As rodas não eram divididas segundo a modalidade Angola ou Regional. Trabalhava-se a capoeira na sua integridade. A chegada de Pantera possibilitou o progresso de seu aprendizado na capoeiragem. As aulas foram ministradas em um descampado no morro. Como o cimento era caro, o local foi construído com pedras e a iluminação feita por tochas e lamparinas. Um tablado passou a ser usado depois, reaproveitado do casamento do Mestre Pantera. Ali fora montada uma academia de capoeira.

Nesse período, entre os quinze e dezesseis anos, Luís Mauro trabalhou como estivador, no cais do porto. Depois como entregador de livros. Também chegou a jogar como voluntário no Fluminense, ocupando a posição de goleiro. Foi por causa do emprego em uma editora de livros que recebeu o apelido de Reza Forte devido ao fato de que, na época em que fazia as entregas de livros, havia muito assalto em ônibus e a maioria dos funcionários da Editora Arantes, localizada no Jacarezinho, reclamavam da dificuldade de realizar o trabalho, menos ele. Questionado sobre o motivo do sucesso de seu trabalho, ao conseguir fazer as suas entregas e as dos demais em tempo hábil, ele disse que, trajado como capoeirista, portando sempre o berimbau, sua aparência favorecia sua segurança ao andar com as encomendas. Disseram que ele possuía “Reza Forte” e o apelido ficou conhecido na empresa. A alcunha de Militão fora dada muito antes, pela família, por imposição dos avôs por causa da data de seu aniversário ser próxima ao dia do soldado.

Mestre Militão chegou a servir no exército, fazendo diversos cursos na área de transportes e sobrevivência na selva. Mas, os treinos de capoeira nunca pararam, ao contrário. Do descampado do morro, passou a treinar em um sobrado, na rua Aguiar, nº28, no Rio de Janeiro. O grupo do Mestre Pantera, Associação de Capoeira Descendentes do Pantera, também treinou no Bloco Cara

de Boi e depois no Colégio Aplicação, quando começaram a dar aulas na zona sul.

Destacou que, a partir da década de 1970, os capoeiras passaram a buscar seu reconhecimento e enfrentar a repressão sofrida. Desse modo, cada capoeirista portava seu berimbau e, em grupos, movimentavam-se pelo Rio de Janeiro. Os mestres, com seus respectivos grupos, encontravam-se na estação da Quinta da Boa Vista, onde misturavam e redividiam os grupos, que eram distribuídos segundo as rodas que aconteciam na cidade. Os jogos começavam às sextas-feiras e terminavam aos domingos. As rodas, normalmente, ocorriam no Aterro do Flamengo, em Madureira, na Central e terminavam em samba no Império ou na Portela. Por conta do grande número de participantes do grupo, os capoeiristas não se sentiam intimidados quando a polícia chegava. Assim, aos poucos impuseram sua presença e desvinculavam a associação da figura do marginal e bandido ao do praticante de capoeira.

As rodas tinham uma hierarquia própria. Enquanto os mestres jogavam, os alunos não podiam cantar, apenas respondiam ao coro, batendo palmas e tocando o pandeiro. Aluno sem graduação não podia tocar berimbau. Mestre Militão relatou que se reuniam para fazer o jogo do Tico-Tico e arrecadar algum dinheiro: tratava-se de uma encenação em que dois integrantes simulavam uma briga e as pessoas que assistiam tinham costume de jogar dinheiro para que fosse apanhado com a boca. Ao final, o valor era dividido entre todos.

Devido ao seu progresso na capoeira e na evolução do grupo, Militão conseguiu formar uma roda de capoeira no Arpoador, zona sul do Rio de Janeiro. Diversos grupos participavam, porém nem todos com a intenção de jogar Capoeira, a exemplo dos integrantes do Grupo Senzala. Por causa das confusões que causavam nessa roda, foram intimidados por bandidos do Canta Galo e do Pavão a se afastarem do local. “Depois de um certo tempo, essa roda acabou e depois que saí do Rio de Janeiro, por cinco anos trabalhei como militar até o dia em desisti da carreira e me mudei para o Espírito Santo.”⁸³

Na década de 1980, Mestre Militão esteve na cidade de Linhares a passeio, mas acabou permanecendo na região. À época, o Mestre Maneca, Manuel Coelho Brandão, aluno de Mestre Bimba, fazia alguns eventos de capoeira na região, mantendo-se fiel à prática da Capoeira Regional, sendo um dos precursores do movimento de capoeira na cidade de São Mateus. Era natural de Itabuna, na Bahia, e trabalhava no Ministério da Agricultura, na EMAR Lavoura Cacauera. Seu grupo

⁸³ SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

treinava ao lado da Igreja Matriz de Linhares, com Mestre Maneca passando uma temporada em São Mateus e outra na Bahia. Quando chegou a Linhares, Militão foi orientado a criar seu próprio grupo, surgindo assim os Descendentes do Pantera. A cidade de São Mateus foi o primeiro local em que começou a dar aulas e onde realizou seu primeiro batizado, em 1984, com a participação de muitos capoeiristas de Vitória. Residente em Linhares, Militão trabalhava no município na zona rural e seguia para São Mateus para dar aulas de capoeira diariamente, o que fez por cerca de três anos.

Com a partida do Mestre Maneca definitivamente para a Bahia, em época não determinada, restaram na cidade seu aluno Lilinho e membros do Grupo Folclórico Linharensense, que desenvolviam um trabalho cultural com a capoeira e a dança. Mestre Militão passou a participar dos trabalhos desse grupo, que foi extinto depois de um tempo. Parte dos antigos alunos do grupo passou a treinar com Mestre Militão Reza Forte, no Clube Juparanã, conhecido como Linhares Karaté Clube. Conforme destacou Militão, Mestre Maneca introduziu o trabalho de capoeira em Linhares, visto que antes dele não existia rodas de capoeira. Revelou, ainda, que sofreu muitas intimidações e muito preconceito e, apenas quando firmou seu trabalho na cidade, foi convidado a dar aulas em academias. Mas, deixou de dar aulas remuneradas por acreditar no valor cultural de seu trabalho, que não é comercializável. Assim, passou a ensinar para a comunidade, em um projeto que reúne quatro turmas, com aproximadamente 150 alunos. Segundo sua filosofia, a “capoeira é uma missão de vida”.⁸⁴



F1-A2- 108 - Mestre Militão, no berimbau, e Mestre Zé Malvadeza, no solo, 12/02/2015.

⁸⁴ SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

Para ele, os alunos com graduação mais elevada, a partir da posição de instrutor, já estão aptos a ministrarem aulas. Muitos destes partiram de Linhares para outras cidades e, em consequência, tornaram-se multiplicadores do trabalho do Mestre Militão Reza Forte. Por conta disso, ao comparar seu grupo com o cenário vivido pelos grupos de Vitória, afirma o sucesso de sua expansão estar relacionado às disputas vivenciadas entre os grupos da capital capixaba. Com seu mestre instalado na Espanha, Militão teve a oportunidade de divulgar seu trabalho na Europa e começou a exportar seus alunos para o exterior. Atualmente, são dezoito alunos, sendo um graduado como mestre, que trabalham com capoeira fora do país.

Além dos Descendentes do Pantera, Mestre Militão dirige a Associação Reza Forte de Capoeira Difusão Cultural e Socioambiental. A associação está sediada em Linhares, mas seus trabalhos se estendem por todo Estado. Nesse sentido, Militão afirmou que vive para a capoeira, mas não retira seu sustento financeiro dela, trabalhando como funcionário público. Destaca a importância do trabalho voluntário e revela que seus alunos, com graduação mais elevada, devem trabalhar em projetos sociais para subir de graduação.

Desde 2012, trabalha na Secretaria de Cultura, mas durante 19 anos trabalhou na Secretaria de Meio Ambiente. Atualmente, desenvolve atividades relacionadas às culturas populares, pois conhece todos os integrantes dos movimentos culturais existentes no estado do Espírito Santo. Foi reconhecido como Cidadão Linharensense, com 34 anos de trabalho junto à capoeira no município, e mais de 40 anos de prática no mundo da capoeiragem. Realiza diversos eventos na cidade, destacando-se o encontro realizado anualmente em agosto, na comemoração do seu aniversário. Capoeiras de todo o país participam das atividades: oficinas, batizado, encontro de mestres, encontro feminino, ecocampo ou capoeira camping. Por outro lado, seu grupo também costuma participar de eventos em todo o estado do Espírito Santo, conforme os convites recebidos.

Mantém contato com diferentes grupos de capoeira, a saber: Dendê, do Mestre Piau, formado por Militão em São Mateus; Cricaré, do Mestre Biratinha; Canários da Senzala, do Mestre Zé Malvadeza, também formado mestre por ele e residente em Pedro Canário; Reza Forte, do Mestre Picolé; Abolição, da Mestre Elisângela; Senzala, dos irmãos Rafael e Paulo Flores; Reza Forte, do Contramestre Justus e participação do Mestre Zé Malvadeza; Cativoiro, do Mestre Miguel; e Grupo Besouro. Mestre Militão mantém em Linhares o projeto EcoBerimbau, uma oficina sobre a produção de berimbau e a cadência das melodias, que com o tempo foram se perdendo no mundo

da capoeira, segundo ele: “é importante fazer esse resgate histórico do som do berimbau, pois é o instrumento que comanda o ritmo do jogo”.⁸⁵

Por fim, questionado sobre sua concepção referente ao *Ofício de Mestre*, Mestre Militão disse que ser mestre pressupõe características paternas. O mestre foi comparado a um grande pai, que deve amar seus discípulos como filhos. Além do grande conhecimento acumulado sobre o mundo da capoeiragem, é necessário saber transmiti-lo aos alunos. Portanto, a graduação não faz do aluno mestre, mas o seu tempo de trabalho, que faz ser reconhecido como tal pelos antigos mestres de capoeira e pela comunidade capoeirista. Ao mestre, cabe conduzir o aluno para além da capoeira, envolvendo também sua vida pessoal.

Mestre Capixaba

A.C.A.P.O.E.I.R.A.



F1-A2-316 - Mestre Capixaba

Rogério Sarlo de Medeiros Filho, nasceu em 21/01/1961, em Vitória, e possui 42 anos de prática de capoeira. Ficou conhecido internacionalmente como Mestre Capixaba. O contato com a capoeira, segundo ele, ocorreu aos 12 anos, por meio de seu irmão, Carlos Medeiros Sobrinho, conhecido como Carlitão. Seu irmão foi aluno do lendário Diabo Louro, que foi aluno de Ezequiel e, por sua vez, aluno de Mestre Bimba.

De acordo com Mestre Capixaba, na década de 1970, a capoeira em Vitória era praticada como nas maltas do Rio de Janeiro, devido às constantes rivalidades, brigas e violência em que ocorriam os jogos. Diabo Louro ao começar suas aulas em Vitória, na Praia do Canto e no Bairro Jucutuquara, conseguiu diminuir um pouco dessa rivalidade, promovendo campeonatos que contribuíram para

⁸⁵ SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

agregar os capoeiristas.

Antes de começar a treinar capoeira na academia, Capixaba começou a aprender com seu irmão em casa. Amarraram um saco de areia e Capixaba passou a treinar alguns movimentos para que, quando chegasse aos treinos, já soubesse alguma coisa. Segundo Mestre Capixaba, seu irmão não lhe permitia ir aos treinos, por ter cabelo grande. Era preciso cortar o cabelo, orientação que relata aos risos e que disse não ter acatado. Nessa época, Diabo Louro saiu de Vitória e, posteriormente, faleceu. Suas aulas foram assumidas por Binho, seu aluno mais graduado.



Mestre Aryranha e Mestre Capixaba, na pernada. Década de 1980.

Fonte: Portal A Capoeira. <http://portalacapoeira.blogspot.com.br/2011/01/mestre-capixaba-fazendo-cinquenta-anos.html>. Acesso em 11/04/2015.

Binho começou a ensinar capoeira na Praia do Canto, onde Capixaba começou a treinar em meados de 1970. Participavam dos treinos Luís Paulo, Ari e outros capoeiristas. Além de Binho, havia Odilon e Caio Rezende que ensinavam Ccapoeira. Com o tempo, Mestre Capixaba foi ao Rio de Janeiro e começou a treinar com Mestre Camisa, que treinou com Mestre Bimba, e com Camisa Roxa, também discípulo de Bimba. No Rio de Janeiro, filiou-se ao Grupo Senzala, de Mestre Camisa. Para Capixaba, o capoeirista tem que ter linhagem, saber sua origem. Nesse período, começaram as viagens de capoeiristas para o exterior, a fim de divulgarem seus trabalhos. Mestre Camisa e Mestre Peixinho estão entre os primeiros capoeiristas que foram embora do país, com os baianos sendo pioneiros na criação de grupos de show de capoeira para se apresentarem no exterior.

Em 1979, Rogério Sarlo foi novamente para o Rio de Janeiro, retornando para Vitória no final de

1983. Na capital fluminense formou-se mestre pelo Mestre Camisa. Após a saída do Mestre Camisa do Grupo Senzala, este criou o Capoarte e depois o Grupo Abadá Capoeira, sendo que Capixaba seguiu seu mestre até 2004. A partir de mudanças de graduações que Mestre Camisa implantou, ao fundar esses novos grupos, seus alunos que eram corda vermelha passaram a ser mestrandos e mestres eram aqueles que detinham as cordas vermelha e branca. Nesse sentido, Capixaba se formou novamente mestre 17 anos depois, novamente com Mestre Camisa. Para Capixaba, ser mestre requer reconhecimento pela comunidade capoeirista e não só por seu mestre. Portanto, é preciso percorrer as rodas tradicionais, jogar com antigos mestres, com capoeiras renomados, buscar conhecimento, ter vivência e experiência na roda, na vadiação da capoeira.



Mestre João Grande e Mestre Capixaba, no berimbau, e pernada do Mestre Capixaba. Década de 1980.

Fonte: Portal A Capoeira. <http://portalacapoeira.blogspot.com.br/2011/01/mestre-capixaba-fazendo-cinquenta-anos.html>. Acesso em 11/04/2015.

Nesse sentido, Capixada comentou que sua busca por conhecimento era incessante. Se estivesse no Rio de Janeiro e soubesse de um bom capoeirista em São Paulo, não hesitava em viajar para jogar com esse capoeirista. Onde tivesse um bom capoeira, Capixaba procurava ir para conhecer seu jogo. Pela sua experiência, apontou a importância da postura do capoeirista dentro da roda, pois ao contrário da academia em que se reconhece a graduação do parceiro pela corda que porta, na roda de rua, a não ser os conhecidos, não se sabe quem é mestre e quem não é. A roda, portanto, faz

parte da vivência do capoeira, ressaltando que o “bom capoeira não teme a roda”.⁸⁶

Mestre Capixaba disse ter sido um dos primeiros a ir para os Estados Unidos da América, a convite do Mestre Jelon Vieira, para integrar seu grupo de dança, Dance Brasil, e ministrar aulas de capoeira em Nova York, no início dos anos 80. Além das aulas, Mestre Capixaba participou dos filmes “Brenda Star e os Telhados de Nova York”. Viajou pelo país se apresentando nos palcos e dando cursos de capoeira. Depois de alguns anos viajando com o Dance Brasil pelos EUA, Alaska e Canadá, os dois mestres começaram a ensinar capoeira nas ruas e praças de Nova York.

Após 25 anos de trabalho em conjunto, Mestre Capixaba deixou o grupo de Camisa em 2004. Ao sair do grupo, muitos alunos o seguiram e, devido à necessidade de ter uma identificação do aluno para com seu grupo, criou A.C.A.P.O.E.I.R.A. (Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e de Incentivo a Raízes Afrobrasileira). Começou o trabalho em Vitória, em uma escola no Jardim da Penha, que sua ex-aluna montou. Desse modo, começou a trabalhar nas instituições de ensino com a capoeira na grade extra-curricular. Seu trabalho teve início após seu retorno dos EUA, por causa de um curso que foi convidado a fornecer. Deu aula na Praia do Canto para muita gente, especialmente para classes mais altas.



Mestre Capixaba recebendo a corda branca-vermelha do Mestre Camisa, Mestre João Grande e Mestre Artur Emídio. Década de 1980.

Fonte: Portal A Capoeira. <http://portalacapoeira.blogspot.com.br/2011/01/mestre-capixaba-fazendo-cinquenta-anos.html>. Acesso em 11/04/2015.

⁸⁶ MEDEIROS FILHO, Rogério Sarlo de. **Mestre Capixaba**. Entrevista. São Mateus, 12 de fevereiro, 2015.

Em 2009 foi para o Norte do Estado, estabelecendo-se em Conceição da Barra. Na Vila de Itaúnas criou um espaço para realização de rodas e cursos de capoeira, no intuito de criar no Norte do um polo internacional de capoeira em território capixaba. Escolheu a região por causa dos quilombos presentes e do incentivo paterno para instalar esse projeto no local. Seu trabalho inicial foi na Vila de São Domingos, onde dava aula para uma família da comunidade. Indicou, ainda, que sua escolha em fixar-se no Norte capixaba relaciona-se às seguintes ideias: local onde nasceu Teodorinho Trinca Ferro, referência mais antiga da capoeira no Espírito Santo; necessidade de suprir a carência de professores de capoeira nessa região; e, em favor da capoeira, Itaúnas oferece sua beleza natural como atrativo extraordinário.

Seu projeto na Vila de Itaúnas tem por objetivo a retirada de crianças e jovens de situações de risco social e a sua profissionalização como professores de capoeira. Tal como fez com diversos alunos, Capixaba pretende, por meio do trabalho com a capoeira, criar oportunidades de renda para essas crianças e jovens, no país e no exterior. Em Itaúnas promove, anualmente, o “Encontro Internacional e Jogos Abertos de Capoeira” que, em 2015, completa sua quinta edição. O evento é aberto a todos os grupos de Capoeira que se inscreverem. Os participantes, por outro lado, são contemplados com as belezas e paisagens naturais da região. O evento conta com a presença maciça de mestres e professores, muitos destes residentes na Europa e nos EUA, organizado desde seu início pelo Mestre Capixaba.

A Capoeira, segundo afirmou, proporcionou a ele o conhecimento de novas culturas, por meio das diversas viagens que empreendeu pelo mundo para divulgar seu trabalho. Em função da capoeira, ele deu cursos e participou de eventos em Israel (Oriente Médio), Coréia do Sul (Ásia), África do Sul e Angola (África), República Tcheca (Europa), Polônia (Europa) e México (América Central). Capixaba relatou que já realizou cerca de quarenta viagens por ano, mas, atualmente, procura focar-se no trabalho que desenvolve no Norte do estado. Afirmou que o excesso de viagens o mantinha distante do trabalho que coordenava. Além deste trabalho, Capixaba busca desenvolver projetos que visam a união dos grupos de capoeira do Espírito Santo.

Ao relembrar sua trajetória destacou que sempre viveu e ainda vive de e para a capoeira. Para ele, ser capoeirista é motivo de orgulho e uma das maiores alegrias de sua vida.

3.4. Localidade Região Metropolitana

A prática contemporânea da capoeira em Vitória tem sua história associada, segundo o relato de Mestre Luiz Paulo⁸⁷, a movimentos culturais ligados a blocos carnavalescos da região do Bairro de Jucutuquara, na capital capixaba, na década de 1960. Luiz Paulo ressaltou a relação existente entre a prática da capoeira com a Escola de Samba Unidos de Jucutuquara, onde movimentos culturais ligados à cultura afro-brasileira eram constantemente realizados, dentre eles o Maculelê, a Puxada de Rede e o Samba de Roda. Segundo o mestre, um dos mais antigos em atividade no estado, a partir de meados da década de 1960 ocorriam encontros nos quais se reuniam homens de variadas idades com o objetivo de praticar uma modalidade conhecida como “Pernada Carioca”, caracterizada, a exemplo da capoeira, como de origem afro-brasileira, mesmo que apresentando características diferentes. Nesse contexto, de forma sequente, iniciou-se então a prática de uma capoeira livre de relações entre mestre e alunos, sendo assim mais horizontal, sem a hierarquização que caracteriza a prática ao longo das últimas décadas, não só no Espírito Santo, como também nos outros tradicionais pólos de difusão do esporte no Brasil.⁸⁸

Luiz Paulo foi cuidadoso em sua entrevista ao apresentar alguns nomes de personagens envolvidos com a prática da “Pernada Carioca” e, posteriormente, da capoeira em Jucutuquara, entre eles, Nercy e Salomão, identificados como os dois responsáveis pela organização dos primeiros encontros. Neste sentido, o mestre apontou que o desenvolvimento da prática concretizou-se diante da atração de jovens que viviam na região pelos movimentos praticados por Nercy e Salomão durante os ensaios e apresentações da Escola de Samba Unidos de Jucutuquara. Com o crescimento e maior aceitação das rodas de capoeira em Jucutuquara, Mestre Luiz Paulo citou, também, outros nomes que passaram a engrossar o grupo de capoeiristas, entre eles Binho, Netinho, Mineiro, Robinho, Carlos Maramboni, Tió, Celinho, Paulo Marcos e Nilo. Neste contexto, as rodas também passaram a acontecer regularmente em outras localidades, ainda na mesma região do Bairro de Jucutuquara. Luiz Paulo apontou para a ocorrência de rodas de capoeira em uma fábrica abandonada localizada no bairro, mais precisamente em um campo de futebol. O acesso dos capoeiristas a este espaço se dava pelo fato de Netinho, um dos integrantes do grupo de capoeiristas, ser responsável pela vigilância do local, permitindo assim o acesso ao espaço a seus

⁸⁷ LIMA, Luís Paulo Nunes de. **Mestre Luís Paulo**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

⁸⁸ É interessante apontar para a mudança operada no seio da prática da Capoeira, desde o período inicial de sua popularização, ainda na Bahia, onde grupos de Capoeira foram formados pelos lendários Mestres Pastinha e Bimba e seus alunos, concedendo assim a característica marcante da hierarquização existente na Capoeira praticada a partir das primeiras décadas do século XX.

pares. Neste espaço, as rodas eram constantemente seguidas de jogos de futebol, uma vez que os capoeiristas se encontravam em um local apropriado para a prática do esporte.

Com este movimento de intensificação da prática da capoeira em Jucutuquara, foi formado então um grupo ao qual foi dado o nome de Beribadô. Neste grupo, Nercy foi aclamado pelos capoeiristas como mestre, apesar de não obter nenhuma formação formal como tal, como sugere a tradição contemporânea dos grupos de capoeira. Mestre Luiz Paulo chamou a atenção para a simplicidade dos movimentos da capoeira praticada por eles na época.

[...] e aí o Nercy, por ele ter essa facilidade, ser o mais velho do pessoal... E tinha um pessoal de Jucutuquara que fazia o mesmo, nem sabia o que era capoeira. Nessa época, o pessoal se preocupava em fazer movimentos acrobáticos de capoeira. Fazer o Macaquinho, o S quebrado, Mortal, Changô, dar o Palhaço.⁸⁹

Mestre Luiz Paulo citou, ainda, a existência de outro grupo de capoeira, contemporâneo ao Grupo Beribadô de Jucutuquara, originado no Bairro Fradinhos e que tinha como responsável um capoeirista chamado Luís Sérgio. Segundo Luiz Paulo, esse grupo teria sido nomeado de Bangalô e Luís Sérgio passado a dar aulas em uma escola municipal no mesmo Bairro de Fradinhos. No entanto, Mestre Luiz Paulo não soube precisar mais referências deste grupo como, por exemplo, os nomes dos demais capoeiristas que o conformavam ou mesmo os lugares em que as rodas do grupo eram realizadas.

Após este período, marcado pelo início do Grupo Beribadô em Jucutuquara, as entrevistas dos mestres Luiz Paulo e Capixaba apontam para um novo momento, tido para eles como fundamental à mudança de rumos da prática da capoeira capixaba no sentido da melhoria técnica da prática. Esse momento é apresentando como consequência da chegada de Lourival Araújo, conhecido como Mestre Diabo Louro, à cidade de Vitória, no ano de 1972. Segundo informam as entrevistas dos mestres citados⁹⁰, Mestre Diabo Louro era parte da linhagem tradicional de Capoeira Regional de Mestre Bimba, de quem foi aluno. O Mestre Baiano mudou-se, então, de Salvador, sua cidade natal, para Vitória a convite de um capoeirista capixaba não identificado nas entrevistas. Esta mudança teria sido incentivada a Diabo Louro pela ausência de um mestre formado de capoeira na cidade de

⁸⁹ LIMA, Luís Paulo Nunes de. **Mestre Luís Paulo**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

⁹⁰ A mudança de Mestre Diabo Louro de Salvador/BA para a cidade de Vitória é apontada nas entrevistas dos mestres Luiz Paulo e Capixaba. É possível notar que os dois mestres consideram a interferência de Diabo Louro como fundamental a inauguração de um novo tempo, em que a prática da Capoeira em Vitória apresentou avanço no que diz respeito à técnica antes esboçada pelos capoeiristas da cidade.

Vitória e a consequente possibilidade de desenvolver o ensino da Capoeira Regional de Mestre Bimba na capital capixaba.

Segundo apontam as entrevistas, Diabo Louro, então recém chegando a Vitória, foi apresentado aos capoeiristas capixabas em um domingo, na ocasião em que ocorria uma roda de capoeira do Grupo Beribadô, em um terraço na casa de Alarico um dos membros do grupo. Conforme o relato de Mestre Luiz Paulo, Diabo Louro teria jogado capoeira com os cerca de 40 capoeiristas que se encontravam reunidos na ocasião e, desta forma, convencido a todos os presentes quanto ao nível de sua excelência e conhecimento técnico da Capoeira Regional em função da habilidade demonstrada em sua atuação. Luiz Paulo salientou sobre a formação de Diabo Louro, que ocorreu no Centro de Cultura Física Regional fundada por Mestre Bimba na cidade de Salvador, quando foi aluno de Bimba em um curto período anterior a mudança do lendário mestre baiano para a cidade de Goiânia. Após a experiência inicial como aluno de um dos maiores nomes da Capoeira Regional, Diabo Louro foi aluno de Mestre Ezequiel, que ficou responsável pela academia de Bimba em sua ausência da capital da Bahia.

A partir desse momento, configurado pela chegada de Diabo Louro a cidade de Vitória, o então Mestre Nercy, com o consentimento dos capoeiristas do grupo Beribadô, passou de forma simbólica a responsabilidade do ensino e a condição de mestre de capoeira para Diabo Louro, que deu continuidade, a partir de 1974, ao ensino da capoeira Regional aos integrantes do Grupo Beribadô em Jucutuquara, conjuntamente a expansão do ensino da prática esportiva e cultural em outras localidades da cidade de Vitória. Mestre Luiz Paulo destacou que Mestre Diabo Louro passou a ministrar aulas de capoeira no Praia Tênis Clube de Vitória, localizado na Praia do Canto, tradicionalmente frequentado pela elite da capital capixaba. Essa abertura ao ensino da capoeira no seio de um clube da elite local é bastante representativo e simbólico como um indício da aceitação social da capoeira, frente ao penoso processo de questionamento social e político pelo qual passou a prática esportiva no Brasil e no estado do Espírito Santo, desde o final do século anterior.



F1-A2-192 - Mestre Diabo Louro, à esquerda, e Mestre Binho, à direita. Vitória, outubro de 1974.

No processo de desenvolvimento da capoeira capixaba tendo Mestre Diabo Louro como referência do ensino da prática esportiva, Mestre Capixaba e Mestre Luiz Paulo apontaram Binho como o aluno de Mestre Diabo Louro que alcançou o maior destaque entre o grupo de capoeiristas de Vitória do início da década de 1970, quando o então aluno do mestre baiano configurou-se como um dos mais importantes nomes da capoeira na cidade. Após esse processo inicial da chegada e ambientação de Diabo Louro em Vitória, ele fundou na cidade uma filial da academia de Mestre Bimba, denominada Centro de Cultura Física e Regional, que durou até a partida de Diabo Louro para o Paraná, no ano de 1976. Após a mudança de Diabo Louro para o sul do país, Binho, já formado mestre de capoeira por seu antigo mestre, ficou responsável pelo Centro de Cultura Física Regional, fundado por Diabo Louro. No entanto, o grupo teve seu nome alterado, no ano de 1977, para Grupo São Bento, em função da impossibilidade da continuidade do antigo nome. Hoje o grupo encontra-se extinto.⁹¹ Mestre Binho, que descendia da tradição baiana de capoeira trazida à Vitória por Mestre Diabo Louro, afastou-se do ensino e da prática da Capoeira no ano de 1980 por questões pessoais e profissionais.

⁹¹ Esta mudança de nome se deu pelo fato de que o Centro de Cultura Física e Regional sediado na Bahia, somente permitia o uso do nome para os grupos que continuavam a ser liderados pelos antigos alunos de Mestre Bimba.



F1-A2-301 - Da esquerda para a direita, Mestre Binho com seus alunos Luiz Paulo, Capixaba, Ari e Cimento. 1976.

Concomitantemente a este período da capoeira na cidade de Vitória, no qual em muito contribuiu a chegada de Mestre Diabo Louro, outros personagens destacaram-se na cidade como importantes para o desenvolvimento e crescimento da capoeira capixaba. Esses personagens eram praticantes de capoeira migrados de outras regiões do país e mesmo de várias localidades do Espírito Santo e que, estabelecendo-se em Vitória, foram significativos no processo de formação de novos praticantes e grupos, fundados a partir de experiências distintas da prática da capoeira adquiridas em outras regiões do Brasil. Dentre eles, destaca-se Mestre Odilon, referenciado nas entrevistas de Mestre Luiz Paulo, Mestre Capixaba e Mestre Carlos como importante agente disseminador da prática em Vitória. Mestre Odilon é natural da cidade de Pancas, no interior do Espírito Santo, e sua relação com a capoeira tem origem diferente daquela herdada da capoeira baiana e difundida em Vitória por Mestre Diabo Louro. Segundo as entrevistas dos mestres Capixaba, Luiz Paulo e Carlos, sendo o último irmão de Odilon, sua aproximação com a prática da capoeira ocorreu no período em que ele viveu na cidade de Brasília, em sua juventude, quando cursava o ensino técnico em Agronomia da UNB - Universidade Nacional de Brasília. Mestre Odilon iniciou a prática da capoeira na companhia de seu irmão Íris, aprendendo a jogar com Mestre Zulu, um dos pioneiros na prática da capoeira no Distrito Federal, professor de Química na UNB e fundador do Grupo Beribazu.

Mestre Carlos relatou que as vindas periódicas de seus irmãos, Odilon e Íris, para visitas à família no Espírito Santo, traduziram-se em oportunidades de aprendizado da capoeira para crianças que viviam no povoado de Vila Verde, pertencente ao município de Pancas, onde seus pais e irmãos menores viviam na década de 1970. Posteriormente, por volta dos anos de 1973/1974, com o retorno efetivo de Odilon e Íris ao Espírito Santo, mais precisamente para a cidade de Colatina, no Noroeste do estado, os irmãos iniciaram o ensino da capoeira nessa cidade, fundando o Grupo Mensageiros de Angola, onde praticaram e ensinaram a capoeira até meados da década de 1980. A partir desse ano, Mestre Odilon mudou-se para Vitória e o grupo fundado em Colatina teve seu fim em função da inexistência na cidade de um mestre habilitado ao ensino da prática. Uma vez em Vitória, e já graduado mestre pelas mãos de Mestre Zulu na cidade de Brasília, Odilon aproximou-se da Professora Deuzira Madeira dos Santos, coordenadora de folclore da Escola de Música do Espírito Santo e, como apontou Mestre Carlos, o grupo foi inicialmente sediado em uma pequena sala dessa escola musical, no centro da cidade de Vitória.

[...] por conta disso [interesse de Deuzira dos Santos] ele [Mestre Odilon] conseguiu uma saleta na Escola de Música, e aí meu irmão montou uma academiazinha, sala muito pequena, poucos alunos e tal... Mas durou um bom tempo e teve bons frutos.⁹²

Mestre Carlos chamou atenção em relação à mobilidade do Grupo Beribazu que, representado por Mestre Odilon, Íris e por ele mesmo, além de outros participantes, realizavam viagens durante o verão, empreendendo a realização de rodas de capoeira nas orlas das praias de cidades como Marataízes e Piúma, além de municípios do interior, como Colatina e Cachoeiro do Itapemirim. Com o aumento do número de alunos, o Grupo Beribazu teve sua sede transferida para o campus da UFES, onde ainda se encontra sediado, mais precisamente no Departamento de Educação Física. O grupo realiza, ainda hoje, um importante trabalho de extensão à comunidade a partir do ensino da capoeira, sendo coordenado por Mestre Fábio Luiz Loureiro, que além de mestre de capoeira formado por Mestre Odilon, possui o título de Mestre Acadêmico em Educação Física e é professor do curso de Educação Física da UFES.

No processo de surgimento de outros pólos de ensino e prática da capoeira na cidade de Vitória, surgiu, também, a figura de outro importante mestre referenciado nas entrevistas de Luiz Paulo, Capixaba e Carlos como um dos vanguardistas no ensino da capoeira após a década de 1970 na

⁹² VIEIRA, Carlos. Henrique. **Mestre Carlos**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

capital capixaba. Emigrado da cidade do Rio de Janeiro para o Espírito Santo, por volta dos anos de 1973/1974, Mestre Caio Resende aprendeu a jogar capoeira com Mestre Falcão que, por sua vez, havia sido aluno do tradicional capoeirista da cidade do Rio de Janeiro conhecido como Mestre Poeira. Mestre Caio Resende fundou, por volta do ano de 1975, um grupo de capoeira na cidade de Vila Velha, que ao longo de sua existência apresentou uma série de nomes como: Grupo Feitiço, Grupo Caio César Resende, Grupo Quilombo dos Palmares e Grupo Quilombo Queimado. Após fundar o grupo em Vila Velha, Caio Resende recebeu a graduação de mestre no Rio de Janeiro e voltou ao Espírito Santo para dar continuidade ao ensino da prática esportiva.

Esse cenário, marcado pelo nascimento dos três principais grupos à época, organizados pelos mestres Diabo Louro e Binho, Mestre Odilon e Mestre Caio Resende, indica o processo de disseminação da capoeira na capital do Espírito Santo, inaugurando um novo período da prática caracterizado, sobretudo, pela organização institucional. A criação de grupos, segundo apontam as entrevistas de Mestre Carlos e Mestre Capixaba, contribuiu para que, ao longo da década de 1980, ocorresse certa rivalidade e violência entre capoeiristas nas ruas, praças e praias de Vitória, onde se reuniam praticantes de diferentes localidades. Mestre Carlos ressaltou que professores e mestres de Capoeira responsáveis pelos grupos não incentivavam essa forma agressiva da prática. Porém, alguns dos capoeiristas insistiam em se confrontar, criando assim uma visão parcialmente negativa da capoeira, considerada na época inapropriada para crianças e adolescentes. Esse panorama modificou-se novamente na década de 1990, quando as rivalidades passaram a ser sanadas, como referenciado por Mestre Carlos.

Ainda no contexto do processo de formação de grupos associados à valorização da matriz cultural afro-brasileira, nos quais a prática da capoeira contava com o seu merecido reconhecimento enquanto forma de expressão, faz-se necessário destacar outro grupo, citado por Mestre Luiz Paulo em sua entrevista, que teve um importante papel na afirmação das expressões culturais negras na cidade de Vitória. Trata-se do Grupo Gexá, fundado no ano de 1975 no Bairro Jardim da Penha, que tinha como objetivo incentivar o ensino e a prática de expressões culturais ligadas à cultura popular afro-brasileira. O início da relação entre o Grupo Gexá e a capoeira deu-se por meio da atuação de Luiz Paulo que, à época, configurava-se como um dos integrantes do movimento capoeirista nascido em Jucutuquara. Com a mudança de Luiz Paulo do Bairro de Jucutuquara para o Bairro de Jardim da Penha, houve então por sua parte a aproximação ao Grupo Gexá. A partir dos contatos realizados com as lideranças do grupo, foi delegada a ele a responsabilidade de realizar o trabalho

de ensino da capoeira aos integrantes do grupo bem como técnicas de toque de berimbau e instrumentos de percussão executados nas rodas de capoeira, que ele havia aprendido com Mestre Diabo Louro. Mestre Luiz Paulo apontou que, nessa época, esteve atuante junto ao Grupo Gexá, exercendo o ensino de outras formas de expressão populares, como a Danças do Maculelê, da Puxada de Rede e do Samba de Roda. O Grupo Gexá teve uma trajetória importante no cenário cultural do Espírito Santo, realizando um trabalho de valorização a partir do ensino e apresentações no estado e em outras partes do Brasil. Apesar de não especificamente pautado no ensino da capoeira como os demais grupos referenciados no texto, faz-se necessário o apontamento da atuação do Grupo Gexá pela sua significância como pólo de disseminação e valorização da cultura afro-brasileira no Espírito Santo.

Ao final da década de 1970, com a sedimentação da prática da capoeira na cidade de Vitória, alguns dos principais praticantes iniciaram um processo de aproximação a outros centros irradiadores da forma de expressão, visando uma melhoria da condição técnica, bem como das habilidades didáticas necessárias ao ensino da capoeira. Essa questão foi tratada nas entrevistas dos mestres Capixaba e Luiz Paulo que participavam do Grupo São Bento, liderado por Mestre Binho. A partir desse esforço, aproximaram-se ao tradicional Grupo Senzala, sediado na cidade do Rio de Janeiro. Foi nesse grupo que alcançaram suas graduações como mestres. As entrevistas com os mestres Luiz Paulo e Capixaba referenciam os mestres Peixinho e Camisa como os principais capoeiristas do Grupo Senzala.

Contando com o reconhecimento da comunidade capoeirista de Vitória, Luiz Paulo, que em breve se tornaria mestre de capoeira, concentrou esforço em fundar na capital capixaba uma filial do Grupo Senzala. Mestre Luiz Paulo afirmou que a partir do momento em que o Mestre Diabo Louro decidiu afastar-se do ensino da capoeira, pediu a ele que desse continuidade a tal atividade. No mesmo ano de 1980, Luiz Paulo fundou, com a colaboração de Mestre Peixinho, uma filial do Grupo Senzala na cidade de Vitória, vindo a adquirir o título de mestre de Capoeira posteriormente, no ano de 1983.



F1-A2-278 - Roda de capoeira do Grupo Senzala na Praia do Canto, em frente ao Iate Clube, em Vitória. 1982.

Mestre Capixaba, que treinava no Grupo Senzala no Rio de Janeiro, alcançou a graduação de mestre de capoeira e retornou definitivamente para a cidade de Vitória no ano de 1983, passando a atuar como professor em escolas particulares e academias, inicialmente sem estar à frente de um grupo específico. Após esse período inicial, principiou um novo trabalho com a fundação de uma filial do Grupo Abadá, ligado a um grupo de mesmo nome fundado por Mestre Camisa na cidade do Rio de Janeiro. No início da década de 1990, Mestre Capixaba mudou-se para a região Norte do Espírito Santo para dar continuidade ao seu projeto de ensino de capoeira no interior do estado.

Ao longo da década de 1980, as entrevistas recolhidas chamam a atenção para a continuidade de alguns dos importantes grupos de capoeira nascidos na década de 1970, como o Grupo Beribazu, fundado por Mestre Odilon, que teve a sua continuidade garantida pelo interesse do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Outro importante pólo da prática da capoeira foi a continuidade do grupo fundado por Mestre Caio Resende, que contou com uma série de nomes, como exposto. Deste período em diante, outras modificações foram sendo processadas no seio da comunidade capoeirista do Espírito Santo.

Um fator importante associado a esse processo de continuidade da capoeira capixaba está relacionado à migração de outros importantes capoeiristas para o Espírito Santo, nos anos iniciais da década de 1980, e que tiveram suma importância no sentido de colaborar com a reconfiguração da forma de expressão, dando continuidade ao intenso processo de intercâmbio entre as maneiras

de praticar a capoeira capixaba com as formas desenvolvidas nos demais pólos irradiadores de manifestação cultural no Brasil. Ao se falar em continuidade do processo de intercâmbio, tem-se em mente a mudança de Mestre Diabo Louro para Vitória e o retorno de Mestre Odilon ao seu estado de origem, após o período em que viveu e aprendeu capoeira na capital federal. Nesse sentido, destacam-se, ainda, as chegadas ao estado dos mestres Aldecir Beißola e Militão Reza Forte, provenientes da cidade do Rio de Janeiro. Os dois mestres concentram grande importância no contexto histórico da prática da capoeira capixaba pelo fato de configurarem-se, atualmente, como referências no ensino da capoeira no Espírito Santo ao lado dos demais mestres citados.

As entrevistas de Mestre Luiz Paulo e do próprio Mestre Aldecir Beißola apontaram para a chegada do último à cidade de Vitória no ano de 1983, quando passou a ensinar capoeira no Grupo Angonal, com o consentimento de Mestre Bóca, com quem aprendeu capoeira ainda na cidade do Rio de Janeiro e com quem posteriormente veio a se formar mestre. No entanto, para além da importância de Aldecir Beißola como mestre de capoeira e de sua atuação no ensino da prática, ele também concentra outra importante forma de atuação como agente difusor da cultura capoeirista a partir da fabricação artesanal e da venda de instrumentos musicais usados nas rodas de capoeira, como o caxixi e o berimbau. Mestre Beißola mantém um ateliê contíguo à sua residência, situada no Bairro Aeroporto, na cidade de Vitória.

Nos anos de 1990, outros grupos foram sendo criados, atendendo a demanda de alunos à procura de mais centros de aprendizado da prática esportiva no estado. Mestre Capixaba, antes de sua mudança para o norte do Espírito Santo, apontou para a fundação por ele próprio do Grupo A. C.A.P.O.E.I.R.A. (Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e Incentivo à Raiz Afro-Brasileira). A forma de expressão passou, então, a fazer-se presente de maneira ainda mais efetiva nas escolas públicas e particulares de Vitória, pautada no ensino de crianças e adolescentes, mas também foi intensificada em espaços públicos da cidade como praças, parques e nos calçadões que margeiam a costa da ilha de Vitória.

3.4.1. Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Região Metropolitana

Mestre Fábio Loureiro – Grupo Beribazu



F1-A2-399 – Mestre Fábio

Fábio Luiz Loureiro, conhecido como Mestre Fábio, nasceu em 1965, em Vitória, possuindo 35 anos de prática da capoeira. Sua entrevista ocorreu no campus da Universidade Federal do Espírito Santo, no período da manhã do dia 10 de fevereiro. Estiveram presentes na entrevista os pesquisadores Bianca Pataro, Bárbara Penido, Hugo Rocha e Guilherme Reis. O relato do Mestre Fábio salientou sua formação no universo da capoeira, junto ao Grupo Beribazu e foi bastante esclarecedora da disseminação desse grupo no Espírito Santo, a partir da atuação junto à UFES dos irmãos mestres Odilon e Carlos.

Sobre o trabalho realizado pelo Beribazu, Mestre Fábio disse que a formação no grupo recebe influências do treinamento desportivo, a exemplo do uso de alongamento, da postura da perna e base mais aberta, mas salientou que a questão cultural da capoeira, sua ritualística, é bastante trabalhada. Atualmente, no trabalho que coordena no Grupo Beribazu, na UFES, reúne cerca de 1300 alunos. Além disso, atende ao Projeto Capoeira na Comunidade, com cerca de 600 alunos.

Interessa ressaltar que Mestre Fábio é professor do Departamento de Educação Física da UFES e desenvolve pesquisas sobre a prática esportiva da capoeira. Inclusive, trabalhos de sua autoria

foram citados na bibliografia deste projeto.⁹³ Em sua entrevista o mestre salientou aspectos importantes para a compreensão da capoeira em Vitória e no restante de estado no contexto contemporâneo, sobretudo no que se refere à disseminação de grupos com origens no Rio de Janeiro, como o Senzala, e o Beribazu, de Brasília. Fábio Loureiro apontou sobre a predominância da Capoeira Regional no Espírito Santo, argumentando que, a partir da fixação em Vitória e em outros pontos do Espírito Santo de linhagens de mestres formados no Rio de Janeiro, bem como de Diabo Louro, ex-aluno da academia de Mestre Bimba, na Bahia, contribuíram para que a Capoeira Regional se desenvolvesse no estado.

Conforme seu relato, o primeiro contato que teve com a capoeira ocorreu ao final de 1970, durante um encontro cultural, “A Feira dos Municípios”, na qual os 78 municípios capixabas estiveram presentes. O evento era realizado em Vitória, na Av. Álvares Cabral, a beira mar, local em que ocorriam as rodas de capoeira que contavam com a presença dos mestres Odilon, Carlos Henriques, Íris, entre outros. Apesar de ser praticante de karatê, Mestre Fábio disse que ficou bastante interessado na Capoeira e, segundo destacou, não imaginava que um dia um daqueles capoeiristas seria seu mestre, no caso, Mestre Carlos.

Em 1980, seu irmão começou a estudar economia na Universidade Federal do Espírito Santo e a praticar capoeira no Centro de Educação Física, junto ao Grupo Beribazu. Por meio dele, começou a frequentar às aulas dos irmãos e mestres Odilon e Carlos. A capoeira havia sido implantada na UFES por volta de 1978, com o apoio da professora Deuzira Madeira dos Santos, coordenadora de folclore da Escola de Música do Espírito Santo. No mesmo ano, Mestre Fábio deixou o karatê e começou a treinar capoeira, também no Grupo Beribazu. Foi por causa da capoeira que optou pelo curso de Educação Física, uma vez que pretendia cursar Engenharia. No período entre 1980 a 1986, manteve dedicação exclusiva à capoeira, até o dia em que se graduou como professor, com a corda amarela.

Em 1982, teve contato com os grandes mestres de Vitória: Beizola; Luís Paulo, Caio Rezende, Capixaba e Cabral. Nesse período, começou a fazer trabalhos de organização esportiva da capoeira, juntamente com Mestre Carlos. Ainda aluno, atuou como árbitro de capoeira e faz seletivas para o campeonato conhecido como JEBs – Jogos Escolares Brasileiros. O convívio com os grandes mestres

⁹³ Cf. LOUREIRO, F. L.; CAMPOS, A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. **Pesquisa em Debate**. São Paulo. Edição Especial. 2009. LOUREIRO, Fábio Luís. **Capoeira e Identidade Cultural**. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos. São Paulo, 2008.

foi resultado de suas atividades nos eventos de capoeira. Apesar do receio e do respeito que devia aos mestres, sentava-se perto deles e tinha que coordená-los, por causa do conhecimento e do trabalho que já desenvolvia dentro da universidade. Assim, começou a ser reconhecido dentro da comunidade capoeirista.

Em 1984, Mestre Carlos seguiu para os Estados Unidos para trabalhar com capoeira, e deixou Fábio em seu lugar no Grupo Beribazu, em Vitória. À época, Mestre Fábio assumiu o cargo de professor convidado na UFES, onde também ensinava capoeira. Além das aulas, assumiu a coordenação do GEBS nacional que, quando ocorreu no Espírito Santo, foi realizado junto à Secretaria de Estado de Esportes. Mestre Fábio ressaltou que os técnicos das equipes eram mestres famosos, a exemplo da sub-coordenação que ficava a cargo do Mestre Peixinho, do Rio de Janeiro, e do Mestre Tabosa. Os técnicos eram Mestre Zulu, de Brasília, Mestre Birilo, do Recife, Mestre Saci, da Bahia, e Mestre Gladison, primeiro professor de capoeira da Universidade de São Paulo. Fábio Loureiro, ainda com a primeira corda de professor, tinha por função coordenar todo o evento e, nesse sentido, todos os mestres participantes.

Um dos momentos marcantes de sua história na capoeira foi a assinatura do primeiro regulamento de competição da forma de expressão no Brasil, construído coletivamente. Esse regulamento foi apresentado ao Ministério dos Esportes, que o acatou e ainda é seguido atualmente, com algumas alterações. A partir daí, começou a aprofundar seu envolvimento acadêmico com a capoeira, especialmente depois de formar-se em Educação Física, em 1987, na UFES. Destacou que continuou a dar aulas nessa universidade, ampliando ali seu trabalho com a capoeira.

Em 1987, após sua formatura, começou a participar de um campeonato universitário de capoeira, organizado pela USP, com a presença de grande número de capoeiristas do Brasil. Com o patrocínio do Banco Estadual do Espírito Santo, Mestre Fábio organizou uma equipe, preparada com significativo treinamento esportivo. Apesar de estreiar na competição, atribui sua vitória ao treinamento apreendido no Grupo Beribazu. As competições, na época, dividiam-se nas modalidades individual, masculino e feminino, dupla e equipe. Além dos jogos, era preciso apresentar um seminário e uma música inéditos. Segundo relatou: “Havíamos preparado um projeto de apresentar um tipo de competição da capoeira, sem perder as raízes históricas da capoeira. Sua reinvenção”.⁹⁴ Seu objetivo com os treinos era trabalhar o volume de jogo, ou seja, mostrar o maior número de movimentos durante uma roda de capoeira.

⁹⁴ LOUREIRO, Fábio. **Mestre Fábio**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

Em 1988, para fazer sua primeira pós-graduação, uma especialização de 760 horas com bolsa da CAPES, deixou alguns alunos continuando seu trabalho com a capoeira na UFES. Mas, mesmo distante da universidade, continuou a coordenar as atividades do Beribazu na referida instituição de ensino. Após um ano e meio, retornou e começou a desenvolver um trabalho, junto aos seus alunos, sobre a apreciação estética corporal e musical da ritualística da capoeira. Em 1990, participou novamente com sua equipe do campeonato de capoeira da USP, sendo que a UFES possui o título de tricampeã brasileira de capoeira universitária.



Roda de capoeira na UFES. 41 anos do Grupo Beribazu. 2013.

Fonte: Acervo particular de Fábio Loureiro.

Porém, conforme relatou, devido à sua formação marxista, adquirida entre 1988 e 1989, começou a fazer forte crítica à forma de realização do campeonato e a pensar sobre as tradições da capoeira. Mestre Fábio passou a compreender o esporte como algo além da medalha e desenvolveu críticas a forma de treinamento, ao distanciamento e ao reducionismo da parte motriz da capoeira. “As pessoas participavam da roda de capoeira, na competição, a exemplo da Federação, e realizavam um máximo de dez movimentos, se conseguirem. A capoeira abrange uma infinidade de movimentos.”⁹⁵ Portanto, sua análise, considerada radical, era dirigida a esportivização da capoeira, ao reducionismo da parte cultural da forma de expressão. Nesse sentido, o mestre considera que havia prejuízo na ritualística da capoeira, uma perda do ritmo. E o ritmo, segundo ele, tem uma importante contribuição para a capoeira, ao permitir a criação de novos movimentos.

Em 1991, Mestre Fábio voltou ao campeonato na USP, mas com um diferencial: sua equipe levou

⁹⁵ LOUREIRO, Fábio. **Mestre Fábio**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

apenas iniciantes, sendo composta por um anão, uma professora, uma senhora de 40 anos, uma gordinha e um tocador de cavaco que jogava capoeira. Segundo ele: “Misturei minha equipe e o resultado foi o último lugar. Como todos esperavam uma equipe forte, muitos não entenderam o que aconteceu”.⁹⁶ Mestre Fábio explicou aos organizadores do campeonato que era a última vez que participavam desse tipo de evento.

Em 1992, o professor Fábio Loureiro graduou-se como mestre de capoeira, recebendo a corda vermelha que corresponde ao primeiro grau de mestre. A graduação final como mestre ocorreu em 2014. Uma das presenças importantes de sua graduação foi a do Mestre Gladson, de São Paulo, quando pôde demonstrar para este mestre o trabalho desenvolvido na UFES.

Em 2000, Mestre Fábio mudou-se para a Suíça para realizar um trabalho de capoeira, na Universidade Macklin, onde residiu e trabalhou durante sete anos, mantendo um intercâmbio entre universidades do Brasil e daquele país no que se refere às aulas de capoeira em cursos de Educação Física. Em seu período na Suíça, lançou um DVD de capoeira escolar. Em 2006, tentou desenvolver um trabalho equivalente em Vitória e aproximar os grupos de capoeira a fim de diminuir o conflito existente entre eles.

Nesse sentido, revelou que, no início de seu treinamento de capoeira, as rodas em que participavam os mestres Luís Paulo, Capixaba, Caio e Cabral eram marcadas pela agressividade e a violência entre os participantes. Apontou, ainda, que esse cenário desestimulou muitos capoeiristas a prosseguirem na prática, afirmando que ele preferia frequentar essas rodas sozinho, evitando levar seus alunos em função da violência que decorria dos jogos. Em consequência, havia forte preconceito em relação à capoeira na década de 1980, ao mesmo tempo em que se buscava o reconhecimento da forma de expressão como aspecto cultural do país. Por isso, optou por uma formação apenas no Grupo Beribazu, que trabalha a capoeira em sua diversidade e sem violência. Por isso, defende o resgate do fenômeno histórico, antropológico, sociológico e cultural da capoeira.

⁹⁶ LOUREIRO, Fábio. **Mestre Fábio**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.



F1-A2-196 - Espaço em que se realizam as aulas de capoeira e banner do Beribazu na UFES, 10/02/2015.

Atualmente, percebe que a esportivização da forma de expressão reduziu a manifestação cultural ao jogo, sendo que, para ele, a capoeira é “uma arte do confronto com a realidade brasileira”. Assim, critica a si próprio por ter contribuído na confecção do regulamento da capoeira, entregue ao Ministério do Esporte. Pois a capoeira, considerada como um esporte, está delineada segundo imperativos mercadológicos, segundo ele. Para Mestre Fábio, a definição de competição é compreendida como cooperação de embates e competências, onde o objetivo de vencer não pode ultrapassar a condição física, moral e ética do outro.

Entre 2008 e 2009, Fábio Loureiro cursou o Mestrado em Educação, Administração e Comunicação na Universidade São Marcos, com dissertação intitulada “Capoeira e identidade cultural”. Continuou ministrando aulas em faculdades particulares e, em 2009, foi aprovado em concurso para a cadeira de Lutas no Departamento de Educação Física da UFES, tornando-se professor titular de capoeira no ano de 2010.

**Mestre Beijola – Capoeira
Aliança**



F1-A2-318 - Mestre Beijola

Aldecir Nunes de Alvarenga, conhecido no mundo da capoeiragem como Mestre Beijola, nasceu na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 1954. Em 2015, completou 54 anos de prática de capoeira. Seu primeiro contato com a forma de expressão ocorreu aos sete anos, por meio do irmão, que costumava lhe ensinar alguns golpes. Revelou que, durante a infância, apanhava muito na escola e ao assistir uma roda de capoeira de rua apaixonou-se. Contudo, Mestre Beijola acompanhava seu irmão nas rodas de capoeira das ruas do Rio de Janeiro, mas não participava, devido a violência e a agressividade do jogo. Os jogos, segundo ele, eram ditados pelo toque do berimbau: “quando tocavam Angola, jogavam angola e se o ritmo ficasse mais rápido, o jogo tornava-se violento”.⁹⁷ Mestre Beijola disse que era comum os participantes das rodas serem encaminhados ao pronto-socorro em função dos ferimentos e, ele mesmo, já acordou cerca de três vezes no hospital.

As rodas ocorriam na praça, próxima a sua residência em São Gonçalo. De acordo com seu relato, as rodas de rua do Rio de Janeiro eram mais violentas que as presenciadas por ele em Vitória. Normalmente, os jovens que haviam apanhado mais, pagavam refrigerante ou cerveja para o parceiro. Essas rodas, segundo contou, não eram muito frequentadas por renomados capoeiristas, famosos na história da capoeira do Rio de Janeiro, a exemplo de Veludo, Bóca, Chita, Manoel Gato Preto. Ele disse que procurava observar o movimento dos mestres nas rodas para treinar em casa. Observava os golpes e treinava sozinho, pois era preciso certa habilidade para jogar capoeira de rua naquela época. Seu treinamento consistia na repetição exaustiva dos movimentos. E, somente a

⁹⁷ ALVARENGA, Aldecir Nunes de. **Mestre Beijola**. Entrevista. Vitória, 11 de fevereiro de 2015.

partir de seu desenvolvimento, passou a participar das rodas.

Aos 16 anos começou a trabalhar com música, como disc jockey, profissão atualmente conhecida como DJ. Mudou-se para Porto de Caixas, onde conheceu Jorge Leite, o Mestre Bóca, fundador do Grupo Angonal, no Rio de Janeiro, que já ministrava aulas de capoeira em academias. Com técnica similar ao Mestre Suassuna⁹⁸, Beiçola o descreveu como um dos melhores capoeiristas do país.

Mestre Beiçola começou a treinar capoeira assiduamente aos 17 anos, quando passou a participar de grupos no Rio de Janeiro e a conhecer toda a diversidade da forma de expressão. Em 1980, aos 19 anos de idade, foi passar o carnaval em Vitória, em visita ao irmão que residia na capital capixaba. Em Vitória teve contato com os capoeiristas Nivaldo e Cisinho, integrantes do Grupo Bangalô, do Mestre Rogê. Destacou que, nessa época, observou que a capoeira praticada em Vitória era bem diferente do jogo conhecido por ele.

Segundo Mestre Beiçola, apesar de chamarem a capoeira de regional, jogavam o que ele chamou de “Capoeira Contemporânea Seca”: fechada e armada. “Conheciam os movimentos de ponteira, martelo, giro, ginga e aú. Não sabiam fazer um peão rodado, um martelo de cabeça, dificilmente faziam uma volta na ponte, um macaquinho, uma descida básica, uma apanhado ou um dobre S.”⁹⁹ Foi por meio desses primeiros contatos que Beiçola começou a ensinar os movimentos que conhecia aos capoeiristas de Vitória e, por outro lado, a aprender o jogo da capoeira capixaba. Permanecendo na cidade, fez aulas com o Mestre Fábio, do Grupo Beribazu, e com Zé Orlando, além de outros mestres que conheceu.

Entre 1980 e 1992, viajava constantemente para o Rio de Janeiro para aprender novos movimentos. Em 1992 mudou-se definitivamente com a esposa e os filhos para Vitória. Trabalhava como ajudante de pedreiro e praticava capoeira por lazer. Contudo, desde 1980 coordenava na cidade o grupo Filhos de Angola, vinculado ao Grupo Angonal, do Rio de Janeiro e localizado na Cabana do Martins, local não identificado e que, segundo ele, atualmente não existe. Ao constituir seu grupo na capital capixaba, passou a conhecer outros mestres, a exemplo do Mestre Orelha, do Grupo Beribazu, e Mestre Militão, da cidade de Linhares. Foi orientado por capoeiristas de Vitória a procurar, ainda, o capoeirista Caio Rezende. No Grupo Feitiço, de Caio Rezende, enfrentou resistência, como por parte de Bininha. Nessa época, apenas Odilon era mestre em Vitória. Os

⁹⁸ Reinaldo Ramos Suassuna, ou Mestre Suassuna, é um dos mais importantes mestres de Capoeira no Brasil. Fundou em 1967 o Grupo de Capoeira Cordão de Ouro, em São Paulo, e é considerado um dos maiores difusores da capoeira internacionalmente.

⁹⁹ ALVARENGA, Aldecir Nunes de. **Mestre Beiçola**. Entrevista. Vitória, 11 de fevereiro de 2015.

atuais mestres Cabral, Gilson, Jamelão, Capixaba, Luís Paulo, Orelha e o próprio Caio Rezende não haviam se formado mestres ainda na ocasião.

Mestre Beizola destacou a pluralidade da capoeira e a sua busca constante por conhecimento. Sempre demonstrou interesse em aprender com os grandes mestres, mesmo que isso custasse longas viagens, a exemplo das empreendidas para a Bahia para aprender a tocar e confeccionar o berimbau e o caxixi, bem como treinar os movimentos da modalidade Angola. “É importante essa busca pelo conhecimento, compreender que cada um, a partir de sua vivência, pode transmitir determinado saber sobre o mundo da capoeira”.¹⁰⁰

Para Beizola, não há diferenciação de capoeira por região, mas por estilos diversificados de acordo com a formação e orientação de cada grupo. Nesse sentido, a capoeira para ele é uma só, “contém a ginga, os movimentos e os toques da orquestra, porém cada mestre traz sua influência na formação da roda, na forma do jogo”.¹⁰¹ As diferenças resultam da postura de ensino e da didática utilizada pelo mestre. A graduação de mestre exige estudo que, de acordo com Beizola, envolve, ainda, o estudo acadêmico, sendo que ele cursou Educação Física à distância. Para ele, não basta apenas ter conhecimento, sendo necessário um mínimo de 22 anos de treino e dedicação do aluno em apreender o universo da capoeira. Pois, o mestre é reconhecido pela comunidade em que vive e pela comunidade da capoeira, é aquele que é respeitado como tal. Ressaltou que o mestre deve entender que a capoeira trabalha todo o corpo, a cultura, a arte, a luta.

Aos alunos cabem o respeito e a disciplina para com o mestre. Essa postura é mais forte em Minas Gerais e atualmente vem sendo adotada no Rio de Janeiro, de acordo com sua narrativa. O mestre, portanto, é percebido por Beizola como um orientador, que exerce significativa influência na formação do aluno. Nesse sentido, apontou a relevância da profissionalização do mestre de capoeira e o reconhecimento da profissão por parte do poder público. Atualmente, Mestre Beizola trabalha como professor de capoeira. Para ele, ainda que a profissão não seja regulamentada, o professor já é reconhecido pela sociedade.

Ele também exerce o trabalho de artesão, confeccionando, inclusive, artefatos do universo da Capoeira que comercializa na Curva da Jurema. Segundo contou, o artesanato o legou grande reconhecimento por parte dos outros mestres de capoeira de Vitória, pois sabe fazer berimbau e sempre tem peças a disposição para venda e empréstimo, a exemplo do dobrão, baqueta, caxixi e

¹⁰⁰ ALVARENGA, Aldecir Nunes de. **Mestre Beizola**. Entrevista. Vitória, 11 de fevereiro de 2015.

¹⁰¹ ALVARENGA, Aldecir Nunes de. **Mestre Beizola**. Entrevista. Vitória, 11 de fevereiro de 2015.

atabaque.

Permaneceu no grupo Angonal durante muito tempo, mas desligou-se de seu mestre e montou a Associação Metodoarte, em Vitória, que desenvolve projetos sociais por meio de aulas de capoeira nas escolas e na comunidade do Bairro Jabour, onde reside. Participa, ainda do Grupo Capoeira Aliança. Seu maior projeto, segundo contou, é divulgar o seu trabalho com a capoeira. Atualmente, Mestre Beizola apontou o grande conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória como capoeirista e a rede de amigos que constituiu no meio da capoeiragem. Por meio do trabalho desenvolvido, Aldecir Alvarenga se reconhece como Mestre Beizola, o Sonhador.

**Mestre Orelha – Grupo
Beribazu**



F1-A2-320 - Mestre Orelha

Carlos Henrique Vieira, conhecido como Mestre Orelha, é natural de Pancas, interior do Espírito Santo. Conforme Carlos, na infância, durante os banhos de rio, costumava assistir a um grupo que jogava capoeira em um descampado próximo. Tocavam berimbau e faziam diversos movimentos, enquanto as crianças que assistiam tentavam imitá-los. Contudo, Mestre Orelha aprendeu a capoeira com seus irmãos mais velhos, Odilon Dias Vieira e Íris Dias Vieira, conhecidos como Mestre Odilon e Mestre Íris.

Os irmãos Odilon e Íris aprenderam capoeira quando estudavam no Colégio Agrícola de Brasília, com o Mestre Zulu, Antônio Batista Pinto.¹⁰² Mestre Zulu foi o introdutor da capoeira na Rede Oficial de Ensino do Distrito Federal e fundador do Grupo Beribazu, em 11/08/1972, quando começou a ministrar aulas de capoeira no Colégio Agrícola de Brasília, e no Centro Ideário de capoeira, em

¹⁰² Nascido em 09/05/1941, em Unaí, Minas Gerais, Antônio Batista é professor aposentado da Secretaria de Educação do Distrito Federal; professor aposentado do Ministério da Educação; Químico; Pós-graduado em Didática e Metodologia do Ensino Superior.

1977. Uma de suas contribuições foi a criação da Grande Roda Brasileira de Capoeira (GRBC), evento que vigorou entre 1976 a 1994, que reunia capoeiristas de todo o país, realizado anualmente no Distrito Federal. As atividades previstas congregavam as várias tendências da capoeira e permearam o meio educacional, cultural, esportivo, acadêmico, artístico e político.

O Grupo Beribazu, instituição historicamente constituída e imbricada nas relações institucionalizadas da educação pública, detém uma organização administrativa e operacional sistemática. Portanto, esteve sempre vinculado às instituições escolares, mantendo estreitos elos com a relação de ensino-aprendizagem. O grupo pretende elaborar uma síntese que busca a superação da dicotomia entre as modalidades de Capoeira Angola e Regional, no intuito de difundir a capoeira de modo integral e abrangente, por meio dos seus valores históricos e culturais.

Entre agosto de 1972 e agosto de 1977, Mestre Zulu e seus companheiros do Colégio Agrícola delinearam os princípios do Ideário de capoeira, compostos por: postura pedagógica multidisciplinar e proposta de ensino que enfatiza o aprendizado da capoeira por vivências nas preparações física, técnica, tática, psicológica, ideomotora e invisível. Operacionalmente, recorreram à oralidade informal, recomendaram leituras e composições e buscaram realizar e participar de discussões dirigidas, palestras, seminário, congressos e festivais de capoeira.

O Ideário da capoeira consistia na ideia de resgate da pureza, da autenticidade, da tradição e da gestualidade primitiva, buscando recuperar seletivamente as características e valores de capoeira, redimensionando-a sob a perspectiva do binômio arte-luta, temporalmente dinâmica e espacialmente flutuante; fundamentando filosoficamente o sistema de graduações de capoeira baseado na vivência e na cultura afro-brasileira. O meio escolar seria, desse modo, o principal contexto e instrumento para respaldar a capoeira perante a sociedade e o poder público. A capoeira foi repensada de modo a articular ciência, vivência e experiência na formulação de segmentos solitários de jogos; segmentos duplos de jogos; formas de jogos; modalidades de competições temas de jogos. Estabeleceram, ainda, a diferenciação entre apresentação e demonstração de capoeira.

Esses valores ficaram arraigados na trajetória de Odilon e Íris, transmitidos a Carlos e perpetuados no Espírito Santo pelas filias do grupo instaladas no estado, sobretudo junto à UFES. Carlos revelou que treinava capoeira com seus irmãos durante o período de férias, quando retornavam ao Espírito Santo. Odilon e Íris faziam apresentações de capoeira pelo interior do estado e, ao retornarem para casa, traziam amigos que também jogavam capoeira, sendo que Odilon foi quem trouxe a forma de

expressão para a região de Colatina, local em que morava em sua juventude. “Meus irmãos, inicialmente, não tinham preocupação em teorizar ou apresentar os fundamentos da capoeira, apenas ensinavam os movimentos que compunham o jogo.”¹⁰³ Nesse sentido, aos sete anos, Carlos aprendeu a tocar berimbau com seus irmãos e aos nove anos fabricou seu primeiro instrumento.



Da esquerda para a direita: Mestre Carlos Henrique, ainda criança, no berimbau, Mestre Odilon na pernada e Mestre Íris na esquiva. 1970.

Fonte: Acervo pessoal de Fábio Luiz Loureiro.

Em 1973, Odilon começou um trabalho de capoeira em Colatina, onde fundou o grupo Mensageiros de Angola. Nesse grupo iniciaram um treinamento sistemático, composto pela parte teórica, histórica e cultural, destacando as raízes afro-brasileiras da história da capoeira. Mestre Odilon era o responsável pelas aulas e, na época, o grupo fez grande sucesso no município onde, apesar de ser popular o judô, o boxe e o karatê, não era comum a capoeira. A academia teve grande movimentação durante os anos que os irmãos residiram na cidade e, a partir deste grupo, tornou-se uma tradição dos irmãos Vieira participarem dos eventos em Brasília, onde Carlos conheceu Mestre Zulu. Destaca-se que não havia exigência dos alunos filiados a um grupo manterem seu nome nos grupos que criavam e, na ocasião, surgiu o Mensageiros de Angola como grupo independente e não filiado ao Beribazu de Mestre Zulu. Contudo, como não havia quem continuasse o trabalho de Odilon em Colatina, os Mensageiros de Angola acabaram quando o professor partiu do município para residir em Vitória.

¹⁰³ VIEIRA, Carlos. Henrique. **Mestre Carlos**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

Em 1976, a família de Carlos Henrique mudou-se para Vitória. À época, devido a efervescência cultural vivenciada na cidade, o grupo passou a realizar suas atividades dentro da Universidade Federal do Espírito Santo, com o apoio da professora Deuzira Madeira, coordenadora de folclore da Escola de Música do Espírito Santo. Começava, assim, um processo de divulgação da capoeira na universidade e no Estado.



F1-A2-138 - Grupo Beribazu. 1977.

As aulas de capoeira começaram entre 1979 e 1980, por iniciativa de Carlos que, em 1980, ingressou na universidade para estudar Economia, mas acabou prestando vestibular para o curso de Educação Física, no qual se formou. Havia um grande intercâmbio de conhecimento entre os grupos de Vitória e de outros Estados e os membros do Beribazu procuravam participar dos eventos e das rodas que aconteciam fora de Vitória. Consideravam-se como um grupo maior, ao compararem-se com os demais grupos da época, descrevendo que a cena da capoeira em Vitória, nessa época, era marcada pela rivalidade, disputa e violência entre os grupos.

Os jogos que ocorriam nas rodas demonstravam a agressividade e a postura individualista de cada grupo. Embora não se praticasse o sistema de gradação como hoje, já se faziam conhecer como exímios capoeiristas na cidade Caio Rezende, Diabo Louro, Binho, Luís Paulo, Falcão, Zé Orlando, entre outros, que ainda não haviam se formado mestres. Mestre Orelha afirmou que, devido a grande técnica desenvolvida pelo grupo, não sofreram nenhum tipo de violência praticada pelos demais, mesmo convivendo com este cenário, mas sem participar das brigas. Ressaltou que a preparação técnica percebida no trabalho do Beribazu resultou dos ensinamentos transmitidos por Mestre Zulu e pela busca contínua por conhecimento.

Até a década de 1980 era este o cenário presenciado por Mestre Orelha e seus irmãos na capoeira de Vitória. Por causa das brigas, a prática da capoeira sofria muitos preconceitos, mas, a partir de sua penetração na UFES e na classe média, a capoeira adquiriu melhor visibilidade na sociedade. Segundo Carlos, houve uma elitização da prática e um desenvolvimento de sua prática no sentido metodológico, ético, estético. Como professor de capoeira, Mestre Orelha foi responsável pelas aulas até o início de 1986, quando saiu do país para ministrar aulas de capoeira no exterior. Trabalhou na Universidade da Califórnia em Los Angeles (University of California, Los Angeles UCLA), na Universidade da Califórnia em São Francisco (UC Berkeley, San Francisco), na Universidade da Califórnia em Berkeley (University of California, Berkeley), e em Seattle. Segundo Carlos, no exterior não havia a disputa entre os grupos como se vislumbrava em Vitória e os capoeiristas que chegavam para trabalhar eram muito bem recebidos.

Para continuar seu trabalho na UFES, Carlos Henrique indicou o Mestre Fábio, atualmente professor da UFES. Fábio Loureiro foi aluno do Mestre Orelha e formou-se mestre por suas mãos. Carlos participava ativamente dos trabalhos de capoeira desenvolvidos na UFES. Atualmente, Carlos não se considera atuante no meio da capoeiragem. Trabalha como Guarda Municipal das escolas, destacando que em quase todas as instituições que atende há contato com capoeiristas e projetos de capoeira. Define que, no momento, seu contato com a capoeira está mais próximo do aspecto intelectual, devido a produção de diversos trabalhos acadêmicos. Graduado em Educação Física em 1986, especializou-se em Antropologia, do Programa de Pós-Graduação *latu-sensu* em Antropologia da UFES, em 1993, com o trabalho “A Capoeira: A Construção da Diversidade”.¹⁰⁴ O tema refere-se à questão da violência como construtora da identidade dos grupos de capoeira, apresentando o Grupo Beribazu como adepto da não violência, diferenciando-o dos outros dois grupos que teriam adotado este modelo.

Para Carlos Henrique, os grupos de Vitória têm como aspecto identitário comum o fato de terem sido educados “na e pela capoeira”. Muitos mestres tiveram como escola a roda de capoeira, com o Grupo Beribazu admitindo um processo inverso, instalado no contexto universitário, com alto nível de escolaridade de seus professores, sendo compreendido como um grupo de nível sociocultural elevado. Essa diferenciação de identidades despertou em Carlos Henrique a necessidade de superá-las. Portanto, seu trabalho defende as peculiaridades de cada grupo e como isso poderia ser

¹⁰⁴ HENRIQUE VIEIRA, Carlos. **Capoeira**: a construção da diversidade. Monografia. (Especialização em Antropologia). Vitória: UFES, 1991.

chamado de capoeira. “Capoeira é luta, é manifestação cultural, é jogo, é lúdico.”¹⁰⁵ Na capoeira, segundo Carlos, “cabe tudo e todos, criança, mulher, velho. É musicalidade, é plasticidade”.¹⁰⁶

Mestre Luís Paulo



F1-A2-319 - Mestre Luís Paulo

Luís Paulo Oliveira, nascido em 20/11/1959 em Vitória, completou em 2015 44 anos de prática e atividade de capoeira. O primeiro contato com a forma de expressão ocorreu, segundo ele, no Bairro Jucutuquara, em Vitória, onde nascera. Luís Paulo conheceu a capoeira por meio da Escola de Samba Unidos de Jucutuquara, que teve como fundadores Moacir Lima e Leda de Oliveira. Sediada em Jucutuquara, em 1972 era apenas um bloco, com a participação de diversos capoeiristas. Aos nove anos de idade, Luís Paulo começou a participar das atividades da escola de samba, se aproximando cada vez mais dos movimentos de capoeira.

O bloco costumava partir do Estádio Governador Bley ou Estádio Rio Branco, lugar em que se realizavam as atividades da comunidade de Jucutuquara. Assim, o bloco parava em uma praça próxima ao Estádio, onde fazia uma concentração e ocorriam rodas de capoeira. Era conhecida como “Capoeira sem mestre”. Destacou que havia a presença da capoeira na escola de samba desde 1964, ensinada por Coelho. Mas, Nerci Cardoso foi o pioneiro no ensino da capoeira na cidade, tendo tido contato com a capoeira no Rio de Janeiro por volta de 1979.

De volta ao Espírito Santo, em um desfile de carnaval da Escola de Samba Unidos da Piedade, com o tema “Bahia”, Nerci e seu amigo Salomão apresentaram movimentos de capoeira. A escola venceu e

¹⁰⁵ VIEIRA, Carlos. Henrique. **Mestre Carlos**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

¹⁰⁶ VIEIRA, Carlos. Henrique. **Mestre Carlos**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

algumas pessoas passaram a ter interesse em aprender a forma de expressão. Esses primeiros capoeiristas tiveram influência do livro de Lamartine Pereira da Costa¹⁰⁷, “Capoeira sem Mestre”. Nerci se afastou da capoeira e Julimar Ferreira Lopes, conhecido como Binho, deu continuidade ao seu trabalho de ensino da prática na cidade.



F1-A2-299 - Grupo de capoeira do Grupo Gexá. 1975.

Segundo Luís Paulo, os movimentos praticados não correspondiam a capoeira propriamente, estando mais próximos das chamadas pernadas cariocas, pois não havia ginga. O movimento de capoeira, dessa maneira, passou a crescer associado ao samba. Aos dez anos, Luís Paulo começou a fazer aulas de capoeira. As aulas ocorriam em um descampado próximo a uma antiga fábrica do bairro, ao lado do Museu Monjardim. O responsável pelo treino era Netinho. Porém, como seu pai não conhecia o professor, Luís Paulo passou a ter aulas com Binho, já conhecido de sua família.

A partir do grupo de Nerci e do Salomão, surgiram vários outros capoeiristas: Binho, Robinho, Carlos Maramboni, Tió, Nilo, Celinho, Paulo Matos. À época, não se conhecia profundamente as modalidades de Capoeira Angola e Regional e, por isso, referiam-se à sua prática de capoeira como Angola. A chegada à cidade, na década de 1970, de Lourival Araujo, chamado Diabo Louro, e a exibição de sua habilidade, acarretaram a transferência dos treinos comandados por Binho para a responsabilidade desse capoeirista, devido ao fato de que, na época, já era mestre.

¹⁰⁷ Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha no Rio de Janeiro e professor de Educação Física, escreveu, em 1962, o livro “Capoeira sem Mestre”, em que buscou superar as restrições que, a seu ver, existiam entre a Angola e a Regional.



F1-A2-147 - Recorte de jornal sobre o Grupo Gexá. Destaque para a roda de capoeira. 1976.

Luís Paulo afirmou que, na época, ninguém sabia tocar com destreza os instrumentos da capoeira. Contudo, como ele era filho de percussionista, sabia tocar pandeiro, atabaque e berimbau e, assim, firmou-se na roda de capoeira de Binho e Diabo Louro, uma vez que era único que tocava quando os dois jogavam e tornou-se integrante oficial na orquestra de capoeira. Além do grupo de Binho e Diabo Louro, treinava também com o grupo folclórico Gexá, no Jardim da Penha, nos finais de semana em que ia ao bairro visitar uma tia.

Na década de 1970, Luís Paulo conheceu Caio Rezende, instrutor de capoeira na cidade. Ele vinha do Rio de Janeiro, da linha do Mestre Falcão, que era aluno do Mestre Poeira, antigo capoeirista do Rio de Janeiro. Caio Rezende criou um grupo de capoeira em Vila Velha, que teve vários nomes: Feitiço, Caio Cesar Rezende, Palmares e Queimados. Nesse período, em uma viagem ao Rio, Caio graduou-se como mestre.

Entre 1974 e 1979, Luís Paulo treinou com Mestre Binho, chegando ao grau de professor. Em 1977, viajou à Salvador com o grupo Balé Aplicado, com a peça de teatro “São Mateus Colônia”, na qual interpretou o papel de Negro Rogério. Na cidade, fez aulas na academia do Mestre Bimba e conheceu o Mestre Pastinha, além de outros capoeiristas, como João Pequeno e João Grande.

Em 1979, Mestre Luís Paulo vinculou-se ao Grupo Senzala, do Rio de Janeiro, e, em 1980, fundou uma filial do grupo em Vitória. Treinou no Rio de Janeiro para se graduar como mestre, o que

demorou muitos anos, pois Mestre Peixinho, que o formou mestre, era muito exigente.

Em janeiro de 1985 foi o primeiro mestre no Espírito Santo a introduzir a capoeira no Departamento Estadual de Cultura, sendo contratado como agente cultural. Trabalhava com a divulgação dos grupos de capoeira do estado, para que o Departamento tivesse o conhecimento dos grupos existentes no estado e de sua forma de atuação, destacando que, nessa época, já existiam muitos grupos de capoeira no Espírito Santo. Por volta de 1992 deixou o Grupo Senzala, em Vitória, pois não concordava com a postura violenta dentro do jogo de Capoeira da forma como vinha sendo praticado. Ao sentir-se responsável por todas as ações dos integrantes do grupo, especialmente nesse contexto de violência, optou por sair.



F1-A2-296 - Montagem fotográfica. Mestre Luís Paulo em aula de capoeira em projeto social em Vitória. Década de 1990.

No início da década de 1990 foi convidado a integrar o Grupo Capoeira Brasil, pelo Mestre Boneco, seu fundador, e pelos mestres Paulinho Sabiá e Paulão, visto que esse grupo buscava uma orientação próxima a sua, de desvincular a capoeira do ideal de luta. Contudo, Mestre Luiz Paulo

não esclareceu por quantos anos permaneceu nesse grupo. Como professor, introduziu a capoeira no Centro Educacional Charles Darwin quando contratado como técnico esportivo cultural, em 1995. Nesse período, começou a cursar Pedagogia e, a partir disso, passou atuar como mestre sem que estivesse, necessariamente, vinculado a um grupo de capoeira. Em 2000, criou seu próprio projeto de capoeira, independente de qualquer grupo, escola ou associação.

Em 2010, Mestre Luís Paulo recebeu um título de honra ao mérito da Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da comprovação de seus 40 anos de capoeira. Nesse período, destacou também o curso de capacitação em esporte escolar que frequentou na UNB, realizado a distância. Mencionou que recebeu o prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba, pelo qual ganhou 10 mil reais. Em 2011, realizou junto à Secretaria Estadual de Educação o projeto de inclusão social “Esporte pela paz”, que abrangeu a Grande Vitória, sendo desenvolvido em comunidades com alto risco de vulnerabilidade social. Foram seis mil crianças atendidas.

Luís Paulo sempre viveu da capoeira, mas, atualmente, deixou de dar aulas em academias e de integrar grupos para dedicar-se aos projetos sociais. Afirmou que para ser professor de capoeira é preciso ter um curso superior em Educação Física. Disse que discorda do atual cenário da capoeira no estado, que tende a se tornar um mercado e destacou que um dos problemas observados refere-se à graduação, uma vez que rapidamente muitos alunos ascendem ao grau de mestre sem ter a preparação necessária.

3.5. Localidade Sul

A capoeira jogada na porção sul do Estado do Espírito Santo tem como marca a influência de dois dos principais centros irradiadores do esporte no Brasil. Os Estados da Bahia e do Rio de Janeiro. O levantamento de fontes necessárias à estruturação de uma narrativa histórica acerca da prática da capoeira da região sul do Estado do foi ancorada em entrevistas com antigos mestres de capoeira em atividade na região. Desta forma, destaca-se o recolhimento dos relatos dos Mestre Falcão, formado pelo grupo fluminense Navio Negroiro, e Volmir, pelo Grupo Senzala, referenciados pela comunidade capoeirista do sul e de outras regiões do estado como os principais nomes associados na atualidade ao ensino e formação de novos professores e mestres de capoeira na cidade de Cachoeiro do Itapemirim e na região sul do estado e uma forma geral.

Segundo apontado nas entrevistas realizadas com Mestre Volmir e Mestre Falcão, a prática da capoeira na cidade de Cachoeiro do Itapemirim fora iniciada no período final da década de 1960 e inicial da década seguinte. As entrevistas apontam alguns nomes dos responsáveis pelo início da prática esportiva e cultural na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, que segundo os relatos, trata-se do mais importante centro de disseminação da capoeira no sul do Estado. Entre eles, os nomes de Mestre José Geraldo Filho (o mais antigo a praticar Capoeira em Cachoeiro do Itapemirim), Mestre Gervásio e Mestre Tobogã, constam como os dos mais antigos praticantes de capoeira na cidade. Mestre Falcão ressalta que, apesar de nenhum dos referidos mestres praticar mais capoeira na atualidade, os seus nomes devem ser lembrados como responsáveis pela implantação da prática da capoeira na região sul do estado.

Ainda na mesma entrevista, Mestre Falcão aponta o nome de outro capoeirista denominado João Batista, que é natural da cidade de Cachoeiro do Itapemirim e teria aprendido a praticar capoeira no período em que viveu na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ter sido professor de capoeira por um tempo, João Batista nunca alcançou a graduação de mestre mesmo porque nunca teve a pretensão de adquirir esta graduação. João Batista ensinava Capoeira em espaços públicos de forma voluntária. Falcão ainda aponta que foi dado a época o nome de Grupo Liberdade ao grupo que praticava capoeira com João Batista em função da característica livre de hierarquização e institucionalização pautada pela atitude humilde de João Batista. Igualmente aos demais capoeiristas citados acima, João Batista abandonou a prática da capoeira há alguns anos.

A entrevista de Mestre Volmir aponta ainda a importância de outro mestre de capoeira no desenvolvimento da prática esportiva no sul do estado. Trata-se de Mestre Tigre, natural da cidade

de Salvador, filiado à tradição da escola de Capoeira Regional de Mestre Bimba. Mestre Tigre viveu na cidade de Cachoeiro do Itapemirim na década de 1970 e fora um importante agente disseminador da tradicional Capoeira Regional nascida na Bahia. Após o período em que viveu em terras capixabas, Mestre Tigre se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, não voltando mais a Cachoeiro do Itapemirim e consequentemente perdendo o contato com a comunidade capoeirista capixaba. Apesar de fornecer importantes dados acerca da atuação de Mestre Tigre, Mestre Volmir afirmou não se recordar do nome pelo qual era conhecido o grupo de capoeira liderado por Mestre Tigre.

Com desenvolvimento da cultura capoeirista na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, houve aumento no número de interessados em praticar o esporte. Nesse sentido, Mestre Volmir aponta para o surgimento de outros importantes nomes da capoeira, dentre eles, Mestre Ari, que fora um destacado aluno de Mestre Tigre, e que ficou responsável pelo grupo a partir do momento em que Mestre Tigre mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Após esse período, Mestre Volmir aponta para a mudança de Mestre Ari para a cidade de Vitória, onde intensificaram os laços dos capoeiristas de Cachoeiro do Itapemirim com o Grupo Senzala, estabelecido no início da década de 1980 na capital do estado capixaba por influência do grupo de mesmo nome, sediado na cidade de Rio de Janeiro.

Nos anos 1980 e 1990, a relação entre os grupos de Capoeira de Cachoeiro do Itapemirim foi intensificada com os grupos de capoeira da capital Vitória, essencialmente com o Grupo Senzala, a partir de Mestre Ari. Mestre Volmir aponta para a atuação de Mestre Luiz Paulo na cidade do sul do estado. Com o passar dos anos, outros grupos foram fundados em Cachoeiro do Itapemirim como o Grupo Quizomba, o Grupo Princesa do Sul, o Grupo Navio Negreiro, Grupo Libertação, Grupo Mocambos e o Grupo A.C.A.P.O.E.I.R.A., sendo o último uma filial do grupo fundado em Vitória por Mestre Capixaba, referência da prática esportiva nas porções norte e central do estado.

Na atualidade, a capoeira na cidade de Cachoeiro do Itapemirim consta como uma prática cultural e esportiva sedimentada na cultura local, livre dos rótulos preconceituosos que marcaram o processo de legitimação do esporte ao longo de seu processo constitutivo no século XX em todo o Brasil. A entrevista de Mestre Falcão aponta para a existência de políticas públicas de apoio a capoeira, fomentadas pela Prefeitura Municipal de Cachoeiro do Itapemirim por meio das Leis Municipais Mestre João Inácio e Rubem Braga. Falcão ainda aponta a realização de um evento denominado Encontro Interestadual de Capoeira em Cachoeiro, que já contou com 29ª edições. Neste evento são

realizados convites a Mestres e praticantes de capoeira de vários estados do Brasil e são realizadas rodas de capoeira, apresentações de Maculelê e Samba de Roda, além de mesas redondas destinadas à troca de experiências entre mestres de capoeira de todo o Brasil.

3.5.1. Entrevistas realizadas com mestres referenciais da Localidade Sul

**Mestre Volmir – Grupo
Filhos da Princesa do Sul**



F1-A2-322 – Mestre Volmir

Volmir Nascimento Melo, nascido em 30/08/1968, em Cachoeiro do Itapemirim, teve seu primeiro contato com a capoeira por meio dos avôs, que eram, respectivamente, de Sergipe e Pernambuco e conheciam a forma de expressão. Atualmente é considerado como o mais antigo mestre da região sul, com cerca de 52 anos de prática de capoeira e um dos mais antigos mestres do estado. Ao relembrar sobre sua infância, Volmir apontou que durante as conversas com seus antepassados ouviu pela primeira vez histórias sobre a capoeira, referentes aos seus movimentos.

Foram meus avôs que vieram para o Espírito Santo, em um período em que também vieram muitos baianos, oriundos do sertão. Normalmente, eram padeiros e vendiam seus produtos nos cestos e balaies e eram bastantes conhecidos de meu avô. Quando vendiam pão em minha casa, costumavam conversar sobre o passado.¹⁰⁸

Começou a treinar capoeira em meados de 1971, por meio de seu irmão, Sergio Luis Nascimento Melo, conhecido como Barata, que, por sua vez, aprendeu capoeira com Mestre Tigre que, nessa época, residia em Cachoeiro do Itapemirim. Barata, com uma graduação mais elevada, passou a

¹⁰⁸ MELO, Volmir Nascimento. **Mestre Volmir**. Entrevista. Cachoeiro do Itapemirim, 14 de fevereiro de 2015.

ministrar aulas em sua casa. Com o tempo, passou a treinar com Mestre Tigre, baiano e aluno de Cobrinha Verde, este aluno de Besouro Magangá. Mestre Tigre, que também era circense, começou a ministrar suas aulas no liceu do município, onde estudaram os irmãos de Volmir. Atletas de solo pediram ao mestre que lhes ensinasse capoeira e, por consequência, aos demais desejosos de aprender essa manifestação cultural.

Antes da chegada de Mestre Tigre, Volmir disse quem dava aula de capoeira era José Geraldo Filho, natural de Cachoeiro do Itapemirim que aprendeu a capoeira durante o período em que serviu às forças armadas no Rio de Janeiro, onde se teria formado mestre. Ao voltar, passou a desenvolver um trabalho de capoeira na cidade. Os alunos de José Geraldo e Mestre Tigre, com o tempo, passaram a treinar juntos, uma vez que não havia a rivalidade percebida nas disputas tão comuns entre grupos de capoeira.

À época, as rodas aconteciam na rua, geralmente em terreirões, espaços descampados. José Geraldo fazia sua roda no terreirão do Jaraguá, perto do Clube do Jaraguá. Os uniformes eram feitos com sacos de estopa, que os próprios alunos confeccionavam e não havia um sistema de graduação por cordas. Segundo Mestre Volmir, ao comparar a Capoeira aprendida naquela época e o ensino atual, disse que havia uma grande diferença nos aspectos técnicos. A capoeira que treinou durante sua juventude não era tão técnica, segundo ele, e essa mudança ocorreu após os alunos de Educação Física se integrarem à prática da capoeira, introduzindo diversas técnicas e novos movimentos.

As rodas, por outro lado, eram bastante violentas. Era comum a existência de armas entre os capoeiristas, especialmente a navalha. Por causa da facilidade em ser escondida, a navalha foi uma das primeiras armas usadas pelos capoeiristas nas ruas. De acordo com Mestre Volmir, ele treinou e jogou com navalha. Afirmou que Mestre Tigre era exímio no manuseio da navalha, detendo o conhecimento do jogo com elástico, o que não transmitiu aos seus alunos.

Aos 15 anos de idade, Mestre Volmir começou a desenvolver seu trabalho com a capoeira dentro de sua comunidade, junto com seus amigos. O decorrer do tempo e o progresso do treinamento proporcionaram o avanço de sua prática. Nesse período, seu mestre viajou para o Rio de Janeiro e deixou alguns alunos sob seu comando. Contudo, Mestre Ari, João Santana, que atualmente está em Nova York, foi um dos alunos que continuou a ministrar aulas de capoeira em Cachoeira do Itapemirim e com quem Volmir continuou a treinar após a saída do Mestre Tigre. Destacou que Ari recebeu aulas de Diabo Louro, que também deu aulas em Cachoeiro do Itapemirim. Com o

falecimento de Diabo Louro, Ari passou a integrar o Grupo Senzala, do Rio de Janeiro, por meio do Mestre Camisa, levando consigo seus alunos.

Na década de 1980, Mestre Ari partiu para os Estados Unidos e o Mestre Luís Paulo, de Vitória, chegou a Cachoeiro com o intuito de continuar o trabalho de capoeira do Grupo Senzala na cidade. As aulas eram ministradas no Sindicato dos Ferroviários. Mestre Volmir permaneceu no Grupo Senzala, como aluno de Luís Paulo, entre 1980 e 1994. Mas, por problemas com o citado mestre, deixou o grupo e, em seguida, fundou seu grupo, chamado Quizomba, juntamente com Mestre Natalício, de Espera Feliz, Minas Gerais, e Marcelo, integrante do Cordão de Ouro, grupo do Mestre Suassuna, também de Minas Gerais. Antes de executar este projeto, percorreram as grandes rodas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais para pedir autorização aos mestres antigos para a instalação do projeto e promover sua divulgação. Após, optou por extinguir esse grupo e migrar para o Grupo Filhos da Princesa do Sul, fundado em 1979, mas que já funcionava na cidade desde 1975. Sua graduação como mestre ocorreu em 2000, pelas mãos do Mestre Cabral, da FECAES.



F1-A2-129 - Interior do Centro de Cultura "Mestre Salatiel" – Casa do Capoeira, 14/02/2015



F1-A2-130 - Centro de Cultura "Mestre Salatiel" – Casa do Capoeira, 14/02/2015.

Mestre Volmir disse que não percebe distinção entre as modalidades Angola e Regional no mundo da capoeira. Para ele, a capoeira é múltipla e pertence ao mundo, com as diferenças percebidas nos jogos sendo derivadas das várias ramificações que possui. Atualmente, seu único trabalho é com a capoeira, sendo que usa um espaço cedido pela prefeitura para dar aulas. Como existe financiamento público para os projetos de capoeira desenvolvidos por seu grupo, todo o trabalho é gratuito para a comunidade. O maior evento celebrado por seu grupo ocorre na data de 20 de maio, comemoração da morte de Zumbi. Além das rodas de capoeira, são realizadas oficinas e

apresentações de Jongo e Maculelê. Capoeiristas de diversas regiões são convidados a participar.

**Mestre Falcão – Navio
Negreiro**



F1-A2-321 –Mestre Falcão

Conhecido no meio da capoeiragem como Mestre Falcão, Aldeci Gomes da Silva, pertence à linhagem da Capoeira Regional, com sua ascendência remontando ao Mestre Bimba e tendo afirmado que representa a décima primeira geração de seus alunos. Formado pelo Mestre Timbó, Carlos Augusto Cruz Peixoto, de Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro, que tem sua árvore genealógica remontando a Mestre Bimba por meio do Mestre Ferro Velho, aluno de Mestre Vermelho que, por sua vez, foi aluno de Bimba.

Ao estudar sobre as duas modalidades de capoeira, Angola e Regional, Falcão percebeu que o seu aprendizado estava próximo da Regional. Diferente dos jogos praticados em Cachoeiro do Itapemirim, em que a capoeira era compreendida como um jogo de lazer, na qual seus movimentos não tinham por objetivo ataque e defesa, o aprendizado de Mestre Falcão era voltado para a capoeira como luta, um combate, com movimentos de ataque e defesa. Uma particularidade de Aldeci é sua ligação com a umbanda, pertencente ao terreiro de Dona Isolina¹⁰⁹, ocupando o cargo de ogã.

O primeiro contato com a prática da capoeira foi ainda na infância, em 1981. Os treinos aconteciam no bairro de Jardim Itapemirim de Monte Cristo, conhecido como Monte Cristo. O professor do

¹⁰⁹ Niecina Ferreira de Paula Silva, por alcunha Dona Isolina, é mãe de santo no Centro Espírita Menino Jesus, da umbanda, e líder do Caxambu da Velha Rita. Reside no bairro Morro do Zumbi na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, onde mantém sua casa de oração.

grupo era João Batista, que ensinava informalmente aos alunos. A capoeira, desse modo, era apresentada aos alunos em sua “raiz”, sem influências de outras artes marciais ou acrobacias circenses. João Batista nunca comentou com quem e onde aprendeu capoeira, mas era um bom capoeirista e ensinava as crianças por amor ao trabalho. Não havia um grupo formalmente constituído nem cobrança de mensalidade. Os encontros ocorriam aos sábados, a partir das três horas da tarde, em um descampado do bairro. Com o tempo, o grupo foi crescendo e, apesar da despreocupação de João Batista em institucionalizá-lo, os alunos passaram a denominar o grupo de Liberdade. Quando o professor tornou-se evangélico, o grupo dissolveu-se bastante, sendo que alguns alunos o acompanharam.

As rodas eram permeadas pela violência do jogo da capoeira, mas não havia disputas ou desentendimentos entre grupos. Mestre Falcão relatou o preconceito que passou durante a infância por praticar capoeira. Quando seguia para os treinos, portava seu berimbau, e, por isso, foi admoestado por seu vizinho, ex-policia militar do Rio de Janeiro. Aos doze anos foi criticado por ser capoeirista, o que para muitas pessoas era uma prática de marginais e bandidos. Quando estudou sobre o passado da capoeira, especialmente no início do século XX, compreendeu que a visão da capoeira marginal tinha certo fundamento. Mas, ressaltou que essa imagem não representa os capoeiristas há muito tempo.

A dissolução do Grupo Liberdade não significou o fim da prática de capoeira para Mestre Falcão. Ao contrário, sua busca por conhecimento o levou a uma breve passagem pelo Grupo Filhos da Princesa do Sul, onde treinou com Mestre Airton, quando já contava com cerca de dez anos de prática de capoeira. Com o tempo, percebeu a necessidade de uma graduação como capoeirista, sendo que, na época, os grupos de Cachoeiro do Itapemirim não tinham essa preocupação em graduar seus alunos, com os mais antigos jogando em equivalência com instrutores, professores e, por vezes, mestres.

Em 1992, em uma roda de capoeira na Universidade Federal do Espírito Santo, Falcão conheceu Mestre Timbó. A reciprocidade da amizade resultou na filiação de Falcão à Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Navio Negroiro, fundado por Mestre Timbó em 1980. Mestre Falcão foi o primeiro aluno da cidade a ser graduado como professor em 1993. Foi formado por Mestre Timbó e, em 1992, instalou uma filial do Navio Negroiro em Cachoeiro do Itapemirim.

Com o desenvolvimento do seu trabalho no município, em 1996, foi graduado como contramestre. Apesar de sua surpresa inicial, Mestre Timbó lhe havia informado que estava apto a elevar sua

graduação, devido à trajetória e trabalho como capoeirista, conhecimento sobre o mundo da capoeiragem e por ter o preparo necessário. Nesse sentido, em 1998, Falcão recebeu o cordão branco da graduação como mestre, durante um evento que realizava na Escola Esmerino, localizada no Bairro Esmerino. O cordão foi recebido das mãos de Mestre Timbó e de um grupo de seus alunos, inclusive de alguns que havia formado no mesmo dia. Mestre Falcão continua ligado ao Navio Negreiro, sendo o único aluno que desenvolve um segmento da associação fora do Rio de Janeiro. Com o crescimento de seu trabalho, atualmente, são várias filiais localizadas em diversos bairros do município, em distritos e cidades vizinhas.

Além do seu grupo, Mestre Falcão participa da Associação de Capoeira Aliança, resultado da iniciativa dos mestres de capoeira em se organizarem como uma pequena ONG, para socializar mais os grupos do município. A Associação possibilita, para ele, maior visibilidade dos trabalhos desenvolvidos pelos mestres diante do poder público e aos empresários, especialmente para a busca de patrocínio e apoio para seus eventos. Com cerca de dez grupos participantes no estado, estão entre eles os seguintes grupos de Cachoeiro do Itapemirim: Filhos da Princesa do Sul; Navio Negreiro; Libertação; Mucambos; e A.C.A.P.O.E.I.R.A. (filial do grupo do Mestre Capixaba). Esses grupos formam a associação dos profissionais de capoeira do Sul do Espírito Santo.

Mestre Falcão realiza um trabalho voluntário de ensino da Capoeira, atuando profissionalmente como Agente de Segurança. Na capoeira mantém dois projetos sociais: “Nossas Raízes” e “Água de Beber”, desenvolvidos em bairros com alto risco social. Os projetos são desenvolvidos há 10 anos pelo Grupo Navio Negreiro e recebem recursos das leis municipais “Rubem Braga” e “Mestre João Inácio”, juntamente com eventuais colaborações de apoiadores. O grupo promove diversos eventos, destacando-se o “Encontro Interestadual de Capoeira”, que este ano se encontra na trigésima edição. O evento recebe entre três e oito representantes de diferentes estados, a exemplo de capoeiristas de Salvador, Teresina, São Luís do Maranhão e Rio Grande do Sul.

Mestre Falcão formou apenas um mestre, Guerreiro, residente em Apiacá, Espírito Santo, também filiado ao Navio Negreiro e que perpetua seus trabalhos. Destacou que formou a contramestre Patrícia, considerada a capoeirista mais graduada do Sul do estado, além do falecido contramestre Eliseu. Em sua opinião, o cargo de mestre requer inúmeras responsabilidades e, portanto, um mínimo de 22 anos de trabalho ininterrupto no mundo da Capoeira, sem que tenha explicitado o motivo desse tempo de prática. Por ser um referencial de seus alunos, o mestre deve ter uma conduta ilibada na sociedade e um grande detentor do conhecimento histórico e cultural do mundo

da capoeiragem. Por compreender a capoeira como um instrumento de transformação social, o mestre de capoeira deve estar envolvido diretamente no trabalho com projetos sociais, por meio da prestação de serviços comunitários.

3.6. As influências da capoeira nas regiões do Espírito Santo.

Em relação à capoeira praticada nas três regiões do Estado, tratadas de forma específica no texto em relação ao processo histórico de desenvolvimento da capoeira em cada uma delas, é possível afirmar que hoje, a prática da forma de expressão tornou-se relativamente homogênea, uma vez que o dinamismo dos transportes e dos meios de comunicação permitem um intercâmbio muito mais intenso do que a troca de experiências que se fazia possível nas décadas de 1960 e 1970, em que a prática cultural e esportiva passava pelo processo de sedimentação no estado.

As diferenças notadas estão estabelecidas nas principais e pioneiras influências que cada região recebeu. No entanto, tanto no Norte quanto na Região Metropolitana do estado, nota-se a participação mútua entre capoeira baiana e carioca. Nesse sentido, Mestre Maneca é apontado por Mestre Militão como um dos responsáveis pela difusão da capoeira na cidade de Linhares, ao mesmo tempo em que os irmãos Rafael Flores e Paulo Flores, fundadores do afamado Grupo Senzala do Rio de Janeiro, representam concomitantemente influências da capoeira soteropolitana e fluminense. Do mesmo modo, a prática da capoeira das regiões Metropolitana e Sul do estado tem como característica nutrir relações intensas com o Rio de Janeiro, que entre as décadas de 1960 e 1970, foi um importante pólo difusor da capoeira praticada nas academias, por meio dos grupos. A experiência do Grupo Senzala foi ampliada para outras regiões do Brasil, incluindo a cidade de Vitória, para onde os mestres Capixaba, Caio Resende e Luiz Paulo levaram o conteúdo aprendido no período em que procuraram o aprimoramento da técnica na capital fluminense, como tratado no presente texto.

Mestre Militão Reza Forte indicou em sua entrevista sua concepção acerca das diferenças entre as formas de prática de capoeira presentes na atualidade entre as cidades do Norte, de Vitória e do Sul do estado. Na compreensão dele, as formas de aproximação dos capoeiristas de cada região a outros pólos de prática da capoeira no Brasil, mas precisamente o Rio de Janeiro, a partir dos Grupos Senzala e Abadá por meio dos Mestres Luiz Paulo e Capixaba, respectivamente, criaram diferenças pontuais na capoeira disseminada entre os praticantes do norte e da região de Vitória, como é possível observar no trecho destacado.

A capoeira de Vitória, ela pegou uma linhagem assim da Senzala e do Abadá. Uma capoeira massificada, uma linha... A capoeira do Norte, a minha capoeira, ela não tem essa linha, ela tem versatilidade. Não tem aquele negócio de treinar um sistema. Pra que? Para que você não fique, né... Quando você vai fazer um movimento ou outro já sabe o que você vai fazer. Então se você observar esses grupos que acompanharam essa linhagem da Senzala, do Abadá, do Beribazu, você sabe tudo que eles vão fazer. Agora, a nossa capoeira, você não sabe.¹¹⁰

A opinião de Mestre Militão deve ser levada em conta em função da importância desse agente difusor da prática capoeirista no estado. No entanto, a grande maioria dos mestres entrevistados propõem uma relativa homogeneidade em relação à forma de prática da capoeira nas três regiões, não existindo assim um modelo característico predominante no estado.

A capoeira no Espírito Santo na atualidade pode ser entendida como uma forma de expressão que se juntou de forma substancial à cultura capixaba, para além da sua representatividade como expressão da cultura brasileira, em um momento em que é valorizada a nível global com o recente reconhecimento da roda de capoeira, no ano de 2014, como integrante da Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.¹¹¹ É interessante que nunca seja perdida de vista a condição desfavorável na qual a prática da capoeira esteve inserida ao longo de seu processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, é essencial a valorização daqueles que, de forma direta, foram fundamentais no sentido de resistir às pressões sociopolíticas do final do século XIX e assim garantir às gerações posteriores o direito à capoeira. No caso específico do Espírito Santo, as figuras de Mestre Teodorinho Trinca Ferro, bem como os mestres e alunos por ele formados, além dos também importantes mestres de capoeira da segunda metade do século XX, devem sempre configurar como referências fundamentais no longo processo de legitimação da capoeira capixaba e do consequente alcance da destacada condição de expressão cultural representada pelo Mapeamento dos Mestres de capoeira desenvolvido pelo IPHAN-ES.

Neste tópico abordaram-se aspectos relacionados à trajetória histórica da capoeira no Espírito Santo, por meio de informações obtidas nas entrevistas realizadas com o grupo de mestres que foram informantes na pesquisa. No intuito de compreender a forma como a capoeira se apresenta nas localidades elencadas para a pesquisa (Norte, Sul e Região Metropolitana), os mestres foram

¹¹⁰ SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.

¹¹¹ Cf: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity/#.VQSIQ47F9qU

questionados sobre a modalidade da forma de expressão que praticam, além de interpelados sobre o aprendizado e a transmissão desse saber. Como observado em campo, a modalidade mais comum da capoeira praticada atualmente nas regiões investigadas é a chamada Capoeira Regional, na perspectiva Contemporânea advinda das transformações realizadas pelo Grupo Senzala nos anos de 1960. Contudo, de acordo com Castro (2007):

A divisão da capoeira nas modalidades angola e regional se desenrolou nos anos 1930, sob a tutela do governo nacionalista de Vargas, sendo inclusive descriminalizada durante o Estado Novo. A presença direta no cenário político e cultural fez com que as vertentes recém-organizadas se transformassem em modelos de discussão das teses sobre a pureza e a mestiçagem, quando na verdade freqüentavam a região fronteira das culturas formadas entre o projeto de nação moderna e a ancestralidade africana. (CASTRO, 2007, p. 32-33).¹¹²

Logo, é importante considerar que, ao afirmarem que a Capoeira Regional é a modalidade mais expressiva no estado, em termos da forma como a manifestação cultural apresenta-se comumente, os mestres compartilham da divisão entre Regional e Angola que se popularizou a partir da década de 1930, exemplificando como a Capoeira Regional proliferou-se no país a partir de sua aproximação com o esporte. Para Castro (2007, p. 34): “As inovações propostas por Mestre Bimba buscavam socializar a capoeira diante de um quadro de políticas nacionais que visavam garantir-lhe o posto de esporte genuinamente brasileiro”.

Mas, os mestres relataram, ainda, que mesmo a Regional sendo a modalidade mais praticada, os elementos da Capoeira Angola são transmitidos aos alunos, assim como foram repassados a eles pelos mestres que os formaram, com um estilo não excluindo o outro. Usa-se comumente entre eles a expressão Contemporânea para nomear a capoeira como disseminada no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970 e que persiste no Espírito Santo, unindo aspectos da Regional, da Angola e com predominância de movimentos acrobáticos, amalgamada com as artes marciais e com intensa valorização do desempenho esportivo do capoeirista.

Sobre a Capoeira Angola, as referências que surgiram nas entrevistas com os mestres, como abordado, tendem a representá-la como uma forma antiga da capoeira, ainda que alguns aspectos persistam imbricados na modalidade Contemporânea, como, por exemplo, no toque São Bento Grande de Angola que demanda movimentos mais lentos e próximos ao solo. Além disso, ao

¹¹² CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo**: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York. 2007. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

mencionarem a Capoeira Angola no Espírito Santo, alguns mestres, como Piau, de São Mateus, referiram-se ao capoeirista mais antigo popularizado no estado, Teodorinho Trinca-Ferro. Com isto, a Capoeira Angola é localizada no passado, interpretada como modalidade pretérita da forma de expressão. Mas, a capoeira praticada no tempo de Teodorinho Trinca-Ferro (final do século XIX e início do século XX), ainda não havia passado pela distinção entre Angola e Regional proposta, respectivamente, por Pastinha e Bimba.

Uma hipótese para a dispersão da Capoeira Regional e Contemporânea no Espírito Santo, assim como no restante do país, é a expansão de grupos fundados na capital fluminense, como o Abadá e o Senzala, e que contribuíram não somente para a disseminação da Regional, mas para a constituição do que se convencionou chamar de Capoeira Contemporânea. Conforme Castro (2007, p. 35-36)¹¹³:

Depois de diversas viagens a Salvador, os rapazes [da classe média do Rio de Janeiro e São Paulo] voltaram para casa e desenvolveram novas práticas. Fundiram a instrumentação da capoeira angola à Capoeira Regional, introduziram saltos de ginástica, adotaram cordas – os chamados cordéis – com as cores da bandeira brasileira, sintoma do nacionalismo em voga na ditadura militar, e colocaram nomes nos grupos que evocavam os tempos da escravidão, como foi o caso do Senzala. [...] Vale lembrar que Mestre Bimba, por sua vez, não propôs a mistura da angola com a regional. Ele queria que os antigos aderissem a uma forma de capoeira nova, que ele acreditava ser mais eficaz marcialmente. Quem fez esta mistura, na década de 1960, foram os jovens cariocas e, depois, paulistas. (CASTRO, 2007, p.35-36).

Pelo que se notou a partir das linhagens dos mestres que tiveram grande influência na capoeira capixaba, destacando-se entre eles os mestres referenciados neste trabalho, os grupos Senzala, Abadá e Beribazu são as principais unidades executoras da forma de expressão disseminadas no Espírito Santo a partir da década de 1960. Porém, outros grupos ganharam espaço no cenário da forma de expressão no estado, como o Cordel Vermelho, de Minas Gerais, e o Navio Negroiro, do interior do Rio de Janeiro. Da mesma forma, novos grupos foram fundados nas terras capixabas, tais como a Aliança Capoeira, de Vitória, e o Filhos da Princesa do Sul, de Cachoeiro do Itapemirim. Mas, ao remontar a genealogia dos mestres desses grupos, chega-se, quase sempre, às linhagens originadas na cidade do Rio de Janeiro e que tem na Capoeira Regional sua principal vertente, com exceção do Beribazu, com sede em Brasília. Da Bahia, localizou-se apenas o grupo Camarada Camaradinha, com sede em Ilhéus.

¹¹³ CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo**: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York. 2007. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

Buscando-se sistematizar o desenvolvimento da capoeira no Espírito Santo propõe-se o seguinte esquema, elaborado a partir de informações de caráter histórico obtidas por meio das entrevistas mencionadas neste produto, considerando os mestres que disseminaram a forma de expressão e o próprio ofício de mestres de capoeira no Espírito Santo, não excluindo o trabalho de outros capoeiristas não listados aqui. A continuidade da capoeira deu-se a partir da formação de novos mestres que ainda estão em atuação no estado.

Quadro 12. Modalidades da capoeira praticadas no estado em diferentes épocas

ÉPOCA	MESTRES E PRATICANTES IDENTIFICADOS	LOCALIDADE	MODALIDADE
Final do século XIX	Teodorinho Trinca-Ferro	Norte	Indeterminada
Primeira metade do século XX	Nerci Cardoso e Salomão	Metropolitana	Pernada ¹¹⁴
	José Geraldo, Gervásio e Tobogã	Sul	Regional / Contemporânea
Segunda metade do século XX	Maneca e Militão	Norte	
	Odilon, Diabo Louro, Caio Rezende, Binho, Luiz Paulo, Capixaba, Ari, Cabral, Beizola e Fábio Loureiro.	Metropolitana	

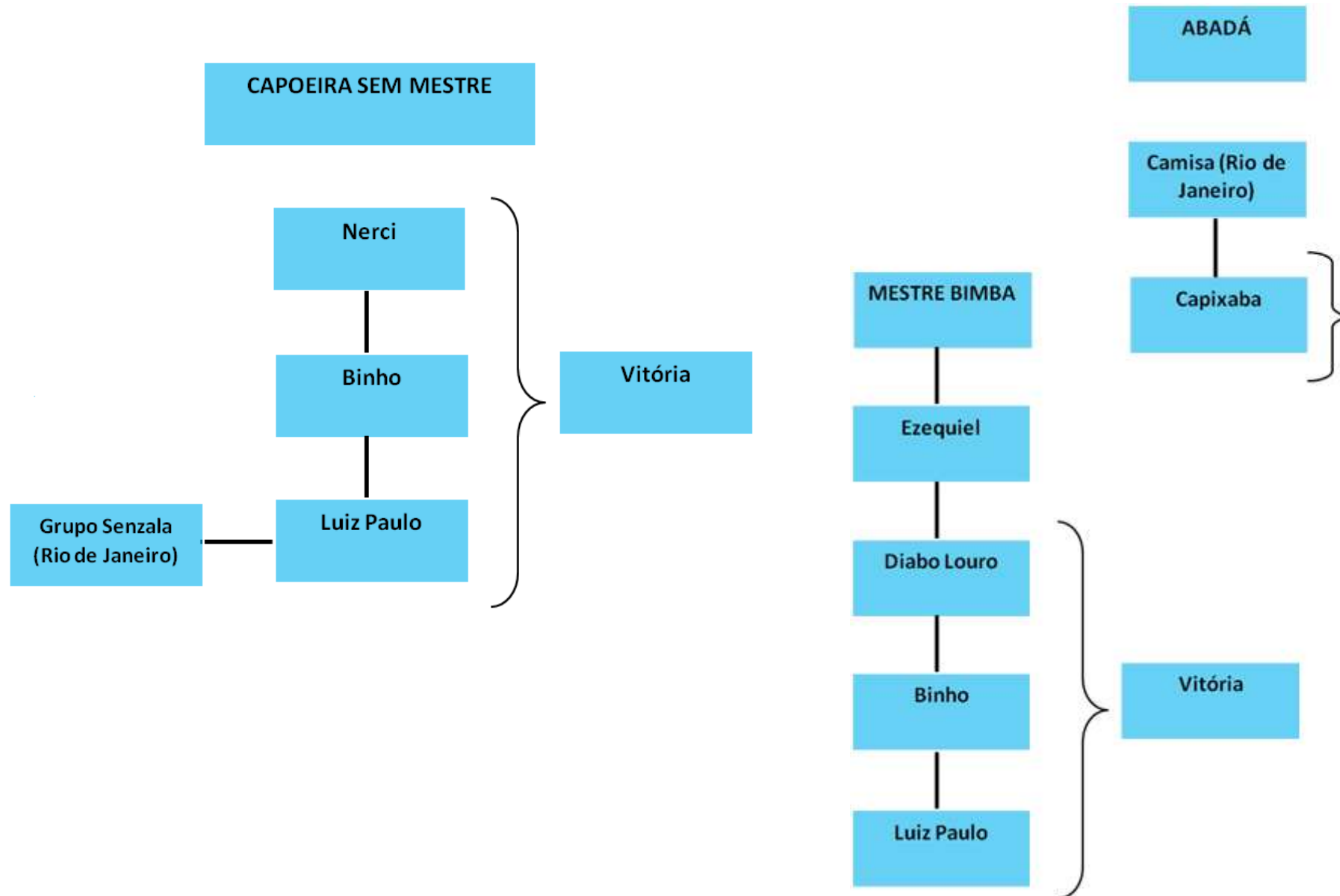
Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas em fontes bibliográficas e nas entrevistas realizadas com mestres referenciais da capoeira no Espírito Santo.

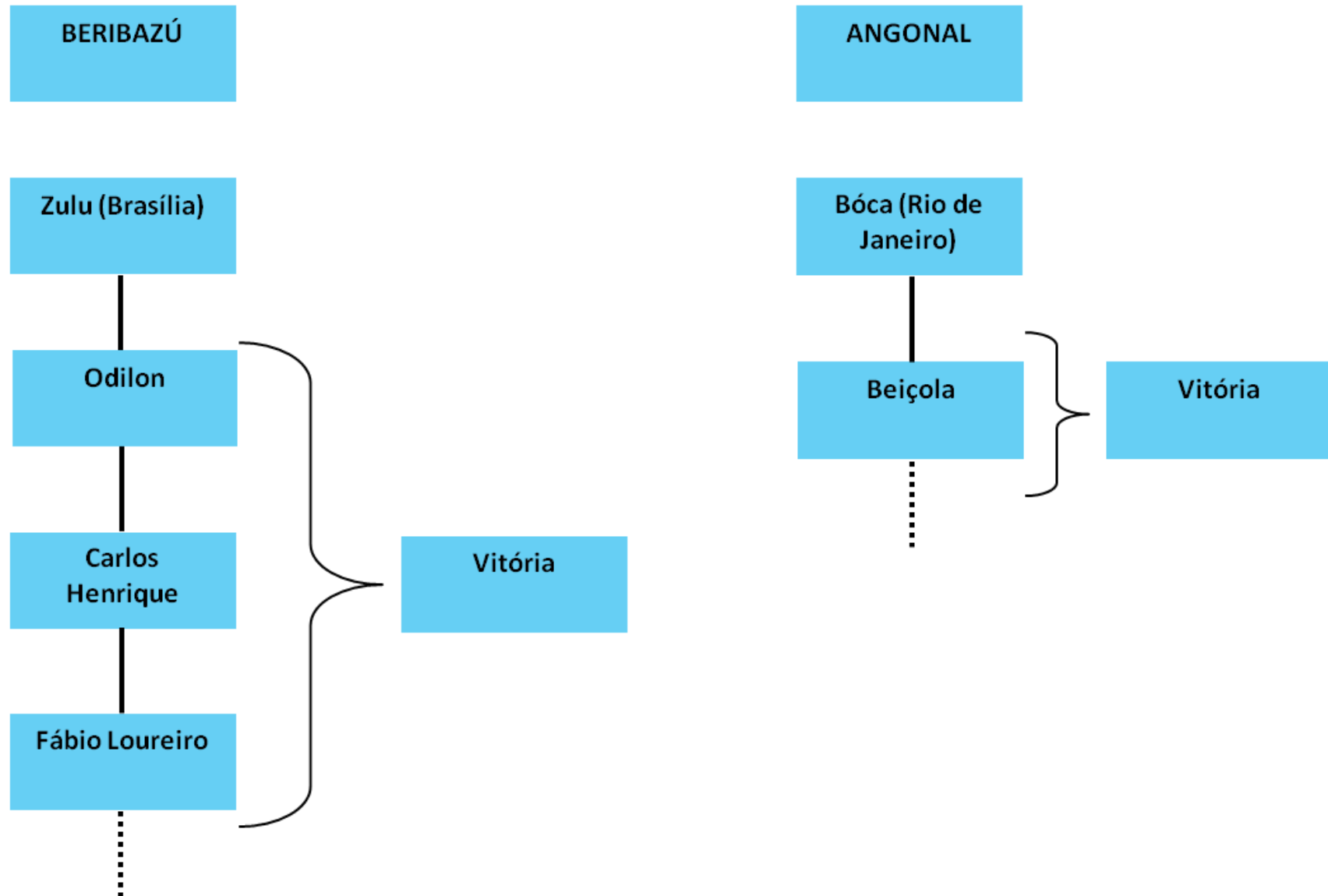
Levando-se em conta o conceito de linhagem de Evans-Pritchard (1978)¹¹⁵, em que uma linhagem pode ser definida como um grupo em que se pode traçar uma árvore genealógica, foi possível estabelecer, ainda que de forma preliminar, uma prospecção da genealogia dos principais mestres de capoeira do Espírito Santo, como segue.

¹¹⁴ Câmara Cascudo (1972, p.709) classificou a pernada como forma simplificada da Capoeira, envolvendo jogo ginástico, brincadeira de agilidade entre “valentões, malandros e capadócios”. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2ª vol., Brasília: Instituto Nacional INL-MEC do Livro, 1972.

¹¹⁵ EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Região Metropolitana





Norte

DESCENDENTES
DO PANTERA

Pantera Negra
(Rio de Janeiro)

Militão

Linhares

Sul

NAVIO
NEGREIRO

Timbó (Campos
dos Goytacazes)

Falcão

Cachoeiro do
Itapemirim

FILHOS DA PRINCESA DO SUL

Besouro
Mangangá (Bahia)

Cobrinha Verde
(Bahia)

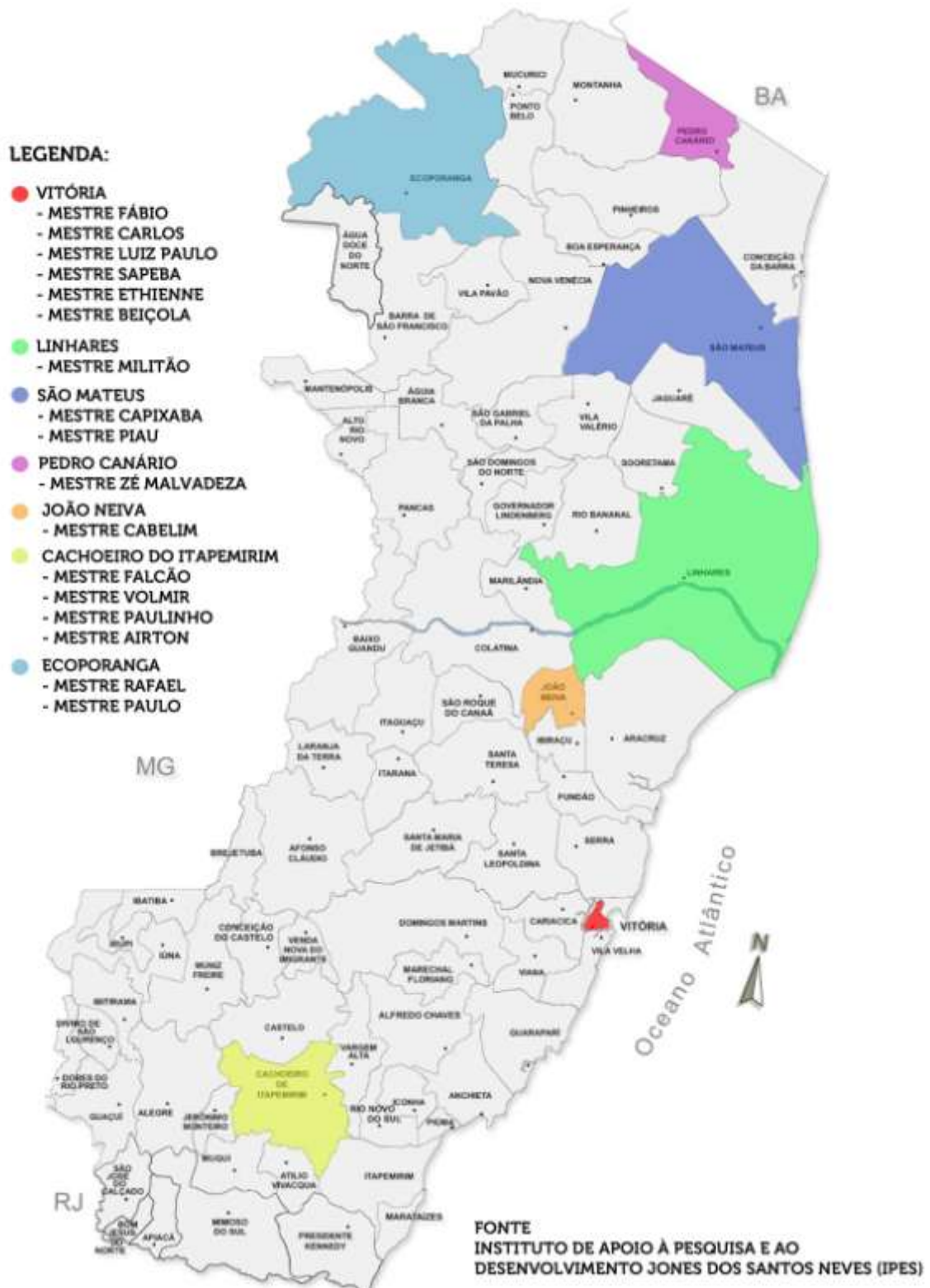
Mestre Tigre

Volmir

Cachoeiro do
Itapemirim

4. REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

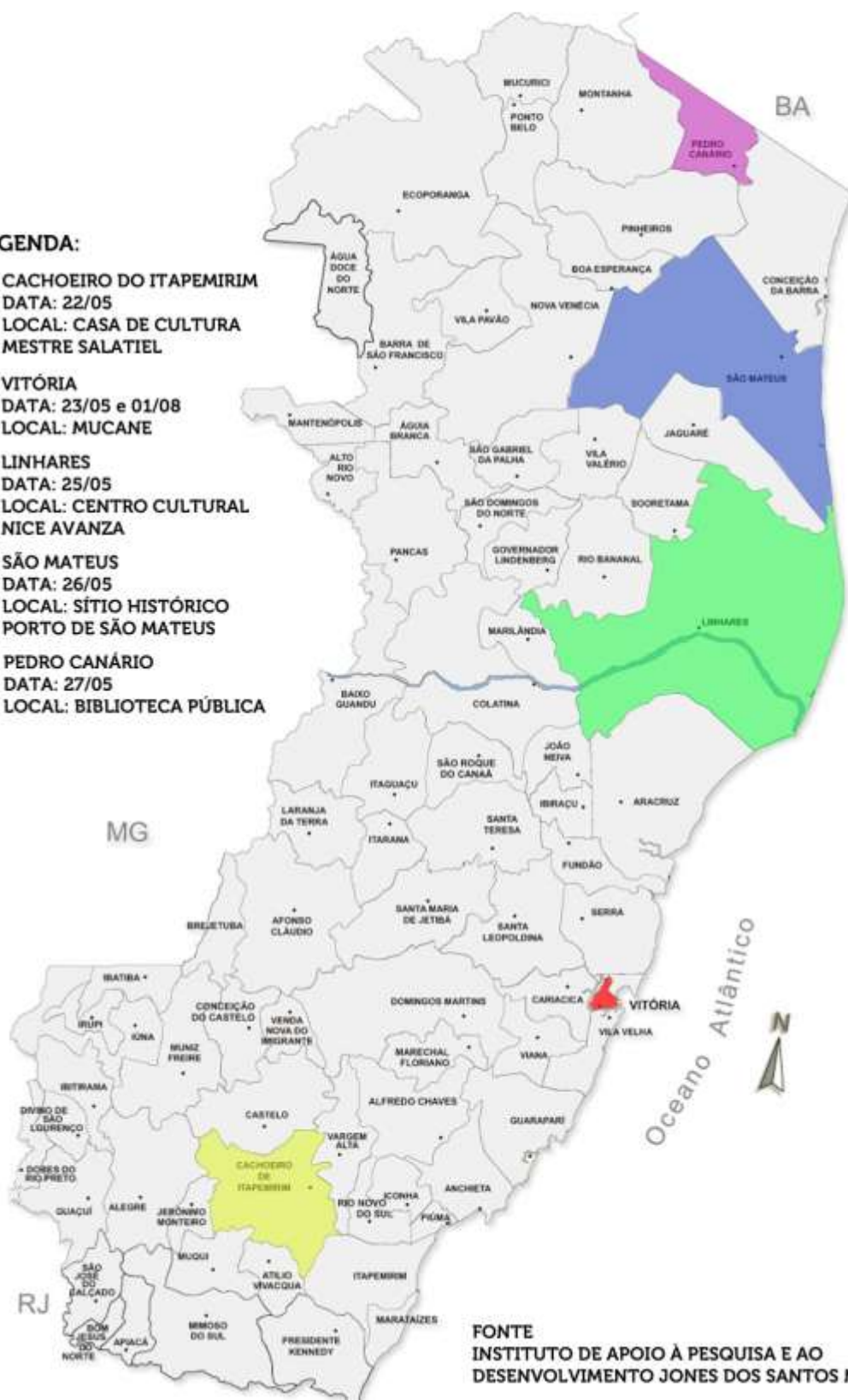
MAPEAMENTO DOS MESTRES DE CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO - MESTRES ENTREVISTADOS



MAPEAMENTO DOS MESTRES DE CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO - REUNIÕES DE MOBILIZAÇÃO

LEGENDA:

- CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM
DATA: 22/05
LOCAL: CASA DE CULTURA
MESTRE SALATIEL
- VITÓRIA
DATA: 23/05 e 01/08
LOCAL: MUCANE
- LINHARES
DATA: 25/05
LOCAL: CENTRO CULTURAL
NICE AVANZA
- SÃO MATEUS
DATA: 26/05
LOCAL: SÍTIO HISTÓRICO
PORTO DE SÃO MATEUS
- PEDRO CANÁRIO
DATA: 27/05
LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA



FONTE
INSTITUTO DE APOIO À PESQUISA E AO
DESENVOLVIMENTO JONES DOS SANTOS NEVES (IPES)

5. A ESTRUTURA DA CAPOEIRA NO ESPÍRITO SANTO

5.1. Forma

A capoeira no Espírito Santo, pelo que se notou no desenvolvimento deste projeto, não possui um formato exclusivo, com estrutura ritual e gestual específica e diferenciada dos demais espaços onde é praticada no país. Observou-se que a maior influência no que se refere à estrutura da forma de expressão é a capoeira disseminada pelo Grupo Senzala¹¹⁶, do Rio de Janeiro. Trata-se de uma capoeira derivada da vertente Regional, mas baseada livremente na metodologia de Mestre Bimba, com inserção de elementos das artes marciais.

A capoeira praticada no Rio de Janeiro pelo grupo Senzala e suas dissidências na década de 1970 transformaram a Capoeira Regional com um método de treinamento que repetia movimentos à exaustão, com velocidade e explosão, em uma estética esticada semelhante à das artes marciais orientais. (MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 116).¹¹⁷

A forma de jogo desenvolvida e disseminada pelo Grupo Senzala ficou conhecida como Capoeira Contemporânea. Essa vertente liga-se, como exposto, ao método de Mestre Bimba, mas agrega movimentos de ginástica e artes marciais, rompendo com o modelo Regional/Angola.

[...] apesar de se ter estabelecido a separação angola/regional, paradoxalmente a capoeira adentra um período no qual a forma em que é praticada não somente foge da unilateralidade de se adequar a apenas uma das escolas tradicionais. Passa-se também a agregar novas características, como movimentos, em especial os acrobáticos, hierarquização na forma de cordões, ou mesmo propostas de ação, como é o caso de sua esportivização ou vinculação religiosa (VASCONCELOS, 2012). Na ausência de uma terminologia que adequadamente desse conta de referendar estes modelos de prática sem confundi-los com as escolas tradicionais, desponta o termo capoeira contemporânea juntamente com diversos outros, uns caindo em desuso e ainda outros surgindo mais recentemente (IPHAN, 2007). (CRESSONI (2013, p. 30).¹¹⁸

¹¹⁶ O Grupo Senzala de Capoeira foi formado, nos anos de 1960, por jovens capoeiristas cariocas que treinavam sob a liderança dos irmãos Rafael e Paulo Flores Viana, que tiveram formação na Bahia, na escola de Mestre Bimba. Atualmente, os irmãos são moradores do município de Ecoporanga, Norte do Espírito Santo. Para Mestre Camisa tornou-se um dos mestres de capoeira mais renomados da atualidade. Do Grupo Senzala surgiu o Grupo Abadã, fundado pelo Mestre Camisa.

¹¹⁷ MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

¹¹⁸ CRESSONI, Franz Eric de Goes. **Capoeira contemporânea**: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, Rio Claro, 2013.

Assim, diante da disseminação do Grupo Senzala para diversas regiões do Brasil, especialmente para o Sudeste, a Capoeira Contemporânea aportou no Espírito Santo a partir do trabalho de mestres como Capixaba, Caio Rezende e Luiz Paulo. Não que estes mestres estivessem ligados diretamente ao Senzala, como é caso de Beizola, que descende do Grupo Angonal, do Mestre Bóca, e Militão, da linhagem do Mestre Pantera Negra, ambos do Rio de Janeiro. Contudo, a formação desses mestres já apresentava aspectos que unia os tipos Regional e Angola, sem a demarcação entre os estilos e com a perspectiva de uma nova vertente, hoje conhecida como Capoeira Contemporânea.

A terminologia Capoeira Contemporânea parece não descrever completamente a atual forma de prática da capoeira, podendo ser mais adequado nomeá-la como “estilo Regional-Senzala”. Uma característica dessa tipologia de capoeira é a tendência à esportivização, sendo que autores como Almeida *et al* (2015)¹¹⁹ a designam como “Capoeira Esportiva”, com a academia constituindo-se local de treinamento: “Esse modelo parece ter uma estrutura semelhante às das artes marciais orientais, com uniformes, graduações e hierarquia, utilizando treinamento e disciplina esportiva” (ALMEIDA ET AL, 2015, p. 125).

O Grupo Senzala, precursor da chamada fase contemporânea da capoeira, contribuiu para que essa tipologia se disseminasse por vários estados brasileiros. Em São Paulo, no ano de 1974, foi fundada a Federação Paulista de capoeira o que, para Anjos (2003), representou uma nova perspectiva sobre a capoeira por meio de seu reconhecimento esportivo. Nesse mesmo ano, a capoeira foi incluída entre os jogos universitários ao ser oferecida nos cursos do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo e, em 1985, passou a fazer parte do JEB – Jogos Estudantis Brasileiros, de onde foi excluída em 1991, em razão da troca de Secretário de Desportos, retornando em 1994 (ANJOS, 2003, p. 128-129). Em 1992, foi criada a Confederação Brasileira de Capoeira, mais um passo no processo de esportivização da forma de expressão, com o reconhecimento pelo Comitê Olímpico Brasileiro vindo em 1995. Em todas as reuniões de mobilização realizadas nas Localidades pesquisadas a esportivização da capoeira foi criticada, com o debate sobre a perda de elementos ritualísticos (culturais) da forma de expressão em detrimento do exercício esportivo.

Nesse sentido, percebe-se que nas Localidades Sul, Região Metropolitana e Norte do Espírito Santo existem evidência da influência da Capoeira desenvolvida e divulgada pelo Grupo Senzala. Em Vitória, a atuação de mestres como Capixaba, Caio Rezende e Luiz Paulo, em fins da década de 1970

¹¹⁹ ALMEIDA, Marcelo N.; BARTHOLO, Tiago L. e SOARES, Antonio J.. Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. **Rev. Port. Cien. Desp.** 2007, vol.7, n.1, p. 124-133.

e nos anos de 1980, contribuiu para a disseminação dessa tipologia inaugurada pelo Grupo Senzala. Antes deles, o lendário Diabo Louro, que foi aluno de Ezequiel e, por sua vez, aluno de Mestre Bimba, treinava na cidade a Capoeira Regional. Ao deixar Vitória, em meados nos anos de 1970, Diabo Louro foi substituído por Binho, seu aluno mais graduado. Certamente, outros capoeiristas das linhagens Contemporânea e Regional atuaram em Vitória, sendo que os mestres citados são apenas exemplos. Assim como, na Localidade Sul, tem-se os mestres Volmir e Falcão, que descendem da linhagem do Grupo Senzala e, no Norte, o trabalho de Mestre Militão, da linhagem do Mestre Pantera Negra, do Rio de Janeiro, que se liga mais diretamente à Regional. Na mesma seara da Capoeira Regional, o Grupo Beribazu teve grande participação em Vitória na divulgação de uma tipologia voltada para o esporte, especialmente em sua dimensão de luta. Mas, como exposto, a vertente Angola também aportou nas localidades, com grupos e praticantes com descendência na Bahia. Mas, aqui se pretendeu ressaltar a grande influência do Grupo Senzala no estado, o que foi possível verificar em todas as localidades abarcadas pela pesquisa. Diferentemente da Angola, que possui grupos praticantes no estado, mas que não estão constam neste trabalho por não terem sido localizados no decorrer da pesquisa.

Portanto, o que se vislumbra é que no Espírito Santo, a partir desse projeto de mapeamento dos grupos de capoeira, tornou-se mais evidente que a modalidade Contemporânea, bem como sua ancestral, a Regional, tiveram maior participação na constituição performática desenvolvida pelos grupos nas rodas, da mesma forma que nos movimentos e no acervo gestual repassado aos capoeiristas.

No que se refere à maneira como os capoeiristas se reúnem, as rodas são organizadas de forma oficial, institucionalizada, com apontamentos sobre rodas espontâneas apenas no passado da forma de expressão. Ou seja, atualmente, um grupo marca a realização de rodas em determinados horários e locais e lá seus membros se encontram para jogar, normalmente uniformizados. A questão da formalização dos grupos mostra-se tão importante na atualidade que sua ausência foi listada, em reunião na cidade de Linhares, como uma fraqueza da forma de expressão. As rodas ocorrem, ainda, em projetos nos quais a forma de expressão é utilizada como atividade física, como em Vitória, em ação da Secretaria de Saúde no Jardim Camburi, por meio do Serviço de Orientação ao Exercício, em que são realizadas aulas e rodas coordenadas pelo Professor Sapeba, educador físico do município e descendente de Mestre Capixaba.

As aulas são o espaço primordial do aprendizado, como será abordado adiante, não tendo a roda a

função didática como ocorria em tempos pretéritos, onde mestre e aprendiz se encontravam para a transmissão de conhecimentos. A roda, pelo que se notou, é um momento em que aqueles que já têm noções de capoeira testam seu aprendizado com os movimentos. Portanto, aprende-se com o ensino dos golpes e o treino repetitivo. As rodas são momentos de exibição e aperfeiçoamento dos capoeiristas.

Diante do processo de esportivização da capoeira o que se nota é a constituição de uma lista de golpes e movimentos oficiais, nomeados a partir de gírias que eram usadas no passado da forma de expressão. Não se pretende aqui indicar a totalidade dos movimentos utilizados pelos capoeiristas capixabas, mas exemplificar esses gestos do ponto de vista da uniformidade atualmente observada. Os movimentos são realizados ao som do toque dos instrumentos comuns à capoeira, sobretudo, o berimbau, que inclui o caxixi, além do atabaque, podendo agregar o agogô, o pandeiro e o reco-reco. A madeira utilizada para a produção do berimbau é a biriba (*Eschweilera ovata*), retirada das matas pelos produtores do instrumento ou adquirida com outras pessoas que comercializam esse tipo de pau. Não se verificou processo de manejo para a extração da biriba no Espírito Santo, sendo que em determinados locais a árvore é retirada de forma ilegal. Alguns capoeiristas produzem berimbaus para a comercialização, como Zé malvadeza, de Pedro Canário, e Mestre Beißola, de Vitória.



F1-A2-113 - Madeira para a confecção de berimbaus.



F1-A2-114 - Atabaques industrializados.



F1-A2-115 - Cabaças



F1-A2-116 - Caxixi



F1-A2-117 - Dobrão



F1-A2-118 - Baqueta

Os toques utilizados na capoeira, conforme praticada no Espírito Santo, somam arranjos da Regional e da Angola, ressaltando-se que, em relação à Contemporânea, é a forma de movimentar-se que caracteriza essa tipologia, com a musicalidade variando entre mais intensa (Regional) e mais cadenciada (Angola), não existindo um toque próprio dessa tipologia. Portanto, os toques mais comuns observados no Espírito Santo foram os seguintes:¹²⁰

¹²⁰ Cf. http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=101&Itemid=88

- Angola (mesmo nome da vertente de Mestre Pastinha): Toque usado em jogo lento, rasteiro, praticado com a mão no chão.
- Lúna: Toque usado em jogo entre mestres e contramestres, ocasião em que não se bate palmas, nem se canta. Os demais podem entrar na roda apenas se autorizado pelo mestre.
- São Bento Pequeno: Toque de berimbau cadenciado e lento. Ele é executado com duas batidas apenas com o apoio do dobrão sobre o aço, seguida rapidamente de uma terceira batida marcada pelo dobrão, uma batida no aço solto e um balanço do caxixi.
- São Bento Grande do Bimba: Toque criado por Mestre Bimba. É chamado também de São Bento Grande da Regional. Toca-se ele com um berimbau médio, dois pandeiros de cada lado fazem parte da formação da bateria (a essa formação instrumental dá-se o nome de “charanga”). É um toque que transmite muita energia e exige dos capoeiras muita técnica e atenção.
- Santa Maria: Toque usado quando o jogador coloca a navalha no pé ou na mão. Um dos toques mais bonitos do berimbau, o tocador precisa desenvolver uma escala de notas e retornar ao começo da escala.
- Cavalaria: Toque de alerta máximo ao capoeirista. É usado para avisar o perigo no jogo, a violência e a discórdia na roda. Na época da escravidão, era usado para avisar aos negros capoeiras da chegada do feitor. Na República, quando a capoeira foi proibida, os capoeiristas usavam a cavalaria para avisar da chegada da polícia montada, ou seja, da cavalaria.

Os movimentos, por sua vez, mantêm sua cadência associada aos toques, podendo ser mais lentos ou mais ágeis. Alguns aspectos do gestual da capoeira, como praticada atualmente, foram demonstrados pelo Mestre Zé Malvadeza, de Pedro Canário, Localidade Norte, como segue.



F1-A2-46



F1-A2-52



F1-A2-64



F1-A2-81



F1-A2-111



F1-A2-109

Demonstração de movimentos da capoeira pelo Mestre Zé Malvadeza, com o toque do berimbau executado por Mestre Militão. Pedro Canário-ES, 12/02/2015.

Despertou atenção a definição da diversidade da capoeira elaborada pelo Mestre Beizola, da Aliança Capoeira, de Vitória, afirmando que a Capoeira está em construção constante, não sendo possível definir três linhas apenas (Regional, Angola e Contemporânea). De acordo com o referido mestre:

Hoje a capoeira não é Angola, não é Regional, não é Contemporânea. É um estudo de capoeira. Eu sou pesquisador. Procuro aprender as capoeiras que existem, entendeu? As que vai surgindo. A gente tem que pesquisar. Não dá pra ter uma linha só. Porque hoje a capoeira é um produto. Quem tem o melhor produto no mercado permanece vivo.

Já o Mestre Militão, do Grupo Reza Forte, de Linhares, participante convidado da reunião, disse que sua capoeira é a Primitiva: “Não é a Angola, Regional, nem é Contemporânea. É a Primitiva. Por herança”. Assim, percebe-se que a dicotomia Angola-Regional não abarca as formas como a capoeira é praticada no Espírito Santo. Quando o Mestre Militão se refere à Capoeira Primitiva ele assume pertencer a uma linhagem da capoeira que descende diretamente dos escravos africanos, antes da existência das tipologias Regional, de Mestre Bimba, Angola, de Mestre Pastinha, e do surgimento da Capoeira Contemporânea no âmbito do Grupo Senzala, do Rio de Janeiro.

Ao se falar em linhagens na capoeira, deve-se estabelecer a distinção desse conceito com a ideia de escola, vertente e matriz. O conceito de linhagem que orientou a interpretação das informações refere-se à noção desenvolvida por Evans-Pritchard (1978)¹²¹ em que uma linhagem pode ser definida como um grupo em que se pode traçar uma árvore genealógica. Logo, a ascendência é o principal aspecto a ser considerado, levando-se em conta qual mestre formou os demais mestres. Nisso, Mestre Militão considera que sua linhagem descende dos ancestrais escravos africanos, tendo aprendido a capoeira com seu avô, ex-escravo no Rio de Janeiro.

Já a noção de matriz¹²² indica o local de surgimento de determinada tipologia da capoeira ou, de forma mais profunda em seu desenvolvimento histórico, diz respeito às culturais formadoras da forma de expressão. Com isto, pode-se dizer que a capoeira possui matrizes culturais africanas e indígenas, com inclusão de aspectos esportivos contemporâneos com matriz nas artes marciais. Ou seja, a matriz tem ligação com a criação de grupos ou, até mesmo, com a fundação das tipologias e

¹²¹ EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

¹²² Sobre o conceito de matriz cultural cf: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011. FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo, Studio Nobel: SESC, 1997. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

movimentos dentro da capoeira. No mesmo sentido, o que se define como vertentes na capoeira são suas principais tipologias, Angola e Regional. A partir dessas duas vertentes foi desenvolvida pelo Grupo Senzala, na década de 1970, a Capoeira Contemporânea, que hoje se caracteriza outra linha da forma de expressão e trata-se de tipologia difundida no estado atualmente.

5.2. Transmissão

O processo de transmissão dos saberes foi abordado, principalmente, na reunião de mobilização em Vitória. Foi discutido como a capoeira é ensinada na atualidade por meio de um formato escolar: com um tempo e um local determinado para a transmissão dos conhecimentos, além da adoção de um método pedagógico específico e que muitas vezes está relacionado à filiação e a linhagem do grupo. Como disposto anteriormente, Mestre Bimba estabeleceu uma metodologia de ensino da capoeira e,

No final do século XIX, começaram a aparecer as primeiras propostas metodológicas para o ensino da capoeira. Antes, aprendia-se “de oitiva”, como dizia Mestre Bimba. Ou seja, os capoeiras encontravam-se e jogavam capoeira sem a preocupação de ensinar ou aprender, embora aprendiam e ensinavam, educavam e educavam-se, mas de forma assistemática, não intencional. (CIRQUEIRA FALCÃO, 2006, s/p).¹²³

Com essa noção, a formação de novos capoeiristas vem ocorrendo, sobretudo, baseada na formalização do ensino da capoeira, com os grupos servindo como espaços de transmissão do saber por meio das aulas ministradas pelos professores, instrutores e mestres. Contudo, são oferecidas aulas fora do espaço institucional dos grupos, em academias, instituições de ensino privadas e públicas, bem como em projetos sociais, educativos, culturais e esportivos. O aspecto da transmissão a partir do formato escolar foi interpretado pelos capoeiristas presentes da reunião de Vitória como uma força e uma oportunidade de trabalho para os detentores, visto que possibilitou a disseminação da capoeira entre diferentes classes sociais, deixando de ser, apenas, manifestação cultural das periferias, sobretudo negras, e abriu vagas de trabalho para professores da forma de expressão.

No mesmo sentido, na reunião realizada em Cachoeiro do Itapemirim, ainda que o processo de transmissão não tenha sido abordado especificamente, a ocorrência da transmissão dos saberes da capoeira foi elencada pelos participantes na matriz FOFA como um a força na realidade da forma de

¹²³ CIRQUEIRA FALCÃO, José Luiz. Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da Capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. **Pensar a Prática**, vol. 7, n. 2, nov. 2006. p. 155-170. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/93/2376>. Acesso em 25/09/2015.

expressão. No mesmo aspecto, a entrada dos capoeiristas nas escolas foi interpretada como uma oportunidade no cenário de disseminação da capoeira. Sobre as fraquezas e ameaças, os presentes nesse encontro descreveram a ausência de espaços exclusivos para as aulas em bairros da cidade, o que indica como a definição de espaço específico para o ensino é significativa no contexto atual da capoeira.

A relação da transmissão com o formato escolar também apareceu como oportunidade na reunião de mobilização em Linhares. No entanto, na mesma ocasião, foi descrito como ameaça a substituição dos mestres de capoeira por professores de Educação Física na rede escolar. Além disso, o tempo de formação dos mestres também foi questionado, sendo que os participantes do evento em Linhares acreditam que, atualmente, existe uma “capoeiragem precoce”, com a formação dos mestres ocorrendo com pouco tempo inserção dos mesmos no universo da forma de expressão.

Em São Mateus, no que se refere à transmissão, a falta de valorização do saber dos mestres foi elencada como ameaça à salvaguarda da forma de expressão. Por sua vez, em Pedro Canário, foi considerada uma força as diferentes formas do ensino da capoeira, ou seja, a possibilidade de que a transmissão ocorra por meio de procedimentos variados, adequando-se às dificuldades de cada aluno, mas sem que fossem detalhados esses métodos. Na mesma cidade, os participantes da reunião indicaram como fraquezas a falta de estrutura para a realização das aulas e a falta de apoio municipal para a capacitação pedagógica de mestres e professores de capoeira.



F1-A2-127- Alunos do Mestre Cabelim no Projeto Crubixá, João Neiva-ES, 12/02/2015.



Frame de gravação da aula do Professor Sapeba na Jardim Camburi, Vitória-ES, 10/02/2015

Com isto, o que se notou, é que, com o passar do tempo, desde o século XIX, institucionalizou-se o ato de ensinar capoeira. Se no passado a transmissão dava-se no contato com o jogo nas ruas e na convivência com os mestres, atualmente para se formar capoeirista é necessário entrar para um grupo e integrar as demais entidades formais de ensino da forma de expressão. Não foram localizadas outras experiências de transmissão da capoeira no Espírito Santo que não em grupos ou em projetos sociais, educacionais, culturais e esportivos. Além disso, o diagnóstico da capoeira realizado nas reuniões de mobilização aponta como significativos para a transmissão a existência de espaços específicos para as aulas e o apoio governamental na disponibilização das condições estruturais consideradas necessárias para a transmissão (local para as aulas, uniformes, transporte para eventos, remuneração dos professores, entre outras).

Deve-se esclarecer o formato escolar foi aqui considerado a partir do conceito de escola como uma instituição que tem o encargo de educar, segundo programas e planos sistemáticos. Mas, o ensino da capoeira como prática esportiva e instrumento de transformação social, muitas vezes, abre mão dos aspectos tradicionais e históricos da forma de expressão, sendo a transmissão dos saberes envolvidos com a capoeira fato complexo e que deve ser problematizado.

No processo de ensino-aprendizado da capoeira devemos levar em consideração a ambigüidade desta manifestação cultural. As pessoas lutam, jogam, brincam, dançam capoeira e isso faz do seu aprendizado algo bastante enriquecedor. Além disso, deve-se levar em conta sua historicidade contextualizando-a socialmente, pois se trata de uma produção cultural. (SILVA, 2011, p. 891).¹²⁴

Mas, quando se aborda o ensino da capoeira é importante destacar que não existe uma forma homogênea de ensino na atualidade, bem como não existe uma única maneira de praticar a forma de expressão. Assim, no interior dos grupos existem variações tanto nas modalidades de processos de ensino-aprendizagem, quanto no conteúdo repassado. Retornando na trajetória histórica da capoeira, Silva (2011), esclarece que:

Com a descriminalização da capoeira ocorreram ao longo dos anos inúmeros movimentos para sua inclusão em espaços sociais como em escolas, universidades, clubes e academias. A própria área da educação física tentou apropriar-se desta manifestação cultural, porém as apropriações entre capoeira e educação física foram recíprocas e geraram diferentes frutos (SILVA, 2002). (SILVA, 2011, p. 892).

¹²⁴ SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.33, n.4, 2011. p. 889-903. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n4/a07v33n4.pdf> Acesso em 24/09/2015.

O caso do Grupo Beribazu, sediado na UFES, é o melhor exemplo do ensino de capoeira em um ambiente universitário relacionado ao curso de Educação Física em Vitória. Ao agregar ao grupo alunos de Educação Física, novas interpretações sobre a capoeira acabaram surgindo, com a realização de estudos sobre o ensino da forma de expressão para diferentes públicos e faixas etárias, a motricidade no jogo, o treinamento esportivo, a questão competitiva, entre outras questões. Uma das preocupações expostas pelo mestre do grupo, o professor Fábio Loureiro, durante a reunião em Vitória foi, justamente, a necessidade de refletir sobre as tradições da capoeira, como sua ritualística, que vêm se perdendo em favor da esportivização da manifestação cultural.

Na reunião realizada em Vitória, a transmissão oral foi descrita entre as forças da forma de expressão, considerando que o ensino da capoeira baseia-se no repasse de conhecimentos no contato direto entre aluno e mestre ou professor, sem que tenha sido registrado outro mecanismo de formação de capoeiristas. Não existe, por exemplo, a formação de capoeiristas em cursos universitários, ainda que a forma de expressão esteja associada aos currículos de Educação Física, na área de Lutas, como ocorre na UFES. Mas, nesse caso, não ocorre a formação de mestres de capoeira no âmbito acadêmico, mas de professores de Educação Física com conhecimentos da modalidade. Outro aspecto destacado na reunião em referência sobre a transmissão dos saberes vinculados à capoeira diz respeito à descrição da falta de capacitação dos professores como ameaça e fraqueza, respectivamente.

Sobre os espaços de transmissão, o Mestrando Mococa, do Grupo Irmão Caramuru, destacou na reunião de Vitória que a capoeira é ensinada dentro de escolas, academias, centros comunitários e, até mesmo, em espaços públicos, como praças e quadras esportivas da cidade de Vitória e Região Metropolitana. No caso do Grupo Beribazu, as aulas acontecem na UFES. O que se apreende dessa resposta é o fato de que existe um ambiente institucionalizado de transmissão da capoeira com a formalidade da aula, seja em grupos constituídos como as unidades executoras da forma de expressão, ou em projetos sociais, educativos e esportivos em que a Capoeira é utilizada com caráter pedagógico. Mestre Fábio, na mesma ocasião, disse que, para além dos espaços, é necessário pensar no tempo como vem sendo realizada essa transmissão, em conformidade com o aspecto da formação precoce dos mestres debatida em Linhares. De acordo com o mencionado mestre:

Eu acredito que tem o problema na transmissão do saber do ponto de vista da formação dos futuros mestres. Se formar num saber cultural é diferente do que eu faço lá na universidade. Não posso formar um professor de capoeira na mesma velocidade com que eu formo um professor de Educação Física. [...] Então, a capoeira é um fenômeno complexo, que não é a mesma coisa de se aprender, simplesmente, um ofício, com todo respeito, a panela de barro. [...] Pra capoeira, pra você se apropriar da complexidade dela, dos ritmos, do ritual, da tradição, das músicas, dos toques, de entender a capoeira enquanto fenômeno de cultura, para se tornar um mestre tem algo de fraco ainda que eu identifico. Tô falando do meu grupo [Beribazu]. Não tô falando de outros grupos.¹²⁵

Importante questão levantada pelo Mestre Fábio Loureiro diz respeito ao tempo necessário para a formação de um mestre de capoeira. Sobre esse aspecto, Mestre Bert, do Grupo Aliança Capoeira, disse que a capoeira se aprende na visualização e na aula prática e na repetição dos movimentos, com pouca teoria, sendo que os próprios alunos buscam sozinhos conhecimentos mais profundos sobre a forma de expressão.

As falas dos mestres Fábio e Bert se completaram com a exposição do contramestre Joergues, em que ficou claro como nos moldes atuais a capoeira vem exercendo papel de prática esportiva, muito mais do que cultural, com função transformadora da realidade social, com aplicação cada vez mais crescente em projetos sociais. Contudo, diante dos depoimentos coletados na reunião de mobilização realizada em Vitória, tal aspecto impacta de forma negativa no tempo de formação dos mestres, que são formados cada vez mais cedo e com pouco ou nenhum conhecimento dos elementos tradicionais e históricos da forma de expressão. É bastante esclarecedora a explanação do Mestre Militão, de Linhares, na Localidade Norte, mas que esteve na reunião de Vitória:

Tudo o que se fala aí [...] é a questão de se transmitir a capoeira oralmente e a praticidade dela, que vem se perdendo muito com a modernidade dessa cultura, entendeu? O esvaziamento e o empobrecimento da cultura capoeira. [...] Isso reflete na falta de união. Tá desunido porque não conhece a história anterior [...]. Porque se conhecesse a história na íntegra, bem antes, a realidade seria outra. [...]

O Professor Vinicius Penha, do Grupo Berizabu, disse durante a reunião em Vitória que, para ele, a capoeira parece passar, no momento, por um processo de transição na transmissão do saber. No passado, a principal forma de transmissão da capoeira, segundo Vinícius, era o contato estreito entre “discípulo e mestre”, sendo possível a existência desse tipo de relação entre quem ensina e quem aprende. A transmissão contemporânea da capoeira, por outro lado, adquiriu contornos

¹²⁵ Fala do Mestre Militão na Reunião de Mobilização em Vitória, em 01/08/2015.

escolares, no sentido em que existem momentos e programas específicos de ensino.

Hoje nós temos um tempo de aula, nós temos uniforme, nós temos avaliação, seja ela qual for, mas nós temos uma avaliação, nós temos um espaço determinado para a prática da capoeira. Ou seja, uma influência hoje muito forte desses aspectos escolares. E isso, obviamente, vai deixar algumas coisas de lado, não é? A gente vai se preocupar com a aula, o quê que eu vou dar naquela aula. O aluno vai para aquela aula de capoeira e depois vai para seus outros compromissos. Talvez isso não o aproxime tanto da cultura. Eu percebo que a gente tá nessa transição assim, muito influenciado pelo aspecto escolar.¹²⁶

Portanto, no que se refere à transmissão, o cenário atual da capoeira no Espírito Santo, como apontado nas reuniões de mobilização e entrevistas, aponta para um ensino com tendências formais, com turmas estabelecidas, grupos, uniformes, entre outros elementos que indicam a sua aproximação ao modelo escolar de ensino-aprendizagem, assim como ocorre com modalidades de esportes como o futebol, que conta com escolinhas próprias, ou academias de Judô e outras artes marciais. Mas, a questão da formalidade no ensino foi colocada, de maneira geral, como um aspecto ambíguo, pois, ainda que mencionado como negativo em relação ao prejuízo para a tradição da transmissão oral e no convívio mestre e aluno, é positivo ao abrir espaços de trabalho (mercado) para os capoeiristas.

O caráter escolar da transmissão da capoeira admite uma definição do que seja a escola, como mencionado. Não se trata aqui de escola com sentido de “escola de pensamento”, na perspectiva de correntes que propagam idéias sobre a capoeira, mas escola como o espaço institucional de aprendizagem. A capoeira vem sendo transmitida, portanto, em contextos e formatos escolares, fazendo alusão ao ensino da capoeira em local e tempo definidos para o ensino e a aprendizagem. A progressão dos alunos ocorre em função de níveis predefinidos, passando por diferentes graus até se tornarem mestres, último nível no processo de aprendizagem da capoeira. Os graus de formação, conforme a Confederação Brasileira de Capoeira, são os seguintes, podendo variar de acordo com a linhagem dos grupos:

¹²⁶ Fala de Vinícius Penha na Reunião de Mobilização em Vitória, em 01/08/2015.

Quadro 13. Graus de formação conforme a Confederação Brasileira de Capoeira.

ESTÁGIOS	GRADUAÇÃO	CORDÃO	PERMANÊNCIA
1º	Aluno	Verde	1 ano
2º	Aluno	Amarelo	1 ano
3º		Azul	1 ano
		Verde e amarelo	1 ano
4º			
		Verde e azul	1 ano
5º			
6º	Aluno Instrutor	Amarelo e azul	2 ano
7º	Aluno Formado		2 a 3 anos
		Verde, amarelo e azul	
8º	Monitor	Branco e verde	3 a 5 anos
9º	Professor. Título postulado pelo trabalho realizado na capoeira.	Branco e amarelo	-
10º	Contramestre. Título postulado pelo Mestre responsável do grupo.	Branco e azul	-
11º	Mestre. Título postulado pelo reconhecimento dos Mestres mais antigos da Sociedade Capoeirista.	Branco	-

Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao-fisica/artigos/48988/os-estagios-da-graduacao-em-capoeira>

Os sistemas de graduação não se mostram uniformes, ainda que exista uma definição pela Confederação Brasileira de Capoeira, sendo que os grupos estabelecem, segundo suas concepções, as cores e os graus de formação dos capoeiristas filiados àquela unidade executora da forma de expressão. Não identificamos na pesquisa grupos que praticam a capoeira sem uniforme ou sem algum tipo de sistema de graduação nas Localidades pesquisadas. Com isto, percebe-se como a formação escolar é atribuída à transmissão da capoeira no Espírito Santo.

Foi observada entre os participantes da reunião de Vitória, especialmente em fala do Mestre Beizola, a referência aos grupos de capoeira como equipes. O conceito de equipe refere-se a um conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho.¹²⁷ Ao usar a palavra equipe para definir um grupo de praticantes atribui-se aspecto esportivo à forma de expressão, com a vinculação direta entre a prática e a competição. O uso de uniformes, o estabelecimento de regras e de pontuações para a competição de capoeira faz com que os praticantes reunidos em unidades executoras da prática sejam interpretados como equipes. Porém, parece que o termo equipe é mais utilizado em competições de capoeira.

O contramestre Joergues, do Grupo Beribazu, falou sobre o aumento do interesse pela capoeira no final da década de 1980 e início dos anos 90. Segundo ele:

[...] a capoeira saiu das comunidades e foi para as academias. Questão do retorno financeiro. O pessoal tava ganhando dinheiro com a capoeira, dando aula, cobrando. Foram para as escolas particulares. [...] E ela se afastou um pouco, saiu da comunidade, porque na comunidade propriamente dita você não tinha esse retorno. Então os capoeiristas iam para as academias. Os grandes grupos montaram grandes academias e as pessoas buscavam grandes grupos pra ter o conhecimento da capoeira. Passados os anos, houve esse enfraquecimento. Outras artes dominaram o mercado, outras artes marciais, e a capoeira teve um retorno para as comunidades. Se você pegar nas décadas de 80, 90, as escolas da periferia praticamente não tinham capoeira. Uma ou outra tinha. Hoje, a maioria das escolas têm. A maioria dos movimentos comunitários têm. Projeto social praticamente não pensava a capoeira. Pensava ballet, pensava outras atividades, mas não pensava... Hoje projeto social a primeira atividade que se pensa é a capoeira. E com relação como está sendo passada, como a demanda nas comunidades aumentou muito, os trabalhos aumentaram muito, também caiu a questão do nível técnico, do conhecimento da arte, principalmente o conhecimento histórico. As pessoas hoje deixam para segundo plano a questão da historicidade da capoeira. Não conhecem a história da capoeira.¹²⁸

A questão exposta pelo contramestre Joergues tem relação com o processo de internacionalização

¹²⁷ Conceito definido a partir de discussões entre os autores.

¹²⁸ Fala de Joergues do Reis Nery na Reunião de Mobilização em Vitória, em 01/08/2015.

da capoeira¹²⁹, ocorrido a partir da década de 1970, quando muitos praticantes da forma de expressão começaram a deixar o país para trabalhar com grupos folclóricos, apresentando a capoeira no exterior, ou dando aulas da forma de expressão.

Esse movimento de expansão traz consequências inusitadas para a capoeira e é visto por muitos como algo sedutor, embora venha causando inquietações por parte de alguns preocupados com a “manutenção” das suas tradições. Se, por um lado, muitos alegam que a expansão leva a certo distanciamento dos princípios e valores que delegaram à capoeira um emblema de “luta de resistência” contra a exploração, por outro, muitos consideram que esse processo está contribuindo para a valorização das referências culturais africanas e para despertar um interesse maior pelo Brasil e pela cultura brasileira. (CIRQUEIRA FALCÃO, 2006, p.125).¹³⁰

Logo, a percepção sobre a capoeira modificou-se no próprio Brasil diante da internacionalização da forma de expressão. Dentro do país aumentou o interesse pela prática, com realce para sua vinculação com a cultura africana aqui radicada a partir da colonização portuguesa. Por meio da valorização da capoeira, houve um movimento de revitalização do elo entre o Brasil e a matriz africana formadora de sua cultura. Abriram-se, com isto, novas perspectivas de trabalho para os capoeiristas fora e dentro do país.

Por fim, cabe mencionar que a principal forma de transmissão dos saberes é pela demonstração e repetição dos movimentos, sem grande atenção aos elementos históricos da forma de expressão. Os próprios alunos, como destacou Mestre Bert, é que buscam informações extras sobre a capoeira, recorrendo à *internet*, principalmente. A falta de conhecimento sobre a tradição foi, assim, elencada como fraqueza no universo da capoeira em Vitória, enquanto a inserção de elementos de outras lutas no ensino e na prática da manifestação cultural foi abordada como descaracterização da forma de expressão, o que poderia ser pensado como inerente a dinâmica dos bens culturais e a mudança e adaptação cultural.

5.3. Articulação dos grupos com as esferas políticas e não-governamentais

Foi percebida em todas as cidades em que foram realizadas reuniões de mobilização a importância das prefeituras municipais no processo de salvaguarda da forma de expressão, seja por meio das

¹²⁹ CIRQUEIRA FALCÃO, José Luiz. Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da Capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. **Pensar a Prática**, vol. 7, n. 2, nov. 2006. p. 155-170. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/93/2376>. Acesso em 25/09/2015.

¹³⁰ CIRQUEIRA FALCÃO, J. L. A capoeira é do Brasil? A capoeira no contexto da globalização. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**, Movimentos Sociais e Sustentabilidade, Colóquio da Association Pour la Recherche Interculturelle (Aric) na América Latina, 1, 2006, Florianópolis. Florianópolis: CED/UFSC, 2006. p. 01 – 12. ISBN: 85-87103-32-6.

secretarias de cultura ou de educação. Alguns capoeiristas destacaram a falta de apoio dos governos locais, o que salienta a necessidade de construção dessa parceria, o que pode ser mediado pelo Iphan-ES. Por outro lado, como observado em Cachoeiro do Itapemirim e Linhares, já existe uma parceria consolidada entre as prefeituras e os capoeiristas dessas cidades, com o apoio na realização de eventos, a cessão de espaços e a inclusão da capoeira em projetos culturais e sociais desenvolvidos pelas municipalidades.

Instituições que se mostraram relevantes parceiras na gestão da capoeira no Espírito Santo são aquelas ligadas a projetos sociais, principalmente entidades de cunho religioso e, sobretudo, católicas, visto que ainda existe preconceito cultural por determinadas religiões evangélicas que não aceitam a presença da forma de expressão entre suas atividades comunitárias, o que foi relatado em todas as reuniões de mobilização. Este aspecto tem relação direta com o papel da capoeira como esporte, em sua identificação como fundamental para o desenvolvimento humano. A partir do pressuposto de que os projetos sociais contribuem para minimizar desigualdades sociais, oportunizando acesso à educação formal e informal, bem como às práticas esportivas, a capoeira foi incorporada no escopo das atividades ofertadas a crianças e jovens em situação de risco social.

O entendimento sobre a capoeira como esporte foi observado sobremaneira nas reuniões de mobilização, sendo que na localidade de Pedro Canário foram citados entre os pontos fortes da forma de expressão os benefícios para seus praticantes, quais sejam: favorecimento do convívio familiar e social; instrumento de formação do cidadão; equilíbrio emocional; inclusão social e educacional; desenvolvimento de laços de amizade e fraternidade; adequação às dificuldades de cada aluno; e, disciplina e hierarquia.

A partir das variáveis citadas pelos participantes da mobilização em Pedro Canário, como exemplo, percebe-se como a capoeira recebe no contexto contemporâneo das localidades capixabas pesquisadas a significação de instrumento de socialização do indivíduo e de formação humana. Os aspectos culturais da capoeira, como suas origens históricas ou, até mesmo, sua representação como instrumento de resistência negra, foram relatados com menor vigor do que seu caráter esportivo e sua função em projetos sociais a partir da compreensão bastante difundida entre os capoeiristas ouvidos na pesquisa sobre seu potencial de intervenção social.

Nesse sentido, pode-se considerar, levando em conta a própria representação da capoeira como instrumento de resistência e luta criada pelos africanos escravizados no Brasil, com base em conhecimentos marciais e movimentos corporais, que a inserção da forma de expressão em

projetos sociais mantêm-se em diálogo com a significação da forma de expressão como ícone da resistência. Portanto, a parceria com entidades que desenvolvem trabalhos sociais nas comunidades capixabas foi percebida como essencial para a manutenção das condições de reprodução e disseminação da capoeira, visto que essas instituições possibilitam entre seus projetos a prática dessa manifestação cultural. Como exemplo, em João Neiva, tem-se o trabalho desenvolvimento pela Cáritas da Diocese de Colatina, no Projeto Crubixá, que oferece aulas de capoeira com o Mestre Cabelim, contratado pela instituição para atender cerca de 40 crianças.

Da mesma forma, foi identificada em Sooretama, cidade próxima à Linhares, a realização de trabalho social em que a capoeira é utilizada como instrumento de formação esportiva e sociocultural de crianças e jovens. Esse trabalho é realizado pela CEAMI – Centro de Acolhida Maria Imaculada, também ligado à Cáritas Diocesana de Colatina. Neste espaço são desenvolvidas diversas atividades voltadas às crianças em risco social, entre os quais oficinas de atividades manuais e aulas de capoeira. O objetivo do projeto é “Realizar ações socioassistenciais, diminuindo a exposição de seus usuários a situações de risco social, contribuindo para sua formação profissional, cultural e cidadã.”¹³¹

Em Ecoporanga, os mestres Rafael e Paulo Flores, fundadores do Grupo Senzala, também vêm desenvolvendo, desde 1988, trabalho social voltado à cultura e à prática da capoeira como esporte. Os irmãos criaram o Centro Cultural Patrimônio dos Pretos, no distrito de Santa Luzia do Norte, zona rural do município de Ecoporanga, onde realizam atividades comunitárias, entre as quais oferecem aulas de capoeira às crianças e jovens locais. O grupo de capoeira por eles organizado, denominado Senzala Patrimônio dos Pretos, já se apresentou em eventos internacionais, como em Paris, no ano de 1999.

¹³¹ Cf. <http://www.ceami.com.br/frame.asp?id=quem-somos> Acesso em 20/06/2015.



F1-A2-337 - Centro Cultural Patrimônio dos Pretos, Ecoporanga-ES, 28/05/2015.

O que se apreendeu nas reuniões de mobilização é que a capoeira nas localidades Sul, Norte e Metropolitana não acontece livremente pelas ruas das cidades ou lugarejos capixabas. Não foi relatada a ocorrência de reuniões espontâneas para a formação de rodas de capoeira. O que se observou é a prática dentro de grupos instituídos, seja em âmbito local, como o caso dos Filhos da Princesa do Sul, fundado em Cachoeiro do Itapemirim, ou como filiais de grupos nacionais, como o Berizabu, em Vitória, com sede em Brasília. Além disso, notou-se como a capoeira é disseminada e reproduzida no contexto de projetos sociais e, merecendo destaque, em escolas locais como parte das atividades esportivas.

Não se pretendeu neste tópico relacionar parceiros específicos em cada município para o estreitamento de laços no desenvolvimento da salvaguarda da capoeira. Como especificado ao longo deste projeto, optou-se por uma análise qualitativa da capoeira no Espírito Santo, buscando-se compreender as condições atuais de sua reprodução e, no que se refere exclusivamente à salvaguarda, identificar a partir das reuniões de mobilização as demandas e os pontos forte que merecem ser mais bem trabalhados, bem como entender o panorama de possíveis parcerias que podem ser empreendidas para a gestão da salvaguarda da roda de capoeira e do ofício de mestre. Nesse sentido, como se teve como cenário de pesquisa alguns municípios em que foram localizados mestres referenciais, entendeu-se não pertinente listar entidades apenas dessas localidades, mas

indicar parceiros genéricos que podem ser encontrados no território capixaba, diante do contexto em que a capoeira é praticada atualmente.

5.4. Capoeira como profissão

A capoeira tem sido interpretada como prática cultural e esportiva que propicia a inclusão social dos praticantes, com a forma de expressão comumente adotada como instrumento transformador da sociedade ao difundir valores importantes, tais como a disciplina, o respeito, cidadania, igualdade, entre outros. Além disso, notou-se nas Localidades que a inclusão dos professores de capoeira no mercado de trabalho trata-se de expectativa comum, a partir da disseminação da forma de expressão em currículos escolares. Os projetos sociais remuneraram os professores de forma precária, sendo a carteira assinada em instituições de ensino considerada pelos professores ouvidos a melhor forma de “viver da Capoeira”. Sobre a interpretação da capoeira a partir do ponto de vista da inclusão social, argumentou Silva e Heine (2008).

A capoeira desempenha um papel fundamental para promover inclusão, igualdade e cidadania. As diferenças e contradições sociais estão em todas as partes: nas condições de vida, nas oportunidades de estudo e de trabalho, no acesso aos serviços fundamentais de habitação, saúde, segurança, transporte, esporte, lazer e cultura. Tudo isso vem reafirmando historicamente as desigualdades. A capoeira, como produto da cultura popular, pode e deve contribuir para reverter esse quadro e favorecer a aproximação das pessoas, valorizando-as pelo que são, em essência, e não pelas suas condições materiais. Contribui, também, para a construção de espaços democráticos, onde todos tenham direitos e oportunidades iguais; para a compreensão das relações entre passado, presente e futuro; e, sobretudo, para despertar a consciência política e a capacidade de afirmação da cidadania e dos direitos humanos fundamentais. (SILVA & HEINE, 2008, p. 116).¹³²

Assim, a partir da interpretação da capoeira como manifestação cultural que ocupa importante espaço nos ambientes educacionais, bem como em projetos sociais e esportivos, ampliaram-se as oportunidades de empregos para os capoeiristas ou aumentaram as expectativas em torno dessas vagas de trabalho. Mas, atuar como professor de capoeira esbarra em aspectos burocráticos, como exposto pelo Instrutor Chazam, na reunião de mobilização em Vitória, existindo a desvalorização do notório saber em detrimento da formação acadêmica:

Quando fala em relação à oportunidade de trabalho, porque você tem projetos sociais, tem escola, tem tudo, mas às vezes eles te cobram o papel, o certificado. Você perde o notório saber. Entendeu? Você tem que ser professor de Educação Física pra poder dar aula? Então você fica preso nas amarras sociais, entendeu?

¹³² SILVA, G. O. ; HEINE, V. Capoeira e inclusão social. **Revista Textos do Brasil**, ed. nº 14 – Capoeira; 2008. p. 115-121, 2008.

Porque, às vezes, o menino que formou, que ele teve um período na faculdade ou, no caso, seis meses de capoeira e ele vai dar aula no seu lugar. Porque ele tem o acesso. Entendeu? Então isso vai limitar muito a gente. Então quando ele quer cobrar ele acha que a competência vai vir só do estudo científico, acadêmico. Não é. O mestre é notório saber. Ele não precisa ter aquele diploma para poder dar capoeira. capoeira é manifestação popular, se aprende na rua. Lá é outra parte. Se aprende, mas não da maneira mais tradicional, mas de acordo com a ancestralidade.¹³³

O ensino da capoeira em instituições de ensino é regulado pelos Conselhos Regionais de Educação Física que exigem a certificação em curso de nivelamento para que os professores da forma de expressão possam exercer essa profissão. A Resolução nº 07, de 31 de março de 2004, do Conselho Nacional de Educação, dispõe que luta e artes marciais compreendem atividades próprias do profissional de educação física, e que, nos termos da Resolução CONFEF Nº 045/2002, há necessidade de frequência dos capoeiristas em curso de Introdução à Educação Física e Caracterização da Profissão para o exercício profissional. Citando:

Art. 3º A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, **da luta/arte marcial**, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004). (grifo nosso).

No mesmo sentido, o CONFEF – Conselho Federal de Educação Física aponta que os não graduados podem ensinar matéria relacionada à Educação Física desde que comprovem, com documentação perante o CREF, que praticou a modalidade requerida antes de 1998, apresentando carteira de trabalho, contratos, documentos públicos oficiais que atestem o exercício profissional, bem como outros documentos que podem ser solicitados pelos conselhos regionais. Além disso, conforme a Resolução CONFEF Nº 045/2002, o requerente ao exercício da profissão deverá frequentar curso de instrução organizado pelos conselhos regionais.

Com isto, as oportunidades de trabalho para o exercício da profissão de professor de capoeira ficam limitadas. No processo de internacionalização da capoeira, quando muitos profissionais foram para fora do país, a partir da década de 1970, esperança em torno do mercado de trabalho para essa área

¹³³ Fala do Instrutor Chazam na Reunião de Mobilização em Vitória, em 01/08/2015.

cresceram bastante, mas acabaram frustradas diante dos requisitos impostos para o exercício da profissão, de acordo com o órgão regulador do ensino da Educação Física no Brasil. Restaram os projetos sociais e os demais contextos que não necessitam de regulação da atividade educacional no âmbito da Educação Física, mas que, como dito, pagam muito pouco aos professores.

A questão das oportunidades de trabalho surgiu nas reuniões de mobilização realizadas no Espírito Santo, com exceção de Cachoeiro do Itapemirim, sendo que encontros dos detentores constituíram-se momentos de coleta de informações sobre as variadas dimensões presentes no contexto atual da forma de expressão nas terras capixabas. Em Linhares, a remuneração pelo trabalho foi listada como oportunidade no cenário contemporâneo da forma de expressão, indicando ser uma expectativa os professores receberem quantias em dinheiro para efetuar as aulas, mesmo que muitos ainda atuem voluntariamente. Na cidade de São Mateus, foi descrito que vigora no estado a falta de reconhecimento profissional e econômico dos capoeiristas, com a grande maioria não sendo remunerada para proceder ao ensino da forma de expressão.

Em Linhares, a falta de regulamentação da capoeira foi descrita como fraqueza, visto que muitos praticantes da forma de expressão acreditam que a partir da regulamentação da profissão de professor de capoeira o campo de trabalho irá se fortalecer, sem questionarem os parâmetros desse processo e as fiscalizações posteriores. Em Pedro Canário, os presentes na reunião manifestaram que a padronização que pode ser imposta pela regulamentação tende a ser prejudicial para a capoeira. Foi mencionado, ainda, em Linhares, que no processo de transmissão em escolas os mestres de capoeira vêm sendo substituídos por professores de Educação Física, o que compromete a atividade profissional desses detentores da forma de expressão e desvaloriza o notório saber, em detrimento da formação acadêmica.

Na reunião realizada em Vitória, esse debate se desdobrou para discussões sobre a aposentadoria dos mestres e da regulamentação da atividade da capoeira, o que tiraria os professores da forma de expressão da subordinação aos Conselhos Regionais de Educação Física. Contudo, a compreensão sobre a regulamentação não se mostrou pacífica entre os capoeiristas presentes na reunião. De acordo com fala do Mestre Fábio Loureiro durante o encontro, aqui transcrita livremente, se regulamentada a profissão, qual órgão irá regular o exercício das atividades dos professores de capoeira? Deve-se considerar que a regulamentação não se coloca como saída para novas e permanentes oportunidades de trabalho, muito menos para a aposentadoria, visto que todos que anseiam se aposentar deve contribuir com o INSS – Instituto Nacional de Previdência Social. Ficou

evidenciado nas reuniões de mobilização o desejo de que os mestres recebessem pensão do governo federal diante do exercício da função de mestres de capoeira. Mas, essa possibilidade não existe sem que o trabalhador seja filiado à Previdência Social.

A questão das vagas de trabalho para professores de capoeira é um ponto considerado uma oportunidade no universo atual da forma de expressão, ao passo que a falta de ofertas de emprego para esses profissionais foi entendido como fraqueza. Assim, esse item foi bastante discutido entre os participantes da reunião de mobilização em Vitória. Foi exposto nessa reunião que, apesar dos projetos sociais como espaços de atuação dos professores, em instituições formais de ensino é solicitado aos capoeiristas o registro no CREF – Conselho Regional de Educação Física o que muitos não possuem. A formação acadêmica, nesse sentido, ainda é levada em conta quando as escolas contratam um professor ou instrutor de capoeira, desconsiderando o notório saber dos mestres.

O Professor Eleandro, do Grupo Beribazu, mencionou, na reunião em Vitória, sobre a aposentadoria especial para os mestres de capoeira, pedindo que este aspecto fosse contemplado nas medidas de salvaguarda, explicando que uma articulação do Iphan-ES junto ao órgão previdenciário seria fundamental para que muitos mestres não chegassem à velhice sem condições econômicas de sustento. Contudo, sobre este aspecto, Mestre Militão argumentou que as oportunidades devem ser feitas por cada capoeirista na busca por espaço de trabalho com a capoeira. Mestre Fábio Loureiro, sobre o tema da profissionalização da capoeira, chamou a atenção para a complexidade dessa questão e informou sobre os projetos de lei tramitando no legislativo federal que atingem os detentores da forma de expressão. Conforme ele:

A federação faz o papel dela. É que o esporte é reducionista. Ele só trata do esporte. Ele não tem que tratar do fenômeno cultural. O esporte na nossa sociedade é isso. Então a federação ela tem que fazer a sua competição [...] Porque o treinamento desportivo tem um método científico muito forte. Eu nem sei se capoeira, se alguém treina capoeira. [...] Outro cuidado, a regulamentação. Regulamentou precisa de certificação. Ponto. É lei. [...] Regulamentou, cara, tu vai ter que pagar anuidade, vai ter que ter certificado, e eu não sei quem vai dar esse certificado a você. [...] Nós estamos em processo. Na verdade é aquela nossa fraqueza de acompanhar os projetos de lei.¹³⁴

A explicação do Mestre Fábio evidenciou uma preocupação que vem sendo tema dos debates proferidos por Luiz Renato Vieira, mestre de capoeira, Doutor em Políticas Públicas e Consultor Legislativo do Senado Federal, que esteve presente no V Aulão da Amizade, na UFES, em Vitória,

¹³⁴ Fala do Mestre Militão na Reunião de Mobilização em Vitória, em 01/08/2015.

em 23 de maio de 2015. Tanto em sua fala do seminário no V Aulão da Amizade, quanto em seus trabalhos acadêmicos, o autor chama a atenção para o fato de que a regulamentação da capoeira deve ser bastante discutida no meio da capoeiragem, visto que diante da regulamentação podem-se perder aspectos inerentes à diversidade da forma de expressão diante da definição de um modelo ideal de formação profissional. Além disso, a expectativa é que a regulamentação crie oportunidades no mercado de trabalho para os capoeiristas ou garantir a aposentadoria, relações que não podem ser estabelecidas diretamente. Sobre este ponto, é interessante citar a fala do Mestre Cobra Mansa, em texto lido por ele em Audiência Pública sobre o Projeto de Lei nº 50/2007, para a regulamentação da capoeira como esporte:

Antes de pensarmos em institucionalização da Capoeira, nós temos que perguntar por que querem nos organizar? Porque quereríamos uma instituição para controlar o nosso estilo de vida? Quem vai ganhar com isso? A Capoeira? O capoeirista? Os burocratas? Será que estas instituições são realmente necessárias? Quem as controlara? Porque elas têm que ser tão repressivas, elitistas e ditatoriais? Podemos confiar nestas instituições e nos seus líderes moralmente, financeiramente, fisicamente e espiritualmente? O que é que nós queremos? Nós queremos a institucionalização da Capoeira, ou uma comunidade de Capoeira que trabalhe com "o sistema" para obter honestamente o que precisamos sem nos inclinarmos para o que este sistema tem a nos oferecer? Embora estejamos abertos para crescermos no espírito e conhecimento da Capoeira, queremos evitar a imposição de valores de um grupo de pessoas e burocratas que já tenham criado as suas próprias escalas de valores. Queremos uma comunidade que celebre e encoraje a individualidade e a cooperação entre seus membros; uma comunidade mundial de Capoeira que respeite diferentes valores, crenças, pontos de vista, práticas, etc; em resumo, o que queremos é uma comunidade que respeite as nossas diferentes histórias e histórias, as nossas vidas diferentes e o nosso crescimento em direções variadas para o seu próprio fortalecimento. Pois, e isto o que nós todos teremos para oferecer através do entendimento e do amor sobre a prática e o espírito da Capoeira.¹³⁵

Nesse sentido, a questão da regulamentação surgiu entre os capoeiristas ouvidos nas reuniões de mobilização, não apenas em Vitória, como alternativa para o reconhecimento da capoeira e abertura de possibilidades de trabalho e aposentadoria, sem problematizar tal questão. O que se observou foi a regulamentação interpretada como uma porta que se abriria para a capoeira, com a pouca reflexão sobre os rumos da regulamentação, da organização da forma de expressão como esporte e da normatização da profissão de mestre.

¹³⁵ IPHAN. Parecer técnico 0523/2013. Projeto de Lei da Câmara nº 31, de 2009, que dispõe sobre o reconhecimento da atividade de Capoeira e dá outras providências. Disponível em http://www.senado.gov.br/comissoes/CE/AP/AP20131206_Capoeira_Maria_Paula_IPHAN.pdf Acesso em 20/08/2015.

6. DEMANDAS DE SALVAGUARDA

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003):

Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (UNESCO, 2003, p.050).

No processo de salvaguarda da roda de capoeira e do ofício de mestre, conforme exposto no dossiê de registro (IPHAN, 2007), foram definidas as recomendações de salvaguarda que, juntamente com as demandas formuladas a partir das reuniões de mobilização realizadas no âmbito deste projeto indicam caminhos a serem percorridos para a valorização da forma de expressão e do ofício em questão no país e, especialmente, nas terras capixabas. Porém, o Iphan-ES, no que se refere à gestão do patrimônio cultural imaterial do Espírito Santo, figura como articulador da salvaguarda, promovendo o debate, o diálogo e o estabelecimento de parcerias para a garantia das condições materiais e intangíveis para a reprodução e a continuidade da capoeira na forma em que se implantou e se desenvolveu no estado.

A definição de parceiros na salvaguarda da forma de expressão e do ofício a ela vinculado, como discutido no tópico anterior, mostrou-se nas reuniões de mobilização uma importante estratégia, considerando a gerência limitada do Iphan-ES para certos temas, como questões previdenciárias e de cessão de espaços para a realização das aulas. O que se observou nos debates com os capoeiristas é que, em primeiro lugar, as prefeituras municipais são relevantes órgãos locais que têm papel primordial, tanto na reprodução da capoeira, quanto nos processos de transmissão dos conhecimentos e formação de novos executantes, visto ter a capacidade de facilitar a realização das aulas por meio da contratação de professores e mestres, bem como da disponibilização de espaços para esse fim nas localidades. Nesse sentido, considera-se os governos locais os parceiros mais importantes na salvaguarda da capoeira no Espírito Santo.

A partir das reuniões de mobilização, realizadas conforme o quadro adiante, foram recolhidas os principais pleitos para a salvaguarda. Deve-se registrar que as expectativas de salvaguarda, em sua maioria, referem-se à viabilização de condições materiais para a continuidade das aulas de capoeira e a realização de eventos, bem como para a valorização profissional dos capoeiristas. Os riscos de enfraquecimento da forma de expressão, como observado na pesquisa, foram

destacados como relacionados à ausência das condições para o processo de transmissão, ou seja, a falta de espaços para aulas, carência de remuneração para os professores, dificuldade em conseguir transporte para eventos, entre outros elementos que se relacionam à institucionalização e formalidade do ensino e prática da capoeira que caracterizam sua existência na atualidade. Logo, para que a forma de expressão mantenha-se vigente, de acordo com a dinâmica em que se baseia atualmente, as demandas de salvaguarda direcionam-se para necessidades que surgiram diante do cenário contemporâneo da capoeira no estado.

Quadro 14. Cronograma das reuniões de mobilização

LOCALIDADE	MUNICÍPIO	DATA	PARTICIPANTES
Sul	Cachoeiro do Itapemirim	22/05	11
Vitória e Região Metropolitana	Vitória	23/05	06
		01/08 (segunda chamada)	48
Norte	Linhares	25/05	24
	São Mateus	26/05	06
	Pedro Canário	27/05	16
Total			111

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir do cronograma das reuniões de mobilização.

A seguir, têm-se planilha que consolida as demandas de salvaguarda a partir do preenchimento da matriz FOFA pelos participantes dos encontros, em que foram definidas as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças no cenário atual da capoeira praticada no Espírito Santo.

6.1. Quadro 15. Forças impulsoras

	AMBIENTE INTERNO	AMBIENTE EXTERNO	PREMISSAS
	Pontos Fortes	Oportunidades	Ofensivas ou de avanço
GESTÃO	• Dedicação voluntária dos mestres e professores; • Apoio dos pais e comunidade aos grupos de capoeira; • Tempo de existência e resistência dos grupos; • União; • Cumplicidade; • Respeito; • Companheirismo; • Comprometimento; • Disposição histórica; • Abertura para diálogo.	• Aumento do incentivo a projetos culturais (editais e políticas públicas); • Reconhecimento da roda de capoeira e do ofício de mestre como patrimônio cultural pelo Iphan; • Apoio da iniciativa privada; • Território pequeno; • Parceria com o Iphan.	• Divulgar editais de incentivo à cultura que incluam temáticas relacionadas à capoeira; • Ampliar a divulgação do registro da roda de capoeira e do ofício de mestre, ressaltando o significado do registro e o papel do Iphan na gestão e salvaguarda dos bens registrados; • Apoiar a articulação dos grupos existentes no estado, fomentando a construção de uma rede de capoeiristas e a criação do conselho de mestres com a colaboração do Iphan-ES.
DISSEMINAÇÃO	• Dispersão da capoeira nas localidades; • Sentimento de pertencimento aos grupos; • Transmissão oral dos saberes entre mestres e alunos; • Presença de jovens alunos e busca por conhecimentos; • Dedicação voluntária dos mestres e professores; • Apresentação em festas locais e internacionais; • Capoeira ensinada em diferentes ambientes; • Reconhecimento dos professores e mestres pela comunidade; • Grandes eventos; • Capacitação.	• Ensino da capoeira em escolas municipais, estaduais e privadas (inclusão na grade curricular); • Remuneração pelo trabalho; • Reconhecimento da roda de capoeira e do ofício de mestre como patrimônio cultural pelo Iphan; • Novos projetos de lei.	• Propiciar espaços e eventos para a disseminação dos saberes relacionados à capoeira, com a promoção de debates e troca de experiências entre mestres mais antigos e alunos e professores; • Promover o diálogo entre órgãos municipais, estaduais e federais para o estabelecimento de parcerias para a promoção da capoeira capixaba; • Realizar eventos em conjunto com profissionais do Ministério do Trabalho para discussão sobre a profissionalização do professor e mestre de capoeira.
REPRODUÇÃO	• Motivação dos capoeiristas; • União interna do grupo e ética entre capoeiristas; • Existência de espaços específicos para a capoeira, como o Ponto de Cultura e Casa do Capoeira, em Cachoeiro do Itapemirim, e a sede do Dendê Capoeira, em São Mateus; • Dedicação voluntária dos mestres e professores; • Apoio de secretarias municipais de cultura e de ONGs; • Articulação com órgãos de assistência social; • Disposição para fazer roda; • Apoio comunitário.	• Ensino da capoeira em escolas municipais, estaduais e privadas (inclusão na grade curricular); • Reconhecimento da roda de capoeira e do ofício de mestre como patrimônio cultural pelo Iphan; • Valorização dos grupos.	• Apoiar a realização de eventos de capoeira no estado, promovendo a interação regional entre os grupos; • Articular com as prefeituras municipais e entidades civis locais para a definição de espaços que possam ser utilizados para a realização de aulas de capoeira; • Incentivar a realização de rodas de capoeira em eventos culturais das localidades.

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas nas reuniões de mobilização.

6.2. Quadro 16. Forças restritivas

AMBIENTE INTERNO		AMBIENTE EXTERNO	PREMISSAS
Pontos Fracos		Ameaças	Defensivas ou de recuperação
GESTÃO	- Baixa formalização dos grupos; - Pouca participação de capoeiristas em conselhos municipais; - Pouco apoio de órgãos públicos em geral; - Falta de apoio de prefeituras municipais no processo de gestão dos grupos; - Dificuldade de acompanhar a política de salvaguarda; - Falta de participação crítica em conselhos de cultura; - Dificuldade de organizar eventos entre grupos; - Falta de estrutura para acolher grupos; - Falta de capacitação; - Falta de editais; - Limitação da formação política; - Falta de participação na FECAES.	- Burocracia nos editais de incentivo à cultura; - Falta de políticas públicas de cultura regionalizadas; - Ausência de marco legal para a capoeira; - Pouca articulação entre os capoeiristas do estado; - Falta de aproximação com a FECAES; - Falta de um plano estadual para a capoeira; - Falta de uma agenda coletiva; - Falta de discussões políticas; - Falta de cursos para capacitação. - Falta de cursos para elaboração de projetos; - Cortes de Emendas Parlamentares para cultura e esporte.	- Apoiar a realização de cursos de capacitação para elaboração de projetos culturais e orientar sobre o registro civil dos grupos para a participação em editais e captação de recursos; - Discutir com a Secretaria de Estado de Cultura sobre a regionalização das políticas culturais; - Incentivar os municípios a convidarem os capoeiristas para comporem conselhos municipais, como os de cultura e de juventude; - Estabelecer contato com secretarias municipais de cultura para estimular o estreitamento do relacionamento entre o setor público municipal e os capoeiristas; - Realizar seminários e debates em que se discuta mais profundamente a questão da profissionalização dos mestres e professores e do marco legal para a capoeira; - Apoiar o diálogo entre a FECAES e os grupos de capoeira das diferentes regiões do estado; - Organizar o conselho de mestres com a colaboração do Iphan-ES a fim de viabilizar as ações de salvaguarda; - Promover eventos de capoeira regionais que reúnam diferentes grupos.
DISSEMINAÇÃO	- Falta de fóruns de debate, compartilhamento de informações e formação continuada; - Pouca divulgação de eventos regionais de capoeira; - Formação precoce de mestres; - Falta de companheirismo; - Determinar a capoeira apenas por um aspecto e não pela sua diversidade; - Falta de conhecimento da tradição; - Falta de oportunidades de trabalho; - Falta de um museu da capoeira no Espírito Santo; - Postura inadequada de alguns professores que constroem uma imagem ruim da capoeira; - Estereótipos negativos.	- Preconceito social e religioso e distorção da identidade da Capoeira; - Falta de profissionalização de professores e mestres de capoeira; - Falta de valorização da história e de fundamentos da Capoeira; - Esportivização da capoeira; - Falta de incentivo para grupos pequenos; - Falta de acesso ao resultado de pesquisas; - Falta de aposentadoria para mestres.	- Organizar seminários e demais eventos que propiciem a troca de experiência e a disseminação de histórias e memórias da Capoeira no Espírito Santo; - Ampliar a divulgação dos eventos de capoeira em nível regional e estadual, fomentando a interação entre grupos e comunidades; - Fomentar o debate sobre a formação dos mestres; - Organizar o conselho de mestres com a colaboração do Iphan-ES a fim de viabilizar as ações de salvaguarda.

REPRODUÇÃO	• Dificuldade de mobilidade / transporte dos grupos para eventos; • Dificuldade financeira dos mestres; • Ausência de espaços exclusivos para aulas de capoeira nos municípios; • Falta de apoio de prefeituras municipais para o ensino e recreação da capoeira, incluindo ausência de capacitação pedagógica para professores e mestres; • Disputa entre grupos; • Falta de respeito à capoeira na roda; • Falta de reconhecimento dos mestres; • Agressão nas rodas; • Conflitos; • Preocupação “só com pernada”.	• Rivalidade entre grupos nacionais; • Falta de divulgação das atividades relacionadas à capoeira; • Oportunismo de não capoeiristas; • Falta de verbas; • Outras lutas no ensino e na prática da capoeira.	• Articular o apoio de órgãos locais para a execução de aulas e eventos de capoeira, facilitando a cessão de espaços para a formação de novos alunos, bem como possibilitando o deslocamento dos grupos para encontros fora dos municípios e a divulgação dos eventos de capoeira; • Informar sobre as questões previdenciárias relacionadas ao trabalho autônomo exercido pelo mestre de capoeira, alertando para a importância da contribuição para a aposentadoria, diante da ausência de regulamentação da profissão; • Ampliar o diálogo entre os grupos com filiações nacionais, por meio de encontros e eventos; • Apoiar a realização de eventos que reúna os grupos e promover fóruns de discussão.
-------------------	---	---	---

Fonte: Elaborado pela equipe da Temporis Consultoria Ltda. a partir das informações recolhidas nas reuniões de mobilização.

As premissas de salvaguarda relacionadas às forças impulsoras têm como pressuposto estimular as fortalezas e oportunidades, permitindo o avanço dos aspectos positivos observados no universo da capoeira nas localidades pesquisadas. Assim, sugere-se especial atenção para as premissas elencadas e a análise de sua viabilidade de execução no desenvolvimento das ações de salvaguarda. Observa-se que as premissas foram reunidas de acordo com o tema, sendo que algumas foram condensadas a partir do que se encontra exposto na planilha acima.

1. Divulgar editais de incentivo à cultura que incluam temáticas relacionadas à capoeira;

Esta demanda refere-se à manifestação dos grupos sobre a falta de comunicação com órgãos da área cultural na divulgação de editais de incentivo à cultura que tratem da capoeira ou que sejam específicos para essa manifestação cultural. Com isto, os grupos esperam que o Iphan-ES colabore na disseminação dessas informações, seja em parceria com os governos locais ou informando diretamente aos grupos.

2. Ampliar a divulgação do registro da roda de capoeira e do ofício de mestre, ressaltando o significado do registro e o papel do Iphan na gestão e salvaguarda dos bens registrados;

Espera-se com o atendimento dessa premissa que a divulgação do registro da Capoeira como patrimônio cultural nacional chegue aos grupos e sociedade em geral, promovendo a maior valorização da Capoeira e sua apropriação como parte do acervo patrimonial do Brasil e do Espírito Santo. Contudo, deve-se orientar aos capoeiristas sobre o processo de salvaguarda e sobre o papel do Iphan-ES como articulador de ações que possibilitem a valorização da forma de expressão, esclarecendo sobre as funções e competências do órgão.

3. Apoiar a articulação dos grupos existentes no estado, fomentando a construção de uma rede de capoeiristas e a criação do conselho de mestres com a colaboração do Iphan-ES;

A criação de uma rede de capoeiristas no estado do Espírito Santo poderá ocorrer, principalmente, por meio da criação de um conselho de mestres, com a colaboração do Iphan-ES nas atividades desse grupo colegiado, como ocorre em Minas Gerais. O objetivo da formação desse colegiado é o fomento das ações de salvaguarda, bem como a inauguração de um espaço permanente de discussão sobre a forma de expressão no território capixaba e de troca de informações sobre a capoeira. Assim, as ações relacionadas com a divulgação de editais e as discussões sobre o papel do Iphan-ES na salvaguarda poderiam ser compartilhadas com os mestres membros do conselho, que deverão representar as regiões do estado e atuarão como disseminadores das informações para os

grupos de suas localidades.

4. Propiciar espaços e eventos, promovendo a interação regional entre os grupos, para a disseminação dos saberes relacionados à capoeira, com a promoção de debates e troca de experiências entre mestres mais antigos e alunos e professores;

A perspectiva dessa premissa é a articulação entre o Iphan-ES e parceiros locais, como prefeituras municipais e ONGs da área da cultura, para a realização de eventos para a disseminação de saberes relacionados à capoeira, com a valorização da experiência dos mestres. Tais eventos funcionariam como espaços de discussões sobre a capoeira, sua história e dispersão no Espírito Santo. Sugere-se que sejam realizados eventos desse tipo em cada região do estado, proporcionando a participação do maior número possível de grupos. Entre os temas para discussão nesses eventos foi sugerido nas reuniões de mobilização que sejam debatidas a profissionalização e regulamentação da capoeira e a formação dos mestres.

5. Promover o diálogo entre órgãos municipais, estaduais e federais para o estabelecimento de parcerias para a promoção da capoeira capixaba e incentivar a realização de rodas de capoeira em eventos culturais das localidades, com a articulação para que convidem os capoeiristas para comporem conselhos municipais, como os de cultura e de juventude;

Os capoeiristas ouvidos nas reuniões de mobilização apresentaram a expectativa de que o Iphan-ES articule-se com órgãos das diferentes esferas de poder para o estabelecimento de parcerias para a valorização e promoção da capoeira. Observa-se que as demais ações dependem, sobremaneira, da definição de parcerias, principalmente, com os governos locais. Seria interessante a realização de reuniões com os responsáveis pelos setores de educação e cultura das prefeituras municipais para envolvê-los na salvaguarda da forma de expressão e informá-los sobre as ações que podem executar em suas localidades no sentido de valorizar a capoeira e promover sua continuidade, como a inclusão de rodas de capoeira nos eventos culturais e esportivos dos municípios, a cessão de espaços para as aulas e a contratação de professores para transmitirem os conhecimentos relacionados à forma de expressão, formando novos praticantes. Apenas na cidade de Linhares foi verificada a participação de capoeiristas no conselho local de cultura, pelo que se sugere que o Iphan-ES, em parceria com os governos locais, promovam a inclusão de capoeiristas nos órgãos colegiados municipais, principalmente, das áreas de cultura e juventude.

6. Realizar eventos em conjunto com profissionais do Ministério do Trabalho para discussão sobre a profissionalização do professor e mestre de capoeira;

É de extrema importância a disseminação de informação aos capoeiristas sobre a previdência e a regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira. Notou-se que é uma grande expectativa dos praticantes da forma de expressão a possibilidade de se aposentarem em função do ensino da forma de expressão. Contudo, muitos não têm conhecimento de que precisam contribuir com a previdência e esperam que o governo federal realize as aposentadorias em razão do ofício de mestre. Assim, sugere-se que sejam realizados eventos, juntamente com os servidores do INSS, para disseminação de informações no âmbito da educação previdenciária, principalmente, orientando sobre a aposentadoria e sobre os benefícios para os capoeiristas. No mesmo sentido, deve-se informar sobre o encaminhamento da regulamentação da profissão e que, caso ocorra, não significa a aposentadoria direta sem o pagamento de contribuição previdenciária. Esses debates podem ocorrer nos eventos regionais sobre capoeira, nos quais se podem efetivar várias das ações aqui propostas.

No que se refere às premissas ligadas às forças restritivas, essas pretendem mitigar questões que foram reconhecidas pelos participantes das reuniões de mobilização como ameaças ou fraquezas no cenário atual da capoeira capixaba. Certamente, muitas dessas ações podem ser pensadas em conjunto com as demandas vinculadas aos aspectos impulsores, aqui dispostos, sendo que, diante do tema, algumas já foram consolidadas.

7. Apoiar a realização de cursos de capacitação para elaboração de projetos culturais e orientar sobre o registro civil dos grupos para a participação em editais e captação de recursos;

Foi bastante discutido nas reuniões de mobilização que os grupos, além de não serem informados sobre editais de incentivo à cultura que contemplem a capoeira, não possuem capacitação para concorrerem aos certames por não possuírem capacitação na elaboração de projetos. Com isto, os capoeiristas esperam que o Iphan-ES possa apoiar a realização de cursos de capacitação para esse fim e que possam orientar sobre a formalização das unidades executoras da forma de expressão, visto que a institucionalização dos grupos é fundamental para a concorrência em editais e demais mecanismos de fomento. Essa ação poderá ser realizada em parceria com órgãos municipais e estaduais.

8. Discutir com a Secretaria de Estado de Cultura sobre a regionalização das políticas culturais;

Uma força restritiva observada pelos participantes nas reuniões de mobilização foi a concentração de grupos da capital capixaba nas premiações dos editais de cultura. Com isto, foi solicitado que houvesse a regionalização das políticas culturais, com especial atenção para a capoeira. Seria interessante que o Iphan-ES abrisse um canal de debate com a Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo a fim de que o governo estadual fosse parceiro no processo de salvaguarda dos bens registrados nacionalmente e que mantém representantes no estado, como a capoeira e o Jongo. Assim, a descentralização das políticas culturais poderia abarcar com maior amplitude as diferentes regiões do estado, atendendo aos grupos sediados no interior.

9. Apoiar o diálogo entre a FECAES e os grupos de capoeira das diferentes regiões do estado;

Observou-se nas localidades pesquisadas que a FECAES não possui adesão de muitos capoeiristas no estado. Assim, a partir da fundação do conselho de mestres, sugere-se a participação de representante desse órgão, com intuito de envolver a entidade nas ações de salvaguarda e promover o diálogo com os grupos de capoeira do estado e ela filiados. Entende-se que não deve ser uma obrigação a filiação, mas considera-se positivo a existência de uma instituição voltada aos interesses dos praticantes da forma de expressão e sua presença nos debates faz-se fundamental.

Por fim, no que se refere às demandas de salvaguarda, observou-se que os capoeiristas capixabas anseiam por mais espaços de discussão, com a realização de seminários e debates sobre a capoeira, criando fóruns para trocas de experiências e oferta de cursos de capacitação na área de elaboração de projetos. De igual importância é a articulação com a Secretaria de Estado de Cultura para debater a regionalização das políticas culturais, com a distribuição dos recursos de forma mais equilibrada no estado, com foco na capoeira. A promoção de eventos regionais de capoeira, que reúnam diferentes grupos, foi levantada com a intenção de que ocorra a troca de experiências entre os detentores. Assim, esperam que seja ampliada a divulgação dos eventos de capoeira em nível regional e estadual, fomentando a interação entre grupos e comunidades. Chamou bastante atenção o fato dos capoeiristas desejarem mais informações sobre a capoeira, com a expectativa de que o Iphan-ES fomenta debates sobre a forma de expressão no estado. O Museu da capoeira no Espírito Santo e a necessidade de espaços para que os mestres partilhem suas histórias e vivências foram assuntos abordados como expectativas para que a capoeira tenha suas tradições disseminadas, em um processo de valorização e reconhecimento da forma de expressão e de seus praticantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mapeamento dos Grupos de Capoeira no Espírito Santo, cujas atividades foram realizadas pelos profissionais da empresa Temporis Consultoria, contratada pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Espírito Santo, por meio do Processo nº 01409.000256/2014-09, licitação na modalidade Tomada de Preços nº 04/2014, regime empreitada por preço global, para a execução do projeto de mapeamento e pesquisa histórica e etnográfica dos mestres, grupos e/ou praticantes de capoeira existentes no estado do Espírito Santo, teve início no mês de setembro de 2014 e encerra-se em novembro de 2015. As atividades desenvolvidas incluíram pesquisa e análise bibliográfica, pesquisa de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas com mestres referenciais para a prática da capoeira no estado e reuniões de mobilização para a identificação de demandas de salvaguarda. Foram produzidos cinco relatórios parciais, com o resultado de cada uma das etapas realizadas, e este relatório final, tratando-se de texto monográfico sobre a forma de expressão no Espírito Santo.

O que foi possível concluir com a realização deste projeto, é que a capoeira praticada no Espírito Santo tem suas raízes mais antigas relacionadas ao Mestre Teodorinho Trinca Ferro e seus pares, entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, na região Norte do estado. O atual contexto da forma de expressão vincula-se à expansão nacional da capoeira, entre as décadas de 1960 a 1980, a partir da dispersão dos grupos Senzala e Abadá no país, bem como na popularização dessa manifestação cultural com sua internacionalização e as novas perspectivas que se abriram para os capoeiristas, tanto em relação ao reconhecimento da forma de expressão com esporte e prática cultural nacional, bem como pelas possibilidades de trabalho como professor de capoeira, no Brasil e no exterior.

Com isto, tem-se que o processo de difusão da capoeira no estado se deu por meio de duas vertentes. A primeira delas, considerando-se a condição histórica pregressa da capoeira capixaba com as suas origens nos africanos escravizados, em especial, na região do Sapé do Norte (atuais municípios de São Mateus e Conceição da Barra), uma das mais antigas do Estado e que serviu como ponto de chegada dos escravizados entre os séculos XVI e XVIII, como apontado pelo escritor memorialista Maciel de Aguiar em suas obras que tratam sobre o legado social e cultural deixado pela escravização negra nesse território. A segunda forma de sedimentação da capoeira no Espírito Santo ocorreu, como exposto, no contexto da disseminação da prática a partir das décadas de 1960 a 1980, quando a capoeira rompeu as fronteiras de origem, essencialmente a cidade de Salvador, polo

de maior atividade capoeirista, e a cidade do Rio de Janeiro, que desde o final do século XIX já contava com uma intensa atuação de capoeiras nas zonas portuárias, como consta na historiografia que trata do tema. Nesse processo de fortalecimento da prática da Capoeira no Espírito Santo, é importante indicar a aproximação de capoeiristas do Estado a destacados grupos de Capoeira à época, como o Senzala e o Abadá e, posteriormente, ao Beribazu, fundado em Brasília.

É interessante observar o valor contido no processo de disseminação da capoeira no Espírito Santo, ocorrido na segunda metade do século XX, no que tange ao fortalecimento das noções de pertencimento à cultura afro-brasileira. Neste sentido, foi possível notar em algumas das entrevistas realizadas, determinadas noções objetivadas na valorização das matrizes culturais negras, bem como no processo de superação ao preconceito pelo qual a prática cultural esteve sujeita no passado. A esse respeito, Mestre Militão Reza Forte, que se mudou da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Linhares na década de 1970, apontou que, no momento de sua chegada à cidade do Norte capixaba, era notável o caráter de preconceito existente em relação às manifestações culturais de origem negra na cidade. Preconceito esse que, na visão do Mestre Militão, foi drasticamente reduzido ao longo dos anos, existindo hoje uma aceitação social em relação à capoeira, com poucos traços de preconceito ainda vigentes.

Nesse sentido, o processo de democratização e popularização da capoeira, bem como as mudanças operadas em relação à prática, que incluem sua aceitação social, ainda que ainda persista certo preconceito, segundo os entrevistados, inclui a inserção do ensino da forma de expressão na rede escolar. Além disso, a capoeira, pensada como uma prática esportiva popular e aberta ao acesso sem restrições, ganhou importância como um importante instrumento pedagógico, que exercita questões diversas que se estendem entre aspectos referentes à saúde e ao bem estar, até a perspectiva pautada na inclusão social e no respeito mútuo.

Ainda sobre as restrições sociais em relação à capoeira, é interessante observar que elas também estiveram associadas ao caráter conflitivo existente no meio entre as décadas de 1970 a 1980. Segundo apontou Mestre Carlos, em entrevista realizada na pesquisa de campo, a capoeira nesse período era marcada por uma série de rixas entre os grupos, que geravam incidentes contínuos de violência e brigas em praças e locais públicos onde a manifestação era praticada em Vitória. Apesar do cenário da capoeira capixaba atual indicar a diminuição dos conflitos entre grupos, ainda se faz possível perceber nas entrelinhas alguns indícios da existência de rixas, que tiveram origem nas disputas travadas pelos antigos capoeiristas que hoje atuam como mestres respeitados no meio.

Outra questão importante relacionada às disputas pela legitimidade da capoeira no estado está associada à indisposição que pode ser claramente notada na relação entre os Capoeiristas e a FECAES - Federação de capoeira do Estado do Espírito Santo. Em muitos dos contatos realizados com capoeiristas das Localidades Norte a Sul do Espírito Santo, a federação foi criticada por mestres, professores e praticantes como uma instituição restrita a um grupo específico de capoeiristas e que não representa a totalidade dos praticantes da forma de expressão no estado. Essa é, talvez, a questão mais problemática relativa à prática da capoeira no Espírito Santo. Ao longo do processo de pesquisa, observou-se a atuação de agentes da federação no sentido de controlarem o desenvolvimento do trabalho, privilegiando determinados detentores, destacando-se a exigência de pagamentos de diárias fora do orçamento previsto para o projeto. A situação foi contornada por meio do diálogo estabelecido com a FECAES por pesquisadores e técnicos do Iphan-ES.

Diante do desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a metodologia utilizada deu conta de mapear o surgimento e a disseminação da capoeira pelo estado, sem que houvesse aprofundamento na identificação de todos os grupos existentes no Espírito Santo. Cabe registrar que as informações contidas neste relatório são de caráter qualitativo e a intenção foi a de possibilitar um panorama geral da forma de expressão como disseminada no estado, sem a pretensão de construir um banco de dados sobre praticantes e grupos que atuam nas Localidades Sul, Norte e Região Metropolitana.

Contudo, como apontado por Loureiro (2008, p.74)¹³⁶, a história da capoeira no estado do Espírito Santo ainda apresenta uma série de lacunas: “A capoeira no Espírito Santo se encontra em grande parte como uma descoberta em curso. Pouco se tem sobre a capoeira no Espírito Santo, em particular no sul do Estado”. A ausência de registros documentais sobre a trajetória dessa forma de expressão no estado representa o principal fator que dificulta o desenvolvimento de trabalhos sobre o tema.

As mais importantes referências encontradas acerca do legado da cultura negra no Espírito Santo, especialmente acerca da capoeira, consistem em relatos orais e memorialísticos, como a coletânea de Maciel de Aguiar, que teve como objetivo desenvolver o registro histórico de importantes personagens da cultura afro descendente no estado, sobretudo no Vale do Cricaré. Dentre as obras do referido autor, chama especial atenção o livro sobre Teodorinho Trinca-Ferro¹³⁷, que trata da

¹³⁶ LOUREIRO, Fábio Luís. **Capoeira e Identidade Cultural**. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos. Universidade São Marcos. São Paulo: 2008.

¹³⁷ AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.

trajetória de vida desse personagem, bem como de sua relação com a capoeira. Logo, o Mapeamento dos Grupos de Capoeira no Espírito Santo pode ser entendido como importante passo para o preenchimento dessa lacuna bibliográfica sobre a forma de expressão no estado.

Observou-se que a capoeira no Espírito Santo mostra-se manifestação cultural vigente e valorizada pelas comunidades, com a existência de muitos praticantes em todas as regiões. Não se observou a fundação no estado de grupos que se tornaram unidades executoras da forma de expressão com filiais em outros locais do país. Pelo contrário, no estado é comum a prevalência de grupos originados no Rio de Janeiro (capital e interior) Brasília, Minas Gerais e Bahia. Além disso, é importante destacar que a capoeira como existente no estado é praticada sempre associada à grupos formalmente instituídos ou à escolas, academias e projetos sociais, esportivos e culturais institucionalizados. Foram relatadas experiências espontâneas da forma de expressão, com rodas realizadas por capoeiristas isolados em certos espaços públicos, apenas no passado das cidades pesquisadas. Em São Mateus, foi mencionado que existiram rodas no Centro Histórico da cidade, na região do Porto de São Mateus. Da mesma forma, em Cachoeiro do Itapemirim registrou-se que rodas eram realizadas em campos e morros da cidade, assim como em Vitória, na região do bairro Jucutuquara, entre outros locais. Contudo, na atualidade, as rodas estão sempre associadas à grupos ou projetos em que a capoeira é ensinada.

Dessa institucionalização da prática da forma de expressão, aspecto que caracteriza a capoeira no estado, tem-se que o processo de transmissão dos saberes associados à forma de expressão vem sendo realizado em formato escolar, com a definição de locais, horários e metodologias bem próximas ao ensino esportivo. Diante dessa dinâmica escolar de transmissão dos saberes decorreram várias críticas nas reuniões de mobilização para a identificação das demandas de salvaguarda, quando os praticantes manifestaram que o notório saber dos mestres vem sendo substituído pela formalidade das aulas e pela valorização dos conhecimentos acadêmicos em detrimento da tradição da capoeira. Assim, criou-se grande expectativa em torno da regulamentação da profissão de mestre, visto que os capoeiristas esperam que, a partir da regulamentação, novas perspectivas de trabalho floresçam, além da possibilidade de aposentadoria.

Com isto, as demandas de salvaguarda apresentadas estão baseadas, sobretudo, em necessidades materiais, originadas no contexto atual da prática da capoeira, em que espaço para aulas, remuneração dos professores, uniformes, transportes para eventos, entre outros aspectos, tornaram-se indispensáveis. Deve-se atentar para o fato de que as demandas têm relação, como

dito, com a realidade como a forma de expressão é praticada atualmente no Espírito Santo, considerando que existe a necessidade de uma infraestrutura que possibilite a realização das aulas e execução das rodas. Além disso, foi registrado o interesse dos detentores pela difusão de informações sobre a capoeira, com a promoção de espaços de debates e formação dos praticantes, com a troca de experiências entre mestres e a difusão de questões históricas e tradicionais da forma de expressão, visto que consideram a formação como ocorre atualmente bastante deficiente em termos da transmissão de aspectos culturais, históricos e rituais da capoeira.

Por fim, cabe mencionar que, conforme as expectativas dos capoeiristas, espera-se que Iphan-ES desenvolva ações regionalizadas para a salvaguarda da capoeira, promovendo eventos que estimulem a reflexão sobre a forma de expressão e viabilize as articulações institucionais necessárias para a valorização da capoeira e de seus praticantes em todo o estado.

REFERÊNCIAS – PRODUTO VI

Bibliográficas

- ACUNA, Jorge Herrera. **Entre rodas de capoeira e círculos intelectuais**: disputas pelos significados da capoeira no Brasil (1930-1960). 2010. 276 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo: 2011.
- AGUIAR, Maciel de. **Beatinho de São Benedito**. São Mateus: Memorial, 2007a.
- _____. **Constância Angola**. São Mateus: Memorial, 2007b.
- _____. **Negro Rugério**. São Mateus: Memorial, 2007c.
- _____. **Teodorinho Trinca-Ferro**. São Mateus: Editora Memorial, 2007d.
- ALDÉ, Lorenzo. Berimbau Universal. Capoeira é declarada patrimônio cultural do país. Em seus múltiplos sentidos, ela já caminhou junto com o Brasil. **Revista de História**, 16/07/2008. In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/berimbau-universal>. Acesso em 16/12/2014.
- ALMEIDA, Marcelo N.; BARTHOLO, Tiago L. e SOARES, Antonio J.. Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. **Rev. Port. Cien. Desp.** 2007, vol.7, n.1, p. 124-133.
- ALVAREZ, Johnny Menezes. **O aprendizado da Capoeira Angola como cultivo da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ / Instituto de Psicologia, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BICALHO, Maria Fernanda Baptista. Elites coloniais: a nobreza da terra e o governo das conquistas. História e historiografia. In: MONTEIRO, Nuno G.F.; CARDIM, Pedro, CUNHA, Mafalda Soares (orgs.). **Optima Pars**: elites ibero-americanas do Antigo Regime. Lisboa: ICS, 2005.
- CACCIOATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1977.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: Galo Já Cantou. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- _____. **Capoeira**: Os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2º vol., Brasília: Instituto Nacional INL-MEC do Livro, 1972.
- CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **O direito à memória**: patrimônio cultural e cidadania. São Paulo: DPH –Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- CIRQUEIRA FALCÃO, José Luiz. Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da Capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. **Pensar a Prática**, vol. 7, n. 2, nov. 2006. p. 155-170. In: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/93/2376>. Acesso em 25/09/2015.
- _____. A capoeira é do Brasil? A capoeira no contexto da globalização. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**, Movimentos Sociais e Sustentabilidade, Colóquio da Association Pour la Recherche Interculturelle (Aric) na América Latina, 1, 2006, Florianópolis. Florianópolis: CED/UFSC, 2006. p. 01 – 12.
- COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. **Capoeira, Sagrado, Imaginário Social**. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, v. 10. n. 1, maio, 2013.

- CRESSONI, Franz Eric de Goes. **Capoeira contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, Rio Claro, 2013.
- DURHAM, Eunice R.. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1972.
- ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo, Studio Nobel: SESC, 1997.
- FRIGERIO, Alejandro. **Capoeira: de arte negra a esporte branco**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 4, n.10. 1989, p. 85-98.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Dossiê. Brasília, 2008.
- _____. **Parecer técnico 0523/2013**. Projeto de Lei da Câmara nº 31, de 2009, que dispõe sobre o reconhecimento da atividade de Capoeira e dá outras providências.
- KANITZ JR, Roberto Malcher. **Capoeira Angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.
- LESSA, C. A anatomia social da cidade Imperial. In: LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LOUREIRO, F. L.; CAMPOS. A. L. de A. Capoeira em São Mateus: identidade e cultura. **Pesquisa em Debate**. São Paulo. Edição Especial. 2009.
- LOUREIRO, Fábio Luís. **Capoeira e Identidade Cultural**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade São Marcos. Universidade São Marcos. São Paulo: 2008.
- MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York**. 2007. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.
- MELICIO, Thiago Benedito. **Mundos que a boca come: representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira**. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.
- MELLO, A. da S.; COSTA, F. R. da.; SANTOS, W dos.; NETO, A. F. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.
- MELO, A. P. J. Ensaio para uma genealogia da suspeição nacional: capoeiras, malandros e bandidos. In: JACÓ-VILELA, A. M., CEREZZO, A.C. & RODRIGUES, H.B.C. (Orgs.) **Clio-Psyché Hoje**. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2001.
- OBI, T. J. Desch. **Fighting for Honor. The History of African Martial Art. Traditions in the Atlantic World**. South Carolina: University of South Carolina Press, 2008.
- OGBEBARA, Awofá. **Igbadú: a cabaça da existência – mitos nagôs revelados**. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: Ensaio etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968.
- ROCHA, João Cezar de Castro. Dialética da Marginalidade. **Folha de São Paulo** – Mais. São Paulo: 29 de fevereiro de 2004. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>. Acesso em 16/12/2014.
- SILVA, G. O. ; HEINE, V. Capoeira e inclusão social. **Revista Textos do Brasil**, ed. nº 14 – Capoeira; 2008. p. 115-121, 2008.
- SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.33, n.4, 2011. p. 889-903. In: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n4/a07v33n4.pdf> Acesso em 24/09/2015.
- SILVA, Renata de Lima; AFONSO FILHO, Franciso Aires (Tata Nguz'tala). Capoeira Angola: Imaginário, Corpo e Mito. **Congress. Intern. Pedagogia Social**, julho/2012. In: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/23.pdf>. Acesso em 16/12/2014.
- SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____. **A capoeira baiana na Corte Imperial (1863 –1890)**. Afro-Ásia. Centro de Estudos Afro-Orientais –FFCH/UFBA 21 –22., 1998-1999, p. 147-176.
- TORO, J. B. & WERNECK, N. M. D. **Mobilização social**: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte. Autêntica. 2004.
- VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: Os Primeiros Momentos de sua História. **Revista Capoeira**. In: <http://www.revistacapoeira.com.br/historia/capoeira-os-primeiros-momentos-de-sua-historia/>
- Orais**
- ALVARENGA, Aldecir Nunes de. **Mestre Beijola**. Entrevista. Vitória, 11 de fevereiro de 2015.
- FLORES, Paulo. **Mestre Paulo Flores**. Entrevista, Ecoporanga, 28 de maio de 2015.
- FLORES, Rafael. **Mestre Rafael Flores**. Entrevista, Ecoporanga, 28 de maio de 2015.
- LIMA, Luís Paulo Nunes de. **Mestre Luís Paulo**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.
- LOUREIRO, Fábio. **Mestre Fábio**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.
- MEDEIROS FILHO, Rogério Sarlo de. **Mestre Capixaba**. Entrevista. São Mateus, 12 de fevereiro, 2015.
- MELO, Volmir Nascimento. **Mestre Volmir**. Entrevista. Cachoeiro do Itapemirim, 14 de fevereiro de 2015.
- SILVA, Aldeci Gomes da. **Mestre Falcão**. Entrevista. Cachoeiro do Itapemirim, 14 de fevereiro de 2015.
- SOUZA, Luís Mauro Pinheiro de. **Mestre Militão Reza Forte**. Entrevista. Linhares, 11 de fevereiro de 2015.
- VIEIRA, Carlos. Henrique. **Mestre Carlos**. Entrevista. Vitória, 10 de fevereiro de 2015.

EQUIPE TÉCNICA

PROFISSIONAL / FORMAÇÃO COMPLETA	FUNÇÃO
Ana Carolina Pereira Vaz Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário Izabela Hendrix, Especialista em Cultura e Arte Barroca pela UFOP.	Coordenadora-geral: Coordenação geral do projeto, articulação institucional, planejamento e definição da logística de campo, revisão final de cada produto e encaminhamento ao IPHAN.
Bianca Pataro Dutra Historiadora pela UFOP, Especialista em História da Ciência pela UFMG, Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC Minas.	Coordenadora e orientadora: Responsável pela orientação metodológica e conceitual do trabalho de pesquisa; revisão final de cada produto; orientações específicas para a realização e análises das entrevistas; e redação dos relatórios parciais e do texto monográfico final.
Hugo Mateus Gonçalves Rocha Historiador pela UFMG, cursando o Mestrado em História pela UFMG.	Pesquisador: Responsável pelos levantamentos de campo, leitura, análise e síntese de fontes documentais e bibliográficas, transcrição de entrevistas, e preenchimento de quadros sinóticos.
Bárbara Braga Penido Lima Historiadora pela UFMG, cursando o Mestrado em Educação Tecnológica pelo CEFET - MG.	Pesquisadora: Responsável pelos levantamentos de campo, leitura, análise e síntese de fontes documentais e bibliográficas, transcrição de entrevistas, e preenchimento de quadros sinóticos.
Guilherme Franklin Reis Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo UNIBH e Graduado em Belas Artes com ênfase em Cinema de Animação pela UFMG.	Produtor audiovisual: Registro audiovisual de acompanhamento da pesquisa.

ANEXOS

1. Participantes das reuniões de mobilização

REUNIÃO DE MOBILIZAÇÃO DOS MESTRES DE CAPOEIRA DO ESPÍRITO SANTO			
LOCAL: Cachoeiro do Itapemirim			
DATA: 23/05/2015			
NOME	GRUPO	TELEFONE	E-MAIL
Lidolfer Polonine Lima	SEMCULT	(28) 99923 4658	lidolf@ig.com.br
Joana Darck Caetano	SEMCULT	(28) 99973 1313	joanadarckcaetano13@gmail.com
Aldeci Gomes da Silva (M. Falcão)	Navio Negreiro	(28) 99903 7842	mestrefalcao7@gmail.com
Marta Rejane Prageta Moreira	SEMCULT	(28) 99885 3526	-
Bruno Lima	Filhos da Princesa do Sul	(28) 99291 0850	não identificado
Criston da Silva Paulo	Filhos da Princesa do Sul	(28) 99986 2629	-
Volmir N. Mello	Filhos da Princesa do Sul	(28) 99881 6540	-
Jurandy Pinheiro Filho	Libertação	(28) 99939 1031	-
Sergio Barbosa Junior	Filhos da Princesa do Sul	(28) 99881 0555	barbosasj@16.com.br
Lincoln Nemer salles	Filhos da Princesa do Sul	(28) 98802 8836	lincolnnemer@gmail.com
Paulo Henrique Silva Monteiro	Filhos da Princesa do Sul	(28) 99920 8817	paulinhocapoeira@yahoo.com.br

REUNIÃO DE MOBILIZAÇÃO DOS MESTRES DE CAPOEIRA DO ESPÍRITO SANTO			
Local: Linhares			
Data: 25/05/2015			
NOME	GRUPO	TELEFONE	E-MAIL
Jailson da Silva Santos	Força Brasil	(27) 99962 1604	dogao-monge@hotmail.com
Tatiane Bragança Moura	Força Brasil	(27) 99991 0496	tatyanemouras@facebook.com
Paulo Henrique G. Pinheiro	Abolicionismo	(27) 99629 3927	-
Rafael Pereira Viana	Força Brasil	(27) 99873 7066	rafapcapoeira@hotmail.com
Eduardo Alves Almeida	Pandeiro de Ouro	(27) 99524 6260	-
Edson Viana	ACR	(27) 99747 5163	-
Merenildo Ferreira	Força Brasil	(27) 99818 1491	marron-capoeira@hotmail.com
Alessandro de Souza Rissi	Abolicionismo	(27) 99845 4612	-
Gilmar dos Santos Soares	Enficam - Maré	(27) 99984 3090	-
Vanilda de Alcantara Nunes	Força Brasil	(27) 99642 1834	-
NÃO IDENTIFICADO	Reza Forte	(27) 99992 9133	-
Urbano Davila	NÃO IDENTIFICADO	(27) 99900 8717	-
Werner ???	Artecapoeira Renovada	(27) 99985 8459	-
Nivaldo da Cruz Santos Hulk	Federação Pandeiro de Ouro	(27) 99713 3467	nivaldo-cruz69@hotmail.com

Cleiton Santos Souza	Federação Pandeiro de Ouro	(27) 99799 9322	claytonm2013@gmail.com
Drena Machado Santos	Associação Guerreiros do Força	(27) 99824 4297	drena.dms@gmail.com
Diego Reges C. Moreira	SEMOC	(27) 99315 1917	diegoculturalinhares@gmail.com
Avana Carvalho de Soares	Associação Guerreiros do Força	(27) 99766 8080	avancidrena@hotmail.com
Antonio Tadeu Mattos Samoura	Enficam Capoeira	(27) 99882 1208	digital-art@hotmail.com
Vanderson Rodrigues Sales	Reza Forte	(27) 99774 3423	vanderson888@gmail.com
Paulo Egidio Jacob	Reza Forte	(27) 99919 8899	paulocpsjacob@gmail.com
Michele da Silva	Força Negra	(27) 99512 9992	-
Rosimery da Silva Dias	Força Negra	(27) 99516 0133	-
Carleone Ribeiro dos Santos	Força Negra	(27) 99958 9507	carleonesribeiro123@hotmail.com

REUNIÃO DE MOBILIZAÇÃO DOS MESTRES DE CAPOEIRA DO ESPÍRITO SANTO			
LOCAL: Pedro Canário			
DATA: 27/05/2015			
NOME	GRUPO	TELEFONE	E-MAIL
Dejair Ferreira	Semente da Terra	(27) 99510 3636	dejairferreira.df@gmail.com
Neliel Leinia	Semente da Terra	(27) 99723 1335	profcutia@hotmail.com
Marcos Simião da Silva Soares	Canários da Senzala	(27) 99977 4718	m_simiao_biólogo@hotmail.com
Eneias Moises Conceição de Sales	Filhos da Reza	(27) 99635 5777	eneiassales@hotmail.cpm
Roberto Rocha Francisco	Canários da Senzala	(27) 99699 5841	
Ana Cristina Santos	Escritora	(27) 99872 6182	
Elineia Santos da Silva	Canários da Senzala	(27) 99888 0405	
Leonardo Almeida Salomão	Canários da Senzala	(27) 99717 0128	leonardoas90@hotmail.com.br
Michelle de Jesus Bredoff	Canários da Senzala	(27) 99876 5280	
Izabel Cristina dos Santos	Canários da Senzala	(27) 99784 4913	
não identificado	Canários da Senzala	-	
José dos Santos	Canários da Senzala	(27) 99869 8777	
José Bernardino da Rocha	Canários da Senzala	(27) 99905 6662	josebernardino@hotmail.com
Carlos Magno S. Santana	Canários da Senzala	(27) 99296 9108	
Damaraes Alves S. Teixeira	Canários da Senzala	(27) 99992 1300	
José Adilson da Silva	Canários da Senzala	(27) 99702 0635	

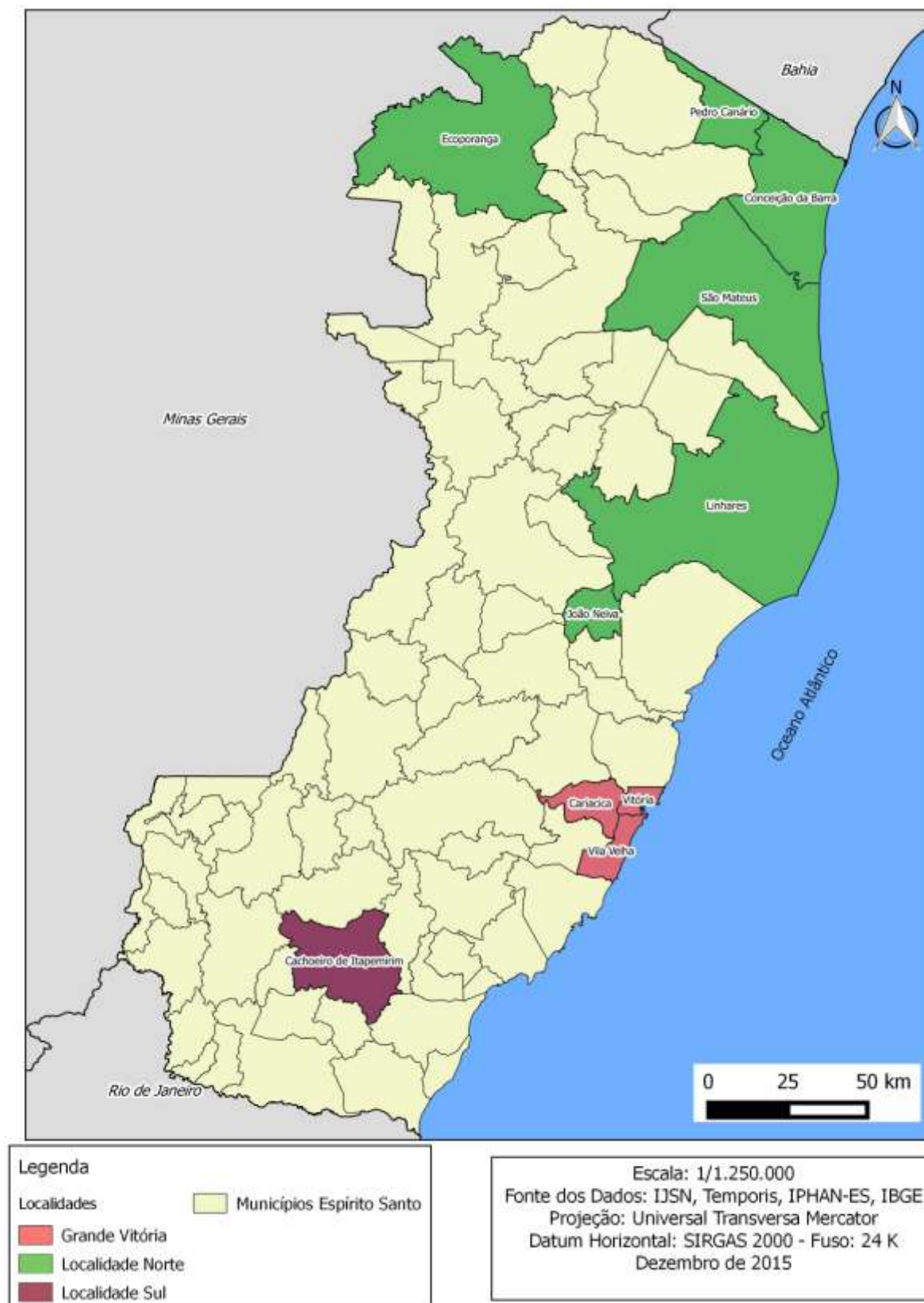
REUNIÃO DE MOBILIZAÇÃO DOS MESTRES DE CAPOEIRA DO ESPÍRITO SANTO			
LOCAL: São Mateus			
DATA: 26/05/2015			
NOME	GRUPO	TELEFONE	E-MAIL
Rogério Caetano Leonardo	A.C.A.P.O.E.I.R.A.	(27) 99544 0526	bogusacarbo@hotmail.com
Anderson de Freitas Silva	Beribazu	(27) 99972 3910	mtysonberibazu@gmail.com
Deusenildo Lopes Santos	Capura-Raça	(27) 99925 3414	paidamata33@hotmail.com
Solivan dos Santos Alves	Capura-Raça	(27) 99901 8019	solialves@hotmail.com
Robson de Souza	Pedra Capoeira	(27) 99901 8232	professorcocada@gmail.com
Lauredir de Oliveira	Associação de Capoeira Dendê	(27) 99958 7616	mestre.piau@hotmail.com

REUNIÃO DE MOBILIZAÇÃO DOS MESTRES DE CAPOEIRA DO ESPÍRITO SANTO			
LOCAL: Vitória			
DATA: 01/08/2015			
NOME	GRUPO	TELEFONE	E-MAIL
Cláudio Márcio Gonçalves (Paulista)	Equipe M. Paulista	(27) 99874 9077	marciopaulista_2@hotmail.com
Sabá Alcântara (Sabá)	Beribazu	(27) 99889 4001	sabavix1@gmail.com
Vinicius Penha (Doende)	Beribazu	(27) 98116 4546	tubaraopenha@hotmail.com
Maycon de Paula Santana	Beribazu	(27) 99530 4903	maycon.capoeira@hotmail.com
Alessandra dos Santos (Bai)	A. Capoeira	(27) 99635 7883	baixinhacapoeira@hotmail.com
Wallace Nascimento	Projeto Capoeira Escola	(27) 99969 6693	lalinhocapoeira30@hotmail.com
Anderson Santana Amorim	Beribazu	(27) 99939 7136	andersonguilin@gmail.com
Leonardo Rangel Cunha	Reza Forte	(28) 99911 0790	leo125black@hotmail.com
Hiago do Prado	Camarada	(27) 98867 7325	supremoprado@hotmail.com
Silas de Castro Santos	Camarada	(27) 99524 2711	-
Fabio Luiz Loureiro	Beribazu	(27) 99801 6689	fabioluizloureiro@yahoo.com
Rodrigo de Almeida Felipe	Camarada	(27) 99688 7720	-
Clebson dos Santos (Clebinho)	Liberdade	(27) 99762 2883	-
Fábio Conceição de Paula	Beribazu	(27) 99971 1186	fabioberibavitoria@hotmail.com
Joceir de Oliveira (Mongola)	Cabrito Reza Forte	-	-
Diego Cunha da Costa (Congo)	Camarada	(27) 99614 2126	-
Robson Moraes (Piedade)	Quilombo do Queimada	(27) 99844 0494	piedadecapox1@hotmail.com
Luciana Souza (baiana)	Candinheiro	(27) 99944 7591	lucianadesouza.alunadoifes@gmail.com
Luiz Paulo Nunes		(27) 98805 1767	mestreluiz2010@hotmail.com
Mestre Zé Branco	São Salvador	(27) 99747 4999	jacineialcantara@terra.com.br
Cleudam (Tubarão)	Raízes da Bahia	(27) 99950 1434	mestranotubarao@hotmail.com
Fernando Santos (Fera)	Aliança	(27) 99761 1947	contramestrefera@hotmail.com
Benilson (Fumaça)	Ass. Palmares	(27) 98171 6492	benilsoncapoeira@hotmail.com
Cleber (Nagô)		-	-
Elpi	Ass. São Salvador	(27) 99840 4270	-

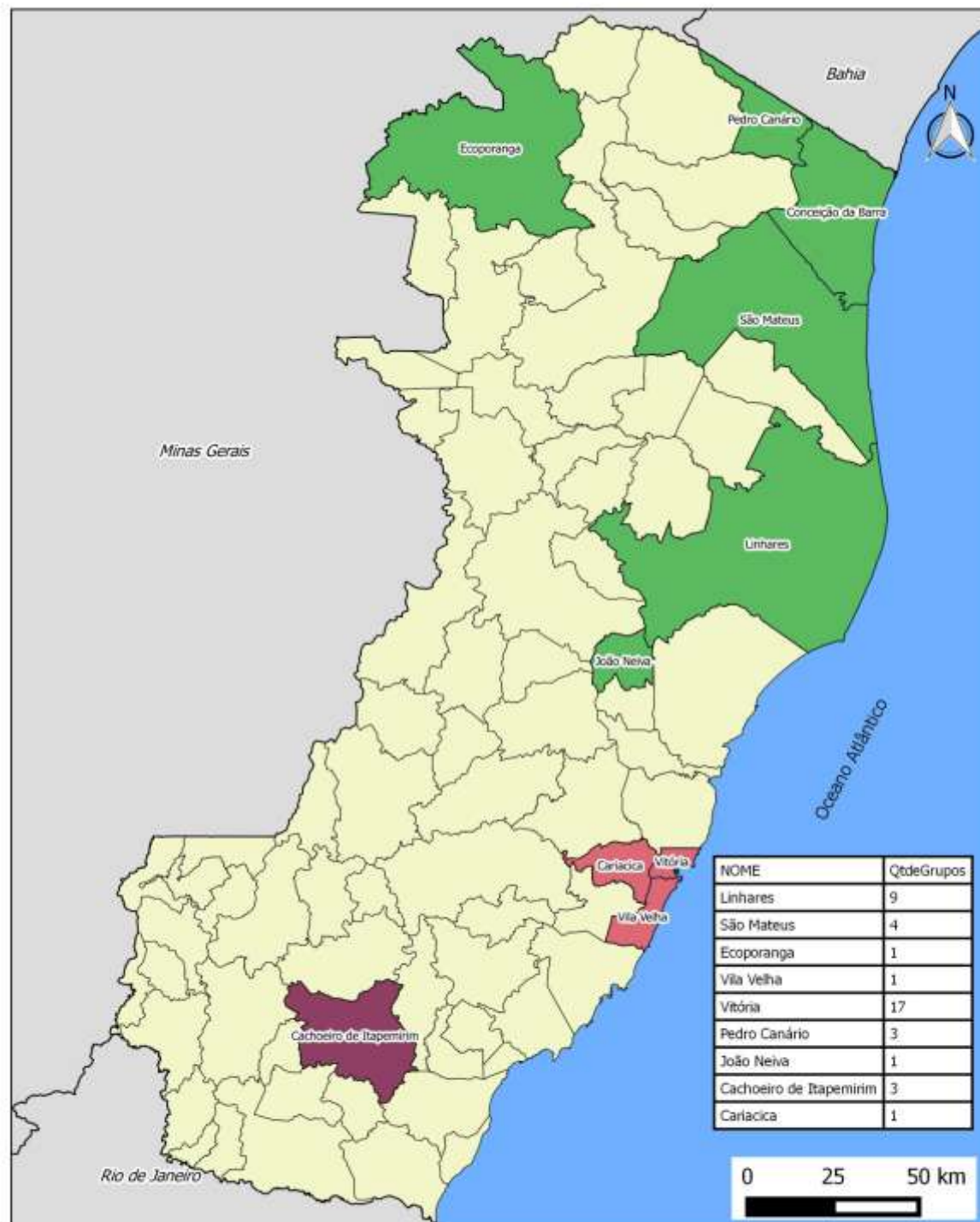
Alex Rodrigo Santana (Beiué)	Ass. São Salvador	(27) 99734 3477	alexcapoeira30@hotmail.com
Adenilson (Baiano)	Camarada Camaradinha	(27) 99956 6910	baianocapoeira2014@gmail.com
Walter (Cobrinha)	São Salvador	(27) 98153 4456	waltermelhor@hotmail.com
Fernando (Mococa)	Irm. Caramuru	(27) 99865 0340	fernandosantoscapoeira@hotmail.com
Edson (Jacaré)	Aliança	(27) 99801 5697	capoeiraedson21@gmail.com
Clebio Grilo Pontes	Aliança	(27) 99940 0034	clebio.grillo@gmail.com
Gilson José Nascimento	Ginga de Corpo	(27) 99916 0145	gilson.j.nascimento@hotmail.com
Aldecir Nunes (Beicola)	Aliança	(27) 99630 2274	mestrebeicola@hotmail.com
Jorlan Madeira (Madeira)	Beribazu	(27) 98116 8115	madeira.cap@gmail.com
Siolimar de Oliveira	Beribazu	(27) 99733 1491	sioliberibazumor@gmail.com
Ludmila Gramelisch	Beribazu	(27) 99946 5642	ludmilagramelisch@hotmail.com
Mestre Bert	Beribazu	(27) 3323 7878	aliancapoeira@hotmail.com
Keu Honorato de Lima	Raiz da Arte	(27) 99815 5827	-
Nayne Honorato Silvestre	Raiz da Arte	(27) 99741 8643	naynehonorato@hotmail.com
Rodrigo Ferreira (Chazan)	Cativeiro	(27) 99727 9381	dedosquepintam@hotmail.com
Juliano Borgo Aguiar	Beribazu	(27) 99825 1152	jubaliano@hotmail.com
Carlos Roberto Mendes	Reza forte	(28) 99948 7705	beбето.capoeira@hotmail.com
Fernando Santos Soares	Aliança	(27) 99761 1947	contramestrefera@hotmail.com
Joeinei Alcântara	São Salvador	(27) 99225 4404	jocineialcantara@terra.com.br
Eleandro da Silva	Beribazu	(27) 99985 5297	eleandro_silva_82@hotmail.com
Joergues dos Reis Nery	Beribazu	(27) 99812 6297	joergues@hotmail.com
Fernando Michel Miranda	Palhares	(27) 99918 3689	-

2. Documentação cartográfica

01 - Mapeamento dos Grupos de Capoeira no ES Municípios Pesquisados em 2015



02 - Mapeamento dos Grupos de Capoeira no ES Grupos por Municípios Pesquisados em 2015



Legenda

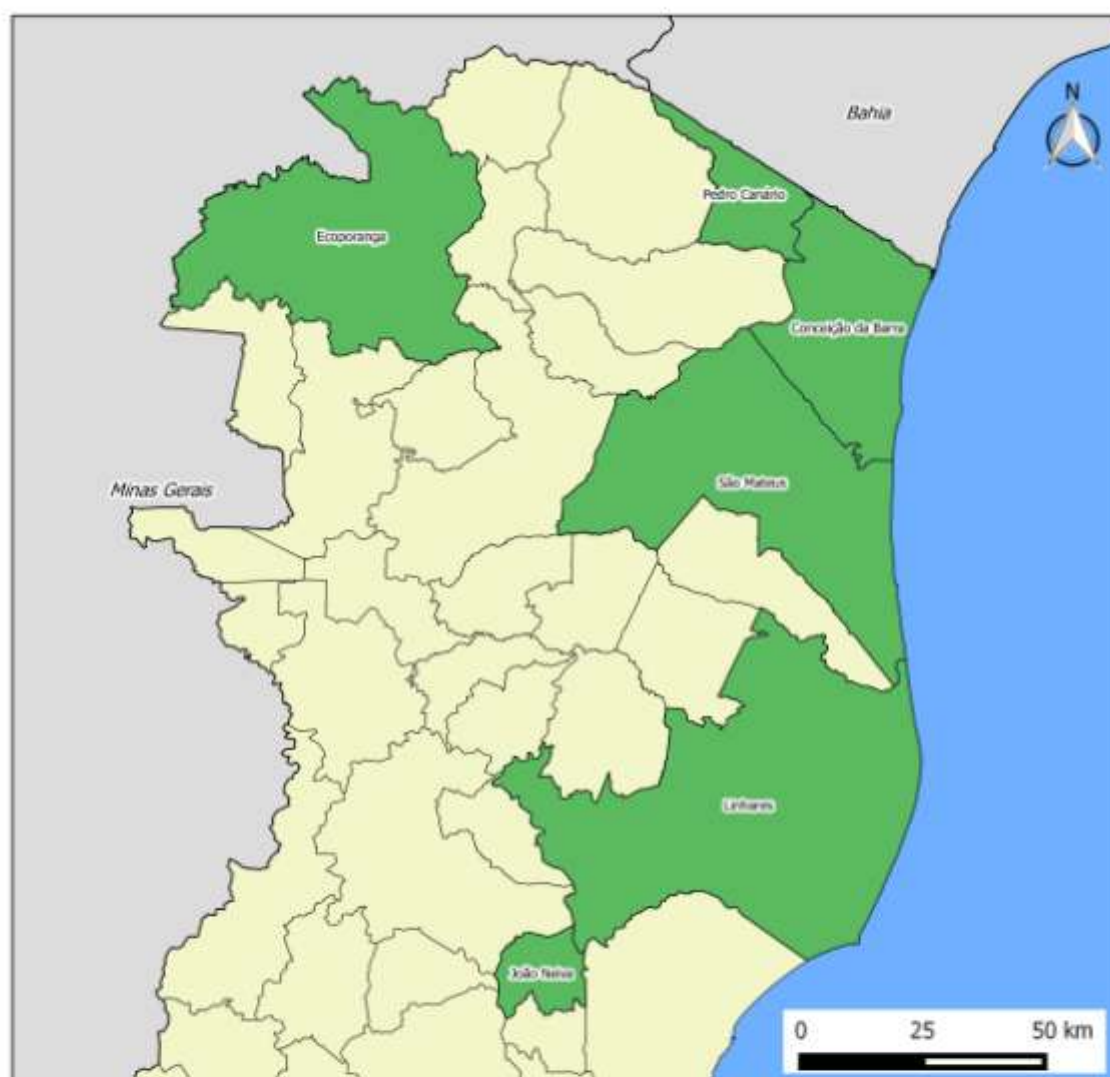
Localidades

Municípios Espírito Santo
 Grande Vitória
 Localidade Norte
 Localidade Sul

Escala: 1/1.250.000
 Fonte dos Dados: IJSN, Temporis, IPHAN-ES, IBGE
 Projeção: Universal Transversa Mercator
 Datum Horizontal: SIRGAS 2000 - Fuso: 24 K
 Dezembro de 2015

Mapa 3 - Mapeamento dos Grupos de Capoeira no ES

Grupos Identificados Por Município - Localidade Norte



Linhares

Força Brasil
Abolicionismo
Pandeiro de Ouro
ACR
ENFICAM - Capoeira Maré
Arte Capoeira Renovada
Associação Guerreiros da Força
Reza Forte
Força Negra

São Mateus

Associação de Capoeira Dendê
Baribazu
Capura - Raça
Pedal Capoeira

João Neiva

Cordão de Ouro

Pedro Canário

Semente da Terra
Canários da Senzala
Filhos da Reza

Ecoporanga

Senzala do Patrimônio dos Pretos

Conceição da Barra

A.C.A.P.O.E.I.R.A

Legenda

Localidade Municípios Espírito Santo
 Localidade Norte

Escala: 1/1.000.000

Fonte dos Dados: IJSN, Temporis, IPHAN-ES, IBGE

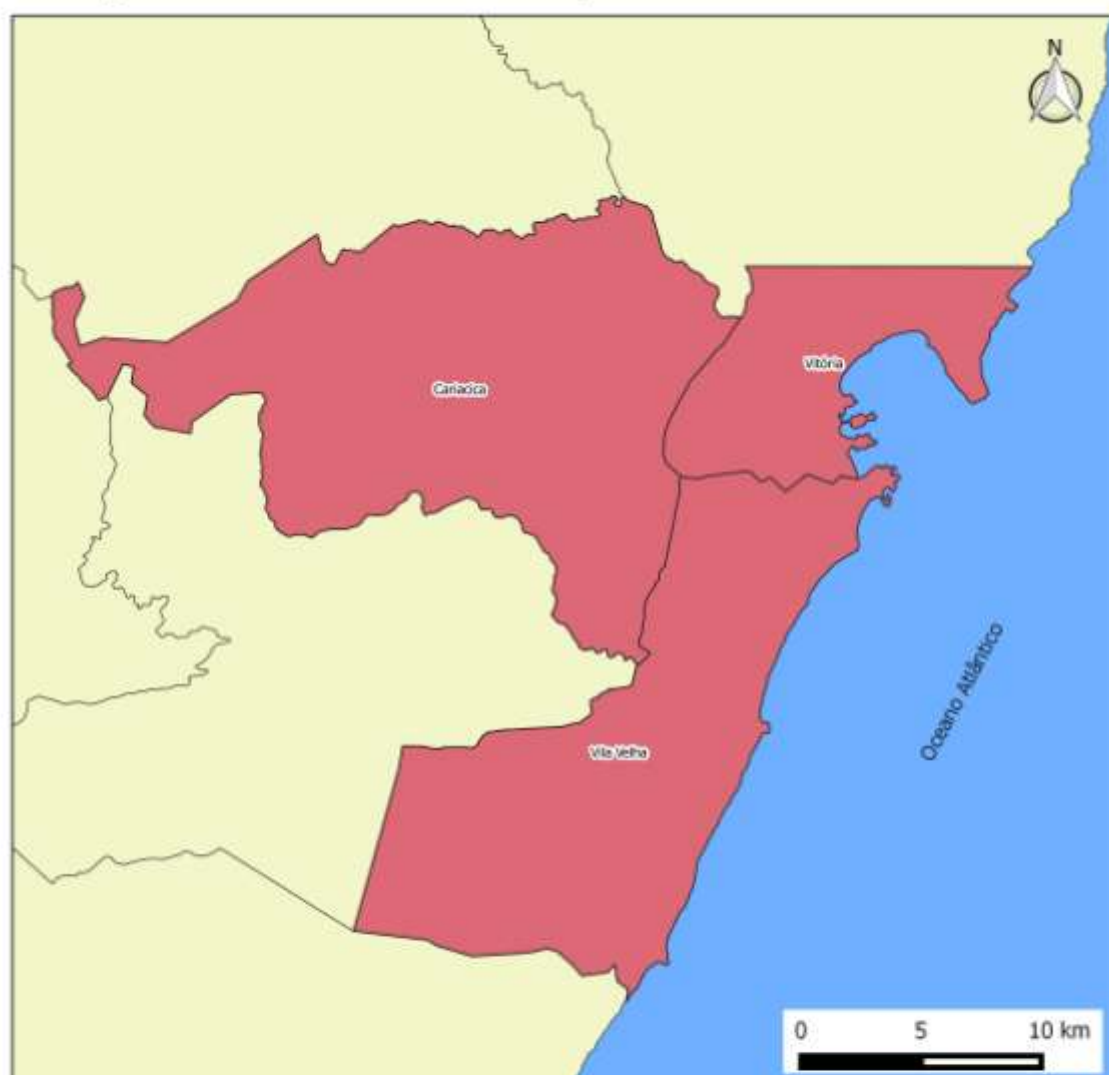
Projeção: Universal Transversa Mercator

Datum Horizontal: SIRGAS 2000 - Fuso: 24 K

Dezembro de 2015

Mapa 4 - Mapeamento dos Grupos de Capoeira no ES

Grupos Identificados Por Município - Localidade Grande Vitória



Vitória - Cariacica - Vila Velha

Beribazu	Candinho
Equipe Mestre Paulista	São Salvador
A.C.A.P.O.E.I.R.A.	Raízes da Bahia
Projeto Capoeira Escola	Irmão Caramuru
Camarada Camaradinha	Aliança
Liberdade	Ginga do Corpo
Reza Forte	Raiz da Arte
Quilombo do Queimado	Cativeiro
Palmares	

Legenda

Localidade Municípios Espírito Santo

Grande Vitória

Escala: 1/1.000.000

Fonte dos Dados: IJSN, Temporis, IPHAN-ES, IBGE

Projeção: Universal Transversa Mercator

Datum Horizontal: SIRGAS 2000 - Fuso: 24 K

Dezembro de 2015

Mapa 5 - Mapeamento dos Grupos de Capoeira no ES

Grupos Identificados Por Município - Localidade Sul



Cachoeiro do Itapemirim

Filhos da Princesa do Sul
Navio Negreiro
Libertação

Legenda	
Localidade	Municípios Espírito Santo
Localidade Sul	

Escala: 1/300.000
Fonte dos Dados: IJSN, Temporis, IPHAN-ES, IBGE
Projeção: Universal Transversa Mercator
Datum Horizontal: SIRGAS 2000 - Fuso: 24 K
Dezembro de 2015